



EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA DE HOJE E DE AMANHÃ:

Teoria e análise linguística



Vol.1

Organizadores

**Dennis Castanheira
Luciana Sanchez Mendes**

 **Pedro & João**
editores

EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA DE
HOJE E DE AMANHÃ
TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem

Coordenação-geral

Ivo da Costa do Rosário
Phellipe Marcel da Silva Esteves

Coordenação de linhas de pesquisa

Linha 1 – Teoria e Análise Linguística – Luciana Sanchez Mendes
Linha 2 – Teorias do Texto, do Discurso e da Tradução – Beethoven Alvarez
Linha 3 – História, Política e Contato Linguístico – Xoán Lagares

Comissão organizadora do XIII SAPPIL

André Cavalcante
Fernanda Gonçalves de Laia
Fernanda Cerqueira Mello
Jovana Mauricio Acosta de Oliveira
Letícia Martins Monteiro de Barros
Rudá da Costa Perini

Coordenação de revisão

Iuri Pavan

Equipe de revisão dos e-books

André Marques da Silva
Douglas Coelho Alves Ferreira
Fernanda Porto Correa
Fernanda Lessa Pereira
Marcella Karoline Belo Rodrigues
Matheus Camelo de Oliveira
Myllena Paiva Pinto de Oliveira
Monique Borges Ramos da Fonseca
Nayara Pinto Friess
Letícia Martins Monteiro de Barros
Rudá da Costa Perini

Esta obra foi avaliada e aprovada por pareceristas no sistema simples-cego.

Obra editada e produzida com verba oriunda do processo
E-26/211.017/2021 da Faperj.

DENNIS CASTANHEIRA
LUCIANA SANCHEZ MENDES
(ORGANIZADOR E ORGANIZADORA)

EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA DE
HOJE E DE AMANHÃ
TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Dennis Castanheira; Luciana Sanchez Mendes [Orgs.]

Educação linguística de hoje e de amanhã: teoria e análise linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 321p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0755-1 [Digital]

1. Educação linguística. 2. Teorias e análises linguísticas. 3. Estudos da Metáfora. 4. Semântica. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|---|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| Dennis Castanheira | |
| Luciana Sanchez-Mendes | |

BLOCO 1 – ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

| | |
|---|----|
| RELAÇÕES COESIVAS E SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO CONECTORA [FORA ISSO] À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO | 13 |
| Barbara Andréa Fontoura Bittencourt | |
| INSTÂNCIAS DE USO DE <i>INFELIZMENTE</i> : DE MODALIZADOR AVALIATIVO A CONECTOR ADVERSATIVO | 27 |
| Gilson Lauri Pereira de Menezes Junior | |
| RESULTATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CAMINHOS DE COMPREENSÃO | 41 |
| Hanna Ferreira da Silva | |
| AS MICROCONSTRUÇÕES <i>ALÉM DE QUE</i> E <i>ALÉM QUE</i> : UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO | 57 |
| Milena Silva dos Santos | |
| EXPRESSÃO DA CONFORMIDADE COM CONECTIVOS COMPLEXOS | 71 |
| Myllena Paiva Pinto de Oliveira | |
| A CONSTRUÇÃO “OCORRE QUE” COMO CONECTOR CONTRASTIVO INTERFRASAL NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: CARACTERÍSTICAS DO ENTORNO DISCURSIVO | 85 |
| Priscilla Hoelz Pacheco | |

| | |
|---|-----|
| ANÁLISE PANCRÔNICA DO CONECTOR “COM ISSO” Simone Josefa da Silva | 101 |
|---|-----|

BLOCO 2 – ESTUDOS EM METÁFORA

| | |
|--|-----|
| AS METÁFORAS VISUAIS SOBRE O CORPO FEMININO Denise Sousa dos Santos | 119 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| A METÁFORA CONCEPTUAL DE GUERRA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 E SUA CONTRIBUIÇÃO NA COMUNICAÇÃO HUMANA Beatriz de Oliveira Alves | 133 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| AS METÁFORAS DE ANIMAIS NA INTERFACE ENTRE O LÉXICO E A METAFOROLOGIA Leandro Leiroz Rodrigues de Azevedo | 149 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| A METÁFORA DA UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES E SEUS MAPEAMENTOS NO DISCURSO DO AMOR ROMÂNTICO Marcela Fernandes dos Santos | 163 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DO SUCESSO E SUAS MATERIALIZAÇÕES NA LINGUAGEM Mayara de Araújo Mattos | 177 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| SOLO É MENTE E CRENÇAS SÃO SEMENTES: UMA ANÁLISE METAFÓRICA DO CONTO “A CARTOMANTE” Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D’ Anna | 193 |
|--|-----|

BLOCO 3 – SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

- ORAÇÕES RELATIVAS COM PRONOME RESUMPTIVO NO INGLÊS ACADÊMICO 205
Fabrícia Eugênia Gomes de Andrade
- AS ORAÇÕES RELATIVAS NA NORMA CULTA CARIOCA: UM ESTUDO DE PAINEL 217
Michelle Silva dos Santos
- PANORAMA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA 231
Welton Rodrigues Santos

BLOCO 4 – SEMÂNTICA FORMAL

- AQUISIÇÃO DE ADJETIVOS GRADUÁVEIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANÁLISE EXPERIMENTAL QUALITATIVA 249
Fernanda Torrão Monteiro
- ADJETIVOS DE BELEZA COMO MODIFICADORES DE GRAU 265
William Nascimento Leal
- O ESTATUTO DA PREDICAÇÃO EM GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E EM UMA ABORDAGEM DESCRITIVA 279
Tainã Amaro

BLOCO 5 – ESTUDOS EM LEITURA

| | |
|---|-----|
| DESEMPENHO DE LEITURA EM TELA X LEITURA EM PAPEL: ALGUMAS ANÁLISES PSICOLINGUÍSTICAS Kelly Cristine Oliveira da Cunha | 297 |
| COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DE DISLEXIA Lienise Lins Silva Eduardo Kenedy | 309 |

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense promove todos os anos o Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-graduação (SAPPIL) com o intuito de reunir, em um evento, apresentações dos alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado do programa, que têm a oportunidade de divulgar e debater suas pesquisas em diferentes estágios de desenvolvimento. Em 2022, o SAPPIL teve como tema “Educação Linguística de Hoje e de Amanhã” e foi realizado de forma mista (presencial e remota) entre os dias 31 de outubro e 16 de novembro.

Este livro reúne os trabalhos selecionados entre as apresentações dos pesquisadores discentes da Linha 1 “Teoria e Análise Linguística”. Trata-se de uma linha de pesquisa dedicada ao estudo de expressões linguísticas à luz de diversas abordagens teóricas. Nesse sentido, este volume é uma amostra representativa tanto da diversidade quanto da unidade das pesquisas desenvolvidas nessa linha. Os capítulos estão divididos em 5 blocos organizados segundo o tema ou a abordagem teórica que apresentam em comum.

No Bloco 1, intitulado “Abordagem construcional”, há pesquisas que discutem diferentes fenômenos linguísticos pautados na perspectiva construcionista, por meio de referenciais teóricos diversificados e distintas opções metodológicas. Tais trabalhos contemplam questões cognitivistas e/ou funcionalistas e destacam a importância do estudo da estrutura linguística pelo entrelaçamento forma-função em investigações que contemplam a discussão dos usos de conectivos e dos padrões das construções resultativas na língua portuguesa.

O Bloco 2, “Estudos em Metáfora”, reúne trabalhos que analisam metáforas conceituais a partir de uma abordagem teórica

da Linguística Cognitiva. Há trabalhos sobre metáfora visuais, metáforas de guerra, metáforas de animais, metáforas de unidade, metáfora de sucesso e sobre a metáfora MENTE É SOLO. Esses textos exploram a relação entre expressões linguísticas e o sistema conceptual de seus falantes a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

Já no Bloco 3, “Sociolinguística Variacionista”, são apresentados trabalhos sobre fenômenos (morfos)sintáticos embasados nos pressupostos teóricos fundamentais dos estudos da Teoria da Variação e Mudança. Essas pesquisas englobam a estreita relação entre língua e sociedade por meio da análise da concordância verbal de terceira pessoa no português afro-brasileiro de Helvécia, na Bahia, e das orações relativas no português e no inglês.

O Bloco 4, “Semântica Formal”, apresenta pesquisas que adotam uma abordagem formalista para os estudos do significado. Há dois trabalhos dedicados à área específica da Semântica Escalar, com análise de um modificador de grau intensificador do português brasileiro e uma pesquisa sobre a aquisição de adjetivos escalares. Há ainda um trabalho que se embasa nessa perspectiva teórica para refletir sobre o tema da predicação.

No Bloco 5, “Estudos em Leitura”, há dois textos dedicados ao tema da leitura orientados por uma perspectiva psicolinguística. Eles discutem a diferença entre a leitura em tela e a leitura em papel e a relação entre dislexia e transtorno do desenvolvimento da leitura.

Ressaltamos, por fim, que esta obra contempla trabalhos ainda em fase de desenvolvimento por alunos de mestrado e doutorado no âmbito da Linha 1. Com diferentes abordagens teórico-metodológicas, essas pesquisas englobam múltiplos olhares que fomentam importantes debates para possíveis leitores interessados nos temas.

Desejamos a todos uma excelente leitura da obra.

Dennis Castanheira (UFF)
Luciana Sanchez-Mendes (UFF/CNPq/Faperj)
Organizador e Organizadora

BLOCO 1

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

RELAÇÕES COESIVAS E SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO
CONECTORA [FORA ISSO] À LUZ DA LINGUÍSTICA
FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Barbara Andréa Fontoura Bittencourt¹

Considerações iniciais

A gramática normativa propõe classificações tendo por procedimento a orientação aristotélica, que prevê o enquadramento dos termos de maneira bastante estanque – por categorias, como pertencentes apenas a um lugar, sem considerar as possíveis gradiências que ocorrem na língua portuguesa em uso. A visão escalar que se tem de alguns termos da língua não é normalmente reconhecida na literatura tradicional. Nosso estudo propõe a pesquisa da expressão conectora [fora isso] em situações de uso, pois esse termo encontra-se em uso pelos falantes, mas não é prestigiado nos compêndios gramaticais. Para tal, procuraremos descrever as propriedades da forma e do conteúdo dessa expressão conforme os preceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), recorrendo à representação de Croft (2001) e às noções de rede de Traugott e Trousdale (2021). O presente trabalho divide-se em cinco seções, a começar por estas considerações iniciais, seguidas de uma breve revisão da literatura, fundamentação teórica e pressupostos metodológicos, resultados parciais e, por fim, considerações finais.

A construção em estudo pode veicular diferentes sentidos, considerando as situações discursivas e contextuais em que se encontram. A seguir apresentamos uma ocorrência da construção

¹ Professora da rede Faetec e mestranda em Estudos de Linguagem na UFF sob orientação do professor doutor Monclar Guimarães Lopes. E-mail: babittencourt@id.uff.br. Orcid: 0000-0001-7783-5522.

[fora isso] selecionada do site Corpus do Português (acesso em: 6 ago. 2022), a fim de observarmos seu uso:

(1) Como o que predomina é a lógica do consumo sem sentido, a Europa e os EUA juntos gastam, ao ano, US\$ 17 bilhões em ração para animais de estimação. **Fora isso**, apenas em o Japão, os executivos se divertem em entretenimentos que “alimentam os desejos de a carne” torrando por ano US\$ 35 bilhões.

No dado (1), para evidenciar a lógica do consumo sem sentido, mostra-se o gasto de bilhões em ração para animais de estimação na Europa e nos Estados Unidos, e, em seguida, acrescenta-se que, no Japão, o consumo em entretenimento é altíssimo. Desse modo, a expressão veicula noção de adição, já que acrescenta uma informação que é direcionada no mesmo sentido que as anteriores. O texto tanto progride quanto encapsula ideias anteriores por meio da construção [fora isso] e ocupa posição interperíodo.

Revisão da literatura

O termo *fora*, subparte do conector [fora isso], é identificado nas gramáticas ora como advérbio locativo, ora como preposição acidental ou palavra denotativa. Oiticica (1923) considera o advérbio como modificador do verbo, do adjetivo e de outro advérbio exprimindo circunstância. Mais recentemente, Matheus *et al.* (2003) apresentam a classificação tradicional dos advérbios, mas advertem que essa classificação nocional é insuficiente e que a proposta de outros critérios propicia um entendimento mais favorável.

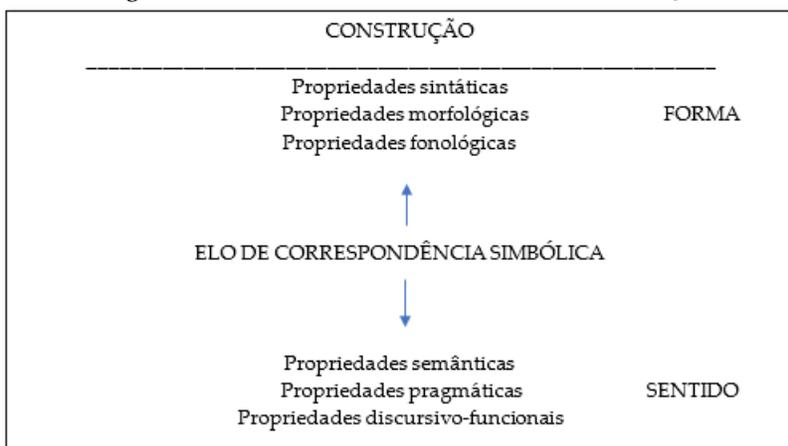
Em relação ao pronome demonstrativo *isso*, Oiticica (1923, p. 23) afirma que o “pronome é a palavra que evita o nome. Evita de dois modos: substituindo-o ou dispensando-o”. Azeredo (2008) faz uma abordagem mais aprofundada e afirma que os demonstrativos entram no conteúdo de nossos enunciados e que as pessoas do discurso passam a ser unidades referenciais. Castilho (2014) observa que esses pronomes trazem dois valores semântico-pragmáticos: a

foracidade e a dêixis. Dito de outra forma, esses aspectos recuperam as ideias no contexto ou em ocorrências da bagagem experiencial do falante. São, assim, tanto referenciais – anafóricos ou catafóricos – quanto indicativos de situações extralinguísticas.

Fundamentação teórica e pressupostos metodológicos

De acordo com Croft (2001, p. 4), construções “são as unidades básicas da representação sintática”, consistindo em pares de forma e significado, o que faz delas, portanto, unidades simbólicas. Bybee (2016) acrescenta que o significado inclui também a pragmática e que as posições esquemáticas variam com relação à quantidade de itens lexicais. Croft (2001) propõe um modelo para a estrutura da construção e esclarece que as construções sintáticas têm regras gerais correspondentes de interpretação semântica. Em relação à forma, podemos considerar os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos; em relação ao conteúdo (significado), consideramos os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. O estudioso nos apresenta, portanto, a seguinte figura:

Figura 1 – A estrutura simbólica de uma construção



Fonte: adaptado de Croft (2001, p. 18).

Com essa figura, compreendemos os dois planos – o da forma e o do sentido –, que atuam juntos por meio do elo de correspondência simbólica. De acordo com Traugott e Trousdale (2021, p. 34), o modelo de Croft ressalta “a natureza taxonômica do conhecimento construcional, a relação de herança hierárquica entre construções mais gerais e mais específicas e a importância do uso da linguagem na determinação de aspectos da estrutura linguística”. Para tais autores, esse pareamento pode ser pensado em termos de dimensões, sendo todas elas gradientes.

Então, as construções podem ser, quanto ao tamanho, atômicas (monomorfêmica), complexas (palavra ou sintagma composto) ou intermediárias (derivada por prefixação). Quanto à especificidade fonológica, podem ser substantivas (frases feitas e termos lexicais), esquemáticas ou intermediárias. Quanto à conceptualização, podem ser lexicais (nomes e verbos), procedurais (categorias gramaticais – desinências ou conectores) ou intermediárias.

Para este trabalho, extraímos ocorrências da sequência “fora + isso” do site Corpus do Português, que contém ocorrências linguísticas de uso do século XXI. Selecionamos 100 resultados do total de 4.069 (frequência *token*) oferecido pelo corpus à época do acesso, que ocorreu em 6 de agosto de 2022. Além disso, empregamos o método misto – ou seja, equacionado entre as metodologias quantitativa e qualitativa, pois, de acordo com Lacerda (2016, p. 85), “pode trazer importantes evidências empíricas no que se refere à ocorrência específica da construcionalização”.

Dessa maneira, observaremos os seguintes aspectos: o valor semântico adquirido pela expressão conectora, ou de adição ou de contraste; as diferentes posições assumidas por [fora isso], sendo elas interoracional, interperíodo ou interparágrafo; o escopo remissivo em virtude de o pronome demonstrativo “isso” exercer função encapsuladora, retomando partes anteriores do texto; o tipo de conexão exercida pela expressão, se sequencial, referencial ou

híbrida (sequencial e referencial, simultaneamente), de acordo com o que foi observado por Lopes e Moura (2021) e Lopes e Silva (2022).

Resultados

No português brasileiro, a expressão conectora [fora isso] apresenta, de acordo com a nossa análise, as posições interoracional, interperíodo e interparágrafo; valores semânticos aditivo ou contrastivo; escopo remissivo do pronome *isso* de acordo com a posição que ocupa; e coesão híbrida, conforme os exemplos a seguir:

(2) más a percurta que não se fas calar é como o pastor da igreja que eu frequento dis que se ouver o casamento com outro estaria em pecado e Deus dis na palavra que não entrara no ceu pois para Deus o divorcio so é valido se ouver adultério **fora isso** Deus não aceita isso que eu quero entender é certo que eu não vou pegar essa palavra e guardar no meu coração pois sei de o amor de Deus e ele conhece cada um dos seus.

(3) A única coisa que eu acho positivo na visibilidade é o fato de que outras pessoas sabendo o que é a assexualidade, podem se descobrir também sendo assexual. **Fora isso**, não acho que há tanta necessidade de virarmos os holofotes para nós. Uma distinção necessária: acho muito importante que exista investigação e divulgação científica / acadêmica e que ao menos os profissionais de saúde que lidam com esse tipo de coisa (psicólogos, psiquiatras, neurologistas, etc.).

(4) São acordos abstratos, normalmente eles envolvem assuntos de cooperação em geral, troca de informação entre FBI e Polícia Federal e outras questões em a mesma linha ", afirmou Moro a jornalistas no hotel em que está hospedado na capital americana.

Fora isso existe essa ideia de plantar uma relação mais sólida para o futuro. # O governo assumiu há pouco tempo. É uma pauta ainda a ser construída com outros governos.²

Analisando a posição da expressão, observamos que, na ocorrência (2), ela é interoracional, pois desempenha a função conectora de ligar orações. O valor semântico assumido pela expressão é contrastivo, pois há, na primeira oração, a ideia de que o divórcio só é permitido por Deus em caso de adultério; em contraposição a essa ideia, há a negação dessa aceitação por parte de Deus, levando os enunciados para caminhos opostos. Quanto ao escopo remissivo do pronome *isso*, percebe-se que é referencial a uma parte menor do texto, ou seja, à oração antecedente. Como se vê, o pronome refere-se ao trecho “só é válido se houver adultério”.

Na ocorrência (3), a expressão conectora ocupa posição interperíodo, visto que conecta os períodos dentro do mesmo parágrafo. O valor semântico veiculado pela construção [fora isso] é contrastivo, considerando que a ideia nuclear do período que antecede a expressão é convergente para as ideias que se seguem a ela. Dito de outro modo, há um contraste ao aproximar a ideia de visibilidade da ideia de desnecessidade de virar holofotes para os assexuados, ou seja, ocorre um contraponto entre a visibilidade positiva e a desnecessidade dela. Em relação ao escopo remissivo, analisamos que a expressão conectora tem como escopo todo o período anterior, que se localiza no mesmo parágrafo.

Na ocorrência (4), a expressão conectora inicia um novo parágrafo, logo é interparágrafo e proporciona a progressão textual entre parágrafos. Ainda, o valor semântico assumido pela construção [fora isso] é aditivo. No dado, Sérgio Moro vai assinar dois acordos de cooperação com os EUA e argumenta acrescentando informações. Ademais, podemos observar que a construção recupera ideias do parágrafo anterior.

² No Corpus do Português, utiliza-se o símbolo da cerquilha (#) para indicar o parágrafo.

Uma das hipóteses para essa pesquisa é que o pronome “isso” encapsula porções do texto de acordo com a posição que ocupa, ou seja, há uma relação entre a posição do [fora isso] e o escopo remissivo do pronome demonstrativo. Nas ocorrências (2), (3) e (4), isso acontece como esperado. Conforme nos ensinam Lopes e Silva (2022), é possível compreender que uma expressão conectora é capaz de promover simultaneamente as coesões sequenciais e referenciais. Os autores justificam a utilização do termo ao observarem a construção complexa dos termos analisados e suas propriedades coesivas. Segundo Lopes (2022, p. 152):

[...] embora haja traços de sequenciação e de referenciação, a primeira se sobrepõe. Isso ocorre porque é a preposição – o elemento sequenciador – que promove o movimento prospectivo no texto. O pronome demonstrativo, embora seja um encapsulamento – isto é, um elemento de natureza retrospectiva e prospectiva –, apenas recupera informação precedente, já que não assume uma função de tópico discursivo dentro do conector. Logo, apresenta apenas um movimento retrospectivo.

Nos dados anteriores, podemos observar o pronome demonstrativo atuando como encapsulador, de acordo com a definição de Conte (2003, p. 178):

O encapsulamento anafórico pode ser definido no seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada – um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença.

Assim, o pronome *isso* recupera informações, encapsulando-as, enquanto a preposição *fora* promove a sequenciação, que, de acordo com Koch (2021, p. 53), são “procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que faz o

texto progredir”. Então, podemos constatar que a expressão conectora [fora isso] atua na conexão híbrida nos dados (2), (3) e (4).

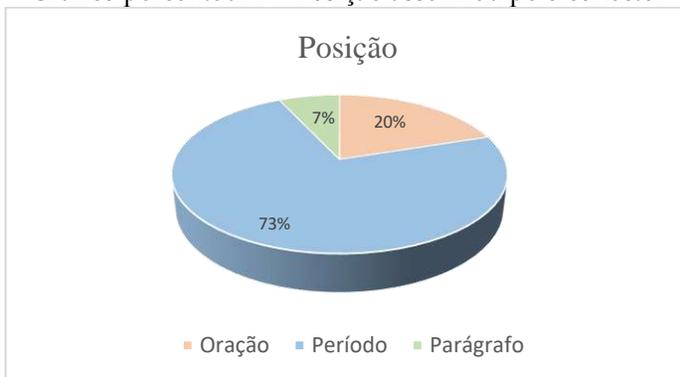
As propriedades sintáticas, como posição da construção e escopo remissivo, foram observadas e dispostas adiante. No plano da função, notamos as funções semântico-pragmáticas e as propriedades discursivas conforme descritas na sequência.

Tabela 1 – Posição assumida pelo conector

| Total de ocorrências | Posição | | |
|----------------------|---------|---------|-----------|
| | Oração | Período | Parágrafo |
| 100 | 20 | 73 | 7 |

Fonte: elaboração própria.

Gráfico percentual 1 – Posição assumida pelo conector



Fonte: elaboração própria.

A construção [fora isso], sendo uma instanciação do subesquema [X_{prep} + isso], estabelece conexão entre unidades discursivas – oração, período e parágrafo. Os dados quantitativos da tabela 1 sugerem que, na categoria posicional, o termo é utilizado preferencialmente para conectar períodos (73%), em seguida, para orações (20%) e, menos frequentemente, para parágrafos (7%). O gráfico percentual ilustra bem essa preferência, visto que a área ocupada para representar a conexão da expressão conectora ligando períodos é superior às outras juntas. Infere-se,

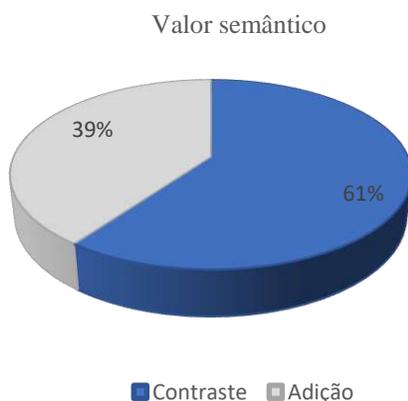
portanto, que a representatividade da expressão conectora posicionada entre períodos é evidenciada em seu uso.

Tabela 2 – Valor semântico assumido pelo conector

| Total de ocorrências | Valor semântico | |
|----------------------|-----------------|------------------|
| | <i>Adição</i> | <i>Contraste</i> |
| 100 | 39 | 61 |

Fonte: elaboração própria.

Gráfico percentual 2 – Valor semântico assumido pelo conector



Fonte: elaboração própria.

A tabela 2 demonstra, em termos quantitativos, as ocorrências nas quais a expressão conectora [fora isso] veicula noções de adição e contraste. O gráfico percentual mostra uma diferença de pouco mais de 20% entre as ocorrências dessas noções, sendo o emprego contrastivo superior ao aditivo. Ressaltamos, porém, que a adição ganha contornos mais lógicos e, de acordo com Rosário (2015), ela é ampla e faz parte da atividade humana. Desse modo, levantamos a hipótese de que o emprego aditivo seja anterior ao contrastivo na expressão em estudo. Um fator que nos leva a essa hipótese é a recorrência da conjunção adversativa *mas* antes da construção. Em 468 ocorrências de conjunção seguida da construção [fora isso], 405 foram antecedidas pela conjunção *mas* e 63 da conjunção *e*. Isso mostra que, em algumas situações, o uso contrastivo da expressão

recruta a conjunção mais vezes, ocorrendo, assim, de forma menos autônoma. Dessa maneira, supomos que a noção aditiva seja mais natural na comunicação e que a contrastiva ocorra por uma necessidade da dimensão argumentativa (GARCIA, 1996).

Tabela 3 – Posição ocupada pelo conector e escopo remissivo do pronome *isso*

| Total de ocorrências | Contexto interoracional | | Contexto interperíodo | | Contexto interparágrafo | |
|----------------------|-------------------------|--------|-----------------------|--------|-------------------------|--------|
| | Posição | Escopo | Posição | Escopo | Posição | Escopo |
| 100 | 20 | 26 | 70 | 67 | 7 | 7 |

Fonte: elaboração própria.

Comparando as informações anteriores, fica claro que o escopo remissivo e a posição do conector não ocorrem absolutamente da forma esperada. Em outras palavras, espera-se que, ao iniciar uma oração, a retomada seja uma porção menor do texto, na oração anterior; ao iniciar um período ou um parágrafo, espera-se que ocorra a retomada no período ou no parágrafo anteriores, respectivamente. No entanto, nas ocorrências analisadas, a posição do conector interperíodo não coincidiu com o escopo remissivo em sua totalidade. O fator posicional corrobora a parcela recuperada pelo pronome demonstrativo *isso* na maioria dos casos, contudo pode ocorrer essa remissão por fatores semântico-pragmáticos e não posicionais, como já foi observado por Lopes (2022, p. 146):

Vale ressaltar que, na delimitação do escopo, fatores semântico-pragmáticos operam ao lado do fator posicional, de ordem estrutural. Na verdade, os dados revelam que são as propriedades semântico-pragmáticas que determinarão se esse escopo é um pouco maior ou menor, isto é, se um conector interoracional recupera uma ou mais orações de um mesmo período; se um conector interperíodo recupera só o período anterior de um mesmo parágrafo ou dois ou mais períodos; e assim sucessivamente.

Considerações finais

Neste texto, buscamos observar o emprego da expressão conectora [fora isso] no português brasileiro e, para tal, recorremos a 100 ocorrências atuais da sequência de elementos *fora + isso*. Os dados foram interpretados à luz da LFCU, e a hipótese que formulamos para esse conector, com base nas generalizações teóricas observáveis em diversos objetos em relação à direcionalidade da mudança, é que [fora isso] tenha sido reconceptualizado para uma nova função na língua por meio de um processo de construcionalização, que envolveria o mecanismo da neoanálise semântico-pragmática e estrutural.

Nas ocorrências analisadas, a posição do conector interperíodo não coincidiu com o escopo remissivo em sua totalidade. Dessa maneira, constatamos que os usos dessa construção consistem em um *chunking*³ constituído da preposição *fora* e do pronome demonstrativo *isso*, que esses usos veiculam noções de adição ou contraste e que seu emprego ocorre em diversas posições contextuais, tendo por escopo remissivo parcelas menores ou maiores do texto. Além disso, observamos também que o escopo remissivo do pronome demonstrativo *isso* tem relação com o lugar ocupado pelo conector (se conectando orações, períodos ou parágrafos) e, por isso, pode retomar trechos maiores ou menores que o antecedem, no entanto, pode ser determinado por situações discursivo-funcionais. Observamos também a atuação do conector como expressão híbrida (LOPES; MOURA, 2021; LOPES; SILVA, 2022), em que *fora* é o elemento sequencial e *isso* tem natureza referencial, e atestamos esse tipo de conexão nas situações reais de uso.

³ De acordo com Bybee (2016), *chunking* é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas. Como um processamento de domínio geral, o *chunking* ajuda a explicar por que as pessoas se aprimoram em tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática. Na linguagem, o *chunking* é básico para formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Ensino de português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CROFT, W. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CONTE, M.-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Clássicos da Linguística, v. 1).
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. esp., p. 83-101, dez. 2016.
- LOPES, M. G. A construção [X_{PREP} isso] no português. In: HAN, L. et al. (org.). *Cognição, língua, cultura e tradição*. Macau: Universidade Politécnica de Macau, 2022.
- _____. Emergência do conector fora que no português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 20, n. 1, [2023?]. No prelo.
- _____; MOURA, S. C. As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida. *SOLETRAS*, São Gonçalo, n. 41, p. 189-215, jan./jun. 2021.
- _____; SILVA, S. J. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso]_{conector} à luz da linguística funcional centrada no uso. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 240-269, jan./jun. 2022.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, M. H. M. *Gramática funcional*. São Paulo: Contexto, 2021.

OITICICA, J. *Manual de análise (léxica e sintática)*. Rio de Janeiro: Typographia Baptista de Souza, 1923. (Enciclopédia Didática Brasileira).

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UFF, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução: Taísa Peres Oliveira e Angélica Furtada da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

INSTÂNCIAS DE USO DE *INFELIZMENTE*: DE MODALIZADOR AVALIATIVO A CONECTOR ADVERSATIVO

Gilson Lauri Pereira de Menezes Junior¹

Introdução

O objetivo deste trabalho, fruto da minha pesquisa de doutorado, é apresentar e analisar os processos de mudança construcional e a construcionalização da microconstrução [infelizmente], a partir de instâncias de uso observadas em postagens no Twitter. A partir de um *cline* contextual (cf. DIEWALD, 2002, 2006), considera-se que a microconstrução [infelizmente] pode ser compreendida não apenas como um advérbio modalizador avaliativo, mas também como um conectivo com valor contrastivo, associado à rede dos advérbios conectivos.

Baseado nos pressupostos teóricos da abordagem construcional da gramática (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015) e na relevância da dimensão contextual ao tratamento de mudanças linguísticas (cf. DIEWALD, 2002, 2006), este trabalho discute a hipótese de que a microconstrução [infelizmente] passou a integrar a rede construcional dos conectivos de contraste, mantendo a propriedade de locomoção sintática, que caracteriza outros conectivos adverbiais, e preservando traços semântico-pragmáticos de modalização avaliativa. O traço contrastivo pode ter sido adquirido por analogia ao conector *mas*, exemplar prototípico da categoria de contraste, considerando os diferentes contextos de uso (contágio por coocorrência).

¹ Doutorando em Estudos de Linguagem na UFF sob supervisão e orientação da professora doutora Nilza Barroso Dias. Bolsista Capes. E-mail: gilsonlaurijunior@id.uff.br. Orcid: 0009-0006-4067-647X.

Este estudo, de natureza qualitativa, examina sete ocorrências de uso de *infelizmente* coletadas do Twitter (nos *tweets*) e das imagens associadas a elas. Em razão da pouca quantidade de dados, não será discutido o impacto da frequência de uso no processo de construcionalização do novo conector. Todavia, espera-se que essa lacuna suscite reflexões para futuros trabalhos.

A primeira parte deste trabalho enfocará os pressupostos teórico-metodológicos, apontando os fundamentos funcionalistas relevantes para este trabalho – a saber, conceito de construção, propriedades construcionais e *cline* contextual de mudança –, bem como reflexões acerca das categorias de contraste, modalidade e avaliatividade em língua portuguesa. Em seguida, os resultados da análise serão discutidos. Finalizam este trabalho as considerações finais e as referências bibliográficas.

Abordagem construcional da gramática

Partindo da definição de língua como um inventário estruturado de construções, marcada por uma gramática emergente através de usos (cf. CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016), a construção é compreendida como um pareamento de forma-função (cf. LANGACKER, 1987, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2016). No polo formal, encontram-se as propriedades fonológicas e morfossintáticas da construção; no polo funcional, as propriedades discursivas e semântico-pragmáticas de uma construção.

Assim, são exemplos de construção um morfema, como o -s indicativo de plural em nomes, um item gramatical, como o conectivo contrastivo *infelizmente*, ou ainda uma ou duas orações articuladas entre si, como a relação entre orações matrizes com verbo *ser* em terceira pessoa e orações completivas com função sintática de sujeito, como em “É possível + oração matriz” e “É preciso + oração matriz”, que denotam modalização epistêmica e deôntica, respectivamente. Todas as construções, das simples às complexas, se relacionam entre si, organizando-se em uma

complexa rede. Portanto, a rede construcional congrega todas as construções de uma língua.

Entre as propriedades construcionais destacadas por Traugott e Trousdale (2013) estão a produtividade, a composicionalidade e a esquematicidade. A esquematicidade diz respeito à organização taxonômica das construções, considerando construções mais e menos abstratas, com diferentes níveis de abstração. Nessa escala, uma construção pode ser completamente esquemática (macroconstrução), semiesquemática (com algumas partes especificadas lexicalmente) ou inteiramente especificada (construção substantiva).

Com relação à construção avaliativo-modalizadora com a estrutura *X-mente*, nota-se que se trata de uma construção semiesquemática, que apresenta *-mente* como a parte substantiva (especificada) e *X* como uma posição esquemática. A microconstrução modalizadora com *infelizmente* é, pois, uma das instâncias desse padrão construcional, em que *X* é preenchido pelo adjetivo *infeliz*. Outras microconstruções também são licenciadas por esse esquema, como *possivelmente*, *certamente*, *difícilmente* e *independentemente*.

Neste trabalho, postula-se a hipótese de que a microconstrução avaliativo-modalizadora com *infelizmente* sofreu mudanças construcionais que levaram à construcionalização de *infelizmente* como conector contrastivo capaz de sinalizar relação de contraste entre dois sintagmas ou duas orações. Devido à sua origem, o novo conector preserva o valor pragmático de avaliatividade.

Considerando que a trajetória de *infelizmente* como modalizador avaliativo a conector de contraste seja resultado de sucessivas mudanças construcionais, faz-se relevante delimitar as etapas de mudança a partir dos contextos de uso, que teriam ocorrido nesse processo.

Diewald (2002, 2006) defende que existem contextos ambíguos entre modos de expressão já convencionalizados (que a autora denomina de *contexto típico*) e modos de expressão considerados

inovadores pelos falantes. O primeiro estágio de mudança corresponde a um *contexto* denominado *atípico*, no qual instâncias de uso de dada construção sofrem reinterpretações de ordem pragmático-discursiva. Já no segundo estágio, ocorrem neoanálises no âmbito estrutural da construção, intensificando a mudança linguística, o estágio denominado de *contexto crítico*. Por fim, tem-se o último estágio desse *cline* contextual, que a autora chama de *contexto isolado*, e é nesse contexto que ocorre a emergência de uma nova construção. Esse último estágio da mudança corresponde à construcionalização, na visão de Traugott e Trousdale (2013).

Com relação à microconstrução conectiva contrastiva com *infelizmente*, admite-se, neste estudo, que sua construcionalização teria se dado a partir do *cline* contextual apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Etapas do processo de formação de *infelizmente* como conector contrastivo

| Contexto de uso | <i>infelizmente</i> |
|------------------------------------|---|
| Estágio 0 – Contexto típico/normal | Advérbio modalizador |
| Estágio 1 – Contexto atípico | Focalizador de uma relação contrastiva |
| Estágio 2 – Contexto crítico | Coocorrência do elemento focalizador com um conectivo contrastivo |
| Estágio 3 – Contexto isolado | Conectivo contrastivo |

Fonte: elaboração própria.

Espera-se que os dados selecionados tragam evidências que sustentem a hipótese aqui defendida. Na próxima seção, discute-se a articulação entre segmentos codificando a relação de contraste.

A ideia de contraste e avaliatividade em língua portuguesa

De forma geral, a noção semântica de contraste refere-se a uma relação de desigualdade entre termos. Em língua portuguesa, essa desigualdade se manifesta estruturalmente, na maioria dos casos,

por uma articulação coordenada entre sintagmas ou orações. O conector *mas*, segundo Neves (1984, p. 22), “expressa a relação entre os dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é externo ao outro, mas, ainda, é, marcadamente, diferente do outro”. Pode-se depreender a importância que o conceito de diferença exerce entre os sintagmas ou as orações que expressam relação contrastiva. Entretanto, à medida que os estudos sobre contraste foram se aprimorando, outras nuances semântico-pragmáticas passaram a ser consideradas para o estudo do contraste.

Castilho (2010, p. 351, grifo do autor) concebe a estrutura contrastiva como uma articulação entre dois segmentos no qual “o segundo segmento contraria as expectativas geradas no primeiro, funcionando a conjunção *mas*, prototípica, como um bloqueador de aposição”, um conceito similar ao que Azeredo (2013) chama de “quebra de expectativa”, visto que, em uma relação contrastiva, o segundo segmento contraria as expectativas geradas pelo primeiro segmento. Assim, os dois segmentos ligados por contraste não necessariamente são contraditórios ou excludentes entre si. A desigualdade pode estar também em uma dimensão pragmática, como a negação (total ou parcial) de inferências.

Neves (2000) reconhece que os conectores de contraste prototípicos em língua portuguesa são o *mas* e o *só que*. Ao mesmo tempo, a autora lista uma série de conectivos não prototípicos que instanciam relação de contraste, entre os quais *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *entretanto*.

Com relação à noção de avaliatividade, Martin e White (2007) a descrevem como a realização linguística de enunciados e sentenças que podem ser interpretadas como codificadoras de um conteúdo que, pragmaticamente, pode ser concebido como positivo ou negativo. Já Neves (2000), tratando especificamente de adjetivos, subdivide os adjetivos avaliativos em dois grupos: os psicológicos, que definem um substantivo por uma relação entre falante e ser nomeado, e os intencionais, que exprimem uma relação coisa-coisa por meio de uma base qualitativa, quantitativa,

autenticidade e relativização. O adjetivo *infeliz*, base do advérbio *infelizmente*, pertence ao primeiro subgrupo.

Dessa forma, esta pesquisa defende a hipótese de que o advérbio *infelizmente* se integrou ao quadro de conectivos contrastivos não prototípicos. A microconstrução conectiva contrastiva com *infelizmente* manteria a propriedade de locomoção dentro do enunciado e de coocorrência com outros conectivos contrastivos, preservando ainda o traço de modalização epistêmica. Essa hipótese foi admitida a partir da observação de instâncias de uso de *infelizmente* que não correspondiam à categoria de advérbio de modo.

Hipótese sobre a emergência do conector contrastivo *infelizmente*

Os resultados apresentados nesta seção são provenientes da análise de sete ocorrências de uso de *infelizmente*, os quais foram extraídos do Twitter e do Google Imagens. Tendo em vista que o objetivo deste estudo é discutir a hipótese do surgimento de *infelizmente* como conector contrastivo, admite-se aqui o *cline* contextual tal como proposto por Diewald (2002, 2006). As instâncias nas figuras 1 e 2 se enquadram no que Diewald (2002, 2006) designa “contexto típico ou normal” (o estágio 0).

Figura 1

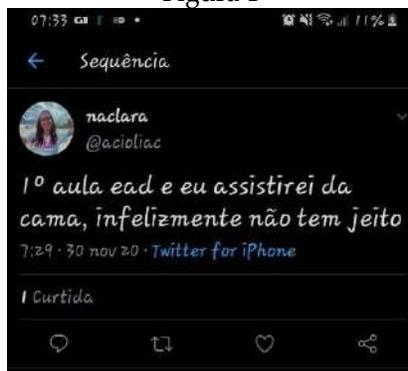


Figura 2



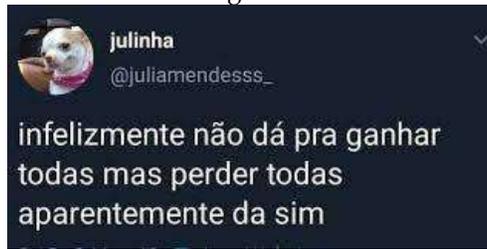
Nas figuras, é possível observar que *infelizmente* exerce a sua função prototípica de advérbio de modo, constituindo uma microconstrução adverbial vinculada ao esquema [X-mente]. Em ambos os dados, verifica-se ainda a função avaliativa exercida sobre o enunciado.

Em (1), o usuário do Twitter avalia como positivo o fato descrito no primeiro segmento – assistir à aula EAD da cama –, ainda que *infelizmente* tenha em sua formação um prefixo que indica negação. Pode-se deprender também uma ironia no enunciado; aliás, a ironia é um recurso bastante explorado em interações de rede social e é *um constituinte da estratégia* de contraste por quebra de expectativa.

Já na ocorrência em (2), nota-se que *infelizmente* desempenha, de fato, uma função prototípica de advérbio modalizador, que avalia negativamente o fato de o falante/escritor ter que mentir ao ser indagado por seu filho sobre os tempos de juventude. A avaliação negativa vem junto ao segundo segmento, que representa uma resposta ao primeiro. Assim, apesar de haver dois segmentos relacionados semanticamente entre si, não parece que *infelizmente* esteja desempenhando papel de conector oracional.

Em (3), tem-se um caso que representa um caso de contexto atípico.

Figura 3

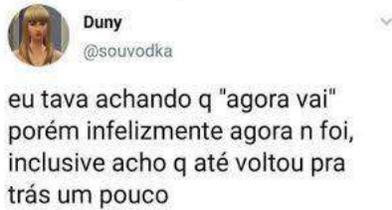


Em (3), *infelizmente* aparece no primeiro segmento sentencial, avaliando de forma negativa a impossibilidade de se ganhar todas as coisas. Em seguida, há uma outra sentença articulada com a primeira pelo conectivo *mas*. A atipicidade desse contexto, nos termos de Diewald, vem da natureza semântica da articulação de orações que manifesta ideia de contraste, ao mesmo tempo que *infelizmente* se encontra focalizado no primeiro segmento. A focalização ocorre quando um termo linguístico está em proeminência na disposição sintática e pragmática de um enunciado. No dado em (3), o termo avaliativo *infelizmente* se encontra focalizado com relação ao estado de coisas avaliado – não ser possível ganhar todas as coisas. Somando-se à articulação de orações que manifesta ideia contrastiva, pelo conectivo *mas* da segunda sentença, reúnem-se os principais traços distintivos que levam ao contexto crítico exemplificado com os dados em (4) e (5) a seguir.

Figura 4



Figura 5



Nesses dois dados, nota-se que as características de focalização de informação e de articulação com noção semântica de contraste também se fazem presentes. No entanto, enquanto no dado 3 há a focalização do advérbio modalizador em um segmento e a articulação contrastiva em outro segmento, os dados 4 e 5 mostram os mesmos traços ocorrendo no mesmo segmento sentencial, o segundo segmento em cada um dos dados.

Infelizmente ocorre sintaticamente próximo ao conectivo adversativo (*mas*, no dado 4; *porém*, no dado 5). Ainda se trata de um advérbio de modalização avaliativa, mas que preserva o traço focalizador do contexto atípico. Dessa maneira, notam-se os estágios de mudança construcional que estão em voga e que podem levar à construcionalização de um novo conectivo contrastivo. Deduz-se que *infelizmente* pode ter adquirido propriedades semânticas dos conectivos contrastivos de que se avizinha. Todavia, é importante ressaltar que apenas uma análise quantitativa em um *corpus* mais amplo pode confirmar ou não essa hipótese.

O que é possível apontar, observando qualitativamente os dados 4 e 5, é que a noção contrastiva, instanciada pelos conectores, coocorre com *infelizmente*, focalizando os segmentos contrastivos. Em (4), há a focalização da atitude do falante/escritor (fez o que deu na telha) com relação ao primeiro segmento. Já em (5), há a focalização do evento da oração contrastiva (agora não foi) em oposição ao que se estabeleceu no primeiro segmento (eu pensei que ia dar). É relevante observar que, em ambos os casos, o contraste se manifesta na quebra da expectativa que o segundo segmento apresenta com relação ao primeiro.

Os dois últimos dados apresentam instâncias de uso daquilo que este trabalho já considera como sendo a microconstrução [infelizmente] como conectivo contrastivo. Defende-se, portanto, que se trate de uma construcionalização – a formação de uma nova construção integrante da rede de conectores de contraste em língua portuguesa.

Figura 6



Figura 7



Nesses dois dados, já não há um conectivo contrastivo presente na articulação dos dois termos. Entretanto, considera-se que essas duas ocorrências sejam diferentes dos usos em (1) e (2). Enquanto os dois primeiros dados manifestam instâncias da microconstrução [infelizmente] como um advérbio de modo, os dados 6 e 7 manifestam instâncias da microconstrução

[infelizmente] como um conectivo contrastivo. A diferença entre esses dois grupos se dá pela possibilidade de leitura contrastiva que os dois últimos exemplos apresentam e os dois primeiros não.

Em (6), é possível substituir o *infelizmente* por um conectivo de contraste (“mas eu não” ou “eu, no entanto, não”). Da mesma forma, no dado 7 (“porém levei um fora”). Tal substituição semântica se mostra impossível nos dados 1 e 2. Esse traço aponta que a função do [infelizmente] nos dados 6 e 7 é muito mais coesiva que avaliativa. Por ser coesiva, deduz-se que se trate de um conectivo.

Em (6), o contraste se dá pela oposição que o falante/escritor delimita entre *Deus* e *eu*. Deus sabe o que faz; eu, por outro lado, não sei. No dado 7, há uma quebra de expectativa. Se o falante/escritor pediu para a Fernanda ajeitar a Paloma (considerando “ajeitar” como uma expressão que, nesse contexto, significa ajudar o Fernando a conseguir algum envolvimento romântico com a Paloma), há uma expectativa implícita de que o falante/escritor tenha atingido seus objetivos. Mas, logo em seguida, veio a quebra de expectativa: ele levou o fora e não consumou o envolvimento romântico que desejava. Tanto o significado de oposição quanto o significado de quebra de expectativa fazem parte do campo semântico do contraste, conforme Azeredo (2013), Castilho (2010) e Neves (2000).

Há de se considerar também a possibilidade de locomoção sintática, traço típico dos advérbios e dos conectores contrastivos não prototípicos de base adverbial. No dado 6, o conectivo aparece intercalado entre o sujeito e o resto do predicado (considerando que o verbo *saber* se encontra implícito no enunciado). Essa observação vai ao encontro do que se observa com conectores de matriz adverbial. Outro traço perceptível nesse novo conectivo é a noção de avaliatividade negativa que ainda persiste. Parece que o novo conectivo construcionalizado pode apresentar essa modalização avaliativa como um traço semântico-pragmático diferencial com

relação a outros conectivos dentro da rede de construções contrastivas.

Considerações finais

Este trabalho buscou demonstrar que a microconstrução [infelizmente], como advérbio de modo, passou por sucessivas mudanças construcionais (até passar por um processo de construcionalização, no qual se formou uma nova construção, de orientação mais procedural dentro do enunciado). Através da taxonomia contextual de Diewald (2002, 2006), foi possível observar os micropassos da mudança que geraram uma nova construção conectiva a ingressar na rede das construções contrastivas.

A análise qualitativa mostrou que alguns dados permitem suscitar reflexões baseadas no uso. Foi possível observar de que forma as características definidoras do contraste puderam ser identificadas nos dados e de que forma a microconstrução [infelizmente], conectiva contrastiva, se encaixa ou não dentro dessas características.

Entre as necessidades futuras para o aperfeiçoamento deste trabalho, destacam-se a necessidade de empreender análises quantitativas a fim de demonstrar as hipóteses aqui levantadas acerca da emergência de uma microconstrução [infelizmente] como conectiva e contrastiva a partir de sucessivas reanálises da microconstrução [infelizmente] como modalizadora de modo, bem como aperfeiçoar a proposta de *cline* contextual, considerando mais aspectos de mudança e uma descrição mais minuciosa sobre as estratégias distintas em se realizar um contraste e, acima de tudo, empreender estudos diacrônicos para confirmar a qualidade das hipóteses aqui levantadas. Espera-se que esta pesquisa possa possibilitar futuros trabalhos.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- _____. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (org.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 2002.
- _____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf, v. esp. 1, p. 1-29, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *Cognitive grammar*. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2008.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation*. Nova York; Londres: Palgrave Macmillan, 2007.
- NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal mas – invariância e variantes. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina; Faperj, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

RESULTATIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CAMINHOS DE COMPREENSÃO

Hanna Ferreira da Silva¹

Introdução

No campo da Linguística Cognitiva, o surgimento da Gramática de Construções (GC) lançou luzes sobre o estudo de construções em diferentes línguas. Algumas construções apresentam comportamentos distintos em línguas diferentes, como as resultativas, objeto de estudo deste trabalho.

A noção de resultatividade no português do Brasil (PB), embora discutida por diferentes autores, ainda segue sem um consenso. Em inglês, as resultativas são altamente produtivas, e o entendimento sobre resultatividade é mais estabelecido. O PB não admite resultativas com o padrão estrutural [SN-SV-(SN)-SAdj/SPrep], como no exemplo “Mary wiped the table clean”,² ao contrário de algumas línguas germânicas.

Em PB, a resultatividade é entendida como mudança de estado presente na lexicalização verbal ou em sintagmas preposicionais. Alguns autores defendem a resultatividade a partir de construções com verbos pseudocopulativos. A hipótese desse trabalho é que a resultatividade não é uma categoria linguística no PB, mas sim um efeito discursivo.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na UFF sob orientação do professor doutor Paulo Antonio Pinheiro Correa. Bolsista Capes. E-mail: hannaferreira@id.uff.br. Orcid: 0000-0002-0368-5784.

² Tradução literal: “Mary esfregou a mesa limpa.”

O que é resultatividade para alguns pesquisadores

A resultatividade na linguagem tem sido um assunto importante para os linguistas, especialmente para os que se debruçam sobre a língua inglesa. Mas a falta de consenso quanto à terminologia usada para descrevê-la é um problema que merece atenção. Alguns pesquisadores relacionam a resultatividade a tempos e aspectos verbais (GOLDBERG, 1995; KRATZER, 2004), enquanto outros a associam a morfemas específicos (LEVIN, 1993; CHAFE, 1970). A resultatividade tem raízes nas línguas eslavas e pode ser vista como uma categoria léxico-gramatical distinta.

Gorlach (2004) argumenta que a resultatividade pode ser expressa de diversas formas e não precisa estar ligada à perfectividade. Ela afirma que a linguagem pode refletir dois pontos de vista sobre ações, estados ou eventos – focando ou no processo ou no resultado. As construções resultativas em inglês exibem uma ordenação sintagmática para indicar resultado marcado, a saber, um sintagma verbal (SV) seguido por um sintagma nominal pós-verbal (SN) e um sintagma resultante (SR). O sintagma “resultante” se refere a uma construção sintática cujo verbo principal expressa a mudança de estado resultante da ação, e o objeto direto da frase indica o estado final resultante da ação. Por exemplo, na frase “Mary wiped the table clean”, o verbo “wiped” indica a mudança de estado (de mesa suja para mesa limpa a partir da ação expressa pelo verbo “esfregar”) resultante da ação de Mary, e o objeto direto “the table clean” indica o estado final resultante dessa ação (a mesa estar limpa). O termo “resultante” é usado para enfatizar a ideia de que a construção se concentra no resultado ou estado final da ação (“clean”) em vez do próprio processo ou ação em si (“wiped”). O significado é mais complexo do que a soma de seus componentes, fazendo com que a configuração da construção tenha impacto no significado semântico.

Segundo Jackendoff (1997), é a construção que influencia a organização dos argumentos, e as nuances semânticas derivam da união entre os elementos que compõem a construção. Gorlach

(2004) reconhece que uma construção resultativa é um signo linguístico de significado marcado que expressa uma mudança de estado de Z em Y por X. Essas construções não são encontradas no PB com sintaxe correspondente. Observe:

| | | | |
|---------------------|--------------|------------------|---------------|
| <i>Mary</i> | <i>wiped</i> | <i>the table</i> | <i>clean.</i> |
| Mary | esfregou | a mesa | limpa. |
| Mary limpou a mesa. | | | |

| | | |
|------------------|--------------|---------------|
| <i>The lake</i> | <i>froze</i> | <i>solid.</i> |
| O lago | congelou | sólido. |
| O lago congelou. | | |

| | | | |
|---------------------------------|---------------|-----------------|-----------------------|
| <i>Bill</i> | <i>rolled</i> | <i>the ball</i> | <i>down the hill.</i> |
| Bill | rolou | a bola | abaixo o morro. |
| Bill rolou a bola morro abaixo. | | | |

| | | |
|----------------------------|---------------|-----------------------|
| <i>The ball</i> | <i>rolled</i> | <i>down the hill.</i> |
| A bola | rolou | abaixo o morro. |
| A bola rolou morro abaixo. | | |

Talmy (1985, 1991, 2000) propõe uma explicação para a existência de construções resultativas em línguas como o inglês, mas não em línguas românicas, como o português brasileiro. Segundo Talmy, a distinção entre essas línguas está relacionada à forma como os sintagmas verbais em diferentes línguas variam de acordo com a codificação do modo e da direção do movimento.

Em línguas *verb-framed*, o meio preferido de expressar o caminho (*path*) é através de um verbo, enquanto o modo (*manner*) é expresso em um constituinte subordinado. O tipo de construção típico é VERBO DE CAMINHO + VERBO SUBORDINADO DE MODO: línguas românicas, semíticas, turcas, bascas, japonesas e coreanas pertencem a esse tipo. Por exemplo, em frases como “saiu correndo de casa” e “entrou gritando na loja”, a direção do movimento é indicada pelo complemento “de casa” e “na loja”,

respectivamente, enquanto o modo de movimento é indicado pelos verbos “correndo” e “gritando”.

Línguas *satellite-framed* são aquelas em que o meio preferido de expressar o caminho percorrido (o componente principal de um evento de movimento) é um elemento não verbal associado a um verbo. O tipo de construção típico é VERBO DE MODO + SATÉLITE DE CAMINHO: línguas germânicas, eslavas e fino-úgricas pertencem a esse tipo. Por exemplo, em inglês, em frases como “run into” (correr para dentro), “go out” (sair para fora) e “fall down” (cair para baixo), a direção do movimento é indicada pelas partículas “into”, “out” e “down”, respectivamente, enquanto o modo de movimento é indicado pelos verbos “run” (correr), “go” (ir) e “fall” (cair).

Essa distinção entre línguas *verb-framed* e *satellite-framed* está relacionada à estrutura interna dos verbos em cada língua, sendo que línguas *verb-framed* apresentam verbos que codificam a direção do movimento de forma mais explícita, enquanto línguas *satellite-framed* utilizam partículas para indicar a direção do movimento e enfatizam mais o modo de movimento.

Fundamentação teórica

Como já mencionado, o presente trabalho visa a discutir a noção de resultatividade com base em estudos que focalizaram as construções resultativas no PB e que se orientaram pela Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente pela Gramática de Construções (GC). Nesta seção, apresentaremos brevemente os principais pressupostos dessa abordagem.

Em vez de conceber a língua como um sistema autônomo, a Linguística Cognitiva reconhece que as experiências sensório-motoras dos sujeitos influenciam a linguagem. Além disso, as estruturas da linguagem são interpretadas como resultado da interação de processos cognitivos de domínio geral, que são responsáveis pela criação, organização e armazenamento do conhecimento humano em geral.

A Gramática de Construções, por sua vez, é uma teoria linguística que tem como objetivo modelar a competência linguística de um falante a partir de três premissas básicas: a compreensão de uma língua se baseia no conhecimento das suas unidades simbólicas (pareamentos de forma e função convencionalizados); essas unidades simbólicas, chamadas de construções, estão conectadas umas às outras, formando uma rede extremamente complexa; as construções precisam ser integradas em enunciados concretos através de uma compatibilidade gramatical compartilhados pelos falantes de uma determinada comunidade linguística.

Metodologia

O presente trabalho resultou de uma pesquisa bibliográfica sobre a noção de resultatividade com base em estudos sobre construções resultativas do PB na perspectiva da Linguística Cognitiva, mais especificamente da Gramática de Construções. Trata-se, portanto, de um estudo de revisão da literatura.

Entendimentos e análises dos trabalhos escolhidos

Nesta seção, vamos apresentar brevemente os trabalhos que consideramos mais relevantes para a discussão do assunto em foco. Começando pela pesquisa de Leite (2006), que se concentrou em construções com formas verbais presentes e perfeitas para evitar discussões sobre aspectualidade. O autor verificou que no PB as formas de resultatividade mais comuns são lexicalizadas no verbo, indicando a mudança de estado aplicada ao paciente. Em alguns casos, o verbo resultativo permite um complemento que desempenha o papel de SR externo. De acordo com os dados apresentados, a maioria das construções (89,6%) apresentaram casos de SR interno, isto é, a lexicalização do resultado no verbo

(José **fatiou** o bife), enquanto apenas 25 casos (10,4%) apresentaram SR externo (José quebrou o vidro **em pedaços**).

As construções também foram separadas a partir da sintaxe do verbo, logo, houve uma nova divisão em grupos entre as construções que apresentaram verbos transitivos (78,5% dos casos) e as construções que apresentaram verbos intransitivos (21,5%). Uma vez distinguidos, os verbos foram também separados tendo como base seu processo morfológico, dos quais 45,4% tinham natureza parassintética e 45,8% tinham natureza de derivação sufixal. Os verbos também foram considerados a partir da origem do seu radical, relatando um total de 80,9% de casos de verbos com origem adjetival e 10,3% de casos de verbos com origem em substantivos. Dito isso, é possível observar um padrão de preferência das características verbais em construções analisadas por Leite (2006): verbos transitivos que derivam de radicais de origem adjetival e que apontam para um SR interno. Os resultados sobre a análise do aspecto do sujeito (+ ou – volitivo) foram equilibrados, com 44,6% dos casos de sujeito +volitivo e 54,4% dos casos de sujeito –volitivo. Segundo a análise realizada por Leite (2006) em um *corpus* limitado, nas construções que apresentam SR externo, se constatou que há preferência por SPreps (80%) em relação aos SAdjs (20%).

De acordo com o autor, as construções resultativas em PB podem ser indicadas tanto pelo SR interno, na forma de lexicalização no verbo, quanto pelo SR externo, com o uso de preposições ou adjetivos. A presença de mudança de estado é a característica que define a natureza da construção resultativa e a escolha entre apresentar a mudança de estado pelo processo de lexicalização ou pelo uso de uma preposição é decidida pelo falante, com ambas as opções indicando construções gramaticais na língua portuguesa. No entanto, cada escolha pode representar diferentes valores pragmático-discursivos.

Palomanes (2007) realizou pesquisas sobre a polissemia do verbo “ficar”, manifestada por metonímias e metáforas. Segundo a autora, o verbo “ficar” pode ter duas interpretações, que são

classificadas como “restar” ou “sobrar” (conhecida como sentido 1 ou S1) ou “tornar-se” (que será chamado de S2). Palomanes afirma que o S1 pode ser visto como indicador do resultado de uma operação anterior, como no exemplo a seguir (PALOMANES, 2007, p. 15, grifo nosso):

(1) *you pediu para eu descrever... né? é um quarto de pi::so ((riso)) antes era uma cama beliche... aí meu irmão mais velho casou... eu tirei a cama beliche... ficou a cama de baixo...*

De acordo com a autora, no S2 há uma indicação de mudança de estado, expressando o significado de “tornar-se”. Normalmente, é acompanhado por um sintagma adjetival e tem como foco o resultado de uma mudança de estado, conforme ilustrado no exemplo citado na mesma tese (PALOMANES, 2007, p. 15, grifo nosso):

(2) *ele conheceu um cara lá em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo aqui em Friburgo aqui no Rio... na Glória... daí ele ficou louco porque tinham roubado o carro dele...*

Em relação ao S1, Palomanes argumenta que há uma relação metonímica entre a permanência e o movimento anterior, o que também é observado em S2. Portanto, a autora defende a ideia de que o sentido resultativo do S1 possibilita a ocorrência de S2, processo este explicado pela instanciação por transferência metonímica.

A partir das análises da forma [SN *ficar* SAdj], Palomanes entende que essa construção apresenta uma situação como resultado de outro evento, expresso em outra cláusula. A partir desse entendimento, a autora visa defender que o português apresenta essa construção como a construção resultativa mais produtiva do PB. A autora oferece o seguinte exemplo para análise (PALOMANES, 2007, p. 121, grifo nosso):

(3) *O vidro da porta estorou e voou na cara dele* [1], *ele não se machucou seriamente mas a sua cara ficou cheia de sangue* [2].

De acordo com Palomanes, as construções tipo [SN *ficar* SR] apresentam um resultado causado por uma ação, expressa em uma cláusula separada. Por exemplo, na frase “o vidro voou na cara dele e a cara ficou cheia de sangue”, o evento causador (o vidro voando na cara) é expresso em uma cláusula, e o evento resultativo (a cara cheia de sangue) é expresso em outra. A autora destaca que é subentendido que há uma causatividade resultando em um novo estado, já que o sujeito experimenta uma mudança física ou psicológica que pressupõe uma causa. Embora o padrão sintático seja diferente da construção resultativa prototípica, essas construções apresentam as mesmas propriedades, como marcar um resultado causado por uma ação e ter um SR na posição argumental.

Palomanes argumenta que o verbo “ficar” só indica mudança de estado quando usado em contextos que incluem verbos como “tornar-se”, “acabar”, “virar”, “fazer-se” etc. Esses verbos são classificados como verbos de ligação que indicam mudanças de estado. Goldberg e Jackendoff (2004) chamam esse tipo de construção de resultativa de propriedade causativa, e, segundo Palomanes, foram encontradas 38 dessas construções entre as 44 resultativas no *corpus* usado na pesquisa. Não há evidências de resultativas de propriedade não causativa no *corpus*, o que sugere que elas não existem na língua portuguesa.

O uso do verbo “virar” em construções resultativas também tem sido objeto de estudo. Palomanes e Oliveira (2013) argumentam que o verbo “virar” apresenta uma semântica de “X tornar-se Y” quando utilizado como [SN SV SRAdj], sendo produtivo em contextos resultativos. No entanto, elas destacam uma diferença entre o português brasileiro e o inglês no que se refere à expressão da causa e consequência do resultado na cláusula resultativa. Enquanto em inglês esses elementos são apresentados simultaneamente, em PB a cláusula resultativa expressa apenas o

resultado alcançado pelo sujeito da oração após a ação, possivelmente devido à tendência dos falantes de PB em usar perífrases para expressar informações resultantes.

Segundo as autoras, 14 das 15 ocorrências do *corpus* escolhido mostram o SV indicando um resultado composto por um SN na posição de SR. Elas descobriram que o significado convencional do verbo “virar” é esvaziado e uma nova significação verbal é mostrada. A pesquisa mostrou que o verbo “virar” tem a semântica de “tornar-se” e indica resultatividade, como o exemplo a seguir (PALOMANES; OLIVEIRA, 2013, p. 116, grifo nosso):

as pessoas... têm dificuldade de aceitar até a UNE... que é a coisa mais certa... que tem que acontecer... é uma instituição que tem um poder enorme... já virou uma instituição... (...).

(4)

| | | |
|---------|------------|--------------------|
| [A UNE] | JÁ [VIROU] | [UMA INSTITUIÇÃO]. |
| SN | SV | SR |

É possível verificarmos um sujeito (“a UNE”) que desempenha a ação verbal expressa em SV pelo verbo “virar” com semântica de “tornar-se” e cuja mudança de estado vai ser refletida no SN indicado por “uma instituição”. As autoras descobriram que a maioria das ocorrências apontavam para um resultado composto por [SN] na posição do sujeito da oração [SR] em vez de um [SAdj]. As autoras explicam a ressignificação do verbo “virar” como “tornar-se” devido a processos cognitivos, especialmente metáfora e metonímia. A metáfora ajuda a mudar o conceito mais concreto do verbo para um conceito mais abstrato, enquanto a metonímia oferece a transferência semântica através das relações entre os elementos no contexto.

Como conclusão, Palomanes e Oliveira (2013) identificam outra construção no PB que indica resultatividade, embora não seja muito comum. O verbo “ficar” ainda é o mais comumente usado para indicar resultado.

Diferentemente das pesquisas mencionadas anteriormente, que se concentram na relação entre verbos e construções resultativas, Santos (2012) traz uma perspectiva inovadora ao explorar a função do sujeito em construções resultativas com elementos da natureza em português brasileiro. O autor utiliza exemplos do romance *Vidas secas* para argumentar que a natureza é retratada como um agente participativo nas mudanças de estado dos objetos e sujeitos, o que influencia na escolha do sujeito em construções resultativas. O autor propõe a hipótese de que existem construções resultativas em PB com elementos da natureza como causador ou ser afetado, como na frase “The lake froze solid”³ em inglês.

No romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, o narrador descreve as experiências dos personagens usando estruturas linguísticas que simbolizam as mudanças no ambiente. A noção de resultatividade do autor é a mesma de Goldberg (1995), que sugere que um sujeito causa uma mudança de estado em um objeto. No romance, Santos (2012) encontra construções resultativas tanto transitivas quanto intransitivas que apresentam resultados lexicalizados no verbo. Transformações na natureza ao redor dos personagens podem ser vistas como construções resultativas, já que pressupõem um estado anterior e posterior atribuído a um elemento passível de sofrer a ação. Dessa forma, Santos afirma que as resultativas transitivas apresentam a natureza como sujeito causador da mudança de estado e um objeto que reflete essa mudança. Alguns exemplos citados pelo autor podem ser observados a seguir (SANTOS, 2012, p. 2.935):

(5) *As noites cobriam a terra de chofre.* (I,22)

(6) *As vacas povoariam o curral (...)* (I,30)

Santos (2012) se baseia em Goldberg e Jackendoff (2004) para afirmar que as construções mencionadas são resultativas causativas. Essas construções apresentam uma mudança de estado

³ Tradução literal: “O lago congelou sólido.”

causada por um agente (ou causador) que é o sujeito da frase. Em exemplos como “As noites cobriam a terra de enxofre” e “As vacas povoariam o curral”, o sujeito (“as noites”, “as vacas”) é o causador da mudança de estado no paciente (“a terra”, “o curral”). O entendimento dessas construções pelo leitor se dá graças ao seu conhecimento de mundo, que recria uma cena mental. Quando o elemento da natureza é o sujeito, há uma mudança menos volitiva, e o sujeito é chamado de causador, não de agente.

O segundo grupo de construções analisadas por Santos (2012) são as resultativas intransitivas, que são mais comuns no romance e apresentam o sujeito como paciente da mudança de estado, não como causador. Observe:

(7) *O poente cobria-se de cirros.* (I,27)

(8) *O gado aumentava (...)* (II,36)

Nas palavras de Santos (2012, p. 2.938), os exemplos acima mostram construções que indicam “como se a natureza mudasse a si mesma e aos demais de maneira autônoma e os resultados fossem plenamente perceptíveis, ainda que não se soubesse o que exatamente os provocaram”. Para a autora, a promoção dos elementos da natureza para a função de sujeito no romance *Vidas secas* indica uma possível estratégia para destacar a influência da natureza na vida dos personagens. Santos conclui que as análises de *Vidas secas* retomam cenas de mudança de estado através de construções que apresentam um gerador da mudança e um elemento que sofre o resultado final.

No estudo recente de Costa (2021) sobre o verbo “construir” de padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], que pode assumir diferentes indicações, são investigados os usos literais e metafóricos desse verbo. Enquanto outros autores, como Palomanes e Oliveira (2013) e Santos (2012), veem as construções resultativas como um processo de expressão de resultado, Costa vai além e argumenta que essas construções são um processo de metáfora. Segundo Costa, a metáfora “modificar entidade é

construir” ocorre em um nível conceitual mais abstrato do que simplesmente expressar o resultado de uma ação verbal. Costa defende que as construções resultativas são, na verdade, um processo de metaforização em que o sujeito é concebido como um construtor que modifica entidades.

Costa (2021) afirma que em PB o verbo “construir” é o verbo prototípico do processo de fabricação predial, mas, em outras culturas, ele também pode conceptualizar domínios alvo de criação de objetos, entidades complexas, relações sociais abstratas, situações desejáveis e/ou valores apresentados como tal. No seu sentido mais convencional em PB, o verbo “construir” “consiste na ação em que o CONSTRUTOR [...] reúne MATERIAL [...] para dar origem a um CONSTRUTO” (COSTA, 2015 *apud* COSTA, 2021, p. 906), como em “Ele **construiu** aquela casa sozinho, comprando tijolo por tijolo, e viveu lá por 30 anos”.

Apesar disso, o autor afirma que o verbo “construir” no padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode estar relacionado a uma construção causativa ou a uma construção resultativa. A metáfora “modificar entidade é construir” apresenta um “adjetivo que pode ser explicado como elemento de uma construção resultativa à qual a metáfora se funde ou como sendo uma adjunção de uma construção causativa” (COSTA, 2013, p. 926). Observe:

(9) *Reunimos hoje as condições para **construir** um Brasil efetivamente solidário e mais justo (Fernando Henrique Cardoso, 1999).*

Costa (2013) afirma que a metáfora “modificar entidade é construir” pode ser interpretada como uma construção causativa ou resultativa. Se considerada como causativa, o adjetivo é interpretado como uma adjunção ao objeto. Se considerada como resultativa, o adjetivo é visto como um estado resultante. A análise da frequência das expressões literais e metafóricas do verbo “construir” mostrou que existe um gradiente que vai da literalidade à metaforicidade. Costa destaca a necessidade de mais

estudos sobre a interação entre metáforas e construções e sobre os seus limites.

Conclusões

Neste trabalho, discutimos a ideia de estado resultante presente em construções resultativas no PB a partir de cinco estudos publicados sobre o assunto. Baseamos nossa compreensão sobre construções resultativas e estado resultante na forma e função dessas construções em inglês, dada a produtividade que apresentam nessa língua. Nosso objetivo foi promover uma reflexão sobre a resultatividade no PB a partir de uma pesquisa de revisão da literatura.

Verificamos inicialmente uma tendência a classificar uma construção como resultativa se ela indicar alguma mudança de estado. No entanto, há casos que argumentamos que vão de encontro a essa classificação. Seguindo o que foi proposto por Correa (2010), admitimos que a ideia de mudança de estado resulta em um evento de mudança pontual que nem sempre promove um entendimento estabelecido na comunidade de fala de um estado resultante. Por outro lado, as construções que incluem verbos pseudocopulativos, como “ficar” e “virar” parecem indicar um caminho mais seguro para a expressão de estado resultante. Essa concepção baseia-se em estudos que mostram que as construções predicativas representam linguisticamente uma mudança ou transição de estados.

Com base nas variações encontradas nos estudos acerca da noção de estado resultante e mudança de estado, podemos afirmar que a categoria linguística de estado resultante não é claramente definida no PB. De fato, estado resultante e mudança de estado às vezes são vistos como o mesmo fenômeno. Mostramos que os falantes de uma língua podem ou não ter compreensão de estado resultante baseado na morfologia verbal e/ou no uso de SPreps. Acreditamos que a noção de estado resultante no PB é um efeito discursivo que deixa em aberto a interpretação entre mudança de

estado ou estado resultante para o ouvinte, dependendo das condições pragmáticas do discurso. Diferentemente da língua inglesa, o PB não tem as construções resultativas como uma categoria compartilhada por seus falantes.

Em resumo, esperamos que nossa pesquisa seja uma contribuição adicional para o tema da presença de construções resultativas na língua portuguesa do Brasil, revisando trabalhos recentemente publicados sobre o assunto. Desejamos que esta pesquisa sirva como base para futuras investigações sobre esse tipo de construção no português, seja avaliando outras possibilidades de construções resultativas, seja aprofundando o estudo sobre a categoria e o efeito discursivo da noção de estado resultante.

Referências

BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. C. (org.). *Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition*. Nova York; Londres: Routledge, 2008.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago; Londres: University of Chicago Press, 1970.

CORREA, P. A. P. Variación aspectual y sintáctica en las construcciones de cambio de estado en español: una mirada desde el portugués. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 167-184, 2010.

COSTA, V. C. Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo construir. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 15, n. 4, p. 903-931, out./dez. 2021.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of “construction grammar”. In: *PROCEEDINGS of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: BLS, 1988.

- _____; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, set. 1988.
- GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work*. Nova York: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. The english resultative as a family of constructions. *Language*, v. 80, n. 3. p. 532-568, set. 2004.
- GORLACH, M. *Phrasal constructions and resultativeness in English*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 2004.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- JACKENDOFF, R. Twistin' the night away. *Language*, v. 73, n. 3, p. 534-559, set. 1997.
- KRATZER, A. Building resultatives. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. (org.). *The unaccusativity puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- LANGACKER, R. W. Conceptualization, symbolization, and grammar. In: TOMASELLO, M. (org.). *The new psychology of language*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.
- LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- PALOMANES, R. M. *Construções gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- _____; OLIVEIRA, P. F. Construções resultativas: a semântica de resultado no verbo “virar”. *Alumni*, Nova Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 112-120, jan./jul. 2013.
- PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

SANTOS, C. B. Uma natureza participativa: a função sujeito em construções resultativas de Vidas Secas. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 4, t. 3, p. 2.929-2.942, 2012.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics: typology and process in concept structuring*. Cambridge: MIT Press, 2000.

AS MICROCONSTRUÇÕES ALÉM DE QUE E ALÉM QUE: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

Milena Silva dos Santos¹

Introdução

Este capítulo faz parte de um trabalho de mestrado em curso e trata das microconstruções aditivas “além de que” e “além que”. Consideramos que esses itens são oriundos do conector “além de”, que exerce o papel de adição extensiva (cf. ROSÁRIO; SANTOS, 2020) em orações hipotáticas (cf. HALLIDAY, 2004), cuja principal característica é a interdependência entre os constituintes. Os novos conectores, todavia, instanciam sentenças que, entre si, são sintaticamente mais distensas, não havendo dependência sintática tão explícita. Evidentemente, em razão de este estudo estar ainda em seu primeiro ano, as análises serão posteriormente refinadas e revisadas. Por ora, descrevemos os usos em que “além de que” e “além que” aparecem, procurando pontuar alguns padrões gramaticais, como a possibilidade de esses itens instanciarem não apenas orações não finitas,² mas também orações cujos verbos se flexionam. Vejamos um caso:

(1) Quando tu começa a usar água quente a o barbear tu percebes que a água além de “« amolecer ”» a barba, ajuda o rosto a aguentar melhor os navalhados que leva (pelo **menos eu** sinto assim), **além que** ajuda abrir os poros de a pele, etc e etc.. A prendi com meu pai

¹ Mestranda em Estudos de linguagem na UFF e professora de Língua Portuguesa. Atualmente tem pesquisa orientada pelo prof. dr. Ivo da Costa do Rosário e integra o Grupo Conectivos e Conexão de Orações, sediado na mesma universidade. E-mail: milenasilva@id.uff.br. Orcid: 0000-0003-2587-7645.

² Essa característica engloba as orações instanciadas por conectores da rede [Xde]_{connect} (cf. ROSÁRIO, 2022).

e sempre faço assim, mas dá pra colocar a água em uma toalha que vai sobre o rosto também, mas acho pouco prático em a correria de o dia-a-dia.

Em (1), o conector em destaque introduz o verbo “ajudar”, flexionado na terceira pessoa do singular, e está contido em um discurso sobre o ato de se barbear. O falante expressa argumentos a favor do uso da água quente nesse processo. Para elencar esses benefícios, primeiramente, recruta o conector “além de”: “além de amolecer a barba, ajuda o rosto a aguentar melhor os navalhados que leva”. Observa-se a relação de interdependência entre a oração instanciada por “além de” (hipotática) e a cláusula principal, de maneira que o conector prepara a informação mais relevante: o fato de ajudar o rosto a aguentar o impacto da navalha. Em seguida, nosso objeto entra em cena, o que comprova o diferente papel discursivo que exerce na frase. “Além que” introduz mais um argumento a favor da tese do autor do texto, ou seja, o fato de abrir os poros. Aqui há o uso de verbo flexionado, diferentemente do que ocorre com o outro conector.

Além disso, “que” expressa-se de maneira ambígua nesse caso, já que persiste o valor de pronome relativo em sua ocorrência. Nesse sentido, ele faz referência à água, substituindo, assim, pronominalmente um substantivo. Contudo, também compõe o conector “além que”, haja vista a impossibilidade de o “além” funcionar sozinho enquanto conectivo aditivo. Esse fenômeno vai ao encontro da proposta de Lima-Hernandes (2010), para a qual a coocorrência de advérbios com o pronome relativo “que” promove gatilho para mudança linguística.

Com o fito de fundamentar nossas análises e perspectivas, utilizamos como base os preceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), descrita por Cezario e Furtado da Cunha (2013), Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022) e outros, os quais se apoiam nos postulados de Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2013). Defendemos que gramática, discurso e cognição são

elementos centrais para o entendimento da mudança, da variação e da polissemia linguística.

Portanto, este trabalho tratará primeiramente de alguns conceitos acerca de nossa teoria linguística, sobretudo aqueles concernentes à Gramática de Construções. Posteriormente, tratamos dos procedimentos metodológicos que nortearam nosso trabalho até então. Além disso, expomos os próximos passos para que a sistematização de nossos dados seja aperfeiçoada. Partimos, na sequência, para uma breve análise de alguns dados que mapeamos para, enfim, tecermos nossas considerações finais e expormos as referências utilizadas para este texto.

Fundamentação teórica

Este estudo ancora-se na Linguística Funcional Centrada no Uso, recentemente formulada a partir da junção da Linguística Funcional Clássica (LF) com a Linguística Cognitiva (LC); quanto a esta, destaca-se a abordagem construcional da gramática, que refina as análises realizadas pelos pesquisadores da LFCU (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Para esta linha, a língua se expressa por um conjunto de construções, cuja definição é o pareamento *forma* <> *função*. Ou seja, nessa concepção não há sobrevalorização da forma em detrimento da função.

A partir da concordância de que o uso interfere no sistema, essas duas teorias juntas formam a LFCU, segundo a qual uso linguístico e cognição atuam conjuntamente. No que tange à última, o destaque é para a gramática de construções, pois ela defende a teoria de que há construções interconectadas mapeadas em rede na mente dos falantes (DIESSEL, 2019). Além disso, considera-se a não separação rígida entre as subpartes da construção (forma e função), havendo entre elas relação indissociável. Nesse sentido, a gramática é vista como holística, já que semântica, morfossintaxe, pragmática e fonologia trabalham juntas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Traugott e Trousdale (2013) elencam três fatores de análise para as construções mapeadas em rede: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. O primeiro diz respeito ao grau de abstração da construção, dividido em três níveis: esquema, subesquema e microconstrução. O esquema representa as construções mais abstratas, com menos ou nenhum *slot* a ser preenchido, por exemplo, a [SVO]; já o subesquema engloba as construções intermediárias das redes, licenciadas pelo esquema e menos esquemática do que eles; por último, as microconstruções são as mais preenchidas em termos de *slot*, sendo elas que licenciarão os constructos coletados em *corpora*. A produtividade, em seu turno, configura a extensibilidade da construção, o quanto ela é capaz de licenciar ou restringir outras formas menos esquemáticas. Por último, a composicionalidade aponta para o nível de transparência entre forma e sentido, este que é convencional e experiencialmente mapeado. Nessa ótica, “além de que” e “além que” são microconstruções licenciadas pelos esquemas [Xde]conect (cf. ROSÁRIO, 2022) e [Xque]conect (ARENA, 2014).

Metodologicamente, este trabalho se ancora na LFCU, para a qual as análises devem partir de dados atestados empiricamente e criteriosamente quantificados e analisados. Assim, para essa teoria, ocorrências linguísticas inventadas não são bem-vindas, sendo necessária a extração de dados de *corpora* cientificamente reconhecidos. O Corpus do Português,³ criado por Mark Davies, é uma ferramenta para extração de dados de nossa pesquisa.

Quanto à nossa coleta, é importante esclarecer que o trabalho está em andamento, então esses dados estão sendo devidamente separados e analisados, pois é necessário selecionarmos os dados que condizem com nosso propósito, cujo foco são os conectores de extensão. Essa ressalva justifica-se porque é possível que alguns

³ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Vale destacar que esse *corpus* será retomado em outros pontos deste trabalho, uma vez que os dados foram retirados dele.

dados sejam posteriormente descartados. No Corpus do Português, é possível filtrar o nosso objeto junto dos verbos que o sucedem. Então, fizemos essa busca com as construções “além de”, “além de que” e “além que” e quantificamos os achados. Separamos os casos em que essas partículas se manifestam com verbos no infinitivos (inf) e com verbos desenvolvidos (dsv):

Tabela 1 – Frequência *type* dos padrões aditivos com “além”

| <i>Types</i> | <i>Tokens</i> |
|------------------------------|---------------|
| Além de V ^{inf} | 95.821 |
| Além de V ^{dsv} | - |
| Além de que V ^{inf} | 24 |
| Além de que V ^{dsv} | 746 |
| Além que V ^{inf} | 8 |
| Além que V ^{dsv} | 44 |

Fonte: elaboração própria.

A tabela 1 contém os resultados da pesquisa que realizamos no *corpus*. Primeiramente, buscamos as ocorrências com o “além de”, pois, embora já tenhamos feito essa análise em outros *corpora*, consideramos importante investigar se há algum caso desse conector precedendo verbos desenvolvidos e qual seu nível de produtividade em relação aos outros *types*. Como esperado, essa construção é a mais produtiva, com 95.821 dados, os quais apresentam verbos no infinitivo, sem nenhuma exceção encontrada. Encontramos o “além de que”, por sua vez, instanciando verbos no infinitivo e verbos desenvolvidos. Este último se deu com maior frequência (746 constructos), ao passo que “além de que V^{inf}” se manifestou em 24 ocorrências. Esse mesmo fenômeno ocorre com o “além que”. Com menor recorrência, também exibe mais dados com verbos desenvolvidos (44), de maneira que a construção “além que V^{inf}” aparece apenas 8 vezes.

Quanto aos fatores quantitativos, vale frisar que inicialmente separamos 200 dados da modalidade Web/Dialects do Corpus do Português, com “além de que” e “além que” para análise. Dentre

esses dados, encontramos diferenciados padrões junto de nossos objetos, como “para além de que”, “nada mais além que”. Dados como esses estão sendo descartados, uma vez que o nosso objetivo é lidar com conectivos oracionais instanciados unicamente por “além”, seguido de “de que” ou apenas “que”. Por isso, em seguida, recorreremos à busca específica de “além que” ou “além de que” seguido de verbos, o que nos levou aos resultados da tabela 2, da interface NOW. Dessa forma, consideramos para este estudo as ocorrências de “além de que” e “além que” encontradas na primeira coleta. Nesse primeiro momento, optamos por uma investigação mais qualitativa, devido à complexidade dos objetos. Esclarecemos, apesar disso, que, no mínimo, 50 dados foram averiguados, de maneira que a precisão da quantificação sucederá no decorrer do trabalho.

Resultados

Nesta seção, exploraremos alguns dos resultados que obtivemos até então. É preciso destacar que as considerações expostas até o presente momento são introdutórias, devendo, portanto, ser reformuladas posteriormente, com a inserção de critérios específicos de análise, bem como devida aplicação dos modelos teóricos. Nos tópicos a seguir, comentamos alguns padrões visualizados até então.

[Além de que V^{inf}]

Em primeiro lugar, temos os constructos (ocorrências) em que “além de que” instancia verbos no infinitivo. Observemos um dado:

(2) Toyota Racing Series de o próximo ano, que acontece entre 16 de janeiro e 14 de fevereiro. # E quem explica como é esse torneio é o próprio Pedro Piquet, que falou com o Motorsport. com sobre o tema. “ É uma “ Winter Series ” em que faremos 15 corridas em 5

semanas – 3 provas em cada final de semana. As pistas não são em o padrão de a Fórmula 1, mas são boas, parecidas com as que temos em o Brasil ”, disse. # Pedro Piquet também comparou o carro de a competição em a Nova Zelândia e o carro de a F3 Europeia, ressaltando o fato de que correr em o país de a Oceania em o período em que é proibido testar será bom para manter o ritmo de corrida e a forma, **além de que** estar em a pista sempre gera aprendizado.

Em (2), a partícula “além de que” insere-se em um contexto que trata do torneio Toyota Racing Series, de competições com carros de corrida. O comentário de Pedro Piquet é reproduzido em discurso indireto, de maneira que as partes julgadas como de mais importância para tal contexto informacional são expostas. Dessa forma, os aspectos ressaltados pelo comentarista são elencados: a) *correr em o país de a Oceania em o período em que é proibido testar será bom para manter o ritmo de corrida e a forma* e b) **além de que** *estar na pista sempre gera aprendizado*. Nessas sentenças, nota-se que “além de que” instancia o verbo “estar”, no infinitivo, e conecta dois conteúdos informacionais oracionais, explícitos em a) e b). Isso favorece a hipótese de que essa partícula se apresenta como conector da língua portuguesa, uma vez que liga dois blocos oracionais em sequência e indica o valor semântico de adição entre um e outro. Tal perspectiva vai de encontro ao postulado por Langacker (1987): o entendimento de conector como um marcador específico cuja função é apontar a natureza das relações entre orações.

Ademais, a posição da sentença na qual “além de que” se apresenta recupera a ideia de adendo, preconizada por Neves (2006) e Decat (2001). As autoras sugerem que, quando o conector inicia uma oração que vem após a sentença com a qual se relaciona, geralmente carrega uma informação motivada por último no momento de enunciação, como ocorre em b), pois o aprendizado gerado pela presença na pista aparece em outros contextos além do mencionado; nesse contexto, o interlocutor recupera essa informação por último para lembrar esse benefício. De fato, consiste em uma informação acessória, tal como um adendo.

[*Além de que V^{dsv}*]

As orações instanciadas pela rede [Xde]_{connect} (cf. ROSÁRIO, 2022) instanciam orações cujos verbos aparecem geralmente no infinitivo, flexionado ou não. Essa característica foi explorada nas orações hipotáticas de extensão instanciadas por “além de”, de maneira que não encontramos nos *corpora* ocorrências na contramão desse traço.

No primeiro contato com as construções “além de que” e “além que”, apontamos como destaque a possibilidade de esses conectivos introduzirem verbos flexionados no modo indicativo, por exemplo. Essa aparição nos chamou atenção, uma vez que a LFCU advoga que a mudança e a gradiência linguística são motivadas pelas necessidades comunicativas do falante. Dessa forma, a possibilidade de flexão para além do infinitivo amplia os contextos da adição de extensão, a qual pode ser especificada em pessoa e tempo. O dado (3) contém exemplos desse caso do “além de que”:

(3) O ex-bicheiro deve deixar o presídio Pascoal Ramos em esta terça-feira. No entanto, passará por audiência admonitória em o dia 26 de fevereiro, onde deve ser submetido as medidas cautelares, entre elas o uso de tornozeleira eletrônica. # A decisão contraria parecer de o Ministério Público Estadual, que apontou que a soltura de o ex-bicheiro representa risco a ordem pública, pois ele pode voltar a delinquir. Também colocou que Arcanjo responde a diversos processos criminais, sendo que dois de eles já existem julgamentos marcados, apontando ainda que existem elementos suficientes para condenar- los. # “ Salientou, ainda, que o reeducando é acusado por crimes contra o sistema financeiro, lavagem de dinheiro e crimes contra a vida, **além de que possui** contra si vasto histórico de atuação como chefe de uma organização criminosa temida por a sociedade de este estado ”, diz relatório de a decisão. # Além disso, mencionou que Arcanjo pode fugir, pois detém alto poder aquisitivo. Outro ponto destacado é de que a progressão de regime representa um “ sentimento de impunidade ” a a população, haja vista que os crimes atribuídos a Arcanjo são de grande notoriedade.

A ocorrência (3) está presente no texto cujo assunto é a soltura do ex-bicheiro chamado Arcanjo. O segmento traz à tona as justificativas do parecer do Ministério Público contra a soltura do ex-presidiário. Assim, há uma sequência que soma algumas das razões pelas quais o MP se opõe à soltura do cidadão: a) responder por diversos processos criminais, b) acusado por crimes contra o sistema financeiro, c) lavagem de dinheiro, d) crimes contra vida e e) *possui contra si vasto histórico de atuação como chefe de uma organização criminosa temida por a sociedade de este estado*. Este último vem com o “além de que”, enquanto os outros argumentos contam com outros recursos aditivos, como o “também”, “ainda” e o “e”.

Em e), observa-se que o interlocutor recruta mais de um mecanismo de adição disponível no conjunto de construções de português, sendo que, por último, dispõe-se do nosso objeto para trazer a informação que contém o conteúdo informacional mais extenso. Esse fato recupera o subprincípio de iconicidade de quantidade, que preceitua que a extensão formal do conteúdo determina sua importância. Nesse sentido, o último argumento exposto porta o principal fundamento para não soltura do ex-bicheiro: o fato de ele ter atuado como chefe de uma organização criminosa, o que o faz ser “o cabeça” de diversos tipos de crimes. Por fim, vale destacar que, nesse dado, o “além de que” apresenta-se como uma construção complexa, já que a forma “além de que” não admite que nenhuma subparte seja retirada, ou seja, apresenta-se como um *chunk*, dotado de forma e significado.

Por último, partimos agora para a investigação das orações instanciadas por “além de que”, isto é, sem a ocorrência da preposição “de”. Primeiramente, vamos ao dado em que esta partícula precede verbo no infinitivo:

[*Além de que V^{inf}*]

Em terceiro lugar, tecemos algumas considerações em que “além de que” introduz verbo no infinitivo:

(4) # Os aprendizados foram desde ter que construir um abrigo em o treinamento em a selva até ser mais formal, algo que ela diz ser totalmente diferente de a pessoa que ela é. Tanto que, quando passou em o curso, ela afirma que ficou muito emocionada. “ Foi uma luta muito grande para mim ”, relata. # Karen afirma que, **além que** ter muitos gastos para conseguir realizar seu sonho, ela também passava as madrugadas acordada estudando.

O exemplo (4) carrega a entrevista que informa os desafios de Karen para conseguir a realização de seu sonho: trabalhar com aviação. Logo de início, o interlocutor traz à tona os percalços pelos quais a entrevistada passou para conseguir o trabalho que deseja. Então, o foco da informação centra-se nesses acontecimentos. Em seguida, as afirmações de Karen são expostas: # *Karen afirma que, **além que ter** muitos gastos para conseguir realizar seu sonho, ela também passava as madrugadas acordada estudando. Ela ia dormir as cinco da manhã para acordar depois de duas horas e ir para o curso. Além disso, ela tinha que conciliar isso com o emprego de vendedora.* Nota-se, assim, que é nesse momento que o “além que” é recrutado: em um contexto no qual a soma das dificuldades enfrentadas por ela entra em cena. Outra evidência disso é o período seguinte, o qual é introduzido pelo conectivo aditivo “além disso”. Ou seja, o nosso objeto, como esperado, é selecionado para não somente conectar orações, mas também estabelecer entre elas a noção de acréscimo. Quanto à natureza sintática, o “além que”, em (4), aparece em períodos semelhantes aos que apresentam o “além de”, com uma oração hipotática de extensão (além que ter muitos gastos para conseguir realizar seu sonho) que pressupõe informação subsequente (ela também passava as madrugadas acordada estudando), a qual geralmente contém a informação de maior valor. Portanto, nesse constructo, o “além que” veicula a noção de ultrapassamento.

[*Além que V^{dsv}*]

Nesta parte, tratamos de um padrão inovador: a flexão do verbo com o qual o conector “além que” se relaciona. Vejamos, assim, o dado (5):

(5) Acho que vc quer se aparecer para os curitibanos. Vc é um jornalista e por isso você tem que noticiar e opinar de forma IMPARCIAL, eu estou com um email pronto para mandar para um advogado, pois me sinto ofendido com suas palavras e a desmoralização para com o povo londrinense onde irei assionar o Sr. E a Gazeta do Povo. Não quero dinheiro não quero respeito **além que estarei pedindo que se retrate com o povo londrinense**, seja imparcial em seus comentários e lave sua boca para falar de Londrina.

No dado (5), o “além que” instancia um verbo desenvolvido, de modo que a pessoa e o tempo verbal são identificáveis. O constructo focaliza a revolta de alguns usuários, moradores de Londrina, com a imparcialidade de um jornalista do jornal *Gazeta do Povo*. Com isso, um leitor londrinense tece o seguinte comentário: *Não quero dinheiro não quero respeito além que estarei pedindo que se retrate com o povo londrinense, seja imparcial em seus comentários e lave sua boca para falar de Londrina*. Aqui o “além que V^{dsv}” se difere do “além que Vⁱⁿⁱ”, porque não exibe a interdependência sintática existente nesta última construção (tal como “além de”). Na verdade, similarmente a algumas construções analisadas na seção sobre “além de que”, o observado é que o “além que” introduz conteúdos acessórios na cadeia informacional; novamente, há a noção de adendo. Em (5), primeiro o interlocutor enfatiza que quer respeito e insere o fato de que solicitará retratação. De fato, lê-se esse adendo como acréscimo, porém a extensão visualizada nos dados com “além que” e “além de” não aparece aqui.

Conclusões

O presente capítulo descreveu microconstruções conectoras atuais da língua portuguesa. A ocorrência de “além de que” e “além que” aponta para a necessidade de expressividade da qual dispõem os falantes, os quais se baseiam em esquemas já existentes na língua, como [Xde]_{conect} e o [Xque]_{conect} para construção de itens linguísticos adequados aos seus propósitos sociocomunicativos. Dessa forma, este trabalho mostra-se pertinente para os estudos em língua portuguesa, pois trata de padrões inovadores em processo, ainda, de mudança linguística. Para a dissertação, pretendemos aprofundar nossas investigações, alinhados com a perspectiva da LFCU.

Referências

- ARENA, A. B. Rota de construcionalização do conector daí que: uma abordagem funcional centrada no uso. *SOLETRAS*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 60-77, jul./dez. 2014.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: _____ et al. (org.) *Aspectos da gramática do português*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- DIESEL, H. Grammar as a network. In: DIESEL, H. *The Grammar Network*. Nova York: Cambridge University Press, 2019.
- HALLIDAY M. A. K. *An introduction to functional grammar*. [S. l.]: Hodder Arnold, 2004.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LIMA-HERNANDES, M. C. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas x-que do português*. 2010. Tese (Livre-Docência) – USP, São Paulo, 2010.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

_____; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 45-64, 2020.

_____. *Chunks* aditivos de extensão: uma análise funcional centrada no uso. *Odisseia*, Natal, v. 7, n. esp., p. 87-108, 2022.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

EXPRESSÃO DA CONFORMIDADE COM CONECTIVOS COMPLEXOS

Myllena Paiva Pinto de Oliveira¹

A conformidade: uma introdução

A conformidade é alvo de nosso interesse desde o mestrado. Na ocasião, nos debruçamos apenas sobre a construção conformativa interoracional (oração subordinada adverbial conformativa). Vinculados ao Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO), na pesquisa de doutorado, expandimos a análise para incluir os padrões que faziam conexão intraoracional. Estabelecemos como objetivo geral da pesquisa descrever as constituições formais da conformidade na língua portuguesa, hipotetizando que detectaríamos, no *corpus* de língua escrita, padrões construcionais tanto canônicos quanto não convencionalizados.

Tradicionalmente, a conformidade está fortemente relacionada às denominadas orações subordinadas adverbiais. Nas páginas dedicadas à subordinação oracional podemos encontrar com facilidade informações sobre esse assunto, sobretudo porque está previsto na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que conformativa é um dos tipos de oração subordinada adverbial.

Contudo, a conformidade não aparece apenas na vinculação de orações. Raposo *et al.* (2013), por exemplo, chamam atenção para o fato de a conformidade nem sempre ser estruturada de forma

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na UFF sob orientação do prof. dr. Ivo da Costa do Rosário; mestre em Estudos de Linguagem pelo mesmo programa; revisora de textos acadêmicos e professora da educação básica. E-mail: myllena paivap@gmail.com.

oracional. A construção conformativa, como vemos mais adiante, aparece também nos períodos simples.

Uma revisão bibliográfica em Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2017), além de Kortmann (1997), Mira Mateus *et al.* (2003) e Neves (2018), entre outros, indica que a conformidade ainda não está bem definida, muito em razão das suas fronteiras com outros domínios funcionais como modo, comparação, proporção. Ela tem sido definida como uma oração de comentário, uma oração modal, ou de indicação de fonte de informação. Também a conformidade, de acordo com os compêndios gramaticais e outras obras, pode estar associada à relação entre fatos, ideias, pensamentos etc. Assim, para este trabalho, adotamos a seguinte definição para a construção conformativa: *a construção conformativa relaciona partes vinculadas em uma relação de compatibilidade*. Essas partes que se vinculam podem ser de natureza oracional ou nominal.

O trabalho que ora apresentamos é um recorte da pesquisa desenvolvida ao longo do doutorado. Fazemos a distinção entre padrões construcionais com conectivos complexos e atômicos. Por exemplo, *segundo*, *conforme* e *como* são conectivos atômicos porque não apresentam subpartes; *de acordo com* e *com base em* são dois dos quatro tipos de conectivos complexos analisados. Aqui, focalizamos as constituições formais que são compostas de conectivos complexos.

Trata-se de conectivos mais marginais² (ainda não totalmente convencionalizados) que, além de abrigarem um escopo (nominal ou oracional), contêm mais de um elemento na sua composição. Juntos, os quatro conectivos são responsáveis por 82 ocorrências na revista *Superinteressante* (24 edições, publicadas nos anos 2020 e 2021), o que corresponde a 21% dos 389 dados coletados. Todos os

² A exceção é [De acordo com], que se encontra arrolado em gramáticas como locução prepositiva (cf. CUNHA; CINTRA, 2013, p. 570). Não à toa, ele é o mais frequente do grupo dos conectivos complexos e a terceira com maior frequência no *corpus*.

conectivos complexos são formados por preposição + nome + preposição: *de acordo com, com base em, em SN de, de SN de*. Os dois primeiros são menos esquemáticos que os dois últimos, como veremos mais adiante na seção de análise e discussão. A ideia de que, nesses casos mencionados, estamos diante de conectivos complexos em emergência está pautada em Rosário (2022), que propõe o esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa. O autor postula a existência de dois subesquemas, dos quais um serve de base para nossa proposta, qual seja: [Prep [det] N de]_{connect}. Argumentamos, portanto, que temos padrões construcionais formados por conectivos complexos de base preposicional.

Neste capítulo, além desta breve introdução, apresentamos a fundamentação teórica e metodológica da pesquisa; em seguida, discutimos alguns dados retirados do *corpus*; e, finalmente, demonstramos parte dos resultados a que chegamos.

Fundamentação teórica e metodologia

Esta pesquisa se filia teórico-metodologicamente à Linguística Funcional. A gramática de uma língua, na perspectiva funcional, não é fixa nem independente. Contextos sociais e culturais, em que o sistema linguístico opera, influenciam a emergência de padrões morfossintáticos. Desse modo, para se amoldar às reais situações comunicativas de cada contexto, a gramática é maleável, está em constante mudança (CUNHA, 2009).

Com o advento e o fortalecimento da Gramática de Construções (GC) (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001), muitos funcionalistas passaram a entender a língua como uma rede de construções. Traugott e Trousdale (2013), autores de uma das obras mais importantes da bibliografia adotada nessa nova tendência, chamada de Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU),³

³ Essa tendência funcionalista tem sido associada a *Usage-based Approach* ou *Usage-based Theory of Grammar*. No Brasil, é chamada de Linguística (Funcional) Centrada no Uso, ou LFCU (CUNHA; SILVA; BISPO, 2016).

definem *construção* como uma “unidade simbólica convencionalizada”.

A LFCU, então, é uma vertente funcionalista na qual são incorporados princípios da Linguística Cognitiva, especialmente a GC. A língua é compreendida também de forma mais virtual e abstrata, e as suas várias construções compõem o *construct-i-con*, uma rede complexa e interconectada (WIEDEMER; OLIVEIRA, 2019).

Traugott e Trousdale (2013), ao tratarem do conceito de construção, apresentam a seguinte representação: $[[F] \leftrightarrow [S]]$, em que F representa a forma, e S, o significado. Na categoria forma, os autores inserem sintaxe, morfologia e fonologia; na categoria significado, inserem semântica, pragmática e discurso. Os autores definem três dimensões de uma construção (tamanho, especificidade fonológica e conceptualização) e mostram que há três importantes fatores para a análise da arquitetura da construção: esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

A análise da língua, à luz da LFCU, deve se dar em textos que mostrem o uso natural das construções pelos usuários. Isso se dá porque não apenas pressões linguísticas, mas também as interacionais e cognitivas resultam na formação da gramática (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Em relação às pressões cognitivas, Bybee (2016) define alguns processos de domínio geral (isto é, não específicos da linguagem), que orientam a configuração da gramática, tais como categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

Essa maneira de compreender as línguas e os fatores que a influenciam exige a seleção de textos produzidos em contextos comunicativos efetivos. Assim, somos impelidos a selecionar um *corpus* no qual podemos observar a língua em uso, e não apenas contar com a intuição do pesquisador, como fazem algumas linhas teóricas, como a Linguística Gerativa. Associada à importância do uso no desenvolvimento da gramática de uma língua, a *frequência* desempenha um papel central nos estudos funcionalistas contemporâneos. Bybee (2003) diferencia, então, dois tipos de frequência: a *type* e a *token*. A primeira está ligada à produtividade

da construção, ou seja, ao número de elementos que podem preencher seus *slots*.

Constituem o *corpus* desta pesquisa, portanto, os textos da revista *Superinteressante*, da editora Abril. É lançada uma edição nova da revista nas bancas e em formato digital todos os meses. Foram lidas, para a pesquisa, todas as matérias de 24 edições, de janeiro de 2020 a dezembro de 2021 (da edição 411 à edição 434). Chegamos a 389 dados, mas, considerando o recorte feito para este capítulo, aqui interessam-nos apenas 82 dados, que apresentam em sua constituição conectivos complexos, como já explicamos.

Utilizamos o método misto, por considerá-lo eficaz, uma vez que permite analisar até uma grande quantidade de dados de forma coerente, observando a estrutura e a formação de padrões. Essa abordagem mista propicia ao pesquisador postular generalizações, em virtude da quantidade, da descrição e da interpretação da amostra analisada (LACERDA, 2016). Assim, em alguns pontos da discussão, podemos lançar mão da frequência para ajudar a construir nossa argumentação.

Na próxima seção, analisamos alguns dados para mostrar como esses quatro conectivos complexos integram microconstruções conformativas conectoras. Entre outros aspectos, observamos a característica distributiva do conectivo e a sua posição.

Alguns dados para uma breve discussão

Os conectivos analisados neste capítulo podem ser considerados mais marginais (ainda não totalmente convencionalizados). Eles compõem microconstruções que, além de terem um *slot* X, aberto para abrigar o escopo do conectivo, contêm mais de um elemento ou outros *slots* na sua composição. Juntos, somam 82 *tokens*. Na tabela 1, distribuímos os conectivos por ordem de frequência.

Tabela 1 – Distribuição de frequência dos conectivos complexos no corpus

| Conectivos | Frequência <i>token</i> | Porcentagem |
|-----------------|-------------------------|-------------|
| [De acordo com] | 44 | 54% |
| [Em SN de] | 18 | 22% |
| [Com base em] | 11 | 13% |
| [De SN de] | 9 | 11% |
| Total | 82 | 100% |

Fonte: elaboração própria.

O mais frequente entre os conectivos complexos é [De acordo com]. Do total de dados (82), 54% são desse tipo. Tradicionalmente, *de acordo com* é considerado uma locução prepositiva, que constitui um “grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição” (BECHARA, 1999, p. 301). Carioca (2016), em estudo com base no Funcionalismo Clássico, mostra que por motivação metafórica (“entendimento é acordo”), *de acordo com* passa a ser utilizado como construção de sentido evidencial, para indicação de fonte de informação sem comprometimento do interlocutor. Vejamos um dado, a seguir, para iniciar a discussão.

(1) A pesquisa com musgos antárticos também vem ganhando destaque. Essas plantas, [**de acordo com os cientistas**], podem esconder substâncias com potencial para tratar câncer e doenças causadas por micróbios, por exemplo. Outro foco atual é entender o quão viável é usar musgos para a produção da L-Asparaginase, molécula usada no tratamento de um tipo de leucemia. [413/mar. 2020, Brasil abaixo de zero, Capa]

A afirmação “plantas podem esconder substâncias com potencial para tratar câncer e doenças causadas por micróbios”, escopo do constructo, nesse contexto, não é passível de discordância em razão da fonte (“cientistas”), que tem reconhecido prestígio. Podemos, portanto, concordar com Carioca (2016) quando afirma que *de acordo com* passou por um processo de

mudança em que houve perda de significado composicional. Não se pode mais recuperar o sentido básico e pleno do vocábulo *acordo*, que compõe o conectivo. Aqui, observamos que *de acordo com* contribui para a indicação de fonte de informação, recrutando o ato de fala de *cientistas*. Em todos os dados, o *slot* aberto é preenchido por SN, portanto o conectivo não estabelece conexão interoracional, apenas intraoracional, como em (1).

A característica do elemento nominal que preenche o *slot* aberto influencia diretamente a função que assume o constructo. Assim, o dado (2) ajuda a mostrar que nem todos os dados em que aparece *de acordo com* desempenha a função de indicação de fonte de informação, como está em (1).

(2) Os peixes fracamente elétricos não produzem energia o suficiente para matar suas presas – apenas localizá-las. Mas esses volts também servem para bater papo. Cada espécie produz pulsos elétricos em frequência e amplitude específicos, que variam [de acordo com o sexo e idade do peixe.] Aí já viu: eles usam isso para dar match. [434/dez. 2021, Papo animal: as estratégias brilhantes que os bichos usam para conversar, Capa]

O dado (2) não desempenha a mesma função descrita para o dado (1). O constructo está intrinsecamente associado ao verbo *variar*, de modo que o modifica semanticamente (e sintaticamente) indicando um parâmetro/critério da variação. A conformidade aqui se dá entre dois elementos do mundo biofísico-social (*variar/sexo e idade do peixe*), e não entre atos de fala, como vimos no primeiro *token*. Assim, corresponde a um uso menos intersubjetivo (TRAUGOTT, 2010) do que o outro. Nesse caso, a conexão intraoracional é forte, selecionada pelo próprio verbo *variar*. A posição preferencial desse tipo de uso (parâmetro/critério) é a posição ao elemento a que se liga.

No *corpus*, detectamos constructos que nos levam, em movimento *bottom-up*, à esquematização [Em SN de]. Trata-se de um caso ainda não convencionalizado que serve para veicular a

noção conformativa. Com 18 dados, esse conectivo complexo representa 22% dos *tokens* com conectivos complexos. Vejamos um dado a seguir.

(3) Sem falhas, fica difícil saber qual caminho seguir. [**Nas palavras do Nobel Enrico Fermi:**] “Um experimento que confirma uma predição é só uma medição. Um experimento que contradiz uma predição é uma descoberta.” A notícia boa é que, recentemente, surgiram dois fortes candidatos a grandes descobertas – no sentido Fermi do termo. [426/abr. 2021, A melhor teoria da física pode ter falhado, e isso é ótimo, Essencial]

O dado (3) foi retirado de um texto acerca da necessidade de haver lacunas em uma teoria para alcançar progressos. O autor do texto faz uma proposição e, em seguida, apresenta uma asserção de Enrico Fermi, ganhador do prêmio Nobel, que é autoridade no assunto. Nesse dado, o *dizente* é Enrico Fermi, um elemento nominal [+animado]. O núcleo do SN do constructo é *palavras*, que apareceu em 8 dos 18 dados do *corpus*. Guardando certo grau de iconicidade, em (3), e não só neste, destacamos que o discurso do Enrico é recrutado tal como foi dito, em citação direta, entre aspas.

Nesse dado, há claras semelhanças com conectivos mais canônicos que contribuem para a defesa de que também é uma forma de veicular conformidade evidencial no português. Percebemos que, por meio do constructo, é possível recrutar um ato de fala de terceiro, no caso, Enrico Fermi, a fim de imprimir confiabilidade à informação.

Argumentamos que os SNs que podem ser recrutados para os constructos desse padrão (por exemplo, *palavras, opinião, perspectiva, visão, definição*, presentes nos dados do *corpus*) guardam semelhança com os pós-modificadores que fazem projeção em orações de projeção encaixadas (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Esses termos, que também ajudam a recrutar a fala de um terceiro, semanticamente são próximos dos verbos de elocução que

são tão produtivos nos padrões conformativos evidenciais interacionais (OLIVEIRA, 2018; SANTOS, 2018).

Em relação ao padrão [Com base em], tomado aqui como conectivo complexo, detectamos 11 dados, que representam 13% dos dados com conectivos dessa natureza. O substantivo *base* tem, entre outras, as seguintes definições: “o que serve de apoio ou sustentação para algo”; “ideia ou fato inicial de que se parte para formar um raciocínio; premissa”.⁴ Anteriormente ao termo *base*, está a preposição *com*, e posteriormente, a preposição *em*, como vemos em (4).

(4) Mas afinal: o lo-fi pode funcionar para qualquer pessoa? Depende. “Para algumas, sim; para outras, não”, diz Mariana Verzaro, professora de psicologia da USP. “Em sessões de musicoterapia, por exemplo, fazemos um perfil de cada paciente [com base nos seus gostos e experiências]. A música pode ajudar em diversos tratamentos, mas não há uma receita única para todos. Para mim deu certo”. [430/ago. 2021, Foco, força e lo-fi, Capa]

O trecho integra uma matéria sobre lo-fi, um estilo de música que pode contribuir para o foco e a concentração dos estudantes. A matéria conta com o depoimento de uma professora de psicologia, chamada Mariana Verzaro, que utiliza a música para esse fim e a considera como estratégia a ser indicada aos seus pacientes. Em uma de suas falas, Mariana explica a forma como é feita a avaliação do paciente e afirma que monta o perfil de cada um considerando gostos e experiências das pessoas. Para expor com que parâmetro define tal perfil, a professora utiliza o constructo “com base em gostos e experiências”. Podemos dizer, portanto, que o perfil dos pacientes é feito em compatibilidade com dois critérios: gosto e experiência. Dizemos que, nesse tipo de dado, a compatibilidade se dá entre elementos do mundo biofísico-social, e não entre atos de fala. A conformidade aí, então, além de ser menos intersubjetiva,

⁴ Acesso Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/base>>. Disponível Acesso em: 03 fev. 2023.

mais circunstancial, está em uma relação mais forte de conexão, modificando localmente (sintático-semanticamente) o segmento a que se liga.

Esse padrão construcional, apesar de ser menos intersubjetivo que os demais padrões que veiculam conformidade evidencial, também pode contribuir, a depender do contexto, para a identificação de fonte de informação. Com o dado a seguir, mostramos que esse padrão pode ser constituído de forma diferente do dado (4). Ele se delinea um pouco mais claramente como evidencial, servindo de fonte, mas não para o autor do texto, e sim para o citado astrônomo Thomas Schwabe.

(5) Vira e mexe, o Sol fica cheio de bolinhas. São as manchas solares, pontinhos escuros na superfície, cada um com um diâmetro comparável ao da Terra. [Com base em séculos de registros sobre o vaivém das manchas,] o astrônomo alemão Thomas Schwabe notou no século 19 que o aparecimento delas não era aleatório. Havia um padrão ali. Schwabe descobriu que o fenômeno era cíclico, e se repetia em média a cada 11 anos. [417/jul. 2020, A era de ouro das pesquisas sobre o Sol, Capa]

Nesse dado, mostra-se que o astrônomo, após analisar registros de séculos sobre as manchas que aparecem nos Sol, concluiu que a ciclicidade do fenômeno se repetia a cada 11 anos. Para indicar a fonte da informação veiculada pelo astrônomo, o autor da matéria diz que ele o fez “com base em séculos de registro sobre o vaivém das manchas”. Nesse caso, *registro* é um elemento nominal [±animado], que metonimicamente representa as pessoas/estudiosos que observaram o sol e suas manchas e fizeram anotações (registros) sobre seu vaivém. É interessante observar que esse dado está em um contexto mais narrativo que o anterior. O contexto ou a sequência tipológica pode contribuir para a seleção de padrões construcionais específicos.

O último padrão construcional a ser analisado é [De SN de]. Com 9 dados no *corpus*, esse conectivo representa 11% dos *tokens* dos

conectivos complexos (82). Constitui-se de preposição *de*, seguida de um SN, depois novamente a preposição *de*. O SN que a completa, no *corpus* adotado, aparece preenchido por “ponto de vista” e “perspectiva”, dois SNs que carregam uma semântica de percepção/cognição, noção esta que também está nos verbos dos padrões mais canônicos que promovem conexão interoracional, como o verbo *ver*. Podemos notar essas características no dado a seguir.

(6) Sim. Todo arquivo, [da perspectiva do seu computador], é uma longa sequência de código binário, formada apenas por zeros (“0”) e uns (“1”). O que a compactação faz, grosso modo, é vasculhar o arquivo atrás de trechos repetitivos e substituir essas repetições por algo mais curto. [420/out. 2020, Existe um limite para a compactação dos arquivos de um computador?, Oráculo]

O dado (6) é retirado da pergunta sobre o limite para a compactação dos arquivos de um computador. Após responder positivamente à pergunta, o autor insere uma proposição em que substantivo [-animado] *computador* assume uma característica de elemento humano, passando a ter condições de fazer alguma “consideração” sobre o conceito de um arquivo. Então, nesse constructo, angula-se a noção de *arquivo*, indicando-se qual é sua definição segundo um computador, a saber: “uma longa sequência de código binário”. Todos os dados desse padrão têm como escopo um elemento nominal ou um adjetivo modificando o ponto de vista/perspectiva.

Nenhum padrão construcional conformativo com conectivo complexo admite escopo oracional. Isso revela que as bases prepositivas desses padrões ainda revelam certa persistência (HOPPER, 1991). As preposições que introduzem esses padrões construcionais (*de*, *em*, *com*), se tomadas em suas acepções mais originais, não introduzem oração desenvolvida autonomamente na língua.

Considerações finais

Pretendemos mostrar brevemente, neste capítulo, que há constituições formais menos canônicas que veiculam conformidade, para além dos conectivos convencionalizados e descritos nas gramáticas e dicionários. Vimos que, em geral, tanto os canônicos como os inovadores podem desempenhar duas subfunções básicas na codificação da conformidade, a saber: conformidade evidencial e conformidade circunstancial. Essas duas categorias temos discutido na tese de doutorado, mostrando que uma promove uma relação conectiva mais frouxa, com alto grau de intersubjetividade (evidencial), ao passo que a outra (circunstancial), uma relação mais forte, com baixo grau de intersubjetividade.

Podemos afirmar que a conformidade, em língua portuguesa, é um domínio produtivo, porque podemos atestar a expansão da sua rede. Os padrões construcionais conformativos com conectivos complexos demonstram que os usuários da língua requerem, para sua comunicação, constituições formais novas, mais expressivas. Por isso, estão em emergência esses novos padrões que se ficam na língua em contextos conformativos, acompanhando *que nem*, estudo por Vieira e Sousa (2019), e pelo *que*, objeto de Santos (2018).

Esse trabalho não pretende esgotar o assunto. Ainda há muito o que observar em relação a esses conectivos conformativos complexos, como a influência da sequência tipológica em que se inserem na função desempenhada. Contudo, esperamos ter contribuído para a descrição de conectivos conformativos em emergência no português brasileiro.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). *The handbook of historical linguistics*. [S. l.]: Blackwell Publishing, 2003.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CARIOCA, C. R. A motivação metafórica do marcador evidencial *de acordo com*. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 70, p. 101-109, jan./jun. 2016.

CROFT, W. *Radical construction grammar*. Nova York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Nova York: Oxford University Press, 2004.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997. (EALT, 18).

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. esp., p. 83-101, dez. 2016.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OLIVEIRA, M. P. P. *Funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais: uma análise centrada no uso*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – UFF, Niterói, 2018.

- OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. *Odisseia*, Natal, v. 4, n. esp., p. 22-40, jul./dez. 2019.
- RAPOSO, E. B. P. *et al.* *Gramática do português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. 2 v.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1972].
- ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 362-378, maio/ago. 2022.
- SANTOS, C. L. C. *A construcionalização de segundo, conforme e pelo que*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.
- TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim; Nova York: Walter de Gruyter, 2010. (Topics in English Linguistics, 66).
- _____; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A arquitetura construcional do *que nem* na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. *SOLETRAS*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 246-271, jan./jun. 2019.

A CONSTRUÇÃO OCORRE QUE COMO CONECTOR
CONTRASTIVO INTERFRASAL NO PORTUGUÊS
CONTEMPORÂNEO: CARACTERÍSTICAS DO ENTORNO
DISCURSIVO

Priscilla Hoelz Pacheco¹

Introdução

À luz da Linguística Centrada no Uso (LCU) e considerando a importância do estudo da língua em situações comunicativas reais, este trabalho se situa no escopo de pesquisa mais ampla que investiga a função conectiva contrastiva de construções [X-que], em que X é um *slot* ocupado por um verbo de acontecimento. Entre os verbos de acontecimento em estudo, neste artigo conferimos destaque a *ocorrer que* – juntamente com a partícula *que* – forma o *chunking* [ocorre que], funcionando não só como um conector textual contrastivo, mas também como estrutura focalizadora da informação a ser introduzida.

Na tentativa constante de atingir seus propósitos comunicativos, os usuários da língua fazem uso de todo o aparato linguístico a seu dispor, acarretando novos usos de dadas construções em contextos até então não previstos. Em um processo dinâmico, porém lento e gradual, a língua é constantemente reestruturada a partir das experiências de cada indivíduo e sua conceptualização de mundo.

Em se tratando especificamente da conexão de orações, Neves (2006) indica que muitos dos elementos envolvidos são resultado de processo de mudança linguística, que ocorre justamente porque

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na UFF sob orientação da profa. dra. Nilza Barrozo Dias. E-mail: priscillapacheco@id.uff.br. Orcid: 0000-0002-1367-4114.

queremos expressar conteúdos cognitivos para os quais não há, ainda, designações linguísticas apropriadas. Dessa maneira, entendemos que *ocorre que* passa a funcionar como um conector de segmentos desiguais entre si a fim de expressar efeitos pragmáticos para os quais o uso de outros conectores não é suficiente.

Assim, neste trabalho, objetiva-se analisar o entorno discursivo de trechos iniciados por *ocorre que*, buscando compreender as nuances sintático-semânticas que auxiliam na construção do efeito de sentido contrastivo e que também podem indicar o diferencial pragmático desse novo uso na língua. Nossos resultados parciais apontam para a forte presença de adjuntos temporais, provavelmente relacionados ao sentido original do verbo *ocorrer* e, ainda, de elementos marcadores de contraste, negação e contrafactualidade, indicando as pressões contextuais que atuam na convencionalização de *ocorre que* como um focalizador de segmentos desiguais. Também consideramos como fator determinante para essa convencionalização o efeito de quebra de expectativa instaurado pela conexão interfrasal.

A mudança linguística e o processamento cognitivo

Mudanças linguísticas podem resultar da ação de certos processos cognitivos de domínio geral, isto é, processos que não se aplicam apenas à linguagem, mas também a outras áreas afetadas por aspectos cognitivos.

Essas mudanças acontecem em função da intenção comunicativa do falante, que escolhe formas linguísticas variadas para se referir a um mesmo evento conceptualizado (DIESSEL, 2019). Na interação, todos os usuários da língua possuem a habilidade de estender o uso de padrões linguísticos, seja ao criar formas inéditas para se dizer as mesmas coisas, seja ao fazer uso de formas antigas para se dizer coisas novas. Essas decisões tomadas no momento da enunciação, quando frequentes, tendem a ser automatizadas, afetando a longo prazo o desenvolvimento de uma dada língua (DIESSEL, 2019, p. 25).

Em relação aos processos cognitivos que atuam de forma contínua no campo linguístico, Bybee (2016) aponta que memória enriquecida, *chunking* (encadeamento), categorização, analogia e associação transmodal são processos que afetam o uso da língua pelo indivíduo. Entre eles, *chunking* (encadeamento), categorização e analogia são os processos que mais contribuem para o presente estudo.

“Identificado como um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização geral da memória” (BYBEE, 2016, p. 64), o *chunking* é o processo responsável pela formação de sequências linguísticas. Ele é ativado pela repetição, isto é, pela alta frequência, fazendo com que uma dada sequência de palavras seja tomada cognitivamente como uma só unidade, um só *chunk*, sendo assim acessado mais facilmente na mente do falante. A criação de novas construções é beneficiada pelo *chunking*, uma vez que a repetição de *chunks* pode acionar implicaturas conversacionais e significados especiais. A alta frequência de determinados *chunks* favorece sua autonomia, permitindo que ocorram alterações formais, semânticas e pragmáticas.

A categorização, por sua vez, se relaciona à associação de novas palavras ou sintagmas a representações já estocadas em nossa mente. Desse modo, a partir de nossa experiência com o mundo, nossa memória é organizada em categorias, por meio das quais reconhecemos e associamos novos itens linguísticos.

Assim, pelo processo de categorização, nossa memória enriquecida é organizada em representações por exemplares e, assim, novas construções passam a ser dispostas nessas categorias existentes. Nesse sentido, uma dada construção é inserida em uma categoria quando possui características que se assemelham ao seu membro central, que, em geral, é o mais forte e frequente (BYBEE, 2016 [2010]). As representações mais frequentes são as mais facilmente acessadas e, portanto, são utilizadas mais facilmente como base para categorização de exemplares recentes. No entanto, há casos, ainda que em menor número, nos quais construções são categorizadas “por similaridade a um membro de menor

frequência se houver maior similaridade a esse membro menos frequente” (FRISCH *et al.*, 2001 *apud* BYBEE, 2016, p. 133).

Para além disso, em se tratando de categoria, é importante mencionar que membros tidos como periféricos podem ser tão ou mais instigantes que membros centrais, tendo em vista que podem apresentar usos pragmáticos diferenciados e ter seus usos vinculados a contextos específicos.

No que se refere à inserção de novos membros na categoria dos conectores contrastivos, Longhin e Ferrari (2020) afirmam que:

Nas línguas, a classe dos juntores contrastivos é propensa à renovação no tempo, diferentemente de outras classes, como, por exemplo, a dos aditivos e disjuntivos, que mostram estabilidade muito maior. Essa dinâmica diferenciada, já reconhecida e descrita desde Meillet (1912) e, mais recentemente, por Ramat e Mauri (2011), se explica sobretudo pelo alto grau de subjetividade que é peculiar ao significado de contraste, além de encontrar fundamento na heterogeneidade da classe dos juntores e nos diferentes mecanismos de ligação de que participam (BLÜHDORN, 2008) (LONGHIN; FERRARI, 2020).

Desse modo, considerando “a subjetividade que é peculiar ao significado do contraste”, a referida categoria segue em transformação, com a inclusão de membros que podem ocupar posições mais ao centro ou mais à margem, a depender do contexto enunciativo.

Nesse sentido, percebemos *ocorre que* como um *chunking* que pode ser categorizado como um conector contrastivo. Essa categorização decorre de similaridade de usos da construção em contextos em que seu valor semântico se assemelha a outros articuladores de relações de desigualdade, como a conjunção *mas*, mais central na categoria, ou o conector *acontece que* (CORRÊA, 2019; PACHECO, 2020), mais à margem.²

² Na tese em andamento, será apresentado quadro comparativo entre conectores contrastivos mais e menos prototípicos, indicando as diferenças e similaridades

A perspectiva de conexão interfrasal

A perspectiva de estudo da articulação de segmentos é possivelmente reflexo da interpretação proposta por Matthiessen e Thompson (1988) de que a conexão de orações seja resultado de gramaticalização das estruturas retóricas do discurso. Desse modo, as combinações entre segmentos nada mais são que uma representação das associações intraoracionais. Assim, conjunções que tipicamente articulam orações coordenadas, como *e*, *mas* e *ou*, também se apresentam frequentemente em início de frases, extrapolando a organização puramente sintática (NEVES, 2006).

Dessa maneira, ressalta-se que, embora o valor básico das conjunções coordenativas, em perspectiva intra ou interfrasal, seja a adição de um segmento de igual estatuto ao anterior – exatamente como propõe Halliday quanto ao eixo paratático em combinação à noção lógico-semântica de expansão por extensão – é preciso considerar que a realização de uma conexão entre enunciados está carregada de intenções, acarretando diferenças pragmáticas em comparação a uma conexão oracional.

O início de um novo segmento quebra a expectativa em relação à existência de uma sequência sintático-semântica quanto ao trecho anterior. Essa imprevisibilidade indica um encerramento que não se realiza de fato. A pausa que se estabelece entre o momento final da entoação do primeiro segmento e o início de fato da nova frase acrescida por meio de coordenação, na perspectiva de Neves (1984), apresenta um efeito dramático, carregando consigo toda a noção de quebra de expectativa que a inserção da nova informação representa. Essa quebra de expectativa proveniente da coordenação interfrásica é também o valor básico das relações contrastivas da língua.

Como será possível verificar na análise de dados, a maior parte das ocorrências de $[V_{\text{acontecimento}}\text{QUE}]_{\text{conect}}$ são em perspectiva

entre as microconstruções que se formam a partir do subesquema $[V_{\text{acontecimento}}\text{QUE}]_{\text{conect}}$.

interfrasal. Esse aspecto referente à forma dos segmentos tem estreita relação com a noção contrastiva verificada em trechos conectados por *ocorre que*, bem como com sua função focalizadora que, ao promover destaque à informação introduzida, não apenas quebra a expectativa de não haver sequência, mas também coloca ambos os segmentos articulados como desiguais entre si.

Metodologia

Nosso *corpus* é composto por pronunciamentos de senadores. Utilizados para defender (ou atacar) um projeto de lei, emitir pontos de vista, declarar seus feitos acerca de um dado tópico, entre outras funções, os pronunciamentos possuem um caráter heterogêneo. Apesar de, em certos casos, apresentarem roteiro definido, possivelmente com trechos previamente escritos e monitorados, o contexto dos pronunciamentos é marcado predominantemente pela oralidade.

Entre as opções de busca dentro do acervo de pronunciamentos, disponibilizado no site institucional do Senado Federal,³ optamos pela busca genérica, em que inserimos a palavra-chave *ocorre que*, entre aspas, para que sejam retornados dados apenas nessa forma específica. A partir dessa busca, nosso corpus é constituído por 66 ocorrências.

Com caráter prioritariamente qualitativo e abordagem sincrônica, a análise a seguir tem enfoque nas características do entorno discursivo. Verificamos como elementos marcadores de contraste, negação e contrafactualidade podem contribuir, por pressão contextual, para estabelecer sentido contrastivo no trecho, além de examinar a presença de adjuntos temporais delimitadores, marcando tempo presente ou passado, e suas possíveis implicações. Consideramos como entorno discursivo não apenas a

³ Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos>
<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos>. Acesso em: 22 nov. 2022.

sentença iniciada por *ocorre que*, mas também o segmento imediatamente anterior e o imediatamente posterior à sentença por ele iniciada.

Análise de dados

Na análise dos dados, o primeiro ponto a ser destacado é a posição de *ocorre que* na conexão de segmentos. A partir da proposta de táxis de Halliday (2004), adaptada para uma perspectiva interfrasal, *ocorre que* estabelece relação paratática com a sentença imediatamente anterior. Isso ocorre porque ambas as sentenças possuem igual estatuto e uma dá continuidade à outra, exatamente na ordem em que aparecem no discurso. Em enunciados em que funciona como conector, *ocorre que* ocupa a posição inicial da sentença, aparecendo logo após ponto indicador de final de frase.

Tal aspecto formal colabora para a construção de efeito de sentido de focalização da informação subsequente, tendo em vista que, a partir desse uso, acontece o que Neves (2006) chama de “pausa dramática”. Com essa estratégia, o usuário da língua redireciona a atenção do falante para a informação a ser introduzida, fazendo uso de um efeito de quebra expectativa a partir da surpresa de existir uma sequência argumentativa para um segmento até então finalizado por ponto final. Vejamos:

(1) Temos a Lei 9.605, de 1998, a Lei de Crimes Ambientais, que, em sua redação atual, já prevê detenção de três meses a um ano para quem comete maus-tratos a animais e, definitivamente, funciona, pois são diversos relatos de apreensões de pessoas que causam maus-tratos a animais. *Ocorre que* esta Casa aprovou, em dezembro passado, o PLS 470, de 2018, que eleva essa pena de detenção de três meses a um ano para a pena de um a quatro anos de reclusão e multa, que pode ser de um a mil salários mínimos (Senador Telmário Motta, em 12/08/2019).

No exemplo anterior, o senador Telmário Motta trata da existência da Lei de Crimes Ambientais que, em sua opinião, é eficaz para punir maus tratos a animais. Ele usa a assertiva para estabelecer isso como um fato. Desse modo, o início de uma nova frase, dando sequência a essa informação, por si só, já é algo inesperado. Essa *surpresa*, por conseguinte, gera o efeito de destaque à informação nova que será introduzida, colocando-a em desigualdade com o segmento anterior.

Em nosso banco de dados, das 66 ocorrências, em apenas uma *ocorre que* aparece no meio do período. Vejamos esse único dado:

(2) Quando se fala numa reforma tributária, portanto, há de se falar conjuntamente na reforma do sistema federativo. A reforma tributária terá obviamente a missão de arrecadar bem, mas distribuir melhor ainda, porque *ocorre que*, nos últimos anos, arrecadamos bem, mas distribuímos mal. Aplicamos mal os recursos e a má aplicação começa exatamente na injustiça distributiva. (Senador Álvaro Dias, Podemos-PR, em 29/04/2019).

No trecho do pronunciamento do senador Álvaro Dias, *ocorre que* aparece logo após o conectivo explicativo *porque*, em um contexto de justificativa, para sustentar a argumentação. Embora não seja o escopo deste trabalho, é importante ressaltar que, na maioria dos dados do *corpus*, os segmentos iniciados por *ocorre que* inserem uma justificativa em relação ao que está sendo defendido, não necessariamente sendo precedido por um conector prototípico explicativo, o que indica um relevante aspecto pragmático da presença da construção.

Um outro ponto a ser destacado acerca da forma dos dados em que *ocorre que* se manifesta é a presença de elementos contrastivos, negativos ou contrafactuais no entorno discursivo. Por exemplo, em Pacheco (2020), verificamos que é bastante comum a presença da conjunção *mas* na posição imediatamente anterior à construção *acontece que*. Por meio dessa verificação, levantamos a hipótese de que *acontece que* teria absorvido propriedades de *mas* pela

frequência significativa em que a conjunção aparece antecedendo a construção, isto é, por *absorção de significado a partir do contexto* (BYBEE, 2016 [2010]) ou contágio por coocorrência.

É interessante destacar que, em nosso trabalho atual, este não parece ser o mesmo caso de *ocorre que*. Em 66 dados, a sequência *mas ocorre que* aparece apenas duas vezes. Considerando o entorno discursivo, há elementos contrastivos, incluindo a conjunção *mas*, em apenas cinco dos 66 dados. Segue um dos exemplos:

(3) Ou seja, quem estivesse no último padrão passaria a receber a diferença entre o seu padrão e o imediatamente anterior. *Mas ocorre que*, em 97, durante a era tuçana, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, veio a Lei 9.527, que revogou exatamente o artigo que previa esse benefício aos servidores. Portanto, quem se aposentou, de 97 para cá, não teve direito a esse valor a mais. (Senadora Fátima Bezerra, PT-RN, em 19/06/2018).

Ainda considerando a influência do entorno discursivo na composição do efeito de sentido de contraste, ressalta-se que também são cinco os dados que apresentam nas sentenças iniciadas por *ocorre que*, ou naquelas imediatamente anteriores ou posteriores, elementos que indicam contrafactualidade. Como podemos verificar no dado abaixo, a contrafactualidade indica um cenário que poderia ter acontecido, mas não se concretizou. O uso do tempo futuro do pretérito ou de elementos lexicais, como *expectativa*, contribuem na construção do sentido contrafactual. Vejamos:

(4) De acordo com a pesquisa, no mesmo período, a violência cometida de outras formas e em ambientes distintos aumentou ligeiramente. Poder-se-ia alegar que, antes do surgimento da lei, a curva dos crimes perpetrados contra mulheres era ascendente e implacável, e que, após o seu aparecimento, ela se estabeleceu, sugerindo um impacto positivo e significativo sobre os valores da nossa sociedade. *Ocorre que* as expectativas geradas pelo referido texto legal eram muito elevadas, dado o elevado histórico de

violência contra a mulher. (Senador Pedro Chaves, Republicanos, 30/10/2018)

Ao verificar o contexto em relação a elementos de negação, o cenário é diferente. É possível verificar elementos de negação no entorno discursivo em 33 dados, isto é, metade do corpus analisado. Vejamos o trecho a seguir:

(5) Não há incoerência quando se coloca tratar-se de uma reforma de sacrifício e deposita o voto favorável a ela, anuncia um voto favorável. Não há contradição. *Ocorre que* não há outra alternativa, porque, à frente, corremos o risco de ver o Governo afirmar que não existem recursos para o pagamento das aposentadorias. (Senador Álvaro Dias, Podemos, em 05/08/2019).

A forte presença da negação no entorno discursivo ajuda a explicar as peculiaridades semântico-pragmáticas dos efeitos de sentido constatados em enunciados articulados por *ocorre que*. Ainda que não seja o objetivo deste artigo, cabe ressaltar que o tipo de contraste verificado nos dados é predominantemente parcial, isto é, tomando o segmento anterior como verdadeiro, mas negando ou restringindo um detalhe do que é apresentado. Seja por pressão do entorno, seja por um contágio por coocorrência, *ocorre que* não é majoritariamente utilizado para articular segmentos que apresentem contraste simples, isto é, por polaridades ou antonímia, mas sim para adicionar informação nova que altera, negando ou negando e substituindo, um único aspecto do fato já apresentado no segmento anterior.

Tabela 1 – Características do entorno discursivo de *ocorre que*

| | |
|---|----|
| Dados que apresentam, no entorno discursivo, elementos de negação | 33 |
| Dados que apresentam, no entorno discursivo, elementos de contraste | 5 |
| Dados que apresentam no entorno discursivo elementos que indicam contrafactualidade | 5 |

| | |
|---|-----------|
| Dados que não apresentam elementos que indiquem contraste, negação ou contrafactualidade no entorno | 22 |
| Dado desconsiderado | 1 |
| Total | 66 |

Fonte: elaboração própria.

Uma outra forte característica dos dados analisados é a presença de adjuntos adverbiais que situam os fatos narrados no tempo. Esses adjuntos podem aparecer tanto na sentença iniciada por *ocorre que*, o que corresponde a metade do corpus, isto é, 33 dados, como também no cotexto, em outros 17 dados, considerando o segmento imediatamente anterior ou posterior. Os dados (1), (2) e (3) deste trabalho, por exemplo, apresentam adjuntos adverbiais delimitadores de tempo – *em dezembro passado, nos últimos anos* e *em 97* – todos no segmento introduzido por *ocorre que*.

Tabela 2 – Cotexto temporal em enunciados com *ocorre que*

| | | | |
|--|--|----|----|
| Dados que apresentam, no entorno discursivo, expressões que indicam tempo | Na própria sentença iniciada por <i>ocorre que</i> | 33 | 50 |
| | No cotexto | 17 | |
| Dados que não apresentam, no entorno discursivo, expressões que indicam tempo | | | 15 |
| Dado desconsiderado | | | 1 |
| Total | | | 66 |

Fonte: elaboração própria.

Tal coocorrência de *ocorre que* com expressões de tempo se justifica se considerarmos que *ocorre que* é composto por um verbo de acontecimento que possui aceção de acontecer, suceder, existir, isto é, localizar um fato no tempo e no espaço.

Tabela 3 – Tipos de adjuntos temporais no entorno discursivo de *ocorre que*

| Tipos de expressões temporais | Exemplos de advérbios/locuções adverbiais | Quantidade | | |
|--|--|-------------|------------|-------|
| | | Na sentença | No cotexto | Total |
| Indicam momento no tempo presente | Hoje; agora; atualmente | 10 | 4 | 14 |
| Indicam momento no tempo passado | Recentemente; no dia X; na época; naquele momento. | 9 | 10 | 19 |
| Indicam momento no tempo futuro | Na próxima semana; após | 3 | 1 | 4 |
| Indicam frequência | Nem sempre; raramente; às vezes; jamais | 5 | 1 | 6 |
| Indicam tempo progressivo transcorrido até o momento atual | Até o momento; desde | 4 | 1 | 5 |
| Indicam tempo progressivo no momento passado | Durante; nos anos | 2 | 0 | 2 |

Fonte: elaboração própria.

Conforme a tabela 3, podemos, ainda, verificar que a maior parte das expressões temporais indica momento no tempo passado, seguidas pelas que indicam momento no tempo presente. Esses números são reflexos de como os enunciados em que *ocorre que* aparece se constroem. Inicialmente, para estruturar sua argumentação, o falante faz uma narrativa, apresentando um evento ou uma sequência de eventos que se deu antes do momento da enunciação. Após, ele se utiliza do *ocorre que* para introduzir e destacar informação nova no discurso, defendendo seu ponto de vista e atribuindo a ele um efeito de sentido de verdade atemporal.

Nesse mesmo sentido, podemos verificar, por meio da tabela acima, que, dos dez dados em que expressões temporais indicam momento no tempo passado no contexto discursivo, em oito deles,

essas expressões estão localizadas na sentença imediatamente anterior àquela iniciada pela construção conectora em estudo. Já no que se refere às expressões temporais que indicam momento no tempo presente, das 14 ocorrências, dez delas estão no escopo da sentença introduzida por *ocorre que*. Essa estatística vai ao encontro da estrutura argumentativa acima mencionada.

Considerações finais

Neste trabalho, verificamos as características do entorno discursivo de trechos iniciados por *ocorre que*, analisando os aspectos semântico-pragmáticos que colaboram na construção do efeito de sentido contrastivo.

Embora ainda haja um caminho a ser percorrido nesta pesquisa, a análise de dados aqui apresentada já traz conclusões parciais importantes sobre como *ocorre que* tem se comportado. Verificamos que, diferentemente do identificado em Pacheco (2020) em relação ao *acontece que*, *ocorre que* não é frequentemente antecedido pela conjunção *mas*. Isso nos faz pensar que, possivelmente, *ocorre que* não assumiu suas propriedades contrastivas por meio de contágio por coocorrência com o membro exemplar da categoria de contraste. O contexto negativo, por exemplo, está muito mais presente no entorno discursivo, com 33 dados em que elementos como *não* e *nem* marcam presença.

Verificamos, ainda, a forte presença de elementos temporais em dados que *ocorre que* aparece. Isso também pode indicar o vínculo da construção com seu contexto original de uso, estabelecendo um acontecimento no tempo e espaço. Essas pistas nos remetem à fase seguinte desta pesquisa, que buscará compreender se *ocorre que* já pode ser considerado um conector convencionalizado ou se ainda está em contexto híbrido de mudança (HEINE, 2002; DIEWALD, 2002; 2006).

Referências

- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CORRÊA, K. S. *A mudança linguística da construção “acontece que”*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – UFF, Niterói, 2019.
- DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (org.). *Oxford research encyclopedia of linguistics*. Nova York: Oxford University Press, 2017.
- _____. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: _____; WISCHER, I. (org.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 2002.
- _____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf, v. esp. 1, p. 1-29, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In: _____. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. [S. l.]: Hodder Arnold, 2004.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HILPERT, M. *Constructional change in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LONGHIN, S. R.; FERRARI, L. Mudança no sistema de contraste do português: entre codificação e inferenciação. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-24, 2020.
- NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal mas - invariância e variantes. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.
- _____. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PACHECO, P. H. *A construção “acontece que” no português brasileiro contemporâneo: uma análise baseada no uso*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UFF, Niterói, 2020.

ANÁLISE PANCRÔNICA DO CONECTOR “COM ISSO”

Simone Josefa da Silva¹

Introdução

O objeto de estudo “com isso”,² sob análise nessa pesquisa, apresenta usos distintos na língua portuguesa. Em um uso, relaciona-se mais diretamente ao termo a que se refere, cumprindo a função de termo da oração; em outro, os elementos constituintes “com” e “isso” encontram-se mais vinculados, atuando na conexão de orações, períodos ou parágrafos. Vejamos os exemplos desses usos a seguir:

(1) “Que a luta olímpica no Amazonas é respeitada e é uma referência para os outros estados, já é fato. Nossa responsabilidade só aumenta **com isso**, e a Sejel está empenhada em dar continuidade nesse trabalho. Estaremos na torcida pelos melhores resultados”.

(2) # Após 15 anos, a desigualdade de renda parou de cair no Brasil. **Com isso**, o país subiu um degrau e agora é o 9º mais desigual do mundo. Segundo a Organização Não Governamental Oxfam, em 2017 o Brasil tinha 15 milhões de pobres, que sobrevivem com uma renda equivalente a US\$ 1, 90 por dia.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na UFF, sob orientação do prof. dr. Monclar Guimarães Lopes. Bolsista Capes. E-mail: simonejs@id.uff.br. Orcid: 0000-0001-7856-711X.

² O estudo desenvolvido está inserido em um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Relações coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso]_{conect} à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso* (LOPES, 2019). Também está vinculado à agenda de estudos do Grupo Discurso e Gramática, bem como às pesquisas de interesse do grupo Conectivos e Conexão de Orações (CCO), ambos sediados na UFF.

Em (1), “com isso”³ posiciona-se imediatamente após o verbo “aumentar”, atuando de modo menos procedural, cumprindo a função de termo da oração, mais especificamente adjunto adverbial. De acordo com Castilho (2014, p. 267), os adjuntos adverbiais são adjacentes ao verbo, porém não são selecionados por ele, tal como ocorre no exemplo apreciado. Em (2), o objeto em foco inicia um período que faz referência a porção precedente do texto, o período anterior – trecho sublinhado. A expressão “com isso” encontra-se isolada por vírgula, evidenciando autonomia. Assim, cumpre função de conector, sinalizando, nesse caso, o valor de consequência, uma vez que o fato de a desigualdade de renda ter parado de cair no Brasil implicou uma melhora na classificação obtida no que diz respeito ao nível de desigualdade mundial.

Antunes (2005, p. 144) define conector como “uma espécie de marca, sinal que orienta o interlocutor a respeito da orientação pretendida, sinalizando a relação semântica criada, a qual é fundamental para produção e compreensão de um texto”. Em pesquisa sobre a construção [com isso], Silva (2022) centra-se na função conectora tal como se verifica na ocorrência (2) sob uma abordagem sincrônica. No estudo mencionado, foi constatado, entre outros fatores, que a construção [com isso] estabelece relação de conexão entre porções variadas do texto (orações, períodos e parágrafos) e promove uma coesão do tipo híbrido, isto é, tanto referencial quanto sequencial. Além disso, é polifuncional, podendo atuar como sequenciador ou como conector. Como sequenciador, veicula valor semântico de tempo; como conector, os sentidos de consequência, conclusão e elaboração, ou seja, trata-se de uma construção polissêmica. Considerando os resultados atestados em Silva (2022), este trabalho tem por objetivo descrever

³ Adota-se nessa pesquisa as seguintes notações: “com isso” em itálico para se referir ao uso efetivo da sequência; “com isso” entre aspas para se referir ao uso genérico; [com isso] entre colchetes para se referir à função conectora.

a trajetória de construcionalização⁴ do conector “com isso”⁵; bem como descrever os seus usos em perspectiva pancrônica.

As hipóteses que norteiam a pesquisa são: a) o uso conector deriva de um uso menos procedural em que “com isso” cumpre a função de termo da oração (advérbio); b) os primeiros usos conectores veiculam sentido de tempo; c) “com isto” é semelhante a “com isso” no que diz respeito aos aspectos coesivos e aos sentidos articulados. O interesse pelo presente estudo se justifica no fato de o conector “com isso” ser pouco descrito na literatura linguística, embora seu uso seja recorrente. Além desse aspecto, identifica-se a necessidade de um tratamento construcional dos elementos linguísticos, tal como propõe a perspectiva teórica adotada – Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU). Para a descrição qualitativa dos dados investigados, quando atuantes no âmbito da conexão, promove-se a interlocução da LFCU com os estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), da Pragmática (SWEETSER, 1990) e da Linguística de Texto (cf. KOCH, 2004; FÁVERO, 2004). Tais pressupostos serão explicitados na próxima seção assim como os procedimentos metodológicos; em seguida, apresentaremos a análise dos dados, posteriormente, as considerações parciais e, por fim, as referências.

Fundamentação teórica

A presente pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos da LFCU (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016; LOPES, 2022 entre outros), a qual consiste em uma nova fase do Funcionalismo de vertente Norte-Americana com contribuições da Linguística Cognitiva, sobretudo no que diz

⁴ Por construcionalização entende-se a “criação de um pareamento forma novo – significado novo”, nos termos de Traugott e Trousdale (2021, p. 26).

⁵ Por se tratar de um trabalho em desenvolvimento, o percurso de mudança é mencionado, neste trabalho, a nível de conjectura, com base na observação dos dados, ainda sem embasamento teórico.

respeito à Gramática de Construções (doravante, GC). De acordo com Rosário (2022, p. 98), considera-se que “a LFCU adota uma abordagem construcional da gramática” dada a relevância das contribuições da GC para as pesquisas. Nessa perspectiva teórica, pressupõe-se que a língua é constituída por construções, as quais são definidas como as unidades básicas da língua, que apresentam, no eixo da forma, propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e no eixo do significado, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017). As construções são organizadas em rede hierarquizada (do nível mais abstrato para o mais específico), cujos nós são interconectados por elos. Trata-se de uma rede dinâmica, uma vez que novos elos e novos nós são constantemente estabelecidos.

A LFCU trabalha essencialmente com dados reais de fala e/ou de escrita em situações reais de interação, visando a descrever e explicar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas desempenhadas nos variados contextos de uso da língua. Tal vertente teórica analisa os elementos linguísticos de modo equivalente no que diz respeito aos polos da forma e do significado. Em outras palavras, não há primazia por um ou outro eixo, pois se pressupõe que “propriedades funcionais e formais se implicam mutuamente” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 237). A mudança em um dos polos da construção (forma ou significado) é entendida como mudança construcional; a mudança nos dois eixos denomina-se construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). Três conceitos são basilares na abordagem construcional: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade, segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 244), diz respeito ao “grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção”. Assim, uma construção pode ser mais ou menos esquemática a depender do nível de abstração que apresenta. Em termos de esquematicidade, a construção [com isso] é totalmente preenchida (preposição *com* + pronome demonstrativo

isso). Faz parte do esquema [PREPOSIÇÃO + PRONOME] e do subesquema [PREPOSIÇÃO + *isso*].

A produtividade, conforme aponta Bybee (2016, p. 154), “é a probabilidade de que uma construção se aplicará a um novo item. É, pois, uma propriedade da categoria ou das categorias formadas pelas posições abertas em uma construção”. Desse modo, está relacionada à frequência, a qual pode ser *type* – refere-se à quantidade de expressões distintas que um padrão particular apresenta – ou de ocorrência (*token*) – uso efetivo de determinada construção.

A composicionalidade, nos termos de Rosário e Oliveira (2016, p. 246), diz respeito à previsibilidade ou não dos componentes de um esquema construcional. Desse modo, se conseguirmos recuperar o valor de cada parte constitutiva da expressão, dizemos que ela é mais composicional, menos vinculada. Considera-se a construção [com *isso*] menos composicional, uma vez que a soma dos elementos constituintes não representa o significado do todo.

A fim de compreender as especificidades da construção [com *isso*], neste trabalho, assim como em Silva (2022), a LFCU dialoga com a Linguística de Texto (cf. KOCH, 2004; FÁVERO, 2004) por abordar questões caras ao estudo proposto tal como sequenciação e a referenciação. Conforme mencionado inicialmente, a construção [com *isso*] promove esses dois processos coesivos simultaneamente, estabelecendo coesão híbrida. O elemento *com* atua na referenciação e na sequenciação uma vez que estabelece relação semântica com conteúdo precedente e contribui para a progressão textual; o elemento *isso* atua na referenciação retomando, de modo resumitivo, informação previamente dita. A Linguística de Texto também nos auxilia no que diz respeito ao postulado de Fávero (2004) para os tipos de sequenciação. A autora assevera que a sequenciação pode se dar por tempo ou por conexão, razão pela qual, assumimos que ao sequenciar fatos temporalmente encadeados, [com *isso*] atua na função de sequenciador, sinalizando o sentido de tempo.

Promove-se também, neste trabalho, a interlocução com a Pragmática (Sweetser, 1990) e com a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004). O postulado de Sweetser (1990) é relevante no que diz respeito às relações de causalidade, as quais são aplicáveis às relações lógicas articuladas pela construção [com isso]. De acordo com a autora, a noção de causalidade se estabelece em três domínios, a saber:

- Domínio do conteúdo – corresponde à causalidade do mundo real, associa-se ao sentido de consequência articulado pela construção sob análise por ser de natureza consecutiva lógica, por tratar-se de um conhecimento prévio do enunciador, algo que independe da perspectiva dele sobre o ocorrido;

- Domínio epistêmico – caracterizado pela natureza inferencial, parte da observação /dedução do falante sobre um dado observado no mundo, assim, está em conformidade com o sentido conclusivo da construção investigada.

- Domínio de atos de fala – a causalidade se apresenta em uma justificativa dada para asseveração feita anteriormente, isto é, na declaração. Desse modo, corresponde ao sentido de elaboração, termo empregado com base no postulado de Halliday (2004). Segundo o autor, na elaboração, uma cláusula elabora o significado de outra, especificando-a ou descrevendo-a melhor (Halliday, 2004, p. 396).

A relevância da proposta de Halliday (2004) para a pesquisa aqui desenvolvida deve-se tanto à parataxe de expansão por elaboração, quanto à atuação da construção conectora [com isso] no nível paratático de orações, períodos e parágrafos.

Procedimentos metodológicos

A base de dados sincrônicos deste trabalho compõe-se de ocorrências da sequência “com isso” coletadas do Corpus do Português. Para os *corpora* diacrônicos, elegemos o Tycho Brahe e o Vercial, ambos do site Linguateca.com. As ocorrências de “com isto” também foram extraídas dos *corpora* mencionados. Assim

procedemos a fim de verificarmos a hipótese de que “com isto” atua de modo semelhante a “com isso”. Descartamos as ocorrências duplicadas e, a partir do entendimento de que a função adverbial é a que corrobora para a mudança de uso, descartamos também os dados em que “com isso” atua como objeto indireto, complemento circunstancial ou nominal. Feito os descartes, a pesquisa tem como base a análise de: 233 ocorrências de “com isso” (70 – sincronia/163 – diacronia) e 413 ocorrências de “com isto” (60 – sincronia / 353 – diacronia), totalizando 646 dados.

O tratamento dos dados se dará por análise qualitativa e quantitativa, levando em consideração a função exercida pelo objeto estudado, os aspectos semânticos, discursivos, as relações coesivas desempenhadas, bem como a produtividade dos usos. Com base em Traugott (2021), adotamos a notação [D1 com isso D2] na análise dos dados. Segundo a autora, D1 e D2 correspondem às unidades discursivas 1 e 2, desse modo, sintetizam as diferentes porções textuais conectadas por [com isso]. A pesquisa é desenvolvida sob abordagem pancrônica, centrada na investigação dos usos e da rota de mudança de uso de “com isso” na língua portuguesa.

Análise de dados

Esta seção se propõe a apresentar alguns dados dentre as ocorrências analisadas do conector “com isso” na pancronia, bem como algumas considerações sobre os padrões de uso observados, aspectos relacionados à produtividade e um possível caminho de mudança. Evidencia-se, ao final, duas ocorrências de [com isto], uma contemplando a sincronia, outra, a diacronia.

Nos dados sincrônicos, observa-se maior produtividade de “com isso” no âmbito da conexão. Atuando nessa esfera, o objeto sob análise apresenta os sentidos de consequência, conclusão, elaboração e tempo. Vejamos um exemplar de cada sentido:

(3) Para o consultor de Recursos Humanos (RH), Fábio Sartori, os maiores índices de contratação no setor portuário estão nas vagas voltadas à área operacional, que representam entre 60% e 80% da composição das empresas. Por outro lado, as operadoras portuárias investem de maneira intensa na garantia da eficiência de seus embarques e desembarques. **Com isso**, se abre uma nova oportunidade para quem busca essa carreira.

Em (3) a conexão é interperíodo e o escopo remissivo é o período anterior. O conector pertence ao domínio do conteúdo por estabelecer uma relação consecutiva, de natureza lógica, que independe da perspectiva do falante sobre o fato, tendo como base, estritamente, a realidade extralinguística. Desse modo, é possível identificar a relação de causa e consequência - as operadoras portuárias investem de maneira intensa na garantia da eficiência de seus embarques e desembarques (D1), se abre uma nova oportunidade para quem busca essa carreira (D2). Assim, D2 representa uma consequência de D1, sinalizada por *com isso*. O conector apresenta-se nesta ocorrência em sequência expositiva em que o conteúdo é factual.

(4) Porém, apesar de Portugal não conseguir competir com a concorrência em termos de quantidade, tem-se vindo a destacar ao nível da qualidade dos seus produtos biológicos.

“Os nossos produtos têm muita procura. O nosso esforço deverá ser sempre para produzir com a máxima qualidade e, **com isso**, nunca nos vai faltar mercado e um mercado de maior valor. Não nos podemos contentar com ser apenas biológico, temos que ser mais do que isso.

No trecho apreciado, *com isso* estabelece conexão entre orações em uma sequência argumentativa, tendo como escopo remissivo a oração anterior. O enunciador diz que o esforço de Portugal deverá ser sempre para produzir com a máxima qualidade (D1) e o conector traz a informação de que nunca vai faltar mercado e um mercado de valor (D2). Trata-se da perspectiva do falante a partir

da observação de algo no mundo. Infere-se, nesse caso, que o consumidor valoriza produtos de qualidade. Assim, o conector indica que D2 estabelece uma relação de conclusão para o conteúdo de D1, pertencendo à modalidade epistêmica.

(5) O ex-deputado estadual Deusimar Brito (PV), o Tererê, conseguiu dois importantes aliados na corrida pela Prefeitura de Parnaíba nas eleições de 2020. Ele fechou acordo nesta sexta-feira (28) com o atual vice-prefeito do município, Marcos 100 Samarone e com o deputado estadual Dr. Hélio Oliveira (PL). De acordo com Tererê, a ideia é realizar pesquisas para definir qual dos três será o cabeça de chapa. **Com isso**, os demais ficarão na vaga de vice e o terceiro colocado na sondagem disputará o cargo de vereador com perspectiva de alcançar o espaço de presidente da Câmara parnaibana.

Em (5), a conexão é interperíodo e o escopo remissivo é o período anterior. O conector *com isso* se apresenta em trecho expositivo, estabelecendo o sentido de elaboração, pertencente ao domínio de atos de fala. Em D1 temos a informação de que determinado deputado pretende realizar pesquisas para definir quem será o cabeça da chapa entre três possibilidades (o próprio e seus dois aliados). O conector *com isso* sinaliza que D2 traz um esclarecimento da informação contida em D1, a saber, como se dará a organização da chapa após a definição do primeiro, segundo e terceiro lugar nas pesquisas.

(6) Toda a produção foi idealizada pelas professoras Adriana Nascimento e Patrícia Duarte, da EM Napoleão Rodrigues Laureano. Em cima do que foi elaborado pela Seduc, as professoras se preocuparam em tornar acessíveis as informações para os alunos surdos do Município. E para integrar os intérpretes de Libras no vídeo foi necessário um trabalho de um mês e meio, pois tudo foi analisado pela instrutora de Libras, Maria Elisa Galvão, para o direcionamento correto do vídeo produzido. **Com isso**, os alunos assistiram a um material que traz curiosidades sobre o campeonato mundial, como a criação da logomarca oficial

para o Brasil e também a produção do Fuleco, mascote oficial da Copa do Mundo 2014.

Em (6), *com isso* apresenta-se em um trecho narrativo. O conteúdo da ocorrência é factual, isto é, as proposições representam eventos cronologicamente encadeados, de progressão verossímil. Há, no exemplo, duas situações temporalmente encadeadas, assim, D2 representa uma progressão temporal do conteúdo informado em D1. Primeiramente, um vídeo acessível é produzido para alunos surdos do Município, idealizado por duas professoras da rede (D1); depois disso, os alunos assistiram a um material que traz curiosidades sobre o campeonato mundial (D2). Nesse trecho, *com isso* inicia um parágrafo, retomando o anterior.

Evidenciados os sentidos veiculados pela construção [com isso], cabe dizer que, em menor escala, tais usos também ocorrem nos dados diacrônicos. Os primeiros usos na função de conector, entre os dados investigados, encontram-se no século XVI, totalizando três ocorrências. Duas ocorrências veiculam sentido de tempo e uma de conclusão, vejamos um exemplar de cada sentido:

(7) “: Que desculpa posso eu dar Melhor que 'te meu cuidado? Moço E não há mais que fazer? **Com isso** a boca me tapa Para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá 'sa casa, E vamos ver o que quer .

(8) Coitada de mi, a mi se tornam todas as culpas. Mas os homens que desprezam os conselhos de suas molheres , caem nestes erros , como se elas nam tivessem razão como eles; então aos erros das coitadas nam há desculpas, os seus têm trinta mil . Minhas contas eram boas, fazia-o por tais respeitos. Quem havia de cuidar se me isso a mi parecera? **Com isso** passam, e querem que as molheres nam tenham juízo, nem entendimento, e que nam vejam o que vem , e que nam entendam o que entendem .

Em (7), *com isso* apresenta função conectora, posiciona-se no início de um período, fazendo referência a períodos anteriores. O conector sinaliza entre D1- Que desculpa posso eu dar Melhor que

'te meu cuidado? Moço E não há mais que fazer? - e D2 - **Com isso** a boca me tapa Para mais nada dizer? AURÉLIO Ora dá-me cá 'sa casa, E vamos ver o que quer – o sentido de tempo, sendo seu uso equivalente à expressão “depois disso”. Trata-se de um texto teatral, cujas falas reproduzem a língua falada. De acordo com a visão funcionalista, as línguas mudam primeiramente na oralidade. Cabe ressaltar que o sentido temporal, conforme a proposta de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) é anterior aos sentidos mais abstratos. Os estudiosos postulam o *cline* espaço > tempo > texto, em que elementos espaciais originam noções temporais, a partir das quais surgem relações textuais.

Em (8), o objeto sob análise apresenta-se em sequência argumentativa e, assim como a ocorrência anterior, pertence ao gênero teatral. O conector *com isso* inicia período e faz referência a períodos anteriores. O trecho apresenta a perspectiva de determinada personagem sobre a diferença de tratamento dos homens em relação aos erros cometidos por eles e os cometidos por suas mulheres. Em D1, a personagem aponta que para os erros dos homens há “trinta mil” desculpas; para as mulheres, a culpa. Em D2, assevera que *com isso* passam, e querem que as mulheres não tenham juízo, nem entendimento, e que não vejam o que veem, e que não entendam o que entendem. Infere-se que os homens não validam a percepção de suas esposas e julgam os erros delas maiores do que os deles. D2 sinaliza para o conteúdo de D1 um sentido conclusivo, o qual se enquadra na modalidade epistêmica por seu caráter inferencial, por se tratar da observação do falante sobre algo no mundo.

Observa-se, com base nas ocorrências, que “com isso” exerce recorrentemente função menos procedural, em que atua como termo da oração até o século XX. No século XXI, o uso de “com isso” na função conectora apresenta maior produtividade. Vejamos a tabela a seguir como ilustração:

Tabela 1 – Funções adverbiais e conectoras da sequência “com isso”

| | Diacronia | | | | | Sincronia | |
|-------------------|-----------|------|-------|-----|----|-----------|-------|
| Século | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Total |
| Função adverbial | 22 | 24 | 8 | 86 | 8 | 8 | 156 |
| Conector autônomo | 3 | 2 | 2 | 8 | 0 | 62 | 77 |

Fonte: elaboração própria.

Conforme a tabela 1 aponta, a função adverbial é recorrente nos dados diacrônicos, Nesses usos, observa-se que a expressão “com isso” pode vir posposta ou anteposta ao verbo. De modo significativo, nas ocorrências em que se encontra antecedida ao verbo, o objeto investigado se adjunge a uma conjunção, mais precisamente em 42 dados dentre os 148 dados da diacronia que apresentam função adverbial. Vejamos os exemplares que seguem como ilustração desse deslocamento sintático:

(9) E houve quem lhe ouviu dizer que haveria por muito bem vinda a morte, porque o livraria de muitas ocasiões de poder ofender a Deus e desacreditar **com isso** a Ordem, de quem tanta honra tinha recebido.

(10)-- Não é tanto assim... A vinda frequente do Sr. Paulo e a ausência completa de Álvaro de Sousa é motivo de murmuração na vizinhança. -- Quer **com isso** dizer que não a sacrifique à murmuração dos vizinhos?...

(11) se quisesse meu Deus que alguns dessem ouvidos às suas vozes, que isto é qualquer sucesso por que nos fala, e **com isso** abrissem os olhos, que cegam a olhos vistos pelo que não é para ver, senão para chorar!

Em (9), *com isso* apresenta-se imediatamente após o verbo “acreditar”, elemento a que se refere, em (10) observa-se um deslocamento do objeto para uma posição anterior ao elemento a que se refere. É provável que o fato de *com isso* se apresentar de tal

modo esteja relacionado com a informação que o falante deseja enfatizar, pôr em primeiro plano. Sendo assim, em (9) o foco recai sobre a ação de desacreditar, em (10), sobre o meio pelo qual se quer dizer algo. Na ocorrência (11), com isso é atraído por um elemento conector, a conjunção aditiva “e”, assim se aproxima de uma função conectora, ainda sem autonomia.

De modo inicial, conjectura-se que a mudança sintática favorece a reinterpretação de sentido de “com isso”. Assim, a posposição ao verbo, a anteposição e a adjunção à conjunção, observada nos usos de “com isso” parecem representar *clines* de mudança para se chegar ao uso conector. Nesse sentido, partem de um uso mais integrado ao verbo para um uso mais autônomo. A constante adjunção à conjunção parece preparar o objeto para a função conectora via processos metônimos.⁶ As pressões advindas desse uso constante (conjunção + com isso) contribuem para que “com isso” assumam tal função. A pesquisa carece, no entanto, de mais investigação para assumir e fundamentar essa rota de mudança.

Feitas as considerações sobre o objeto “com isso”, tecemos, nas próximas linhas, breves considerações sobre a sequência “com isto”. Conforme já evidenciado, pressupõe-se que “com isto” atua de forma semelhante à “com isso” no que se refere aos aspectos coesivos e semânticos.⁷ Vejamos a seguir exemplares de “com isto” na diacronia e na sincronia, respectivamente:

(12) E andava entre eles sem eles entenderem nada nele quanto a para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços d' água. E acenavam aos do 'quife que saíssem em terra. **Com isto** se volveu Bertolameu Diis ao capitão e viemo-nos às naus a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais opressão. E eles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram. N'te ilhéu, onde fomos

⁶ Metonímia corresponde a um “processo regular no uso cotidiano da linguagem, baseado em relações por contiguidade, geradas no contexto sintático, que podem, inclusive, provocar mudança” (OLIVEIRA, 2022, p. 87)

⁷ Parte-se do pressuposto por se tratar ainda de uma investigação em andamento.

ouvir missa e pregação 'praia muito a água e descobre muita areia e muito cascalho.

(13) O Estado chegou esta quinta-feira a acordo para comprar a operadora que gere a rede de emergência nacional, SIRESP, SA. No total, o Estado vai pagar sete milhões de euros, 5, 5 milhões para a Altice e 1, 5 milhões para a Motorola. **Com isto**, a empresa passa a ser 100% pública, mas apenas a partir de Dezembro.

Em (12), *com isto* sinaliza sentido de tempo entre D1 e D2 por sequenciar fatos temporalmente encadeados. No trecho narrativo observam-se ações cronologicamente ordenadas – andava, acenavam, se volveu, viemo-nos. Convém destacar que o dado apresentado corresponde à primeira ocorrência na função conectora entre os dados investigados e pertence ao século XV. Desse modo, seu uso é anterior ao da construção [com isso], identificada como conector no séc. XVI. O objeto sob análise posiciona-se entre períodos e faz referência a períodos anteriores. Em (13) também se observa conexão interperíodo. Trata-se de um trecho expositivo em que *com isto* sinaliza o sentido consecutivo, visto que o acordo feito pelo Estado, sinalizado em D1, implica no fato de a empresa passar a ser 100 % pública, conforme aponta D2.

Conforme se pode observar, a construção [com isto] promove coesão híbrida e articula sentidos também veiculados pelo objeto em foco nesta pesquisa, sendo, inclusive mais produtiva nos corpora investigados se comparada a sequência “com isso”.

Considerações parciais

Fundamentada em uma abordagem construcional, a presente pesquisa teve como objetivo analisar os usos do objeto "com isso" e traçar a rota de mudança entre o uso como termo da oração e o uso conector. Análises preliminares apontam que “com isso” é empregado geralmente como termo da oração, em posição sintática prevista para complementos e adjuntos adverbiais até o séc. XX. Os

usos autônomos como conector são pouco recorrentes nos dados diacrônicos (15 de 163 ocorrências) e, em geral, quando deslocado, “com isso” é atraído por elementos como preposições ou conjunções. Conjectura-se que o deslocamento sintático do objeto favorece o uso de “com isso” como conector (posposição ao verbo/anteposição ao verbo/adjunção a conector/conector). Em se tratando do objeto “com isto”, observa-se, com base nos dados, que a construção [com isto] promove coesão híbrida e articula sentidos veiculados por “com isso”. Ressaltamos, por fim, que esta pesquisa trata-se de uma investigação em desenvolvimento, desse modo será ampliada e aprofundada, visando a contribuir possivelmente com os estudos linguísticos.

Referências

- ANTUNES, I. *Lutar com palavras*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CROFT, W. *Radical construction grammar, syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; LACERDA, P. F. A. C. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (org.). *Funcionalismo linguístico*. Niterói: Eduff, 2017. v. 1.
- GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Londres: Hodder Arnold, 2004.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- LOPES, M. G. *Relações coesivas e semânticas das construções conectoras [PREP isso]_{connect} à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2019. Projeto de Pesquisa. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense.
- LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói. Eduff, 2022.
- OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade. (Inter)subjetividade. Metáfora e metonímia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói. Eduff, 2022.
- ROSÁRIO, I. C. Linguística Funcional Centrada no Uso e Gramática de Construções. Hierarquia construcional e domínios gerais. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso*. Niterói. Eduff, 2022.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.
- SILVA, S. J. *Relações coesivas e valores semânticos da construção conectora [com isso] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – UFF, Niterói, 2022.
- SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Pequim: Peking University, 1990.
- TRAUGOTT, E. C. A Constructional Perspective on The Rise of Metatextual Discourse Markers. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, 2021.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

BLOCO 2

ESTUDOS EM METÁFORA

AS METÁFORAS VISUAIS SOBRE O CORPO FEMININO

Denise Sousa dos Santos¹

Introdução

Neste trabalho, serão observadas e analisadas as metáforas visuais presentes em imagens relacionadas às questões corpóreas da mulher que foram retiradas da internet, as quais fazem parte da estruturação cognitiva do *frame* “corpo feminino”. O trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado em andamento, o qual tem o objetivo de apresentar dados parciais, evidenciando apenas uma análise, visto que a presente pesquisa ainda não está concluída.

Desse modo, por meio dos estudos da Linguística Cognitiva (LC), objetiva-se perceber e evidenciar como o corpo feminino é conceptualizado na sociedade brasileira, principalmente no âmbito midiático, já que conforme a LC, as metáforas fazem parte do dia a dia das pessoas, embora muitas vezes não sendo perceptíveis aos indivíduos. Portanto, o que impulsionou a realização deste trabalho foi, sob a luz de uma abordagem teórica de base cognitivista, compreender como a mídia expõe o corpo da mulher, as ideologias presentes no meio social e a influência dos veículos de comunicação sobre os aspectos corporais femininos.

Esta pesquisa se justifica, essencialmente, pela observação de que, na sociedade, é, muitas vezes, estabelecido um padrão estético de corpo, sobretudo, o do sexo feminino. Portanto, evidenciou-se a presença constante de referências a esse padrão de beleza do corpo da mulher em distintos gêneros discursivos que circulam no ambiente midiático. Diante disso, o termo comumente utilizado na sociedade “cultura estética brasileira” colabora para a propagação

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem na UFF sob orientação da prof. dra. Solange Coelho Vereza. E-mail: denise.santtos123@gmail.com.

e exaltação de uma idealização de beleza e uma ditadura corporal. Consequentemente, na maioria das vezes, as mulheres sentem-se frustradas por não terem ou alcançarem determinado tipo físico e buscam a solução em produtos e procedimentos estéticos. Por mais que haja um discurso contrário – como textos de autoajuda, empoderamento feminino etc. –, o qual vem ganhando espaço na sociedade recentemente, ainda é mínimo comparado aos diversos padrões de beleza que são impostos no meio social.

Fundamentação teórica

O presente estudo terá como foco as metáforas visuais e o modo como essas evocam a conceptualização corporal das mulheres. Nesta seção, trataremos dos eixos teóricos a serem mobilizados neste trabalho: a Linguística Cognitiva, a Teoria da Metáfora Conceptual, imagens e metáforas visuais.

A linguística cognitiva

A partir dos estudos de Chomsky, na corrente formalista, foi evidenciada a relevância dos aspectos cognitivos para a compreensão do funcionamento da linguagem. Nessa perspectiva, era de grande importância compreender como a linguagem é estruturada por meio de um módulo específico localizado na mente humana. Todavia, a abordagem gerativista restringiu-se a análises linguísticas de caráter universal, não abrangendo, portanto, aspectos sociais e interativos, considerando assim, as línguas naturais como tendo estruturas autônomas em relação a outras formas de conhecimento. Dessa forma, conforme Martelotta (2011):

O gerativismo, tendo base racionalista, busca na matemática – que é uma forma de razão transcendental – a descrição dos processos mecânicos de manipulação de símbolos abstratos que se refletem na sintaxe das línguas. Em termos mais gerais, a linguagem é vista como um sistema formal interpretado no sentido lógico, isto é, as

expressões são construídas por um sistema de regras exclusivamente formais que são posteriormente investidas de significação (MARTELOTTA, 2011, p.178).

Entretanto, a Linguística Cognitiva se posiciona contra essa tradição, pois para os linguistas cognitivistas, a linguagem não é autônoma, e sim dependente de outras faculdades mentais, envolvendo aspectos cognitivos e interativos. Os estudos cognitivos buscam unificar os conhecimentos linguísticos aos não linguísticos. Portanto, é importante levar em consideração os processos de pensamento subjacentes à utilização de estruturas linguísticas e como isso se adapta aos diversos contextos reais nos quais os falantes constroem essas estruturas.

Nessa perspectiva, o estudo da linguagem passa por uma mudança, no qual os estudos cognitivos integram os usuários da língua e dão maior relevância, isto é, passam a ter um papel fundamental e central na construção de sentido. Nesse contexto, o sujeito não é mais visualizado apenas em um plano secundário ou como pretexto somente para manusear e seguir regras preestabelecidas. Assim, o sujeito se torna protagonista e produtor de significados, interagindo com interlocutores reais e, desse modo, realizando um processo comunicacional real.

Diante do exposto, a Linguística Cognitiva (LC) adota o significado como sendo integrado à cognição humana. Sendo assim, a língua não é autônoma e depende de vários fatores como as experiências corpóreas e socioculturais, influenciando assim a compreensão e comunicação dos falantes. Nesse sentido, a LC busca compreender a linguagem como parte importante da cognição humana. Diante disso, a LC aborda aspectos de experiências humanas – social, cultural e individual – sua compreensão, conceptualização e o armazenamento na memória.

A metáfora conceptual

A metáfora, no campo da tradição retórica, era considerada apenas um fenômeno de linguagem, posto isto, não possuía nenhum valor cognitivo, sendo observada somente como um desvio de linguagem usual, na qual era perceptível, por exemplo, em textos poéticos e persuasivos. A metáfora, em uma definição clássica, é a figura de linguagem marcada por palavras ou expressões fora do significado convencional usada para designar outro significado com sentido de comparação. Garcia (1976, p. 78) afirma que:

Encarando a metáfora de um ponto de vista puramente formal, com propósito didático, podemos dizer que ela é, em essência, uma comparação implícita, isto é, destituída de partículas conectivas comparativas (como, tal qual, tal como) ou não estruturada numa frase cujo verbo seja parecer, semelhar, assemelhar-se, sugerir, dar a impressão de ou um equivalente desses. Assim, “seus olhos são como (parecem, assemelham-se a, dão a impressão de) duas esmeraldas” é uma comparação ou símile.

Já para Azeredo (2010, p. 485):

A metáfora resulta de uma operação substitutiva; a associação semântica se articula no eixo paradigmático. Trata-se de um processo que envolve termos de domínios conceptuais distintos, entre os quais promove uma assimilação mental. A eficiência do seu efeito de sentido está atrelada à intensidade dessa assimilação.

Diante disso, de acordo com os estudiosos, percebe-se que a metáfora na visão tradicional não seria suficiente para explicar totalmente as evidências metafóricas em diversos gêneros ou suportes distintos, uma vez que, na abordagem tradicional da metáfora, ela se manifesta apenas em textos escritos e,

normalmente, é aplicada somente em texto literário, deixando assim, uma gama de manifestações metafóricas à parte do processo.

Sob essa ótica, segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 11), havia a visão de que a ciência se fazia com a razão, e essa somente seria expressa por meio do sentido literal, enquanto a poesia era tecida pela imaginação, logo, com a metáfora. Todavia, a partir do século XX, inicialmente na filosofia, surge um novo panorama nos estudos da metáfora modificando esse cenário. Já no final da década de 1970, é introduzido o que hoje é visto como uma “quebra de paradigma” nos estudos metafóricos: a perspectiva cognitiva da metáfora. Diante disso, Zanotto *et al.* (2002), citando Haskell (1987), clarifica que dentre todas as figuras de linguagem, a metáfora se destaca como a mais importante, fazendo parte da “sabedoria poética”, conceito introduzido pelo filósofo Giambattista Vico, para se referir ao conjunto de operações cognitivas que levariam à construção do real. Por conseguinte, surge um novo conceito, no qual “a ideia central do novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental” (ORTONY, 1993, p. 1-2).

Desse modo, verifica-se que, a partir dessa nova visão, a metáfora passa a ser mais valorizada e o seu valor cognitivo é enfatizado, mudando assim a concepção de que ela seria apenas uma simples figura de linguagem. A partir disso, os estudos sobre metáfora se integram ao campo de interesse das ciências humanas, obtendo um papel fundamental nas áreas da linguagem e da psicologia cognitiva. A obra de Lakoff e Johnson (1980), intitulada *Metaphors we live by*, representou os pilares fundantes da abordagem cognitiva da metáfora.

Imagens e metáforas visuais

Desde o princípio da história da humanidade, isto é, desde o tempo da pré-história – período das cavernas – utilizavam-se imagens como meio de expressão cultural humana, antes mesmo do surgimento da escrita. Dessa forma, observa-se a importância e o papel significativo das imagens no processo simbólico e

comunicativo do ser humano, já que, muitas vezes, uma imagem é mais chamativa e eficaz, do ponto de vista comunicativo, do que a utilização apenas da linguagem verbal.

Por este viés, Santaella e Nöth (2017, p. 15) declaram que:

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios de imagens não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.

A partir desses dois conceitos – signo e representação – designam o que é considerado, de fato, como imagem, em que o primeiro estuda o lado perceptível, e o segundo o lado mental, sendo este último conceito o mais importante para o estudo desta pesquisa, pois aborda a representação mental que faz parte da linha da ciência cognitiva, enquanto o outro está associado aos estudos semióticos. Assim, segundo Cavalcante e Gomes (2021), na metáfora pictórica ou visual há a presença de um domínio-alvo e um domínio-fonte construídos com base em signos inteiramente visuais. Partindo desse raciocínio, destacam-se as representações mentais ou representações internas, que, de acordo com o próprio nome, consistem nas formas de “representar” e demonstrar o que está presente no universo externo. Logo, “Modelo mental é então uma representação interna de informações que corresponde analogamente (capta a essência) com aquilo que está sendo representado” (MOREIRA, 1996, p. 195).

Conforme Cavalcante e Gomes (2021), para Platão, em suas teorias filosóficas, as imagens não eram consideradas resultados da percepção (*aisthesis*), todavia tinham suas origens na própria alma. Porém, já para Aristóteles, as imagens possuíam um considerado significado no processo de raciocínio e concepção e, para ele, “o pensamento é impossível sem imagens” (450a *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2017, p. 29).

Perante este olhar, de acordo com Vereza e Dienstbach (2021, p.5) “as metáforas do ponto de vista cognitivo, por sua dependência direta ou indireta de domínios-fonte “experimentados corporalmente”, envolvem, em grande parte, uma dimensão visual (ou pelo menos “imaginável”)”. Desse modo, Vereza e Dienstbach (2021, p. 5) também acreditam que, ao envolver um sistema complexo de elementos interconectados nos domínios-fonte, tais como as metáforas estruturais, deparamo-nos com elementos superiores aos de apenas conceptualizações espaciais, por exemplo, as metáforas orientacionais, em que a presença e significação da imagem possuem maior relevância, pois as imagens evocadas são bastante dinâmicas em camadas, como os domínios de origem. Diante disso, há metáforas que são mais estruturadas por elementos claramente visuais, sendo conhecidas assim, como metáforas visuais.

Para Vieira *et al.* (2007, p. 15) “[a]s culturas produzem imagens próprias e, sob esse enfoque apenas, é que podemos interpretá-las”. Nessa perspectiva, a autora afirma que cada cultura constrói suas próprias características e imagens, sendo elas positivas ou negativas e, muitas vezes, definindo seu povo e sua nação por meio de sua cultura e história. Vieira (2010, p. 54) também afirma que “(...) as metáforas visuais, por seu caráter representativo do signo, traçam paralelismo com algo diferente. (...) Em resumo, podemos afirmar que a metáfora visual é uma similaridade na aparência.” A pesquisadora também afirma que as imagens podem representar um caráter simbólico, que podem se diferenciar a partir de cada cultura ou sociedade. Portanto, Vieira (2010, p. 54) conclui que “(...) há, obrigatoriamente, a presença de imagem no símbolo, pois, sem

a presença da imagem, esse ente simbólico não terá como construir significado”. Para exemplificar tal pensamento, podemos lembrar a frase: “o Brasil é o país do futebol”, em que a referida afirmação, mesmo sem a utilização de qualquer imagem, está formando uma metáfora visual da nação brasileira, sendo que essas configurações simbólicas e metafóricas só podem adquirir sentido mediante ao contexto sociocultural que a contempla. Diante disso, a metáfora visual pode ocorrer na transformação de uma ideia em uma simples imagem, que pode adquirir diferentes formas, cores, objetos, etc.

Acerca dessa lógica, segundo Lakoff (1987) *apud* Vereza e Dienstbach (2021, p. 5) define as metáforas de imagens como “metáforas que mapeiam imagens mentais convencionais em outras imagens convencionais”. Para ilustrar tal realidade, o autor retira de um poema a expressão: “a cintura da minha esposa é uma ampulheta”. Sendo assim, o linguista afirma que para mapearmos a imagem da ampulheta na imagem da mulher, ambas as figuras precisam ser estruturadas em termos de uma aparência semelhante e, somente assim, a forma da ampulheta pode ser mapeada na forma da mulher. Além disso, nota-se a importância dos mapeamentos adequados para tal procedimento metafórico, pois não é qualquer ou todo mapeamento que deve ser utilizado para determinar a semelhança pretendida entre o objeto e a mulher, no caso exemplificado. Logo, para atingir o mapeamento proposto, devem-se mapear do domínio de origem somente as questões de forma e não, por exemplo, de funcionalidade da ampulheta, pois não são relevantes e por isso não participam do mapeamento.

Análise do *corpus*

Figura 1 – Corpo feminino nu ao lado de violão



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/28499410133941491/>. Acesso em: 10 dez.2022.

Figura 2 - Pintura oriental de mulher com corpo de violão



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/293789575699750381/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

As figuras 1 e 2 representam a expressão metafórica “corpo violão” comumente usada na sociedade brasileira para determinar um modelo corporal feminino. A expressão, que faz parte do vocabulário de muitos indivíduos, remete a um tipo de beleza muito apreciada e valorizada no Brasil, sendo então uma metáfora usada com uma conotação positiva em relação ao corpo da mulher.

Para compreender melhor a expressão metafórica em questão, observam-se algumas definições retiradas da internet. Segundo o Dicionário Informal a expressão “corpo violão” significa “gíria para um corpo feminino fisicamente atraente, comparando a forma do violão ao corpo (peito, cintura e quadril).” Outras significações mencionadas pelo referido dicionário são: “apelido para mulher gostosa”, “mulher com cintura fina” e “mulher peituda e bunduda”.

Dessa maneira, através das imagens analisadas é possível observar uma cintura fina; enquanto a parte inferior do corpo, as nádegas e coxas são mais evidenciadas, demonstrando uma semelhança física ao instrumento musical, o violão. Nota-se, então, que há uma metáfora visual em que se evidencia o ser animado (o que possui vida) representado por “corpo da mulher” e o ser inanimado (o que não possui vida) representado por “violão”. Deste modo, o Dicionário Infopédia atribui algumas definições para o corpo, entre elas se destacam: “parte física dos seres animados”, “objeto material determinado pelas suas características físicas ou químicas” e o sentido figurado “parte física do ser humano enquanto fonte de desejo e sensualidade”. Já a definição do objeto violão conforme *Oxford Languages* é “instrumento de cordas dedilháveis, com caixa de ressonância em formato semelhante a um oito, com seis cordas, de diferentes materiais”.

A metáfora nas figuras 1 e 2 são classificadas como visuais, o qual segundo Forceville (2008) consiste na integração de um domínio-alvo e um domínio-fonte construídos a partir de signos estritamente visuais. Assim, ao observar as quatro figuras, nota-se que os elementos visuais que compõem as imagens podem evocar ou lembrar outra *gestalt*, sem a necessidade de alguma verbalização. O CORPO recebe uma delimitação de algo que tem uma forma e,

assim, recebe projeções de coisas ou objetos. Neste caso, o corpo feminino projeta a forma do objeto violão e, desta maneira, ao ver tais imagens facilmente podemos associá-las à forma do instrumento musical, mesmo sem determinadas pistas contextuais.

As imagens apresentam o domínio-alvo (DA), o qual é constituído pelo frame CORPO e tendo como domínio-fonte (DF) o frame VIOLÃO. A partir do *corpus* atentou-se para a metáfora conceptual encontrada nas imagens, CORPO É OBJETO. Por meio dos mapeamentos, é possível compreender os sentidos construídos mediante a conceptualização de CORPO. A metáfora conceptual CORPO É OBJETO refere-se à determinação física, a existência dessa matéria que é corpo – DA – determinando seus limites e identificando-os. O tipo de corpo retratado nas figuras pode ser símbolo de desejo masculino e feminino. Nesse sentido, o corpo, o qual é comumente relacionado ao desejo sexual, também pode ser visualizado e conceptualizado desta maneira nas figuras, já que é considerado alvo de desejo masculino – mulheres que possuem esse tipo de forma corporal supostamente são mais atraentes. Logo, conforme as definições e menções encontradas na internet, os homens se sentem mais atraídos ao se relacionarem com mulheres que possuem essa padronização corporal e, assim, tal corpo torna-se objeto de desejo sexual. Já para as mulheres, o “corpo violão” torna-se desejo, mas não no sentido sexual e, sim, no desejo de obter determinada forma corporal, a qual é admirada culturalmente na sociedade brasileira.

Desse modo, o corpo feminino exibido nas imagens em questão assume a forma do violão, ou seja, há a delimitação do objeto a ser categorizado, sendo que o DF objeto é representado nas imagens pelo instrumento musical violão. Verifica-se que os limites físicos são bem definidos e relacionados às experiências corpóreas, já que esse corpo – DA – recebe projeções que o caracterizam com as formas de um violão. Nas figuras, também é possível perceber os esquemas imagéticos que conforme Gibbs e Colston (2006, p. 30) são meios primários, imaginativos e não-proposicionais, pelos quais se forma ou se organiza a experiência, e não simplesmente um tipo de

recipiente, nos quais a experiência é depositada. Portanto, o esquema imagético ocorre devido às figuras provocarem a imaginação do leitor, estimulando uma representação mental do objeto violão em comparação com o corpo feminino.

Ao analisar as figuras, verifica-se a importância de determinar quais mapeamentos serão estabelecidos para a conceptualização da expressão metafórica “corpo violão”, isto é, não devem ocorrer todos os mapeamentos do instrumento musical, tais como sua utilidade ou funcionalidade e, sim, principalmente a sua forma física. Além disso, é importante mencionar que pode ocorrer também o mapeamento do método de envolver e/ou tocar o instrumento musical, haja vista que para tocarmos o violão é necessário “abraçar” o objeto, deixá-lo próximo ao corpo humano para, então, exercer a funcionalidade do instrumento musical. Dessa forma, também se pode associar tal ato à referida forma corporal feminina, visto que essa padronização corporal evidenciada na mídia é símbolo de desejo sexual. Metaforicamente, a mulher que possui essa forma de corpo será possivelmente mais propícia a ser “abraçada”. Nessa perspectiva, observa-se que a partir da metáfora conceptual analisada, a mulher, em especial o seu corpo, é visto muitas vezes como um mero objeto, ressaltando assim, a objetificação feminina presente na sociedade.

Considerações finais

Este trabalho foi realizado com dados iniciais da pesquisa, configurando-se como uma versão reduzida. Foram expostas metáforas conceptuais, em especial metáforas visuais, relacionadas ao corpo feminino que circulam principalmente na internet. A partir da análise parcial dos dados, evidenciou-se que há um conceito de beleza a respeito da corporização feminina, e nota-se que há um padrão estético estabelecido no meio social. Nesse contexto, os dados apontam para a confirmação de que existe uma ideologia sexista referente às conceptualizações corporais femininas, e a mídia é uma forte propagadora desses padrões, pois consiste em um sistema

marcado por ideologias e esteriótipos, interferindo, assim, na representação do corpo da mulher. Sendo assim, mesmo que não ostensivamente, a mídia influencia os hábitos, costumes e mentalidade da população brasileira, sobretudo, o público feminino, o qual é exposto a uma infinidade de imagens (metáforas visuais) que seduzem e induzem à busca de um padrão estabelecido de um 'corpo perfeito'. Desse modo, o discurso de beleza interior e bem-estar vai se tornando ineficaz e abrindo espaço para um discurso mais poderoso que molda o imaginário de diversas mulheres, assim, conforme essas imagens e idealizações corporais circulam na mídia, aos poucos, invadem o subconsciente e ocupam lugar de referência na concepção dos indivíduos.

Pretende-se, na continuação da pesquisa, ampliar o número de dados observados, a fim de aprofundar a análise das metáforas visuais que circulam na internet e na mídia sobre as questões corpóreas da mulher e realizar a metodologia com abordagem qualitativa.

Referências

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.
- CAVALCANTE, S.; GOMES JUNIOR, R. C. Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da COVID-19. *Calidoscópio*, Porto Alegre, n. 1, p. 104-119, 1. sem. 2021.
- CORPO. *Infopédia*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/corpo>. Acesso em: 3 dez. 2022.
- FORCEVILLE, C. Pictorial and multimodal metaphor in commercials. In: MCQUARRIE, E. F; PHILLIPS, B. J. (eds). *Go Figure! New Directions in Advertising Rhetoric*, 272-310. Armonk NY: ME Sharpe, 2008.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

GIBBS, Jr.; Raymond, W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistic: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução e coordenação Mara Sophia Zanotto et al. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, M. A. Modelos mentais. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 193-232, 1996.

ORTONY, A (ed.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge, 1993.

OXFORD LANGUAGES. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SANTAELLA, L; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2017.

VEREZA, S. C.; DIENSTBACH, D. A wave of metaphors: image and visual metaphors in cartoons from a cognitive-discursive perspective. *Revista da Abralin, [S. l.]*, v. 20, n. 3, p. 874-899, 2021.

VIEIRA, J. A.; ROCHA, H.; BOU MAROUN, C. R. G.; FERRAZ, J. A. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 9 – 32.

_____. Afinal, existem metáforas visuais? In: VIEIRA, J. A; BENTO, A. L; ORMUNDO, J. S. (Orgs.). *Discurso nas práticas sociais*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 51- 65.

VIOLÃO. Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/viol%C3%A3o/250/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução e coordenação Mara Sophia Zanotto et al. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

A METÁFORA CONCEPTUAL DE GUERRA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 E SUA CONTRIBUIÇÃO NA COMUNICAÇÃO HUMANA

Beatriz de Oliveira Alves¹

Introdução

Com a chegada da Covid-19, veículos de comunicação começaram a noticiar acerca desta enfermidade, através de reportagens, artigos, informativos, campanhas, entre outros gêneros jornalísticos, que foram essenciais para informar a população de maneira clara e coesa acerca desta doença que era novidade para todos os cidadãos. Nesse sentido, tratar deste padecimento, em um momento até então, inimaginável da história, a linguagem foi a ferramenta capaz de influenciar na escrita e no discurso da imprensa e desse modo, diversos jornais do Brasil e do mundo, criaram manchetes que retrataram o período contextual da pandemia, transversalmente a partir do uso da metáfora de GUERRA.

A relação entre doença e guerra ocorre devido a oportunidade de compreensão que a Linguística Cognitiva defende e estuda, a qual refere-se ao modo como o significado se dá através das bases cognitivas do ser humano que é apto a conceptualizar o pensamento, a fala e a escrita durante a sua comunicação sendo possível compreender que o significado, nesse aspecto, torna-se mais dinâmico e flexível, o que habilita a negociação e a renegociação das nossas ações no uso efetivo da linguagem.

É nesse universo que as metáforas conceptuais e os frames são facilmente acionados e versados na análise de seus papéis e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CNPq. Pesquisa sob orientação da Prof^a. Dr^a. Solange Coelho Vereza. E-mail: bia_olives@yahoo.com.br.

importâncias na maneira de tratar sobre o cenário pandêmico que será discutido nesta pesquisa. Baseado nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), entende-se por metáfora a compreensão e experimentação de uma coisa em termos de outra e ao relacionar-se com entidades conceptuais, ajuda o ser humano a formar suas ações e pensamentos na vida cotidiana. Já os frames são entendidos como a capacidade do falante ativar suas experiências em relação ao contexto em que está inserido e assim conseguir entender toda conjuntura ali apresentada. Nesse viés, o ser humano ativa em sua mente alguma cena, que pode ser uma palavra, que remete ao contexto mencionado para gerar uma significação, como defende Fillmore (1977, p. 59) “os significados são relativizados às cenas”.

Dessa forma, esta pesquisa coloca-se a analisar e compreender acerca da relevância dos estudos linguísticos, em especial a Linguística Cognitiva e alguns de seus elementos (*metáfora e frame*), na interação e comunicação social e a mostrar através dessa abordagem, a riqueza linguística que é capaz de fomentar a manifestação oral e escrita entre um povo sobre um evento ou situação em que estão vivendo.

O papel da Linguística Cognitiva e a metáfora conceptual

Antes de conceituar sobre metáforas conceptuais e frames, é importante definir a Linguística Cognitiva e seu objeto de estudo. Assim, a Linguística Cognitiva nasce nos anos 70 e seu estudo baseia-se na inter-relação entre as formas linguísticas, aspectos cognitivos e enfoques sociais e culturais de um povo para que haja o funcionamento da linguagem:

A Linguística Cognitiva, por sua vez, adota uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre módulos da linguagem, mais especificamente entre estrutura linguística e conteúdo conceptual. [...] defende que a relação entre palavra e mundo é medida pela cognição. Assim, o

significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado (FERRARI, 2020, p. 14).

Nesse viés, a Linguística Cognitiva rompe com a perspectiva modular de cognição proposta pelo gerativismo e assim, constrói a relação entre linguagem e cognição que promove a conexão entre o conhecimento e a experiência humana do mundo. Desse modo, esta ciência se interessa por temas como: categorização linguística, concepções funcionais da organização linguística, ações conceptuais e a relação entre linguagem e pensamento. Segundo Geeraerts (1995, p. 111-112) “a linguagem se constitui a partir da capacidade cognitiva geral do ser humano” e assim, fica evidente que a Linguística Cognitiva é uma ciência que compreende a linguagem como parte integrante da cognição humana e a interação com aspectos culturais, sociais e funcionais, dá-se através do seu contexto real de conceptualização e processos mentais.

A Linguística Cognitiva utiliza a metáfora como um importante elemento para a compreensão da linguagem. Através dessa abordagem, a metáfora é compreendida como algo essencial à cognição humana e rompe a ideia de que seja apenas uma figura de linguagem, mas sim a forma de pensar e agir da espécie humana, como defende Lakoff e Johnson (1980) em *Metaphors we live by*: “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente a natureza metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3).

Assim, o papel das metáforas é considerado essencial à compreensão humana, o qual promove a criação de novos sentidos e novas realidades na vida das pessoas e sua base é associada às ações experientialistas da vida humana. Segundo Ortony (1993, p. 1-2):

O conhecimento da realidade, tenha sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada. Ela emerge na interação dessa informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor.

A orientação geral de que o mundo objetivo não é diretamente acessível, mas sim construído a partir de influências restritivas do conhecimento humano e da linguagem.

Ainda nessa perspectiva, Lakoff e Johnson (2002) explicam que o sistema conceptual não rege apenas o pensamento, mas também as ações metafóricas para a compreensão de mundo do indivíduo. Desse modo, o uso deste fenômeno linguístico é responsável por compor as atividades humanas e fica claro, que para os autores, o processo metafórico é um sistema conceptual que abrange a cultura de um grupo social e o pensamento humano, alinhando e promovendo essa relação.

A metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. [...] Pelo contrário, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48).

Logo, a metáfora conceptual define-se pela compreensão de um domínio conceptual, em termos de outro e são motivados através de projeções metafóricas que se dirigem ao conhecimento entre domínios, sendo eles, o domínio fonte e o domínio alvo, ou seja, parte de um aspecto mais concreto para o mais abstrato.

Dentro desse contexto, a metáfora conceptual de GUERRA foi muito presente e marcada nos meios de comunicação durante a pandemia da COVID-19, assumindo o papel da doença como um domínio fonte e suas projeções como domínio alvo. Isso se explica devido ao sistema conceptual humano que é capaz de ativar os

esquemas imagéticos,² modelos cognitivos idealizados³ e *frames* que são capazes de exemplificar a parte fixa do mapeamento cognitivo humano. Podemos observar nos seguintes exemplos, a conceptualização metafórica de GUERRA neste contexto:

Figura 1 - Estamos em Guerra na Covid-19

'Estamos em guerra' contra a covid-19, diz secretário-geral da ONU

António Guterres destacou disparidade na vacinação entre países ricos e pobres e pediu para G20 ajudar na fabricação de vacinas

Fonte: Site R7.com. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/estamos-em-guerra-contra-a-covid-19-diz-secretario-geral-da-onu-29062022>. Acesso em: 11 set. 2022.

Figura 2 - Guerra das vacinas na pandemia de Covid-19

A 'guerra das vacinas' é o novo capítulo da disputa EUA x China

Fonte: Site R7.com. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/a-guerra-das-vacinas-e-o-novo-capitulo-da-disputa-eua-x-china-29062022>. Acesso em: 11 set. 2022.

Na figura 1, temos a manchete publicada pela central de notícias R7.com, postado em 24/05/2021, em que é retratada a fala de António Guterres, secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que caracterizou o momento de pandemia na perspectiva de

² ESQUEMAS IMAGÉTICOS - “Os esquemas imagéticos são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo (Lakoff, 1987; Johnson, 1987; Lakoff e Turner, 1989). [...] Os esquemas imagéticos, de um modo geral, representam padrões esquemáticos que refletem domínios, tais como CONTÊINER, TRAJETÓRIA, FORÇA E EQUILÍBRIO, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo.” (FERRARI, 2020, p. 86).

³ MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS - “Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), definindo-o como um conjunto complexo de frames distintos. [...] Os Modelos Cognitivos Idealizados são modelos complexos que combinam vários modelos individuais.” (FERRARI, 2020, p. 53-57).

Guerra, em virtude de evidenciar o cenário de conflito entre a doença e os meios possíveis para combatê-la. Guterres, ao se expressar, acredita usar a lógica de guerra como uma forma mais enfática de aumentar as chances de vencer tal enfermidade o mais rápido possível através de recursos vacinais que comprovados cientificamente, são imunizantes eficazes na diminuição de infecção e também geradores de sintomas mais leves de Covid. Já na figura 2, publicada pelo mesmo portal de notícias, entende-se que há um conflito entre as maiores potências econômicas mundiais - EUA e China, acerca de qual vacina desenvolvida por ambos seria a mais eficiente contra o Coronavírus. Assim, instaurou-se uma “guerra” comercial que foi noticiada de maneira metafórica para que pudesse ficar mais claro e evidente que tal conceptualização se faz presente no cotidiano da população devido às unidades básicas e o contexto em que estão inseridas.

Figura 3 - Guerra Fria das vacinas



Fonte: Site jornal Público PT. Disponível em: www.publico.pt/2020/11/11/ciencia/noticia/vacinas-covid19-estao-chegar-comeca-guerra-fria1938862. Acesso em: 11 set. 2022.

Na figura 3, tem-se a manchete retirada do jornal online português Público, postado em 11/11/2020 que sintetiza a conceptualização GUERRA para o cenário da COVID-19. É feita uma comparação direta com o momento histórico de grande conflito, conhecido como “Guerra Fria”, ocorrido durante a segunda metade do século XX, responsável pela polarização do mundo e a tensão entre Estados Unidos da América e a União Soviética, através de uma disputa geopolítica que impactou o mundo de diversas maneiras. Assim, ao caracterizar e comparar a “guerra das vacinas” como uma “guerra fria”, demonstra que a

maneira metaforizada de retratar este momento é capaz de relacionar a briga geopolítica daquela época com o cenário atual que a Covid-19 proporcionou devido à afetação direta na produção e comercialização das vacinas e como aquele momento, que deveria ter sido uma ocasião de responsabilidade, intermédio de ajuda e empatia a todas as pessoas, tornou-se um momento de interesses.

É com o uso deste fenômeno que o ouvinte tem a intenção de transmitir uma mensagem, gerar algum significado na comunicação com o falante, e assim, conseguir interpretar a mensagem que está sendo apresentada. O papel da metáfora nessa relação se dá devido a forma como imaginamos e raciocinamos sobre o mundo e assim, assume a posição de que em toda linguagem há uma metaforização para ser aplicada, porque seu uso é abrangente e capaz de explicar sobre nossas ações do dia a dia: “metáfora não é apenas um modo de fazer poesia, mas faz parte da forma como pensamos e raciocinamos. [...] usamos para falar sobre infinidade de conceitos os quais lidamos no nosso dia a dia” (LENZ, 2019, p. 32).

O papel dos frames na “Guerra contra o vírus da COVID-19”

Ao abordar o combate a uma doença, engloba-se uma “luta” mais completa com a presença de meios e contribuições capazes de ajudar na finalização da problemática. Assim, o cenário de guerra amplia a produção de sentido de um determinado assunto ou contexto em que está inserido e é nessa perspectiva que os *frames* assumem uma posição de grande relevância. Pode-se dizer que o *frame* é uma unidade de conhecimento que se constrói com base nas interações refletidas na linguagem e segundo Fillmore (1982, p. 11): “um *frame* é qualquer sistema de conceitos relacionados de tal maneira que para entender qualquer um deles é preciso entender a estrutura que os comporta como um todo”.

Nesse sentido, ao utilizar o *frame* de GUERRA para expor pensamentos, falas e ações sobre a COVID-19, é possível compreender que a doença em questão é facilmente associada

metaforicamente a batalha, luta, combate, confronto e derrota, visto que são ativados cognitivamente mecanismos que nos permitem organizar os pensamentos e ideias de mundo que ganham sentido através das interações e do discurso humano.

Figura 4 - Esquema - Frame de GUERRA



Fonte: elaboração própria.

O esquema produzido e exposto acima transpõe o que se refere a ideia de guerra, ou seja, aquilo que pensamos e entendemos pela expressão linguística apresentada. Desse modo, com base no *frame* de GUERRA que é acionado na mente humana, palavras e definições como: “batalha” (esforço para vencer alguma dificuldade); “combate” (luta entre adversários); “confronto” (ação entre oposições); “luta” (briga ou disputa por algo); e “derrota” (vencer ou perder um confronto) são alguns exemplos de como nossa mente é capaz de ativar o *frame* e associá-lo a algum evento ou contexto.

A forma conceptualizada da pandemia como GUERRA foi evidenciada na linguagem e transmitida em muitos meios de comunicação, entre eles o jornal impresso e digital, que teve como finalidade, noticiar o momento pandêmico e através dos seus discursos, foi possível identificar abordagens através do uso de *frames* que são claramente acionados com a conceptualização metafórica para assim, descrever e tratar a respeito dessa enfermidade que abalou o mundo. Assim, a relação semântica ocorre por meio da conexão entre os *frames* e as metáforas, pois é através dos *frames* que essas estruturas mentais permitem que o ser humano seja capaz de compreender e criar a realidade que permita a facilidade entre as interações humanas com o mundo e o acionamento do *frame* pode caracterizar uma ação, definir um

momento e tratar acerca de um ponto de vista ou algum tema específico.

Isto posto e a fim de ilustrar sobre o fenômeno conceptual, foi feita uma pesquisa em diferentes jornais e notícias que produziram manchetes as quais evocam acerca da metáfora conceptual de GUERRA relacionada aos *frames* que são ativados. Vejamos alguns exemplos:

Figura 5 - Uso metafórico de batalha



Fonte: Jornal O São Gonçalo. Disponível em: <https://www.osaogoncalo.com.br/cultura-e-lazer/106968/urgente-ator-paulo-gustavo-perde-a-batalha-contra-a-covid-19-e-engrossa-estatisticas-de-doenca>. Acesso em: 11 set. 2022.

Figura 6 - Novo uso metafórico de batalha

Nova Zelândia venceu uma batalha contra o coronavírus, afirma primeira-ministra

O país registrou 1.122 casos do novo coronavírus, com 19 mortes. O país ficou em confinamento, fechou as fronteiras, obrigou as pessoas a permanecer em casa, fechou o comércio e suspendeu todas as atividades não essenciais.

Fonte: Site G1 | Globo.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/27/nova-zelandia-venceu-uma-batalha-contra-o-coronavirus-afirma-primeira-ministra.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2022.

Na manchete 04 publicada pelo jornal O São Gonçalo, em 04/05/2021, o conceito de batalha é visto como algo negativo, um entrave que caracteriza a morte do ator e humorista, Paulo Gustavo, que não resistiu às complicações da doença, logo “perdeu a batalha” contra a COVID-19. Já na manchete 05, publicada em 27/04/2020 pelo jornal online G1 | globo.com, o conceito de batalha é visto por uma ótica mais otimista, a qual demonstra que a Nova Zelândia tomou medidas de proteção satisfatórias contra o novo

coronavírus que possibilitou o país a diminuir casos de contágios e reduzir mortes significativas.

Entende-se que indivíduos travaram diversas batalhas contra essa doença por ter sido em grande escala, a pandemia em questão tornou-se “pandemia de guerra”, segundo Vereza (2020, p. 62): “Quando a epidemia se espalha e atinge o mundo como um todo, tornando-se uma pandemia a guerra adquire dimensão global e todas as nações, cada qual com suas estratégias armas e recursos, passam a lutar contra um único inimigo”.

Outro exemplo, foi encontrado no noticiário CNN em formato digital, postado em 11/02/2021:

Figura 7 - Luta contra a Covid-19



Fonte: Site CNN Brasil. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/luta-contra-covid-19-completa-um-ano-com-vacina-e-variantes-como-desafio/>. Acesso em: 11 set. 2022.

Ao tratar do momento de pandemia ocasionado pela SARS-CoV-2,⁴ é evidenciado nessa manchete que o cenário por mais que tenha avançado, devido a vacinação, ainda havia o desafio das variantes que apareceram naquele momento. Desse modo, por mais que a população tivesse uma grande ajuda, ainda estava enfrentando problemas nessa “guerra contra a Covid”, logo o termo metaforizado por “luta contra Covid-19” ainda era muito forte e marcante para descrever o momento contextual.

⁴ “Vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus” (Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade? - Instituto Butantan). Acesso em: 11 set. 2022.

A manchete seguinte, retirada do jornal online brasileiro Correio Braziliense, publicado em 15/01/2021, retratou o colapso da saúde no território amazonense. Em janeiro de 2021, o Estado do Amazonas sofria com a impunidade governamental que afetou negativamente o sistema de saúde de Manaus, a qual enfrentou a “crise do oxigênio” num momento preocupante da pandemia no Brasil. Nesse contexto, o jornal em questão descreveu o momento de maneira metafórica com a manchete “confronto de morte”, pois ao utilizar o termo “confronto”, foi capaz de manifestar, de forma direta ao leitor, o momento que o povo brasileiro estava enfrentando que poderia se caracterizar como um grande conflito com a morte, visto que, o oxigênio era um dos principais meios e subsídios para salvar vidas naquele momento.

Figura 8 - Confronto de morte



Fonte: Site Correio Braziliense. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2021/01/4900723-confronto-de-morte.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

Ainda nessa perspectiva, o *frame* de GUERRA pode ser associado também ao verbo “derrotar”, visto que o termo é considerado o lado da vitória, conquista ou perda do objetivo final, que no contexto aqui exposto, refere-se ao combate à Covid-19. Para evidenciar esse manifesto, 5 jornais de grande relevância nos meios de comunicação, sendo eles: O Globo, Extra, Valor, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, desenvolveram capas iguais e publicaram a mesma manchete com o intuito de convocar os leitores a unir-se em prol do desfecho da “Guerra contra à Covid-19”. Assim, é através do uso da expressão linguística metaforizada em “Juntos vamos derrotar o vírus”, que o ser humano é capaz de compreender o contexto já conceptualizado (GUERRA), e acionar a “derrota” no cenário da doença.

Figura 9 - Manchetes unificadas “Vamos derrotar o vírus”



Fonte: Site O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus-servico/anj-unifica-capas-de-jornais-realca-importancia-da-informacao-no-combate-ao-coronavirus-24321917> Acesso em: 11 set. 2022.

Outro exemplo foi encontrado no jornal digital R7.com, publicado em 18/07/2022:

Figura 10 - Combate à Covid-19

Governo encaminha R\$ 105 milhões a estados e municípios para combate à Covid-19

Ministério da Saúde informou que os recursos serão para o custeio das diárias de leitos de UTI de pacientes com a doença

BRASÍLIA | *Cláudia Longhini* do R7, em Brasília

BRASÍLIA | *Cláudia Longhini* do R7, em Brasília

COMPARTILHE



Fonte: Site R7.com. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/governo-encaminha-r-105-milhoes-a-estados-e-municipio-para-combate-a-covid-19-18072022>. Acesso em: 11 set. 2022.

Na publicação acima, o termo “combate” é usado de maneira metafórica para denotar a ação positiva do Governo, ao repassar um valor monetário capaz de ajudar no enfrentamento da doença, sendo possível melhorar a saúde pública de estados e municípios do Brasil que sofreram com a crise sanitária da saúde. Assim, o valor é destinado a custear as diárias de leitos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), de pacientes contaminados pelo vírus da doença e por conseguinte, ajudar e possibilitar aos infectados um tratamento digno para o enfrentamento da doença.

O uso das metáforas de guerra no contexto pandêmico e a comunicação humana

Com base nos exemplos e percepções apresentadas, a metáfora por sua vez, é utilizada frequentemente no cotidiano das pessoas,

manifestada na comunicação por meio de palavras, textos, expressões, manchetes, ou seja, empregada nos diferentes usos linguísticos da comunicação humana. Segundo Cançado (2012, p. 11) “A metáfora tradicionalmente, atinge o seu maior uso na linguagem literária e poética. Entretanto, é muito comum achar, em textos científicos, jornalísticos, publicitários e mesmo na linguagem do dia a dia”. Assim, a ideia de que a metáfora só é vista em textos literários ou conhecida comumente como figura de linguagem, pode ser ampliada ao entendimento humano com base nos processos cognitivos que somos capazes de estimular a partir de um evento ou situação diária. De acordo com essa perspectiva, Lakoff e Johnson em *Metáforas da vida cotidiana*, expõe claramente que:

Não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Baseando-se principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte do nosso sistema conceptual ordinário e metafórico, [...] a essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 45).

Tal afirmação dos autores nos permite refletir e compreender que o uso das metáforas, no contexto da pandemia de Covid-19, recebeu diversas caracterizações de base metafórica que foram importantes para descrever o momento de forma mais enérgica e até solidária com o período de caos que pegou todos os indivíduos de surpresa. A metáfora de GUERRA foi comum e utilizada nesse momento de pandemia para representar o panorama de enfrentamento contra o vírus, que foi um grande e forte inimigo nessa conjuntura enfrentada na área da saúde e por toda população para demonstrar como o ser humano é capaz de lidar, se expressar e compreender as circunstâncias em que estava inserido, que até então, eram novas e desconhecidas da sociedade do mundo afora. Nesse viés, diferentes meios de comunicação, com o intuito de informar a população sobre a gravidade do problema, expôs em suas manchetes, frases e expressões metafóricas capazes de

promover uma interação com o público e proporcionar uma ligação mais próxima possível para alertar e convidar a todos a darem a devida atenção ao cenário obscuro que todos estavam enfrentando. Além disso, também utilizaram deste recurso metafórico para expor a respeito de ajudas ou vencimento da árdua luta contra o vírus que tirou a vida de milhares de pessoas no mundo todo.

Nesse viés, ao tratar acerca das metáforas de GUERRA, no contexto da pandemia de Covid-19, faz-se o uso metaforicamente das palavras para retratar as ocorrências da doença e o tratamento que foi dado à situação a fim de apresentar sua significância na linguagem cotidiana.

Considerações finais

Diante de toda análise e reflexão proferida e desenvolvida ao longo desta pesquisa, é possível compreender que a metáfora conceptual de GUERRA, no contexto de combate à pandemia de Covid-19, é muito presente no discurso da comunicação humana, capaz de tratar e retratar a pandemia do novo coronavírus que assolou e abalou o mundo e afetou diretamente o campo da saúde, mas também, influenciou nos aspectos e relações sociais durante os anos de 2020 e 2022.

Ao tratar do domínio de GUERRA na esfera desta doença, podemos encontrar diferentes e vastas abordagens que são transmitidas através do uso dos *frames* que, como foi mencionado neste estudo, são ativados na mente humana e assim, todos são capazes de tratar o contexto que estão vivendo sob diferentes visões e perspectivas cognitivas mantendo o mesmo sentido.

Nesta pesquisa, é possível verificar também, que as metáforas são importantes recursos da linguagem que cooperam nas múltiplas interações e fazem parte do cotidiano das pessoas, sendo um recurso extremamente habitual e importante para entender e pensar sobre a língua que dominamos e refletir acerca da interatividade que a linguagem assume e desempenha através do seu uso.

Constata-se ademais, com base na análise do corpus escolhido para este estudo, que as metáforas de GUERRA são bons exemplos para compreender seu uso como estratégia conceptual no cenário da pandemia, podendo ser utilizadas para tratar das ações e pensamentos acerca do ocorrido e experienciado por todos no cenário pandêmico. Por fim, a base cognitiva que rege esta pesquisa, direcionada ao corpus escolhidos, os *frames* encontrados e a relevância relacionada ao cotidiano humano, oferece uma pesquisa capaz de apresentar um momento que marcou a história da humanidade como um influente elemento para estudo e compreensão da percepção linguística e o papel da influência mental como um importante mecanismo para transpor um significado.

Referências

- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1977. p. 55-82.
- _____. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC Society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-138.
- GEERAERTS, D. Cognitive Linguistics. In: VERSCHUEREN, J. et al. (ed.). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 111-116.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LENZ, P. Semântica Cognitiva. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 31-55.

ORTONY, A. *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VEREZA, S. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 69, p. 52-89, 2020.

AS METÁFORAS DE ANIMAIS NA INTERFACE ENTRE O LÉXICO E A METAFOROLOGIA

Leandro Leiroz Rodrigues de Azevedo¹

“Abelha no mel”: um estudo cognitivo-discursivo de expressões metafóricas

Com este trabalho, propõe-se uma reflexão a partir de minha dissertação de mestrado, intitulada “Abelha no mel’: Uma análise cognitivo-discursiva de metáforas de animais na construção (Subs. animal) + (Esp.)”. A pesquisa investigou uma construção idiomática estruturada por um sintagma nominal formado por um substantivo que designa um animal, seguido de uma especificação. À luz da reflexão aqui proposta, pretende-se mostrar que o estudo dos *chunks* e o estudo do léxico, associados aos estudos da metáfora, muito podem contribuir para a educação linguística no Brasil.

A construção em questão, representada por SN = (Subs. animal) + (Esp.),² é capaz de estruturar expressões como “abelha no mel”, “pinto no lixo”, “bicho do mato” e “macaco velho”. Na referida construção, o termo especificador do *chunk* pode ser constituído pelos mais diversos tipos de sintagmas, sendo muito frequentes o adjunto adnominal, o adjunto adverbial, o complemento nominal, a oração adverbial e a oração adjetiva.

Considerando-se os aspectos morfossintáticos da construção SN = (Subs. animal) + (Esp.), identificam-se dois grupos:

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, bolsista da CAPES, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Coelho Vereza. Email: leandroleiroz@id.uff.br

² Sintagma nominal = substantivo que designa um animal + especificador.

1. *Especificadores de cena* – ativam ou criam *frames* como situações dinâmicas, pondo o animal mencionado em uma cena, como nestes exemplos:

- adjunto adverbial: “pinto no lixo”, “burros n’água”;
- oração adverbial: “cão chupando manga”, “burro quando foge”.

2. *Qualificadores* – qualificam o animal mencionado, como nos exemplos a seguir:

- adjunto adnominal: “barata tonta”, “cavalo alado”;
- oração adjetiva: “cão que ladra”, “cachorro que late”.

A pesquisa mostrou que a metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL licencia todas as expressões metafóricas que contêm nomes de animais, em que o domínio-alvo é um indivíduo da espécie humana, e o domínio-fonte é um animal ou palavra associada ao reino animal (como “bicho”). Mostrou, também, que: a) uma parcela das expressões analisadas ativa *frames dinâmicos* (cenas), sendo licenciadas pela metáfora conceptual ESTADO EMOCIONAL/PSICOLÓGICO OU COMPORTAMENTO DE UMA PESSOA É ESTADO DE ANIMAL EM DETERMINADA SITUAÇÃO FÍSICA OU LUGAR; b) outra parcela das expressões ativa *frames predicadores*, ou de especificações de animais, e são licenciadas pela metáfora conceptual SER HUMANO É TIPO DE ANIMAL; c) uma terceira parcela, cujo caráter é híbrido, ativa um ou outro *frame*, dependendo do contexto em que está inserida.

A pesquisa concluiu, por fim, que nem sempre a conceptualização dos termos referentes a animais desempenha um papel fundamental na compreensão das expressões metafóricas em que tais termos estão inseridos, o que indica que cada expressão funciona como uma unidade, e não como uma mera soma de suas palavras integrantes.

Fundamentação teórica

O estudo aqui apresentado teve como fundamentação a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson (1980 [2002]), e a Semântica de Frames de Fillmore (2006), articuladas a conceitos da linguística de *corpus*, como *chunks* e *collocations*.

Objeto de estudos dos mais variados tipos, a metáfora sempre despertou no ser humano uma grande curiosidade. Apesar disso, foi apenas a partir do final da década de 1970 que a metáfora passou a ser vista a partir de uma perspectiva até então inovadora. O surgimento da linguística cognitiva, no que tange à abordagem da metáfora, se apresenta, assim, como um momento decisivo. Na obra *Metáforas da Vida Cotidiana (Metaphors We Live By)*, Lakoff e Johnson (1980 [2002]) mostram que a metáfora se manifesta em todas as formas da linguagem humana e que uma considerável parte do pensamento humano é metafórico.

A metáfora para a maior parte das pessoas é um mecanismo da imaginação poética e do requinte teórico: uma questão de linguagem “extraordinária” em vez da linguagem comum. Além disso, a metáfora é tipicamente vista como uma característica da linguagem: uma questão de palavras e não de pensamentos e ações. Por essa razão, a maioria das pessoas pensa que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós acreditamos, no entanto, que a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza.³ (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 3).

³ No original: “Metaphor is for most people a device of the poetic imagination and the rhetorical flourish—a matter of extraordinary rather than ordinary language. Moreover, metaphor is typically viewed as characteristic of language alone, a matter of words rather than thought or action. For this reason, most people think they can get along perfectly well without metaphor. We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.”

Graças à TMC e aos estudos cognitivistas posteriores a ela, hoje dispomos de pelo menos duas formas de perceber um único fenômeno. A primeira, de cunho tradicional, entende que metáfora é um uso consciente e intencional de um termo para indicar outro, em uma relação de sinonímia parcial, em que existem similitudes que devem ser evidenciadas e outras características que devem ser ignoradas. A segunda, mais abrangente, postula que a metáfora pertence ao âmbito da cognição, ocorrendo inicialmente de forma espontânea, no ato de pensar, para somente depois manifestar-se no plano da linguagem, por meio de mapeamentos de um domínio-fonte para um domínio-alvo.

A noção de *frame* aqui adotada é aquela proposta por Fillmore (2006), que usa o termo para referir-se a um sistema de conceitos relacionados. O autor postula que não se pode entender o significado de uma palavra sem que se tenha acesso a toda a informação essencial ligada a ela. Tal noção pode ser encontrada na literatura também como *script*, esquema (*schema*), e cenário (*scenario*).

Aplicando-se o conceito de Fillmore ao objeto de estudo da pesquisa aqui abordada, pode-se dizer que todas as expressões metafóricas do tipo SN = (Subs. *animal*) + (Esp.) evocam *frames*. Se uma metáfora de animal sem especificação (como “Fulano é um gato”) evoca um *frame* mais geral, com mapeamentos convencionalizados (no caso do gato, a beleza), uma metáfora de animal com especificação (como “gato escaldado” ou “gato preto”) evoca ou até mesmo constrói uma cena com elementos e ações específicos. A pesquisa sugere que os *frames* da construção SN = (Subs. *animal*) + (Esp.) não se limitam aos *frames* dos animais em si, mas frequentemente incluem as cenas que a eles estão tipicamente associadas.

Metodologia

Na referida pesquisa, usaram-se alguns procedimentos comumente adotados na linguística de *corpus*. De acordo com Deignan (2008, p. 151), “tem sido demonstrado, por vários pesquisadores, que a linguística de *corpus* pode trazer novos *insights*

para o estudo da metáfora". A autora entende que a pesquisa em metáfora conduzida a partir de exemplos inventados pelos pesquisadores pode levar a conclusões dedutivas circulares, isto é, supostas evidências que são apresentadas com a única finalidade de corroborar hipóteses anteriores. A linguística de *corpus*, assim, é uma ferramenta empírica de grande potencial para gerar reflexões analíticas, não somente nos estudos da metáfora, mas na linguística cognitiva de um modo geral. Segundo Arppe et al. (2010),

Dentro da Linguística Cognitiva, há uma consciência crescente de que o estudo dos fenômenos linguísticos precisa ser fundamentado no uso. Idealmente, a pesquisa na Linguística Cognitiva deve ser baseada no uso da linguagem autêntica, seus resultados devem ser replicáveis e suas afirmações falsificáveis. Consequentemente, mais e mais estudos agora se voltam para *corpora* como fonte de dados.⁴ (ARPPE et al., 2010, p. 1)

Levando-se em conta a importância do uso de um *corpus* formado de ocorrências autênticas das expressões metafóricas, elaborou-se uma metodologia de pesquisa composta das sete etapas descritas a seguir.

- *Etapa 1* – Coleta de *chunks* do tipo SN = (Subs. animal) + (Esp.), por meio de formulário preenchido on-line por participantes;
- *Etapa 2* – Verificação da frequência dos mesmos *chunks*, por meio de consulta à internet;
- *Etapa 3* – Verificação da percepção de metaforicidade das expressões listadas, por meio de formulário preenchido por participantes;
- *Etapa 4* – Consulta das expressões em uma seleção de dicionários de língua portuguesa publicados on-line;

⁴ No original: "Within cognitive linguistics, there is an increasing awareness that the study of linguistic phenomena needs to be grounded in usage. Ideally, research in cognitive linguistics should be based on authentic language use, its results should be replicable, and its claims falsifiable. Consequently, more and more studies now turn to corpora as a source of data." (tradução minha)

- *Etapa 5* – Coleta de *corpus* autêntico no banco de dados *Corpus* do Português⁵ e na ferramenta de busca Google;
- *Etapa 6* – Checagem da proporção entre ocorrências metafóricas e ocorrências literais;
- *Etapa 7* – Análise dos dados.

Dados

A lista reproduzida a seguir contém os 116 (cento e dezesseis) *chunks* coletados na primeira etapa da pesquisa.

1. abelha no mel
2. abelha rainha
3. baleia assassina
4. barata cascuda
5. barata tonta
6. besta fera
7. bicho de pé
8. bicho do mato (2x)
9. bicho papão
10. bicho solto
11. bode expiatório (3x)
12. boi brabo
13. boi de piranha (2x)
14. burro de carga
15. burro inteligente
16. burro quando foge (2x)
17. burro velho (2x)
18. burros n'água
19. cabra cega
20. cabra macho
21. cachorro do mato
22. cachorro magro (3x)

⁵ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em fevereiro de 2021.

23. cachorro molhado
24. cachorro morto (2x)
25. cachorro que late
26. cachorro quente
27. cachorro sem dono
28. cadela no cio
29. camarão que dorme
30. camelo sedento
31. canguru perneta (2x)
32. cão abandonado
33. cão chupando manga
34. cão de briga
35. cão de caça
36. cão fiel
37. cão guia
38. cão que ladra
39. cão raivoso (2x)
40. cão sarnento
41. cão sem dono
42. cão vira-lata
43. cavalo alado
44. cavalo alazão
45. cavalo dado (2x)
46. cavalo de raça
47. cavalo de troia
48. cavalo paraguaio
49. cavalo veloz
50. cobra cega
51. cobra criada (3x)
52. cobra venenosa (2x)
53. elefante branco (2x)
54. formiga atômica
55. formiga carpinteira
56. galinha d'Angola
57. galinha dos ovos de ouro

58. galinha poedeira
59. galo manso
60. galo vermelho
61. gatinha manhosa
62. gato escaldado (8x)
63. gato malhado
64. gato manhoso
65. gato manso
66. gato morto
67. gato na tuba
68. gato preto
69. girafa pescoçuda
70. grilo falante
71. grilo na cabeça
72. leão de chácara (4x)
73. leão manso
74. lesma lerda
75. lobo em pele de cordeiro (2x)
76. lobo mau
77. macaco de circo
78. macaco gordo
79. mico doido
80. mico preto
81. minhoca da terra
82. minhoca na cabeça (2x)
83. morcego cego
84. mosca de padaria (2x)
85. mosca morta (3x)
86. mula sem cabeça (2x)
87. onça pintada
88. ovelha negra (2x)
89. papagaio de pirata
90. papagaio falante
91. pássaro na gaiola
92. pata choca

93. patinho feio (3x)
94. peixe fora d'água (4x)
95. peixe morto (2x)
96. peixinho dourado
97. perereca da vizinha
98. peru de Natal
99. peru tonto (2x)
100. pinto no lixo (2x)
101. porco imundo
102. pulga atrás da orelha (2x)
103. rato de biblioteca
104. rato de laboratório
105. rato na sarjeta
106. sapo jururu
107. serpente d'água
108. urubu na carniça
109. vaca atolada (3x)
110. vaca chifruda
111. vaca leiteira
112. vaca louca
113. vaca ruminante
114. vaquinha de presépio
115. veado rosa
116. zebra colorida

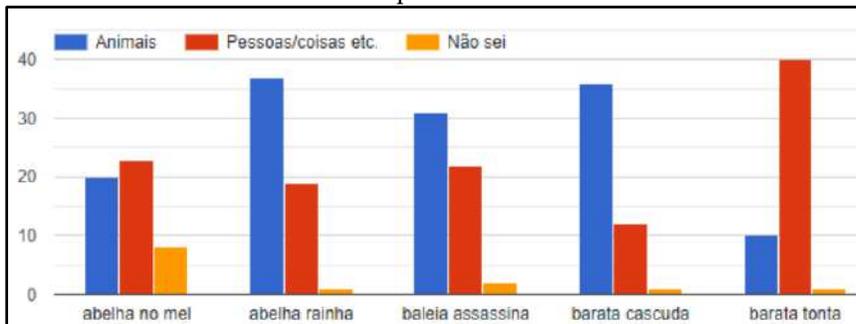
Às expressões da lista anterior somam-se as 37 (trinta e sete) reproduzidas abaixo, que foram encontradas ao longo das etapas subsequentes da pesquisa. Todas já se encontram dicionarizadas.

117. (cada) macaco no seu galho
118. barata voadora
119. besta de roda
120. besta de tiro
121. besta quadrada
122. bicho de cozinha

123. bicho de sete cabeças
124. bicho do pé
125. boi bento
126. boi de sela
127. boi preto
128. bois da quarta
129. burro montês
130. burro selvagem
131. cabra da peste
132. cão de fila
133. cavalo cerrado
134. cavalo de batalha
135. cavalo de cem moedas
136. cavalo pastor
137. chimpanzé reumático
138. cordeiro pascal
139. galinha choca
140. galo doido
141. gato escondido com (o) rabo de fora
142. lobo do mar
143. macacos no sótão
144. moscas volantes
145. pássaro bisnau
146. pássaro de bico amarelo
147. pulga na orelha
148. rato de hotel
149. rato de sacristia
150. rato sábio
151. vaca errada
152. vacas gordas
153. vacas magras

Na etapa 2, os dados coletados foram traduzidos em gráficos como os da imagem a seguir.

Gráfico 1 – Percepção que os falantes têm da metaforicidade das expressões



Fonte: elaboração própria.

Análise de dados

A consulta à ferramenta de busca Google e ao banco de dados *Corpus* do Português apontou para uma porcentagem maior de ocorrências de itens já lexicalizados (incluindo expressões idiomáticas) entre os *chunks* mais frequentes. Além disso, uma segunda análise, feita por amostragem, do *corpus* coletado no banco de dados *Corpus* do Português mostrou que o uso metafórico das expressões é mais frequente que o seu uso literal, alcançando, em alguns casos (como os de “ovelha negra” e “cachorro quente”), 100% (cem por cento) das ocorrências analisadas.

A pesquisa sugere que a conceptualização dos animais citados nos *chunks* nem sempre cumpre um papel relevante na compreensão das expressões metafóricas, demonstrando que cada expressão funciona como uma unidade, e não como uma soma dos termos que a compõem. Assim, a forma como o falante conceptualiza um dado animal parece não ser o principal elemento responsável pelo sentido dado à expressão metafórica empregada no discurso. A expressão metafórica inteira é que ganha sentido, com o suporte dos *frames* por ela evocados e do conhecimento enciclopédico acerca da expressão.

O conhecimento enciclopédico é responsável, também, por informar se a expressão em uso tem carga avaliativa positiva ou

negativa. Assim, duas expressões que cite um mesmo animal (como “mosca de padaria” e “mosca morta”) podem ativar *frames* diferentes, bem como poderão ter cargas avaliativas diferentes. Os *frames* ativados parecem possuir uma relevância muito maior do que a conceptualização do animal para o entendimento das expressões em uso.

Por fim, a pesquisa propõe uma divisão das metáforas de animais em três grandes grupos, todas licenciadas pela metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL:

1. aquelas que ativam *frames* como situações dinâmicas (cenar), licenciadas pela submetáfora conceptual ESTADO EMOCIONAL/PSICOLÓGICO OU COMPORTAMENTO DE UMA PESSOA É ESTADO DE ANIMAL EM DETERMINADA SITUAÇÃO FÍSICA OU LUGAR;

2. aquelas que ativam *frames* predicadores, licenciadas pela submetáfora conceptual SER HUMANO É TIPO DE ANIMAL;

3. as híbridas, que ora ativam *frames* de situações dinâmicas, e ora especificam o animal de forma mais estática, licenciadas tanto pelo *frame/cena* ou pelo *frame/tipo*, a depender do contexto em que ocorrem.

Metáfora e léxico: uma interface promissora

Com base no que foi exposto, pode-se afirmar que a pesquisa aponta para um caminho promissor: o aprofundamento da reflexão em torno da interface entre teoria lexical e linguística cognitiva. A dissertação em questão, que serviu de base para esta reflexão, enfatiza a relevância do estudo do léxico no que diz respeito à metáfora, uma vez que tal investigação se ancora tanto na dimensão conceptual da metáfora como no uso linguístico que a cerca e na convencionalidade que a caracteriza. Nessa interface, a linguística de *corpus* se prova uma essencial ferramenta de levantamento de *corpora* autênticos, bem como recurso analítico para o tratamento das ocorrências coletadas.

Muito ainda pode ser feito na interface aqui proposta. A pesquisa descrita na dissertação “Abelha no mel” poderia ser continuada, por exemplo, com uma análise da dinâmica entre a língua em uso e o processo de dicionarização de palavras e expressões. A análise de dados da referida pesquisa apontou para o fato de que existem muitas expressões metafóricas que, apesar de já enraizadas na língua, não constam nos dicionários. Em contrapartida, muitas expressões listadas nos dicionários parecem não ter, atualmente, seu uso muito convencionalizado na língua, o que poderia configurar um exemplo de mudança linguística, com expressões aparentemente caindo em desuso enquanto outras ganham a preferência dos falantes, sofrendo lexicalização e tornando-se, por isso, candidatas ao processo de dicionarização. Os possíveis desdobramentos dessa pesquisa poderiam procurar entender como se dá o processo de dicionarização de tais expressões, além de poderem contribuir com ideias para a otimização de tal processo.

Outra forma de dar prosseguimento à pesquisa seria através de uma análise morfossintática das expressões metafóricas. O *corpus* coletado na referida pesquisa mostrou que o comportamento morfossintático das expressões costuma diferir da informação registrada nos dicionários. Assim, uma expressão formalmente classificada como substantivo, por exemplo, pode aparecer como adjetivo no uso real da língua, conforme evidencia o *corpus*. Veja-se o caso de “bicho do mato”: embora o dicionário Priberam⁶ liste tal termo como uma palavra composta hifenada (“bicho-do-mato”) pertencente à classe gramatical dos substantivos, as ocorrências coletadas no *corpus* mostram que tal expressão tende a ser escrita sem os hifens, e costuma ser usada como adjetivo, podendo até mesmo aparecer na função de predicativo do sujeito de forma coordenada com outros adjetivos, como neste exemplo (com grifos meus): “[...] o ator confessou: ‘Sou um bocado **bicho do mato** e

⁶ Disponível em <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em fevereiro de 2021.

extremamente tímido para ser ator'" (disponível no *Corpus* do Português).

As sugestões de pesquisa aqui apresentadas são apenas exemplos do evidente potencial investigativo da interface entre teoria lexical e linguística cognitiva. A comunidade acadêmica muito terá a descobrir se tal interface for explorada com maior periodicidade e aprofundamento.

Referências

- ARPPE, Antti et al. *Cognitive corpus linguistics: five points of debate on current theory and methodology*. *Corpora*, Vol. 5, no. 1, p. 1-27, 2010.
- DEIGNAN, Alice. *Corpus linguistic data and conceptual metaphor theory*. In: Zanotto, M.; Cameron, L. & Cavalcante, M. *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam, John Benjamins. 2008. pp. 149-162.
- FILLMORE, Charles J. *Frames semantics*. In: GEERAERTS, Dirk (editor). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. New York: Mouton de Gruyter, 2006, pp. 373-400.
- JOHNSON, Mark; LAKOFF, George. *Metaphors We Live By*. London: The University of Chicago Press, 1980.

A METÁFORA DA UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES E SEUS MAPEAMENTOS NO DISCURSO DO AMOR ROMÂNTICO

Marcela Fernandes dos Santos¹

Introdução

De modo geral, o conceito de amor romântico abarca muitas concepções que foram construídas histórica e culturalmente através do pensamento de grandes autores. Platão, por exemplo, apresentava o amor como algo que une o homem ao divino. Em um dos discursos apresentados em “O banquete”, o amor é apontado como uma busca incansável por outra metade; ambas metades se complementariam para estabelecer um todo. Segundo Marx, citado por Konder (2007), “o amor é ‘uma maneira universal’ que o ser humano tem de se apropriar do seu ser como ‘um homem total’, agindo e refletindo, sentindo e pensando, descobrindo-se, reconhecendo-se e inventando-se” (KONDER, 2007, p. 21).

Apesar de o amor ser apresentado como um conceito universal, determinados aspectos são mais característicos em algumas culturas do que em outras. Beall e Sternberg (1995) sugerem que fatores externos que norteiam as culturas podem interferir no papel que o amor desempenha em cada cultura em particular. Em nossa cultura, na linguagem do dia a dia, é comum utilizarmos expressões linguísticas metafóricas, como “metade da laranja”, “alma gêmea” e “cara-metade”, que são usadas para i) fazer alusão ao amor como uma parte em busca de outra: ii) fazer menção à pessoa amada ou para expressar o desejo de encontrar

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, com pesquisa fomentada pelo CNPq, sob orientação da Profa. Dra. Solange Coelho Vereza.

um “grande amor”. Tais expressões discorrem da noção idealizada do amor como vínculo eterno ou harmonia perfeita entre os amantes em virtude de as duas partes se combinarem plenamente, sendo uma parte dependente da outra.

Ao tratarmos das conceptualizações do “amor romântico” na língua e cultura brasileiras na pesquisa que resultou na dissertação de mestrado intitulada “*Modelo cognitivo idealizado de amor: um estudo das metáforas na linguagem, no pensamento e no discurso sobre o ‘amor romântico’*”, observou-se que grande parte das expressões linguísticas utilizadas no contexto comunicativo referente à vida amorosa tem como base a metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES (conforme KÖVECSES, 1986). Tem-se aí, portanto, um conceito sociocognitivamente compartilhado da busca pelo amor que venha complementar a nossa existência.

O objetivo desta pesquisa é contribuir para maior compreensão de como o amor é conceptualizado e socialmente representado e, ao mesmo tempo, construído pelo discurso. Propomo-nos a explorar a metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES, instanciada em textos de modalidade escrita coletados em *corpora* da língua portuguesa. O estudo desenvolvido é empiricamente respaldado por dados coletados em resultados de busca da Plataforma Google.

A pesquisa, de caráter cognitivista e pertencente, mais especificamente, ao campo de estudos da semântica cognitiva, fundamenta-se nos conceitos de Metáfora Conceptual e Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). O primeiro caracteriza-se por mapeamentos abrangentes entre domínios (domínio-alvo e domínio-fonte) e o segundo, configura-se em estruturas responsáveis por organizar significados e categorias linguísticas, em nossa mente, moldando o modo como conceptualizamos a realidade. Neste trabalho, portanto, pretendemos nos debruçar, conceitual e analiticamente, sobre a metáfora AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES, apontando os

possíveis mapeamentos que a estabelece e que, ao mesmo tempo, dela derivam.

O presente estudo se justifica, portanto, por buscar ampliar o entendimento de “amor romântico”, no escopo da linguística cognitiva. Se reveste de relevância, uma vez que tal conceito se mostra ubíquo em nossa língua e cultura, perpassando as esferas da vida cotidiana, do comportamento, das crenças, das expectativas e das relações interpessoais. Pesquisas nesse molde contribuem para a compreensão da relação entre cognição e linguagem, assim como têm o potencial de revelar propriedades específicas presentes nas culturas, sendo, dessa maneira, relevantes para os campos de estudo do pensamento, da língua e da cultura.

A visão cognitiva da metáfora

Para a linguística cognitiva, a metáfora é um modo de pensar, sendo, conseqüentemente, um mecanismo cognitivo responsável por parte de nossa cognição. Isso quer dizer que “nosso sistema conceptual comum, em termos dos quais pensamos e agimos, é de natureza fundamentalmente metafórica” (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]: 3, tradução nossa). A metáfora efetua a conceptualização de domínios da experiência altamente abstratos por meio de domínios menos abstratos; ou domínios abstratos através de domínios concretos. As transferências entre os domínios são chamadas de “projeções” ou “mapeamentos”, na literatura da área da LC. Esses se estabelecem a partir da transferência de elementos do domínio-fonte para elementos do domínio-alvo, sempre nesta ordem, nunca ao contrário. No caso do presente estudo, temos como domínio-fonte a noção de UNIDADE (de duas partes) e como domínio-alvo o conceito AMOR. Em outras palavras, o conceito “amor”, considerado mais abstrato, é utilizado como alvo, enquanto o conceito “unidade”, mais concreto, é empregado como sua fonte.

Nem tudo pode ser mapeado ou transportado do domínio-fonte para o domínio-alvo, e isso pode ser explicado por meio do

princípio da invariância, que se ocupa em delimitar o quanto pode ser transferido de um domínio para o outro. Caso todos os elementos do domínio-fonte fossem projetados para o domínio-alvo, teríamos uma equivalência que possibilitaria uma relação de sinonímia.

Resumindo os postulados e/ou princípios que estão na base da metáfora conceptual, recorremos a Kövecses (2007):

a Metáfora é propriedade de conceitos e não de palavras; (2) a função da Metáfora é a de realizar melhor compreensão de certo tipo de conceito e não apenas a de viabilizar propósitos artísticos e estéticos; (3) a Metáfora, de forma geral, não é baseada em similaridades; (4) a Metáfora é usada de forma automática por parte dos falantes comuns em suas vidas cotidianas e não apenas por falantes talentosos; (5) bem longe de ser resultado de processo superficial de ornamentação linguística, a Metáfora constitui-se em processo contundente, presente tanto no pensamento como na linguagem cotidiana. (KÖVECSES, 2007, p. 11). (Tradução Nossa).

A visão cognitiva, que insere a metáfora em um âmbito para além de seu uso na linguagem, foi, de certa forma, radicalizada com a introdução da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). Essa mudança foi inaugurada com a publicação da obra *Metaphors we live by* (1980), de Lakoff e Johnson. Por meio da mudança iniciada pelos autores, a metáfora, que era vista como um ornamento linguístico, passa a ser concebida como “uma maneira convencional de mapear um domínio de experiência em termos de outro, de modo inconsciente” (LAKOFF; JOHNSON 2002 p. 24). Podemos conceptualizar o AMOR em termos de VIAGEM, por exemplo, por meio da expressão linguística metafórica “Veja até onde chegamos”, nesse caso, o amor é compreendido como uma viagem que pode ser realizada em conjunto. Para tanto, os viajantes, que são os amantes, devem ter os mesmos objetivos para alcançarem o destino final, um amor consolidado. Pode-se dizer que um domínio conceptual é uma representação ou um

conhecimento de qualquer segmento coerente da experiência humana (KÖVECSES, 2007, p. 665).

Em nossa cognição, existe uma correspondência entre os conceitos amor e unidade. A noção de unidade é um conceito primordial para compreendermos a metáfora do amor, considerando-se o uso frequente de expressões metafóricas relacionadas a unidade, ligação ou vínculo: “Eles terminaram”, “Eles são inseparáveis”, “Eles combinam perfeitamente”, são exemplos de expressões constantemente utilizadas no contexto comunicativo referente à vida amorosa. Nesse sentido, os amantes são considerados como duas partes físicas que formam uma unidade funcional, e por isso são mapeados como domínio-fonte a ser projetado para o domínio-alvo relacionamento. É desse modo que muitos quando envolvidos em algum tipo de relacionamento tendem a retratar o “amor romântico” como a união de duas pessoas que formam uma conexão perfeita e indissolúvel.

A meta de encontrar um amor eterno, por exemplo, é motivada pela crença no amor verdadeiro (conforme KÖVECSES, 1986). Ao acreditarmos que existe apenas um amor verdadeiro, e que apenas podemos nos conectar perfeitamente a uma única pessoa, ao encontrarmos essa pessoa, o vínculo desse amor jamais poderia ser rompido. Desse modo, o mapeamento de “amor” e “unidade” pode ser representado da seguinte forma: Domínio-fonte: UNIDADE e Domínio-alvo: AMOR.

a) Proximidade física entre os amantes → Intimidade sexual

Podemos dizer que as pessoas organizam seu entendimento sobre INTIMIDADE de modo coerente com o conceito de PROXIMIDADE. Desse modo, ações como beijar, abraçar e tocar, que são tipos de proximidade física típicas de um contato sexual, também podem indicar a presença de amor romântico, pela intimidade que promovem. Como em: “tava carente precisando de um amor. Chegando lá eu vi você e foi me dando um calor, nesse clima quente, eu te abracei e foi subindo um vapor...” (Fonte: <https://www.lettras.mus.br/duda-beat/meu-jeito-de-amar/>)

a) Vínculo → Afeto

O amor é experienciado, na relação, como uma conexão emocional que é criada com a outra pessoa, através de um sentimento de devoção, sacrifício, admiração, carinho, cuidado, apego, intimidade, amizade, e etc. Assim como em: “amor [deve ser] regado com carinho, dedicação, afeto e sabedoria”. (Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTk2NjUzNQ/>)

b) Junção → Relacionamento

A junção está associada a proximidade física e emocional entre os amantes, em outras palavras, significa manter o alto nível de comprometimento com o outro durante todo o relacionamento. Como em: “O amor é como um pequeno barco, para velejar para frente os tripulantes precisam estar remando para a mesma direção e na mesma intensidade (...) é preciso que os ambos estejam juntos, na mesma frequência, na mesma intensidade”. (Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTM3MjE0NA/>)

c) Parte/todo → União simbiótica

A união simbiótica expressa a crença de que o amor se realiza na unidade de duas partes que se complementam, formando o uno, o encaixe (como em “ele é o meu número, côncavo e convexo”). Tais crenças se apoiam na ideia de que o parceiro seria o único motivo para se viver. É o que Fromm (2001) chama de formas imaturas do amor. Essa imaturidade é conhecida pela forma passiva da união simbiótica que é marcada pela dependência psíquica e submissão (masoquismo num termo clínico), em que o indivíduo projeta sua vida no outro, assim, abre mão da sua independência e tomada de decisões.

d) Rompimento → Separação

Nesse caso, o afastamento dos amantes, seja pela quebra do vínculo afetivo ou pelo fim do relacionamento, indica a dissolução da união. Como em: “O amor é como uma peça de vidro, se quebra uma vez, você vai lá, cola (...) se você derrubar ele outra vez, não vai dar mais colar, pois

ele já vai estar totalmente destruído!” (Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NTY0OTM0/>). Tal mapeamento nos permite afirmar que, em nossa cultura, as pessoas também entendem o amor como unidades que podem ser desfeitas ou separadas. Portanto, segundo a visão idealizada, o amor não era verdadeiro.

Tais mapeamentos, assim como as noções mostradas acima, indicam que a metáfora conceptual “AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES” não se realiza de forma aleatória; em vez disso, ela se baseia em correlações sistemáticas dentro da experiência popular com o contexto amoroso.

A descrição dos modelos “ideal e típico” do conceito de amor romântico

A partir da associação da noção de frame a processos de categorização, Lakoff (1987) desenvolve a noção de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) como um conjunto complexo de frames distintos. Esses modelos correspondem a estruturas que organizam o significado e categorias linguísticas, por operarem no raciocínio, modelando a conceptualização. Além disso, por serem construções cognitivas com base em nossas práticas sociais, correspondem a uma idealização de nossas crenças, valores, práticas etc., e não à própria realidade. Trata-se, portanto, de um conhecimento partilhado pelos membros de um grupo social ou cultural.

Seguindo a proposta de Lakoff (1987), tais idealizações cognitivas possuem uma relação direta com o processo de categorização, principalmente quando se trata dos conceitos de protótipos e frames (FILLMORE, 1982). De modo simplificado, podemos dizer que os MCIs são instâncias mais complexas do que os frames, com base na definição dada por Lakoff (1987). Ferrari (2018, p. 53) afirma que os MCIs formam “um conjunto complexo de frames distintos”. Entretanto, se levarmos em conta que ambos se relacionam com estruturas relativamente complexas de

conhecimento, podemos concluir que o conceito de MCIs é similar à noção de frames.

Kövecses (1986) afirma que existe mais do que um modelo idealizado de AMOR, em meio de muitos prototípicos, e a partir dessa variedade são destacados dois modelos bases: um modelo típico e outro modelo ideal. Os elementos presentes no modelo idealizado de AMOR evocam por meio de metáforas linguísticas conceitos como: intensidade, desejo sexual, problemas, falta de controle, cuidado e destruição. Esses aspectos se aproximam da idealização proposta pela metáfora central, a metáfora da UNIDADE, que propõe um modelo de amor exagerado, movido pelo sonho do amor eterno, pela ideia de amor arrebatador, motivado pela intensidade, e falta de controle emocional e pelo amor passivo em que um dos amantes se anula em função do outro.

Já o modelo típico compreende noções como união e estabilidade. Trata-se de um modelo estimado/almejado/desejado por determinados grupos sociais, como por exemplo o familiar, em que o amor é conceptualizado como uma emoção estável e permanente, e dispensa ações intensas e descontroladas. Os amantes compartilham entre si um tipo de afeição pacífica que leva ao casamento, aqui o sonho de ser encontrado pelo amor é substituído pela atitude de sair em busca do amor. Tais conhecimentos da experiência motivam, cognitivamente, em sua grande maioria, as metáforas conceptuais do amor, que são normalmente e convencionalmente associadas ao amor romântico.

Amor como unidade de duas partes complementares: uma análise

Selecionamos alguns trechos de textos sobre amor para ilustrar a ocorrência de expressões linguísticas metafóricas na mídia digital que evidenciam o compartilhamento sociocultural da metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES.

Texto 1

Metade da laranja

Parte iguais de um todo

O amor, deliciosa canja

Sem ilusão sem engodo

Sem meias verdades

Sem lodo

Sem meias vontades...

No verdadeiro par

Igualdade

No genuíno amar

Unidade

Única forma de atar

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MzA0OTk5Mg/>

As expressões em destaque evidenciam a força cognitiva da metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES. O amor quando conceptualizado como unidade revela que essa emoção é tão essencial para nossa existência que sem ela não seríamos completos. Ideia há muito tempo já tratada pela literatura, como Platão relata em “O Banquete” quando Aristófanes diz que o amor é um desejo de se reunir com o peça faltante. A razão de o desejo da complementaridade se manter presente ao longo dos anos em nosso repertório sobre o amor se dá pela semelhança entre nossas experiências amorosas e a unidade de duas partes que podem ser físicas, químicas, biológicas, entre outras. Percebe-se que, no texto acima, as referências feitas a “metade”, “partes”, “verdadeiro par” e “unidade” possuem uma relação direta com a ideia de complementariedade, uno, encaixe e côncavo/convexo. Além da emoção retratada no texto (1), o amor é usado metonimicamente para se referir à pessoa amada. Nesse caso, a pessoa amada seria essa outra metade e juntas formariam uma só, uma espécie de simbiose - um elo físico ou psíquico do qual nos tornamos dependentes.

Outra metáfora recrutada pelo texto é AMOR É ALIMENTO, nesse caso, uma comida nutritiva “*O amor, deliciosa canja*”. Desse modo, o amor é conceptualizado como um alimento essencial para o nosso corpo por nos fornecer nutrientes. Além disso, tal mapeamento indica que o amor não está relacionado apenas a nossas necessidades fisiológicas, mas também mostra a analogia entre comida deliciosa e desejo sexual. Outros conceitos metafóricos também fornecem base para o uso de expressões que evocam tal metáfora, como exemplo: “babando por alguém”, “apetite sexual”, “gostoso(a)”, “comer alguém”, “pedaço de carne”, “filé”, “mulher-fruta”, entre outros.

Texto 2

O amor é como uma semente plantada no solo dos corações, o seu crescimento e intensidade precisam de tempo e alimento. Algumas vezes devido a intempéries, ele não se desenvolve ainda que o broto do amor nasça e cresça forte, regado com carinho, dedicação, afeto e sabedoria. Só o tempo permitirá a colheita dos frutos....

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTk2NjUzNQ/>.

A metáfora conceptual AMOR É PLANTA indica que o mapeamento do amor tem como base o crescimento natural das plantas, que são um dos domínios-fontes que subjazem a diferentes mapeamentos metafóricos. Podemos observar, a partir dos vários elementos do domínio-fonte PLANTA, diferentes mapeamentos, como: os estágios que envolvem o processo de crescimento de uma planta correspondem aos diferentes estágios da vida amorosa. O amor, ainda, pode corresponder a uma semente que, quando germinada, gera frutos; a uma raiz fincada na terra etc.

Os mapeamentos da metáfora do amor apresentados acima envolvem diferentes elementos. Verifica-se, no texto 2, uma projeção entre amor e cultivo que se revela nos termos “cuidar”, “regar” e “cresça”, referentes à dedicação e ao empenho necessários na agricultura. Tais termos reforçam a ideia de que assim como no cultivo a planta cresce mediante nossa dedicação,

numa relação, o amor só se torna forte devido aos nossos esforços. Sendo assim, “cultivar” o amor corresponde ao “cuidado”, “carinho”, “dedicação”, e ao afeto direcionados ao outro. Entendemos que atividades relacionadas ao cultivo também evoquem a noção de proximidade física e/ou vínculo afetivo, fatores que revelam uma segunda metáfora: AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES.

No verso “semente plantada no solo dos corações, o seu crescimento e intensidade precisam de tempo e alimento”, além do solo e nutrientes, o tempo também é um fator importante a ser considerado para o crescimento de uma semente que deve ser cuidada durante o processo. Atribui-se, metaforicamente, ao tempo, a função de atuar como um fator que pode fortalecer ou enfraquecer o amor. Nesse sentido, o amor se torna forte por meio de atitudes como “carinho, dedicação, afeto e sabedoria”. Por outro lado, o amor pode se enfraquecer “devido a intempéries, ele não se desenvolve ainda que o broto do amor nasça e cresça forte”, isto é, problemas que colocam em risco o amor direcionado ao outro.

Vale destacar também que, ao compreendermos o amor como uma semente plantada em um solo, infere-se que alguns aspectos da metáfora do contêiner estão sendo evocados por tais mapeamentos. Uma vez que amor é ilustrado como semente plantada e solo como coração, temos o solo metaforicamente como um contêiner para o amor. Nesse sentido, levamos em consideração o fato de que se pode retirar ou colocar fluidos, sólidos e gases dentro de um contêiner. Por tal motivo nos referimos metaforicamente ao coração como contêiner, por entendermos que diferentes tipos de emoções podem preencher o coração humano, como em: “Se eu tivesse a opção, eu arrancaria esse amor de dentro do meu coração com as unhas.” (fonte: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/401867>) ou “Como faço para tirar todo esse amor que vc deixou cultivado em meu coração?” (fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTIzMzcxOQ/>) .

Texto 3

O amor é como uma bordadeira, que morre se não tem em quem enlaçar-se.

Provérbio Hindus

Fonte: <https://proverbios-populares.com/o-amor-e-como-uma-bordadeira-que-morre.html>.

No texto (3), é apresentada uma analogia criada entre o amor e a bordadeira (máquina ou mulher), utilizando o veículo “enlaçar” para realçar a ligação entre o domínio-fonte BORDADEIRA para o domínio-alvo AMOR. O amor é conceptualizado por meio de mapeamentos *online* (metáforas situadas) e *offline* (metáforas conceituais) elaborados por meio de expressões metafóricas: “bordadeira”, “morre” e “enlaçar-se”. Seriam, portanto, instanciações específicas estruturadas pela metáfora situada *amor é bordadeira* que é licenciada pela metáfora conceptual, mais genérica, AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES. Tais expressões formam um nicho metafórico, reforçando, ao longo do texto, a ideia do amor como uma necessidade que as pessoas têm de criar laços, ou seja, vínculos de afeto. Nesse sentido, enlaçar revela que, para que o amor continue vivo, é necessária uma conexão com o outro. Desse modo, a analogia é construída a partir do mapeamento que realça elementos como união e proximidade. Consideramos que a metáfora da UNIDADE seja a base para mapeamentos como esse, visto que a união entre duas partes complementares, que necessitam uma da outra para viver, serve como base para muitas manifestações metafóricas sobre o amor.

Considerações finais

Na visão experiencialista, os conceitos humanos são mais que um reflexo da realidade externa, na verdade, são moldados por nosso cérebro e corpo, por meio de nossos sistemas perceptuais e conceituais. Em outras palavras, os conceitos são concebidos a partir de nossa estrutura cerebral e corporal, que determinam o

modo como nos relacionamos com outros indivíduos e com o meio. Dessa maneira, a metáfora como parte de nossa cognição nos ajuda a compreender que a linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico que rege também a forma como pensamos, agimos e refletimos os conceitos veiculados pela língua e cultura.

Verificamos que os vários mapeamentos encontrados no *corpus* são construídos por diferentes tipos de associações que estabelecemos e representamos por meio de expressões metafóricas e veículos linguísticos — presentes em mais que um domínio-fonte —, nos quais projetamos cognitivamente, isso é o que chamamos de entrelaçamento entre domínios conceptuais. No estudo em questão, os domínios apresentaram uma interligação entre vários mapeamentos que se associam pelas projeções conceptuais como ponto comum, e, dessa forma, constroem e legitimam metáforas conceptuais e metáforas situadas.

Tendo tudo isso em vista, a investigação desenvolvida ao longo desta pesquisa tentou constatar a existência de expressões linguísticas metafóricas presentes no discurso do “amor romântico” que fazem referência a comportamentos nocivos presentes tanto no modelo idealizado quanto no típico. Além disso, exploramos a hipótese de que a metáfora conceptual AMOR É UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES, com seus muitos e consistentes mapeamentos, estrutura parte significativa da conceptualização do amor romântico. Como foi possível observar, transferimos grande parte do nosso conhecimento sobre a unidade de dois objetos físicos para o domínio do amor e isso nos permite compreender, ou mesmo criar aspectos do amor como a perfeita harmonia associada ao amor, a estabilidade do amor, entre outros.

A visão do amor como uma necessidade surge da metáfora porque se considerarmos o amor como uma unidade de duas partes complementares, então uma parte sozinha será vista como disfuncional, incapaz de funcionar normalmente até que seja completada por sua outra parte. Entretanto, é importante mencionar que embora a metáfora da UNIDADE estruture grande partes das conceptualizações do amor, existem na língua

expressões linguísticas metafóricas que revelam um *reframing*, ressignificação cognitiva, em que o amor é perspectivado como a união de dois objetos inteiros.

Referências

- BEALL, A. E; STERNBERG, R. J. *The social construction of love*. Journal of social and Personal Relationships (12), p. 417-438, 1995.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- FILLMORE. C. *Frame semantics* (1982), In GEERAERTS, D. (ed), *Cognitive Linguistics: basic readings*, New York: Mouton de Gruyter, p. 373-400, 2006.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphors of Anger, Pride and Love: A Lexical Approach to the Structure of Concepts*. Philadelphid/Amsterdam: John Benjamins, p. 68-71, 1986.
- _____. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G; JOHSON, M. *Metáforas da vida cotidiana* de George Lakoff e Mark Johnson (coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto). ed 2002. Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 1980a.
- _____. *Metaphors we live by*. ed. 2003. Chicago: University of Chicago Press, 1980b.

CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DO SUCESSO E SUAS MATERIALIZAÇÕES NA LINGUAGEM

Mayara de Araújo Mattos¹

Introdução

Para além do contexto acadêmico, o sucesso é foco de atenção de diversas publicações. Buscando-se pelo assunto na plataforma Google, por meio da palavra de busca “sucesso”, é possível encontrar vários artigos, blogs e livros cujos títulos incluem esse vocábulo, o que sinaliza o grande interesse pelo tema. Além disso, nota-se também que a maioria dos títulos sobre essa temática se propõe a ensinar certos padrões para o alcance do sucesso, como é possível verificar, por exemplo, em títulos como “O sucesso é o destino dos disciplinados: 12 passos para o melhor ano da sua vida” (CARDOSO, R.), “O mapa do sucesso” (MAXWELL, J.), “A chave do sucesso” (HENRIQUE, G.), entre outros. Enunciados como esses aparecem em dezenas de textos sobre o tema. Porém, o que muitas vezes não percebemos é o fato de que essas sentenças não são apenas frases de efeito, mas um reflexo do modo de se pensar o sucesso.

Com base nesse entendimento, a presente pesquisa propõe-se a conduzir uma investigação em torno do conceito de SUCESSO,² na forma em que ele é percebido, conceptualizado e articulado nos discursos. Para tanto, serão observados os preceitos da Teoria da

¹ Aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, orientada pela Profa. Dra. Solange Coelho Vereza. E-mail: mayyaramattos2012@gmail.com

² Seguiremos, neste artigo, a convenção adotada pela Linguística Cognitiva, a partir da qual representações cognitivas (como MCIs, *frames* e metáforas conceptuais) são grafadas em caixa alta. O item lexical “sucesso” estará marcado entre aspas e o fenômeno em si em grafia normal (caixa baixa e sem aspas).

Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]), segundo os quais a relação que o nosso corpo estabelece com o mundo e com os objetos com os quais interagimos é responsável por estruturar conceitos em nosso sistema conceptual, o qual, por sua vez, nos possibilita observar a realidade como fazemos. Assim, para compreendermos conceitos abstratos, como o sucesso, nós recorreremos a atividades diárias e a elementos com os quais interagimos em sociedade.

Como afirma Fauconnier (1997, p.1-2), “a linguagem visível é apenas a ponta do iceberg da construção invisível do sentido que acontece enquanto pensamos e falamos”. Entende-se, assim, que na ponta do iceberg estão as marcas linguísticas, que servem para nos guiar em direção ao sentido almejado; e no fundo estão as estruturas preconceptuais e conceptuais que formatam nossos pensamentos e ações (LAKOFF; JOHNSON, 1988 [2002]). Nessa perspectiva, analisar as marcas linguísticas sobre o sucesso e tentar, a partir delas, identificar as metáforas conceptuais que as licenciam é uma maneira de compreender as representações cognitivas de SUCESSO.

Dessa forma, buscamos, nesta pesquisa, investigar as possíveis conceptualizações sobre o SUCESSO, partindo da hipótese de que a linguagem metafórica presente nos discursos analisados pode revelar a maneira como o sucesso é conceptualizado em nossa sociedade. O presente trabalho tem, assim, como objetivo geral, fazer o mapeamento do MCI³ de SUCESSO, com foco nas representações metafóricas que o estruturam, a partir de suas marcas na linguagem.

³MCI, ou Modelo Cognitivo Idealizado, é o termo usado na LC, e introduzido por Lakoff (1987), para descrever as representações cognitivas - ou conceptualizações - da realidade, que não são necessariamente congruentes com a própria realidade (daí a “idealização”).

Filiação teórico-metodológica

Esta pesquisa vincula-se à Linguística Cognitiva, empregando alguns de seus conceitos basilares, tais como as noções de Modelo Cognitivo Idealizado (LAKOFF, 1987), metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987).

De acordo com Lakoff (1987), os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) podem ser definidos como estruturas estáveis subjacentes à linguagem que se associam ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado na memória permanente, sendo ainda os responsáveis pela organização de todo o conhecimento. Por serem idealizados, os MCIs não correspondem à realidade em si, mas a uma idealização de nossas crenças, valores e práticas. Lakoff (1987, p. 68) afirma ainda que cada MCI é um complexo estruturado, um *gestalt*, que depende de três tipos de princípio estruturante em sua composição, a saber: estrutura proposicional, estrutura de esquema imagético e mapeamentos metafóricos e metonímicos. O primeiro deles, estrutura proposicional, constitui-se a partir de experiências palpáveis, estruturando grande parte de nosso conhecimento. Esse princípio apresenta, assim, o mesmo tipo de estrutura dos *frames*.⁴

Já a estrutura de esquema imagético refere-se às estruturas de conhecimento que emergem diretamente de nossas experiências corporais pré-conceptuais. Trata-se, portanto, de *gestalts* experienciais que surgem a partir da atividade sensorio-motora, conforme manipulamos objetos, orientamo-nos espacial e temporalmente e direcionamos nosso foco perceptual com diferentes propósitos (GIBBS; COLSTON, 1995, p.347). Dentre os diversos esquemas imagéticos tratados ao longo da obra de Johnson (1987, p.126), podemos citar como exemplo os esquemas CONTÊINER, TRAJETÓRIA, CIMA-BAIXO, PARTE-TODO,

⁴ *Frame* é definido por Fillmore (1982, p.111) como “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entendermos um deles, é necessário entendermos toda a estrutura na qual ele se encaixa”.

CENTRO-PERIFERIA, EQUILÍBRIO, FORÇA, ESCALA, OBJETO, PROCESSO, entre outros. Esses esquemas subjazem a uma ampla variedade de estruturas experienciais e podem ser elaborados metaforicamente na construção de nossa compreensão de domínios abstratos, como o domínio SUCESSO, por exemplo.

Por último, os mapeamentos metafóricos e metonímicos são as projeções entre domínios (metáfora) ou dentro de um mesmo domínio (metonímia). A metáfora (objeto de investigação desta pesquisa) passou a ser concebida como um fenômeno de natureza não apenas linguística, mas, sobretudo, cognitiva a partir da publicação da obra *Metaphors we live by*⁵ (1980), dos autores George Lakoff e Mark Johnson. Essa visão ficou conhecida como Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e estabelece que

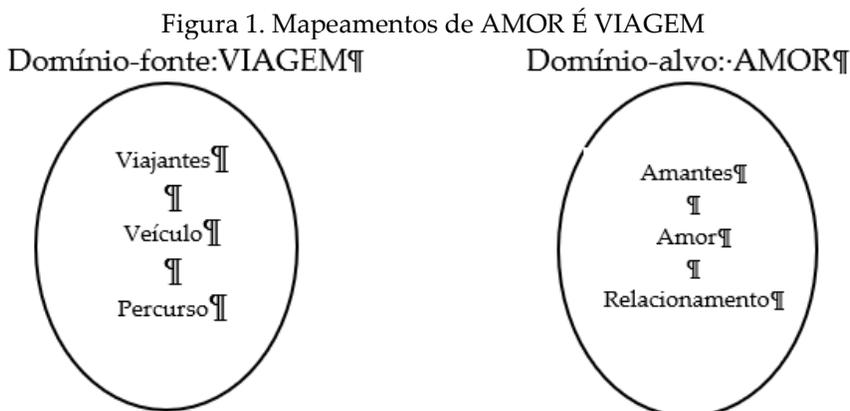
a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual comum, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p.45).

Nesse sentido, a metáfora não é apenas um adorno ou um fator de embelezamento da língua, mas, ao contrário disso, ela é parte essencial do pensamento, que nos permite compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Assim, para que compreendamos um domínio abstrato da experiência humana (domínio-alvo), fazemos projeções buscando correspondência com um domínio concreto de nossa experiência no mundo (domínio-fonte). A metáfora é, portanto, um mapeamento entre domínios cognitivos, em que parte de um conceito já experienciado é transferido para um conceito de caráter mais abstrato.

Tomemos como exemplo a metáfora conceptual (MC) AMOR É VIAGEM, por meio da qual se pode ter uma compreensão dos relacionamentos amorosos. Nesse mapeamento, o amor seria o

⁵ Traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana*, em 2002, pelo grupo GEIM, coordenado por Mara Sophia Zanotto.

domínio-alvo e a viagem, o domínio-fonte. De acordo com tal perspectiva, temos a seguinte projeção entre domínios:



Fonte: Vereza e Cavalcanti (2022, p. 92).

A partir desse mapeamento metafórico, em que algumas características da viagem (viajantes, veículo etc.) são projetadas no domínio-alvo “amor”, é determinado cognitivamente o modo com que abordamos e nos referimos a relacionamentos amorosos. A associação que é feita entre esses dois domínios da experiência – amor e viagem – é um reflexo de como a sociedade estruturou a sua percepção acerca de tais domínios.

Assim, como afirma Johnson (2007a, p.177), os conceitos abstratos, como o amor, são definidos por mapeamentos sistemáticos de domínios-fonte, de base corpórea, em domínios-alvo abstratos. Contudo, como o ato de mapear é, na sua maioria, inconsciente, os elementos do domínio-alvo não parecem ser resultado metafórico de projeções a partir de metáforas conceptuais mais básicas, baseadas no corpo. Em vez disso, os conceitos abstratos parecem ser independentes das estruturas corporais.

Em termos linguísticos, essa MC licencia expressões linguísticas metafóricas como, por exemplo, (i) “nosso relacionamento não chegará a lugar nenhum”, (ii) “precisamos superar muitos obstáculos para seguir com nosso relacionamento”

e (iii) “vamos juntos na mesma estrada”. Entende-se, assim, que as instanciações metafóricas são fonte de evidência de um mecanismo cognitivo que consiste em estabelecer um mapeamento conceptual entre domínios distintos.

Fundamentos metodológicos

Dentro das posturas epistêmicas da pesquisa científica, a metodologia de análise deste estudo se firma no campo da pesquisa qualitativa, sendo predominantemente de análise de *corpus*. Com base na metodologia descrita por Denzin (2009) como triangulação de dados, são analisados três *corpora* distintos, a fim de verificar se o que está sendo observado e relatado possui o mesmo sentido em circunstâncias diferentes.

Os *corpora* selecionados para análise são: memes sobre o sucesso, blogs sobre o sucesso segundo preceitos da religião cristã e blogs sobre o sucesso no empreendedorismo. Optamos pela seleção de memes como *corpus* representativo do senso comum sobre o sucesso, tendo em vista que esse gênero faz parte da cultura popular, tornando-se uma maciça ferramenta de divulgação de ideias. Os blogs, por sua vez, foram selecionados para a análise, por se tratarem de um gênero bastante empregado no contexto virtual, no qual cada indivíduo pode expressar sua opinião sobre qualquer assunto. Eles foram selecionados a partir de duas temáticas distintas: religião cristã e empreendedorismo.

Quanto à seleção dos memes, em particular, esta análise reúne textos extraídos da plataforma Google Images, a partir da expressão de busca “sucesso é/ sucesso é como”. Foram selecionados para análise 64 memes sobre a temática sucesso que revelam linguagem metafórica. Quanto à seleção dos blogs, esta análise reúne textos extraídos da plataforma Google, a partir das expressões de busca “sucesso segundo o cristianismo” e “sucesso segundo o empreendedorismo”. Foram selecionados para análise doze blogs, sendo seis referentes à religião cristã e seis sobre o sucesso no empreendedorismo.

Para fazer a análise desses *corpora*, foram empregados alguns procedimentos metodológicos. Primeiramente, para identificar as expressões linguísticas metafóricas nos *corpora*, foi feito o levantamento da ocorrência de palavras usadas metaforicamente nos respectivos textos. A fim de se proceder de forma sistemática ao longo de toda a análise, este trabalho lança mão de um paradigma único de identificação, que é o “procedimento de identificação de metáforas VU” [*metaphor identification procedure VU*] no discurso (STEEN *et al.*, 2010, p. 25). O MIP-VU é uma ferramenta simples e objetiva de “análise de grandes volumes de discurso em um *corpus*, com vistas a se compararem as propriedades e o comportamento da linguagem metafórica entre gêneros ou entre falantes ou entre situações de uso” (STEEN *et al.*, 2010, p. 20).

Salienta-se, entretanto, que o procedimento de identificação supradescrito é utilizado apenas para identificar as metáforas na sua dimensão linguística e não se ocupa da determinação das metáforas conceptuais que estariam licenciando tais expressões. Assim, uma vez concluído o levantamento de todas as expressões linguísticas metafóricas verificadas nos *corpora*, foi empregado o procedimento de identificação de metáforas conceptuais – *bootstrapping* (DUQUE, 2018b), para averiguar a existência (ou não) de metáforas conceptuais subjacentes às instanciações linguísticas metáforas.

Em seguida, após a identificação das metáforas conceptuais do SUCESSO, foi feita uma análise dos mapeamentos acionados nessas metáforas, para verificar quais elementos dos domínios-fonte identificados são transferidos para o domínio-alvo SUCESSO. E, por fim, verificamos quais esquemas são acionados nas metáforas investigadas, para, a partir disso, inventariar os esquemas imagéticos presentes na semântica do SUCESSO.

Resultados parciais

A partir da análise dos memes, foram identificadas cinco metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas investigadas, quais sejam: SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA,

SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM, SUCESSO É TOPO DE ESCADA, SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA e SUCESSO É BEM VALIOSO.

No Quadro 1, a seguir, observa-se o resultado da análise, em que são apresentados: (i) uma amostra de instanciações linguísticas metafóricas identificadas nos memes; (ii) as metáforas conceptuais sobre o sucesso subjacentes a essas instanciações metafóricas; (iii) os possíveis elementos mapeados dos domínios-fonte para estruturar o domínio-alvo SUCESSO; e (iv) os possíveis esquemas imagéticos empregados para estruturar as metáforas conceptuais.

Quadro 1. Resultado da análise das MC sobre o sucesso identificadas nos memes

| Instanciações metafóricas | Metáfora Conceptual | Elementos mapeados dos domínios-fonte | Esquemas Imagéticos |
|---|------------------------------|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>A receita do sucesso é simples.</i> - <i>A humildade é um ingrediente indispensável para uma receita de sucesso.</i> - <i>A receita para o sucesso é a humildade.</i> | SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA | Ingrediente, modo de fazer, produto | PROCESSO, OBJETO |
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>Há sempre uma jornada até o sucesso.</i> - <i>O primeiro passo para o sucesso é a escolha do melhor caminho.</i> - <i>O caminho que leva ao sucesso tem várias etapas e inclui alguns obstáculos.</i> | SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM | Viajantes, caminho, obstáculos, destino | TRAJETÓRIA, FORÇA (BLOQUEIO) |
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>A escada para o sucesso pode ser uma escada muito difícil, pode ser íngreme, e é composta de muitos degraus.</i> - <i>A escada do sucesso nunca está lotada no topo.</i> - <i>O sucesso é uma escada que só se alcança o topo subindo degrau por degrau do fracasso.</i> | SUCESSO É TOPO DE ESCADA | Pessoa que sobe a escada, degraus, obstáculos, topo da escada | CIMA-BAIXO, TRAJETÓRIA, FORÇA (BLOQUEIO) |

| | | | |
|--|------------------------------------|--|-------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>Sucesso é fruto de uma semente plantada num dia seco e quente, quando ninguém ousaria semear.</i> - <i>Quem planta sonhos colhe sucesso.</i> - <i>Quem deseja colher sucesso, precisa plantar atitude com as próprias mãos.</i> | <p>SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA</p> | <p>Semeador, semear, sementes, colheita, fruto</p> | <p>PROCESSO, OBJETO</p> |
| <p><i>Metáforas situadas:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Sucesso é como um diamante.</i> - <i>Sucesso é como o ouro.</i> - <i>Sucesso é como um tesouro escondido.</i> | <p>SUCESSO É BEM VALIOSO</p> | <p>Raridade, elevado valor monetário, brilho</p> | <p>OBJETO</p> |

Fonte: elaboração própria.

Dentre os 64 memes analisados, a metáfora conceptual SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA foi identificada em 33 deles, demonstrando, assim, a alta produtividade dessa metáfora em nossa linguagem. A segunda metáfora mais observada no *corpus* foi SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM, que licenciou expressões linguísticas metafóricas em quatorze memes. Esta foi seguida pela metáfora SUCESSO É TOPO DE ESCADA, que licenciou veículos metafóricos em nove memes e SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA, que foi observada em cinco memes.

A metáfora SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA estrutura o domínio abstrato SUCESSO como o produto de uma receita, ou seja, como algo que pode ser produzido a partir de determinados ingredientes (atributos) e procedimentos (ações). Subentende-se, assim, que existe uma fórmula predefinida para o alcance do sucesso, bastando apenas segui-la para alcançar o sucesso como resultado. Uma ideia similar a essa pode ser observada, por exemplo, na metáfora conceptual SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA, segundo a qual o sucesso é o fruto (resultado) que se colhe depois de plantar determinadas sementes (atitudes). Nesse caso, o sucesso também é conceptualizado como o resultado natural de determinadas ações. Essas metáforas são, portanto, estruturadas com base nos esquemas imagéticos PROCESSO e

OBJETO. O primeiro deles representando a configuração de uma sequência de ações com o seu resultado (sucesso), enquanto o segundo relaciona-se a nossa experiência esquemática com objetos concretos. No caso das metáforas em questão, recruta-se a noção de OBJETO para conceptualizar o domínio abstrato SUCESSO como o produto de uma receita ou o fruto de uma colheita.

A metáfora conceptual SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM, por sua vez, recruta o esquema imagético TRAJETÓRIA para conceptualizar o sucesso como o destino de um percurso. Nessa perspectiva, entende-se que, como o sucesso está presente no destino da trajetória, é necessário, para alcançá-lo, percorrer um caminho em direção a ele. Esse caminho, por sua vez, é composto por etapas – tal como está previsto em receitas e fórmulas –, ou seja, a trajetória para o sucesso é formada de partes menores que, provavelmente, demandam esforços e dedicações diferentes em cada uma delas. Observa-se, nesse caso, além do EI TRAJETÓRIA, o EI FORÇA - que está presente no esforço despendido para caminhar em direção ao sucesso - e o seu elemento básico BLOQUEIO - o qual se encontra nos obstáculos ao longo do percurso.

De modo semelhante, a metáfora SUCESSO É TOPO DE ESCADA também recruta a noção de TRAJETÓRIA, tendo em vista que conceptualiza o sucesso como o destino de um percurso, localizado na parte mais elevada da escada, sendo necessário, para chegar até ele, percorrer um caminho (degraus), saindo de um ponto de partida (parte de baixo da escada) até chegar ao destino almejado (topo da escada). Os degraus maiores e os obstáculos ao longo do percurso geram mais dificuldades ao movimento e exigem esforço daqueles que objetivam chegar ao topo da escada. Essa metáfora está estruturada também pela metáfora orientacional SUCESSO É PARA CIMA e, conseqüentemente, pelo esquema imagético CIMA-BAIXO.

Observando agora o resultado da análise dos blogs, foram identificadas as mesmas metáforas conceptuais tanto nos blogs de temática cristã como naqueles sobre o empreendedorismo. Isso aponta para o fato de que a religião cristã atualmente parece

conceptualizar o sucesso de forma muito similar à observada no mundo capitalista, ou seja, quase não existem diferenças entre o que é entendido por sucesso no mundo corporativo e o que se entende por sucesso no mundo religioso.

Foram identificadas, no total, cinco metáforas conceptuais, sendo que três delas coincidem com as metáforas identificadas nos memes, conforme é possível verificar no Quadro 2, a seguir, no qual são apresentados: (i) uma amostra de instanciações linguísticas metafóricas identificadas nos blogs; (ii) as metáforas conceptuais sobre o sucesso subjacentes a essas instanciações metafóricas; (iii) os possíveis elementos mapeados dos domínios-fonte para estruturar o domínio-alvo SUCESSO; e (iv) os possíveis esquemas imagéticos empregados para estruturar as metáforas conceptuais.

Quadro 2. Resultado da análise das MC sobre o sucesso identificadas nos blogs

| Instanciações metafóricas | Metáfora Conceptual | Elementos mapeados dos domínios-fonte | Esquemas Imagéticos |
|---|------------------------------|---|------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>Conheça a receita da Bíblia para o sucesso.</i> - <i>O primeiro ingrediente dessa receita é o movimento.</i> - <i>A receita para o sucesso está marcada no calendário.</i> | SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA | Ingrediente, modo de fazer, produto | PROCESSO, OBJETO |
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>O caminhar em direção ao sucesso é doloroso.</i> - <i>Trilhar esse caminho em busca do sucesso.</i> - <i>Muitos obstáculos vão aparecer nessa jornada.</i> | SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM | Viajantes, caminho, obstáculos, destino | TRAJETÓRIA, FORÇA (BLOQUEIO) |
| <ul style="list-style-type: none"> - <i>O sucesso requer que cuidemos disso também, que olhemos para as sementes (ações) que estamos plantando.</i> - <i>O propósito é semear a semente certa.</i> | SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA | Semeador, semear, sementes, colheita, fruto | PROCESSO, OBJETO |

| | | | |
|---|---------------------------------|---------------------------------------|------------|
| - Alegre-se pela semente que plantou. | | | |
| - Você quer ter sucesso em alguma área da sua vida? - O que é essencial para ter sucesso na carreira empreendedora. - Todo gênio que deseja ter sucesso [...] | SUCESSO É OBJETO | Coisa material que pode ser manuseada | OBJETO |
| - Sucesso é conseguir atingir um alvo. | ALCANÇAR SUCESSO É ATINGIR ALVO | Caminho, destino, alvo | TRAJETÓRIA |

Fonte: elaboração própria.

As metáforas conceptuais SUCESSO É FRUTO DE RECEITA, SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM e SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA revelam-se de maneira similar à observada nos memes. A metáfora SUCESSO É OBJETO, por sua vez, foi identificada apenas nos blogs. Nessa metáfora, o sucesso é conceptualizado como algo concreto, como um objeto que está sob a posse de uma pessoa. Ao compreender o sucesso como um objeto físico, conseguimos pensar e falar sobre ele de maneira mais clara. Além disso, destaca-se que são as nossas experiências com o manuseio de objetos concretos que fornecem a base físico-corpórea para essa metáfora.

Já a metáfora conceptual ALCANÇAR SUCESSO É ATINGIR ALVO, que também foi observada apenas nos blogs, conceptualiza a noção de alcançar sucesso como atingir um alvo. Entende-se que o alvo é o objetivo almejado e, ao atingi-lo, tem-se sucesso. Essa metáfora é estruturada com base no esquema imagético TRAJETÓRIA, tendo em vista que o alvo encontra-se no final de um percurso, sendo necessário haver um deslocamento ao logo desse percurso para atingi-lo. Além disso, o domínio-fonte ALVO parece revelar, em sua origem, uma noção bélica. Numa guerra, o alvo é o inimigo, o instrumento usado para atingi-lo é o armamento de guerra (arma de fogo, arco e flecha etc.) e é considerado

vencedor do conflito aquele que atinge o inimigo. Assim, com base nesse domínio concreto, conceitos abstratos (como meta, objetivo etc.) são apreendidos.

Conclusões parciais

De acordo com Cameron e Maslen (2010), é por meio da categorização das metáforas e da relação sistemática entre estas (subgrupos) e os seus referentes (macro conceptualizações) que se consegue desvendar as crenças, atitudes e valores de um determinado grupo social, ou seja, as representações cognitivas por trás da materialização linguística. Podemos concluir, assim, que, em nossa sociedade, nós pensamos e falamos sobre o sucesso com base em metáforas conceptuais como SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA, SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM e SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA.

Essas metáforas conceptualizam o sucesso como resultado de um processo. Subentende-se, no domínio-alvo, que o sucesso depende apenas do sujeito que quer ser bem sucedido, sendo uma consequência natural de determinadas ações executadas por ele, como se movimentar e semear, por exemplo. Essa noção parece partir da concepção americana de *self-made man*, segundo a qual o homem consegue o sucesso por si mesmo, por seus próprios esforços e sua própria dedicação. Nesse sentido, aspectos como trabalho, coragem, determinação e esforço, observados na “receita do sucesso”, são considerados essenciais para aqueles que objetivam ser bem-sucedidos.

As circunstâncias externas, nesse contexto, não parecem revelar tanta importância, assim como a noção de competição para o alcance do sucesso. Em relação à noção de competição, mais especificamente, acreditamos que uma das razões para esta não aparecer no *corpus* pode estar relacionada ao tipo de discurso analisado, o qual pode ser enquadrado no gênero autoajuda, revelando, por isso, uma linguagem mais ética, que se distancia da noção bélica do sucesso. Outra possível razão estaria relacionada

ao fato de que o discurso analisado em nossa pesquisa tem o sucesso como tema central. A esse respeito, Bronzato (2012, p.207) afirma que “os discursos, cujo tema é o sucesso, dificilmente explicitam homologias entre fazer sucesso e vencer uma guerra”.

Por fim, ressalta-se que, com base em nossas experiências corpóreas e culturais, as metáforas conceituais supradescritas facilitam a apreensão da natureza e funcionamento do domínio abstrato SUCESSO, que, em geral, não conseguimos compreender pelos seus próprios termos. Dessa forma, podemos deduzir que o nosso entendimento sobre o sucesso não seja totalmente preciso e acurado; mas ele é, ainda assim, genuíno. Então, não somente acreditamos que compreendemos, como, de fato, compreendemos o sucesso (de alguma ou outra forma).

Referências

BRONZATO, L. H. O segredo do sucesso que a gramática e a metáfora não escondem. In: VEREZA, S.C. (Org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 193-211.

CAMERON, L.; MASLEN, R. Identifying metaphors in discourse data. In: _____ (Eds.). *Metaphor Analysis: Research practice in Applied Linguistics, Social Sciences and the Humanities*. London, Oakville: Equinox, 2010.

DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. London: Routledge, 2009.

DUQUE, P. H. *Notas de aula da disciplina Tópicos Avançados em Linguística Teórica e Descritiva I*. Março de 2018b.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

STEEN, G.; DORST, A.; HERRMANN, J. B.; KAAL, A.; KRENNMAYR, T.; PASMA, T. *A method for linguistic metaphor identification: from MIP to MIPVU*. US: John Benjamins, 2010.

- GIBBS, R. W.; COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, vol.6, n.4, p. 347-378, 1995.
- JOHNSON, M. The Meaning of the Body. In: Overton, W., MÜLLES, U.; NEWMAN, J. *Developmental Perspectives on Embodiment and Consciousness*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007a, p.19-44.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.
- STEEN, G.; DORST, A.; HERRMANN, J. B.; KAAL, A.; KRENNMAYR, T.; PASMA, T. *A method for linguistic metaphor identification: from MIP to MIPVU*. US: John Benjamins, 2010.
- VEREZA, S. C.; CAVALCANTI, F. C.. Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos. In: ROSÁRIO, I. C.; MENDES, L. S. (Org.). *Teoria e análise linguística*. Niterói: EdUFF, 2022, v. 1, p. 87-122.

SOLO É MENTE E CRENÇAS SÃO SEMENTES: UMA ANÁLISE METAFÓRICA DO CONTO “A CARTOMANTE”

Paulo Ricardo Pimentel Queyroi D’ Anna¹

Objeto de pesquisa

O presente estudo analisa as metáforas conceptuais MENTE É SOLO e CRENÇAS SÃO SEMENTES na literatura machadiana, especificamente em seu conto “A cartomante” (1884 [S/ano]), com base em um dos pressupostos da Linguística Cognitiva, proposto por Lakoff e Johnson (1987) - a Teoria da Metáfora Conceptual. Antes desse aprofundamento, vale traçar a história e as características da Linguística Cognitiva.

O termo “linguística cognitiva” já era recorrente no século XX, desde a década de 1960, quando foi fixado como uma vertente analítica da língua em 1980 (FERRARI, 2011, p.13) e se diferencia da abordagem dita tradicional (VEREZA, 2010, p.199). Os principais teóricos dessa corrente são Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore, e Guilles Fauconnier (FERRARI, 2011, p.13).

O vocábulo “cognitivista” já fora empregado na linha da Linguística Gerativa de Noam Chomsky e aproveitado pelos linguistas cognitivistas em 1970. Chomsky demonstrou que os fenômenos cognitivos são importantes para a compreensão da linguagem, ou seja, “relativo a como nossa mente interage com o mundo que nos cerca, bem como os processos que permeiam essa interação.” (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p.177). Nessa linha de raciocínio existe a base comum em que os teóricos cognitivistas também acreditam, embora com uma diferença em relação ao pensamento chomskiano - para os cognitivistas, a

¹ Mestrando em Estudos de Linguagem pelo Posling – UFF. Orientadora: Solange Coelho Vereza. Email: paulodanna@id.uff.br. <https://orcid.org/0000-0002-7556-6290>.

faculdade linguística não é autônoma de outras funções cerebrais (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p.179), conforme a teoria da Linguística Gerativista postula por meio da modularidade em que “um módulo é responsável pela capacidade de raciocínio matemático, outro pela habilidade de criar e compreender estruturas musicais, outro, pela faculdade de linguagem” (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p.178).

Conforme a defesa da Linguística Cognitiva, distinguindo a questão da modularidade chomskiana, “a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição” (FERRARI, 2011, p. 14). Assim, o sentido de uma palavra não está pronto no seu interior como reflexo direto da realidade, senão é construído cognitivamente, orientado pela palavra, de acordo com Ferrari (2011, p.14). Essa construção apreende o mundo e permite que o experimentemos levando em consideração a realidade sensório-motora e corporais humanas como nos informa Ferrari (2011, p.14) e Martelotta e Palomanes (2008, p.181). Vale explicitar que a expressão “Linguística Cognitiva” é empregada com base na reconsideração da modularidade gerativista, pois a cognição é a cognição não modular, a um tipo específico de cognição.

Segundo os cognitivistas, o funcionamento da língua decorre da influência que ela sofre dos aspectos cognitivos e interativos, ligados aos conceitos de “domínio” e “projeção”, em que este último é um processo cognitivo e se transfere entre aquele primeiro, o que se combinou ser chamado “projeção entre domínios” (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p. 182). Para que isso ocorra, a Linguística Cognitiva considera que os sentidos das palavras não são preestabelecidos, mas que são dependentes do contexto de uso. Esse entendimento se refere ao conhecimento enciclopédico do falante. Existe, conforme Ferrari (2011,p.18), o conhecimento abstrato, cuja significação é convencional, compreendida coletivamente; e o conhecimento enciclopédico é pragmático, formado a partir do contexto real de uso.

A projeção entre domínios cognitivos é um processo de construção de significados de maneira metafórica, pois como

conhecemos a metáfora sendo uma transposição de significados entre dois objetos distintos, assim ocorre entre conceitos abstratos e concretos quando um se apoia no outro para que haja melhor entendimento de sentido e, assim, de aplicação de um termo em determinada construção frasal. Algumas palavras que primariamente são reconhecidas como sendo abstratas ganham significado de noções mais básicas. Como uma exemplificação, a frase a seguir: “Cem anos *atrás*, o mundo era bem diferente. Portanto, podemos esperar que *daqui pra frente* as coisas continuem mudando.” (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p. 182).

Os termos em destaque, originalmente, são pontos do espaço que são empregados para tratar de momentos temporais. Isso ocorre porque nosso corpo é estruturado para andarmos para frente. Então, à medida que passamos por um trajeto, aquilo que passa por nós fica para trás e o que está adiante é uma referência ao porvir. Com base nessa experiência, as palavras espaciais “atrás” e “daqui para frente” são básicas, comparadas à abstração do tempo, mas usadas para se referir a ele. Assim, “nós compreendemos o tempo, que é uma noção mais abstrata, a partir de uma noção básica, que é a noção de espaço.” (MARTELOTTA, PALOMANES, 2008, p. 182).

A situação exposta acima descortina um traço característico da Linguística Cognitiva que a diferencia de outras teorias com a presença da significação no seu bojo tal qual o Funcionalismo: a importância da metáfora e da metonímia como parte da formação de sentidos, de acordo com Ferrari (2011, p. 91). Sobre a metáfora, seu destaque se deu em 1980 quando foi publicada a obra de Lakoff e Johnson “*Metaphors we live by*”, relatado por Ferrari (2011, p. 91).

Afirmam os autores Lakoff e Johnson (2002, p.45), acerca da metáfora e o nosso sistema conceptual, o seguinte: “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). Desse modo, a metáfora não se restringe apenas à linguagem, mas impregna a realidade e está presente, inclusive, no pensamento e na ação. A forma como definimos a realidade se mostra, portanto, metafórica.

Compreende-se melhor esse mecanismo quando observamos a projeção entre domínios. A conceptualização de um domínio experiencial para outro mais abstrato envolve mapeamento nos aspectos concretos do domínio-fonte para ser projetado no domínio-alvo. Em sentenças relacionadas ao discurso, pode-se conceber ideia de guerra em construções do tipo "Seus argumentos são indefensáveis" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46). A palavra "indefensáveis" tem como metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 2002, apud FERRARI, 2011, p. 92). O domínio-fonte é a guerra e o domínio-alvo é discussão.

Ainda que o recurso metafórico não exista apenas na linguagem literária, já desmistificada, brevemente, acima, seu emprego na literatura, observada segundo a Linguística Cognitiva, pode ser aproveitada para explorar o processo narrativo criado por um autor. Dessa forma, entra uma pesquisa realizada por Caracciolo (2017, p.206-218) sobre a metáfora criativa na literatura. O autor assevera que a metáfora em gêneros literários está além do mero ornamento, porquanto revela a intenção de determinado autor, na forma de narrador, através da perspectiva de um personagem ou do enredo (CARACCILO, 2017, p.208). Desse ponto de vista, a análise do trecho machadiano favorece pensar a intenção do autor acerca da escolha de palavras que refletem a metáfora conceptual MENTE É SOLO e/ ou CRENÇAS SÃO SEMENTES que licenciam os termos a serem estudados e que fazem sentido com o olhar do personagem Camilo sobre atividades místicas que o fazem mudar de comportamento ao longo da narrativa.

Objetivos

A fim de reforçar o fato de que a metáfora está além da mera figuratividade na linguagem, lançaremos mão do conto "A cartomante" ([1884] (s/ano)), escrito por Machado de Assis (1839 - 1908) para explorar determinados trechos em que a metáfora conceptual MENTE É SOLO e/ ou CRENÇAS SÃO SEMENTES são instanciadas no discurso, licenciadas por essas metáforas

conceptuais, enfatizando os nichos metafóricos (VEREZA, 2010, p.209), e, a seguir, destringer alguns termos presentes na narrativa do conto a fim de explicitar que as metáforas no conto revelam a escolha de Machado por determinadas palavras para ressaltar o ponto de vista de um personagem e de um enredo, explorando esse mecanismo, especificamente neste conto, como orientador da evolução de crenças e credências do personagem Camilo, as quais, após sua extração, parecem retornar, motivadas por uma dúvida da personagem acerca da descoberta da sua relação amorosa com Rita, esposa do seu melhor amigo, o que se assemelha à germinação de semente.

Metodologia

O estudo vai prestigiar o conceito de Metáfora Conceptual, com base na Teoria da Metáfora Conceptual, proposto por George Lakoff e Mark Johnson (FERRARI, 2011, p.91) os quais consideram que por trás do pensamento e da ação e da linguagem humanas existe uma metáfora conceptual, a qual viabiliza pensarmos, gesticularmos e falarmos (ou escrevermos) coisas cujo sentido interpretado tem base nas experiências pessoais e socioculturais metaforicamente compartilhadas. A partir dessa teoria, diversas situações do cotidiano podem ter uma conceituação metafórica. Por exemplo, o conceito de AFETO pode ser captado metaforicamente como temperatura (“o diretor é uma pessoa fria”); e distância espacial (“Eu acho o jeito dela distante”). Isso demonstra que, pela TMC, um domínio da experiência se projeta em outro para valer o emprego de alguns termos cujos sentidos serão interpretados se forem compartilhados entre uma determinada comunidade linguística.

O mesmo trecho passará pelo exame da concepção de “nicho metafórico”, estipulado por Vereza (2010, p.209), que observa, na composição de uma unidade discursiva, vocábulos ou expressões utilizadas no desenvolvimento lógico como instrumento argumentativo. Da mesma forma que o TMC, o conhecimento enciclopédico do falante deve estar ativo quando ele for proferir ou

redigir algo, para que a mensagem com conteúdo metafórico surta o efeito esperado.

Por fim, o objeto deste estudo será submetido ao olhar da metáfora criativa na literatura, elaborada por Caracciolo (2017, p. 209-218), com fins a provocar uma hipótese de que o autor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), em seu conto “A cartomante” (ASSIS, [1884] (s/ano)), provavelmente teceu expressões relativas à germinação de vegetal, metaforizada para ilustrar o processo de descrença e crença do personagem Camilo, cuja base pode ser considerada a metáfora conceptual SOLO É MENTE (ou também CRENÇAS SÃO SEMENTES).

Resultados finais ou parciais.

Antes de levar em consideração o trecho elencado para esta análise, vale contextualizá-lo. O conto narra a relação adúltera entre Camilo e Rita, pois esta é casada com Vilela, o melhor amigo de Camilo na sua juventude. Em um determinado momento, Camilo e Rita desconfiam que o romance de ambos é sabido por Vilela e a moça decide, então, consultar uma cartomante para saber se ela e seu amante teriam um final agradável, apesar do amor adúltero. Rita, após a visita à vidente, relata a Camilo as adivinhações a favor deles, porém o namorado não demonstra crer no relato de Rita; assim, inicia-se o conto, cujo trecho que será analisado vem a seguir:

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram.

No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada.” (ASSIS, [1884] (s/ano), pps. 132 - 133).

Observando o excerto, destacam-se certos elementos indicativos da ideia de que a mente humana pode ser assemelhada ao solo onde deposita-se uma semente (e esta pode ser relacionada às crenças) como, por exemplo: “Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incuti e que aos vinte anos desapareceram.” (ASSIS, s/ano, p. 132) (grifo nosso). O termo grifado indica uma ação realizada do exterior para o interior do personagem Camilo, por meio da sua mãe, cujo objeto são as “crendices” e “superstições” - a qual, por sua vez, pela quantidade narrada nele, é “um arsenal inteiro”, simbolizando um local onde armazenam-se armamentos. Ademais, a expressão “No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita e ficou só o tronco da religião (...) (ASSIS, s/ano, p. 133) é claramente um exemplo do nicho metafórico (VEREZA, 2010, p. 211), referência às crenças e crendices como vegetais; e o adjetivo “parasita” reforça a tendência de comparar a intensidade do que lhe fora incutido pela sua mãe.

Dessa maneira, o personagem Camilo foi um *contêiner* (FERRARI, 2011, p.86), possuidor e mantenedor de crendices que o próprio arrancara de si. Vale destacar igualmente, para reiterar esse esquema imagético de *contêiner*, a expressão inicial do trecho que estamos analisando, a qual se segue: “Não queria arrancar-lhe as ilusões.” (ASSIS, s/ano, p. 7) (grifo nosso). O destaque do verbo e do objeto indireto indicam um ato de retirar algo do interior de um material continente. Isso foi instanciado pela metáfora conceptual CORPO É CONTÊINER, no caso, Rita. Além disso, esse exemplo imagético encontra, mais uma vez, respaldo no conceito de nicho metafórico (VEREZA, 2010, p.210). Os termos presentes neste trecho formam, cognitivamente, “redes de sentido” (VEREZA, 2010, p.209) que promovem argumentos relacionados a uma ação que necessita ser compartilhada entre leitor e autor - ou falante e ouvinte - para tecer uma lógica coesiva de um texto escrito ou falado. A partir do que se sabe sobre a semente, a nossa estrutura conceptual se desenvolve por “esquemas imagéticos” (FERRARI, 2011, p.86) e torna-se uma estratégia argumentativa.

Diante dessa estratégia mencionada, observamos que a narração leva o leitor a entender o emprego dos termos supracitados e analisados nos parágrafos acima o porquê de as crenças e superstições da infância de Camilo serem metaforizadas como “sementes” e ele mesmo como “solo”. No decorrer do conto, após a explicação do narrador sobre a vida dos três personagens e sobre a relação imoral entre Camilo e Rita, em uma ocasião, Camilo recebe uma carta anônima em seu escritório, chamando-o à residência de Vilela. Sentindo medo de ser uma emboscada do amigo traído, ainda assim foi. Tomou um tálburi e, a caminho, ocorreu um incidente na via, bloqueando-a. O carro que transportava Camilo parou e, ao lado, na calçada, há a casa da cartomante consultada por Rita. Nesse momento, mesmo evitando olhar para a casa, o personagem passa por uma sensação de ansiedade, responsável pelo seu desejo de “crer nas cartas” (ASSIS, s/ano, p. 136). Assim, diz o narrador: “A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas” (ASSIS, s/ano, p. 136).

A metáfora empregada por Machado em tal excerto foi “fantasmas” para se referir às crenças que ressurgiram em Camilo. Todavia, encaminhando pelo trajeto da metáfora criativa e também pelo nicho metafórico, notam-se possíveis pistas da metáfora da germinação de sementes que se encaixa na proposta do nosso estudo, de que o autor, talvez inconscientemente, criou metáforas alusivas a esse processo natural que corroboram o fato no conto, isto é, assim como arranca-se uma porção vegetativa do solo e, depois de um certo período, novamente eles brotam da terra, uma vez arrancadas crenças e superstições da mente humana, estas poderão ressurgir. Desse modo, a metáfora conceptual possivelmente inferidas são MENTE É SOLO, CRENÇAS SÃO SEMENTES e/ou CRENÇAS SÃO VEGETAIS sugeridas em nossa análise.

Referências

- ASSIS, M. A. A Cartomante. In: ALVES, R. (org.). *Contos escolhidos*. Coleção Clássicos da Literatura de Machado de Assis. São Paulo: Gale, s/ano, p.135-139.
- CARACCILO, M. Creative metaphor in literature. In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (ed.). *The routledge handbook of metaphor and language*. Oxon: Routledge, 2017, p. 206-218.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Vera Maluf. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, E. (org). *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 177 - 192.
- VEREZA, S. C. O locus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição*, Niterói, nº 14, p.199-212, 2010.

BLOCO 3

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

ORAÇÕES RELATIVAS COM PRONOME RESUMPTIVO NO INGLÊS ACADÊMICO

Fabrcia Eugênia Gomes de Andrade¹

Introdução

A presença de pronomes resumptivos em orações relativas (ORs) em língua inglesa é geralmente vista pelas gramáticas normativas como uma particularidade da modalidade oral informal. Definidos como pronomes que ocorrem em uma posição “em que, sob outras circunstâncias, uma lacuna ocorreria²” (MCCLOSKEY, 2006, p. 26), os pronomes resumptivos (PRs), também chamados de *pronomes lembrete*, podem ser classificados em dois tipos: os *gramaticais*, que figuram de maneira obrigatória em algumas posições sintáticas de determinadas línguas (e.g. Hebreu, Sueco, Irlandês e algumas variedades do Árabe³) e também em variação livre com a lacuna; e os chamados *intrusivos* (*ing. intrusive resumptive pronouns*), que são considerados agramaticais e geralmente inaceitáveis em línguas como o inglês.

Apesar de reconhecer que os pronomes resumptivos são agramaticais em inglês, autores como Kroch (1981), Prince (1990),

¹ Professora de inglês do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ – e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação do Prof. Dr. Dante Lucchesi e coorientação do Prof. Dr. Gregory Guy (New York University – NYU). E-mail: fabriciaeugenia2@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6462-4320>

² “[...] pronouns which are found in a position “in which, under other circumstances, a gap would appear”

³ Exemplos de ocorrências de pronomes resumptivos em posições obrigatórias, como, por exemplo, objeto direto de ORs no árabe podem ser encontrados em Chao & Sells 1983; Engdahl 1985; McCloskey 2006.

Erteschik-Shir (1992), Asudeh (2004; 2011; 2012), dentre outros, indicam que eles não são incomuns na fala e funcionam como um mecanismo que facilita a produção e compreensão de elementos nominais em condições de processamento desfavoráveis. Conforme Prince (1990, p. 483) eles fariam o melhor diante de uma frase mal-formada (“*make the best out of a bad job*”). Ainda assim, a distribuição desses pronomes nas orações relativas é muito limitada e parece ser influenciada pela distância linear, profundidade e capacidade de extração; eles são mais recorrentes quando mais distantes do elemento nominal relativizado (MCKEE; MCDANIEL, 2001, p. 114).

A ocorrência dos pronomes resumptivos em ORs na língua inglesa é, portanto, uma realidade, ainda que a tradição gramatical condene o seu uso. É interessante notar que a própria utilização deles para a ‘melhoria’ (ing. *amelioriation*) da compreensão das frases reflete uma necessidade dos falantes quanto ao uso, ainda que isso não seja refletido na modalidade escrita formal. Este trabalho apresenta uma análise qualitativa de três ocorrências desse fenômeno em uma análise variacionista de uma amostra linguística constituída pela transcrição de quinze conferências e quinze artigos de revistas acadêmicas, todos de autoria de falantes nativos do inglês, perfazendo o total de 2.372 ocorrências de ORs. Apesar de corresponder a menos de 0,2% do total, a presença dessas estruturas, em um nível de fala altamente formal e bastante adequado às prescrições normativas, reafirma a possibilidade de realização desse tipo de OR, provavelmente em um nível próximo ao observado no Brasil.

Contextos de utilização

A relação entre o uso de resumptivos e a posição de relativização parece ser válida em todos os pontos da Hierarquia da Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977), com maior recorrência, devido à distância do antecedente, nas posições mais baixas da hierarquia, aquelas em que o processamento da OR seja

mais difícil. Além disso, cabe ainda a distinção do tipo de oração em que eles podem figurar – dentro da própria OR, como em (1) ou em orações encaixadas, conforme exemplo (2):

(1) There really may be a lot of interaction *which the kid doesn't hear any of it*.⁴

Deve realmente existir muita interação *que a criança não escuta nada dela*.

(2) King Kong is a movie *which you'll laugh yourself sick if you see it*. (Ross 1967, p. 433)

King Kong é um filme *que você vai morrer de rir se você o assistir*.

De uma maneira geral, a análise de ocorrências desse fenômeno linguístico realizada por autores como Kroch (1981), Prince (1990) e Radford (2019), dentre outros, aponta para a existência de três contextos recorrentes para a verificação da presença de resumptivos.

O primeiro contexto sugere a utilização do resumptivo em uma posição de relativização dentro de uma oração encaixada na OR, em um contexto de ilha sintática, em que a ligação dessa posição com o antecedente violaria regras de gramaticalidade caso não houvesse a presença do resumptivo, conforme observamos em (3) e (4):

(3) That's why you have to collect a whole bunch of little shit *that you don't know what you're going to use it for*. (AK: Erving Goffman) (ilha adjunto)

É por isso que você tem que coletar um monte de porcaria *que você não sabe para que você vai usar ela*.

(4) He seems to agree with the claim Chomsky made and *which I think Labov was the one who disputed it*. (AK: Ann Houston) (ilha qu-)

⁴ Exemplo extraído de PRINCE (1995, p. 4), presente no corpus constituído pelo linguista Antony Kroch. Neste trabalho, a referência a esse corpus aparecerá após os exemplos seguidas das letras AK e o nome do informante.

Ele parece concordar com a afirmação que Chomsky fez e *que eu acho que foi Labov quem a contestou*.

Kroch (1981) sugere a utilização do pronome resumptivo nesses casos como um recurso necessário, cuja extração violaria o Princípio da Subjacência, ou seja, o resumptivo é utilizado como último recurso (ing. *last resort*) para garantir a gramaticalidade da oração.

O segundo contexto demonstra a realização desse fenômeno nas chamadas *orações relativas predicacionais com pronome resumptivo* (PRINCE, 1990, p. 229). Nesse tipo de oração, a informação contida no sintagma nominal relativizado já foi definida pelo núcleo e a oração relativa serve apenas para informar alguma propriedade desse núcleo, como nos exemplos (5) e (6). Dessa forma, todas as orações relativas explicativas admitem um pronome resumptivo.

(5) I had made this joke *which she didn't get it at first*. (AK: Bill Labov)
Eu tinha feito essa piada *que ela não a entendeu no início*.

(6) I thought I'd bring up a fact *that Robert Louis Stevenson noted it a while ago*. (AK: Bonnie Webber)
Eu pensei em mencionar um fato *que Robert Louis Stevenson o notou há algum tempo*.

O terceiro contexto, por fim, define a utilização de resumptivos nas chamadas sentenças tipificadoras (ing. *on-kind sentences*), ilustradas em (7) e (8):

(7) He's the kind of guy *that I think he respects the job we did*. (AK: D. Vermeil)
Ele é o tipo de cara *que eu acho que ele respeita o trabalho que nós fizemos*.

(8) She was the kind *that she made such a racket that you knew whenever she was doing something bad*. (AK: Amalia S.)
Ela era do tipo *que ela fazia tanto barulho que você sabia quando ela estava fazendo algo ruim*.

Para além dos contextos supracitados, Radford (2019) identificou em seu *corpus* um total de 444 ORs com resumptivos e destacou fatores importantes na realização desse fenômeno, tais como: tipo de resumptivo (pronome pessoal, demonstrativo, quantificador etc.) e elementos relativizadores nas orações (pronomes *wh*, *that*, relativizador nulo).

Acreditamos que existam outros contextos que favorecem a utilização de pronomes, entretanto, dado o escopo deste trabalho, nos limitaremos a esses na tentativa de relacioná-los com as ocorrências encontradas na nossa análise.

Análise qualitativa das ocorrências

Em termos de frequência de uso, as orações relativas com pronome resumptivo são um construto bastante marginal na maioria das línguas, exceto nos casos de línguas em que esses elementos são gramaticais, descritas na seção introdutória deste trabalho. Isso praticamente interdita o emprego dessa estratégia de relativização na linguagem formal, sobretudo na escrita. Essa forte restrição também foi verificada nos resultados da análise quantitativa realizada. Na modalidade escrita, por exemplo, não foram encontradas ocorrências desse tipo. Já na modalidade oral, apenas três ocorrências desse fenômeno foram encontradas, de um total de 2.372 ORs, o que corresponde a menos de 0,2% do total. Ainda assim, acreditamos que a análise qualitativa desse limitado número de ocorrências pode levar a um melhor entendimento sobre a estrutura sintática e a variação no inglês, especialmente por se tratar de uma modalidade altamente formal da língua.

Dentre as três ocorrências encontradas nesta análise, a primeira, apresentada em (9), poderia ser avaliada como uma construção “truncada”, pois deveria ter sido realizada com o pronome relativo *which* e não com o *where*, já que a posição de relativização nessa OR seria a de objeto direto (OD) e não a de adjunto adverbial locativo.

(9)Recruitment of teachers is very important it seems to me. And particularly in the subjects *where there are not many people studying them at university.*

O recrutamento de professores é muito importante, parece-me. E particularmente nas disciplinas *onde não há muitas pessoas estudando elas na universidade.*

Entretanto, é importante observar que a *wh-word where* como elemento relativizador tem um rendimento funcional muito elevado, e, nesse exemplo, a referência é feita ao antecedente *subjects*, que pode ser traduzido como *disciplinas, áreas do conhecimento*, o que sugere uma noção locativa, ainda que mais abstrata. Porém, não se pode afirmar que a utilização desse elemento relativizador seja um fator relevante na escolha do falante pelo uso do pronome lembrete na OR. No estudo de Radford (2019), por exemplo, das 444 ocorrências de ORs resumptivas, apenas 27 (6,1% do total) foram introduzidas pelo relativizador *where*, conforme observamos na tabela 1:

Tabela 1 – Número e percentual de relativas resumptivas contendo um determinado relativizador

| Item | <i>which</i> | <i>that</i> | <i>who</i> | <i>zero</i> | <i>where</i> | <i>whereby</i> | <i>what</i> |
|------|--------------|-------------|------------|-------------|--------------|----------------|-------------|
| No. | 135 | 138 | 95 | 38 | 27 | 9 | 2 |
| % | 30.4 | 31.1 | 21.4 | 8.6 | 6.1 | 2.0 | 0.5 |

Fonte: Radford (2019, p. 30).

Foi surpreendente notar no estudo de Radford um grande número de ocorrências com resumptivos (51.8% do total) em ORs iniciadas pelos pronomes relativos *which* e *who*. Acreditávamos que essa seria uma estratégia de relativização mais comum com o relativizador neutro ou com o apagamento do relativizador, que podem ser mais fluidos quanto ao referente, levando à necessidade do uso do resumptivo para retomada do antecedente na OR.

Além disso, a ocorrência apresentada em (9) não configura uma ilha sintática ou uma sentença tipificadora, embora se trate de

uma posição encaixada em uma oração reduzida dentro da OR. E a posição sintática de relativização, objeto direto (OD), não é uma posição de processamento tão difícil. Portanto, essa ocorrência foge aos padrões sintáticos que poderiam favorecer a utilização do pronome lembrete na oração relativa.

A segunda ocorrência, apresentada em (10), foge ainda mais aos contextos aqui identificados para a utilização de um resumptivo.

(10) This is the planting material \emptyset we call *them* suckers, water suckers, in Spanish *ehos* and that is the conventional planting material.

Este é o material de plantio *que nós chamamos eles* sugadores, sugadores de água, em espanhol *ehos*, e esse é o material de plantio convencional.

Nesse caso, além de não observarmos uma ilha sintática, nem uma sentença tipificadora, o pronome resumptivo está na posição de OD, que não é muito encaixada. Outro fato interessante nessa ocorrência é a falta de concordância de número entre o antecedente nominal (*planting material*) e o pronome resumptivo *them*. Poderíamos pensar que o material de plantio ao qual o falante se refere é composto por um conjunto de elementos, dessa forma, ao utilizar o pronome oblíquo *them*, a referência pode ter sido feita a todos os elementos que compõem o material de plantio, no que tem sido denominado *concordância semântica* ou *concordância ideológica*. Nesse sentido, para contemplar o processamento sintático, Radford utiliza, dentro do programa minimalista (CHOMSKY, 1995), a noção de análise ou operação *merge*, que pode ser entendida como a união de dois elementos lexicais quaisquer, formando um único constituinte ou a concatenação de dois constituintes formando um novo constituinte maior. No caso das ORs com resumptivos, “o antecedente, o relativizador e o resumptivo são concatenados independentemente um do outro em posições separadas, e consequentemente, apresentam propriedades de caso distintas” (RADFORD, 2019, p. 131). Isso pode explicar o fato de que o

resumptivo não precise ser exatamente igual ao antecedente, mas “pode ser menor ou maior que o (ou totalmente distinto do) antecedente, e pode haver uma incompatibilidade de referência (por exemplo, de número) entre antecedente e resumptivo”⁵ (RADFORD, 2019, p. 131).

Uma outra interpretação possível seria dizer que essa ocorrência não se configura como uma OR. Tratar-se-ia de um tópico, cujo SN é retomado na oração seguinte, mas sem concordância de número. Haveria, portanto, uma ligeira pausa entre as duas orações, porém, o áudio da palestra de onde a ocorrência foi extraída é bastante claro quanto à produção ininterrupta da sentença.

Por fim, a terceira ocorrência, apresentada em (11) apesar de não configurar um caso de ilha sintática, parece ser um caso de *last resort*, descrito na seção anterior.

(11) You don't want to invest heavily too early in an idea **that isn't proven that it can be successful.**

Você não quer investir pesadamente muito cedo em uma ideia **que não está provada que ela pode ser bem-sucedida.**

O pronome resumptivo está em uma oração encaixada na oração relativa e a ausência dele poderia resultar em uma construção agramatical, porque não poderia haver ausência de sujeito diante da construção *can be*, diferente do que ocorre em uma língua como o português, em que isso é possível. Este seria, portanto, um caso de *last resort* no sentido de evitar a agramaticalidade da sentença.

⁵ [...] resumptive need not be an identical copy of the antecedent, but rather can be smaller or larger than (or entirely distinct from) the antecedent, and there may be a feature mismatch (e.g. in number) between antecedent and resumptive.

Conclusão

O reduzido número de relativas resumptivas encontradas no nosso trabalho colocaria em questão se as três ocorrências, encontradas somente na amostra de língua oral, não constituiriam casos de acidente de performance. Porém, esta análise qualitativa revelou que não seria o caso. E o fato de essa estratégia ocorrer mesmo em textos orais em que o falante está muito atento à sua produção verbal, uma fala bastante monitorada, revela que o recurso ao pronome lembrete está presente na gramática dos falantes nativos de língua inglesa, embora se trate, evidentemente, de uma estratégia muito marginal e restrita a determinados contextos bem específicos.

Em termos comparativos o português admite o uso de resumptivos em uma gama de contextos sintáticos mais ampla do que o inglês, embora essa variante seja também de uso muito restrito no português brasileiro (LUCCHESI, 2015). Além disso, no plano do problema da avaliação, as relativas resumptivas são muito mal avaliadas pelos falantes do português, o que praticamente interdita o emprego dessa estratégia na linguagem formal, sobretudo escrita. Esse fato encontra um paralelo com o nosso resultado, pois as relativas resumptivas também não foram encontradas nos artigos científicos, demonstrando que a modalidade de uso da língua é um fator que afeta o uso desse fenômeno linguístico.

Portanto, apesar da forte condenação de uso por parte das gramáticas normativas de língua inglesa, a análise da língua em uso, em diferentes tipos de trabalho, revelou que as orações relativas com pronome resumptivo, de fato, estão presentes na gramática dos falantes nativos do inglês. Seriam elas um descuido com a norma padrão, frutos do desconhecimento dos falantes sobre a sintaxe da língua? Estariam restritas a registros marginais e/ou variedades do inglês, ou constituem o resultado de uma hipercorreção por parte dos falantes? Essas orações seriam, na verdade, *lapses da língua* (ing. *slips of the tongue*), em que o falante,

por ter esquecido se utilizou determinado elemento na oração principal, retoma-o na oração relativa? Todas essas perguntas refletem o desafio descritivo, tipológico e teórico que a análise dessas orações representa sobre a natureza das orações relativas e nosso trabalho busca, portanto, fornecer alguns elementos que possam ajudar no enfrentamento a esse desafio.

Referências

ASUDEH, Ash. *Resumption as resource management*. Palo Alto: Stanford University dissertation, 2004.

_____. Local grammaticality in syntactic production. In: BENDER, Emily; ARNOLD, Jennifer (eds.). *Language from a cognitive perspective: Grammar, usage & processing. Studies in honor of Thomas Wasow*. Stanford: CSLI Publications, 2011.

_____. *The logic of pronominal resumption*. Oxford: Oxford University Press, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199206421.001.0001>

CHAO, Wyn; SELLS, Peter. *On the interpretation of resumptive pronouns*. NELS 13, 1983, p. 47–61.

ENGDAHL, Elisabet. *Parasitic gaps, resumptive pronouns, and subject extractions*. *Linguistics* 23, 1985, p. 3–44.

ERTESCHIK-SHIR, Naomi. Resumptive pronouns in islands. In: GOODLUCK, Helen; ROCHEMONT, Michael (eds.). *Island constraints. Theory, acquisition and processing*. Local da publicação (cidade): Editora, 1992, p. 89–109.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, n.8, p.63-99, 1977.

KROCH, Anthony. On the Role of Resumptive Pronouns in Amnestying Island Constraint Violations, In: HENDRICK, R. A.; MASEK, C. S.; MILLER, M. F. (eds.). *Papers From the Seventeenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1981.

- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MCCLOSKEY, James. Resumption. In: EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H. van (eds.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p: 94–117.
- MCDANIEL, Dana.; MCKEE, Cecile.; BERNSTEIN, Judy. Resumptive Pronouns in English Relative Clauses, In: *Language Acquisition*, 9:2, 2001, p. 113-156. DOI: 10.1207/S15327817LA0902_01
- PRINCE, Ellen. Syntax and Discourse: *A Look at Resumptive Pronouns*. Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society (1990), pp. 482-497
- RADFORD, Andrew. *Relative clauses: Structure and variation in everyday English* (Cambridge Studies in Linguistics 161). Cambridge: Cambridge University Press, 2019. Online ISBN: 9781108687744 DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108687744>

AS ORAÇÕES RELATIVAS NA NORMA CULTA CARIOCA: UM ESTUDO DE PAINEL

Michelle Silva dos Santos¹

Introdução

O interesse pela linguagem humana é algo bastante antigo. Há séculos, estudiosos buscam compreender como as línguas se estruturam, a sua relação com o funcionamento da mente, além de outros diversos aspectos envolvidos nas interações linguísticas. Desde a década de 60, um ramo da Linguística tem se dedicado ao estudo da variação e mudança linguística: a Sociolinguística Variacionista. Também chamada de Sociolinguística Laboviana, devido ao seu principal representante, o linguista norte-americano William Labov (2008), essa corrente propiciou avanços significativos para a compreensão de fenômenos linguísticos variáveis.

Uma das importantes contribuições de Labov foi propor o *estudo em tempo real de curta duração* (Labov, 1994), que será apresentado na segunda seção deste capítulo. Por meio desse estudo, especificamente do *estudo de painel* (*panel study*), metodologia adotada neste trabalho, é possível comparar o comportamento linguístico dos mesmos informantes em dois pontos do tempo, a fim de observar a continuidade/descontinuidade linguística do indivíduo.

Dentre os diversos fenômenos linguísticos que vêm sendo objeto de análise, destacam-se as *estratégias de relativização*, que, nas últimas décadas, despertaram grande interesse em estudiosos das

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Agência de financiamento: CAPES. Orientador: Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti.

mais diferentes perspectivas teóricas. Tarallo (1983, 1996), por exemplo, deu robustas contribuições sobre o tema, além de outros importantes nomes como Mollica (1977, 2003) e Corrêa (1998), cujos trabalhos serão apresentados na primeira seção deste capítulo.

Desse modo, este capítulo pretende apresentar uma análise variacionista das estratégias de relativização na chamada *norma urbana culta* da cidade do Rio de Janeiro, com base na Sociolinguística Variacionista, a fim de identificar aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos no uso de uma ou de outra variante. Para isso, são utilizadas amostras de fala (Diálogos entre Informante e Documentador - DID) do *Corpus* do Projeto *Norma Linguística Urbana Culta* (NURC-RJ), das décadas de 70 e 90.

No que se refere à composição deste capítulo, além desta introdução, ele está estruturado em quatro seções, as quais contemplam, respectivamente, a revisão da literatura, o aporte teórico-metodológico, os resultados da análise e as considerações finais.

Análises variacionistas das orações relativas no português brasileiro

Tarallo (1996), em estudo diacrônico realizado a partir de cartas, diários e peças teatrais escritos entre os séculos XVIII e XIX, identificou três estratégias de relativização no português brasileiro (PB), que foram por ele denominadas da seguinte forma:

i. *Relativa com lacuna*: é um tipo de relativa padrão não preposicionada. Entende-se por padrão a estratégia que se encontra em conformidade com a prescrição gramatical. É denominada *relativa com lacuna* por apresentar uma lacuna na posição original do sintagma – QU. Ocorre nas posições de sujeito, objeto direto e predicativo do sujeito.

(1) *Tem as que (e) não estão nem aí, não é?*

Para as posições sintáticas mais baixas (objeto indireto, oblíquo e genitivo), a norma padrão prescreve o uso de *pied-piping*.

(2) *E um deles foi esse fulano aí com quem eu nunca tive aula.*

ii. *Estratégia com pronome lembrete*: estratégia não padrão também conhecida como copiadora ou *resumptiva*. Não apresenta lacuna e essa posição é preenchida por uma forma pronominal correferente ao sintagma nominal relativizado.

(3) *Você acredita que um dia teve uma mulher que ela queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone?*

iii. *Relativa cortadora*: estratégia não padrão que ocorre quando a preposição é omitida antes do pronome relativo em um sintagma preposicionado.

(4) *E uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e), ela não fica esquentando a cabeça.*

Acerca das estratégias não padrão, o autor acredita que as relativas sejam iniciadas por um *que* complementizador e que possuam um pronome resumptivo (ou lembrete), que pode ser lexical ou nulo, como ocorre, respectivamente, nas estratégias resumptiva e cortadora.

Tarallo (1983, p. 90-93), a partir da variável dependente “presença/ausência do resumptivo”, observou os fatores gramaticais que favorecem a presença dessa partícula: a função sintática, com as funções mais baixas, principalmente GEN (9/17 - 53%) e OI (16/76 - 21%), apresentando-se mais favoráveis ao aparecimento da partícula; os traços semânticos [+ humano], singular, indefinido (para OI e oblíquos); a posição da relativa [+ distante], o tipo não restritivo.

A estratégia cortadora foi predominante em todas as posições sintáticas, exceto na posição de genitivo, na qual a estratégia resumptiva registrou maior frequência (53% de resumptiva; 41% de cortadora e 6% de padrão). A estratégia padrão foi menos frequente em todas as posições. Com base nesses resultados, Tarallo concluiu que

A relativa padrão quase não existe na fala, os poucos casos (21 ocorrências) provêm principalmente dos falantes da classe alta, que, não é preciso dizer, têm mais acesso ao padrão normativo, ao qual recorrem de forma mais consciente. A substituição da estratégia padrão pela resumptiva ou pela cortadora, contudo, claramente sugere que nós estamos lidando aqui basicamente com um processo de apagamento, ou um sistema de relativização, que está se movendo lentamente para um processo de apagamento (TARALLO, 1983, p. 175).

Mollica (2003) realizou um *estudo em tempo real*, a partir de amostras do *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL), das décadas de 1980 e 2000, compostas por falantes da área metropolitana do Rio de Janeiro, com um a doze anos de escolaridade. Nessa análise, a autora pretendia observar as posições favorecedoras do pronome lembrete. Os resultados obtidos apontaram que, na amostra de 2000, as ocorrências com pronome lembrete se concentraram, em sua totalidade, na posição de sujeito, enquanto, na amostra de 1980, elas se distribuíram pelas posições de sujeito e objeto indireto. Para Mollica, a ausência do pronome lembrete em posição de objeto indireto, nos indivíduos da amostra de 2000, sugere que a variação esteja, de fato, se concentrando no domínio sintático do sujeito. Ademais, a autora constatou que essa estratégia é favorecida pela posição de sujeito quando há muitos elementos intervenientes entre o núcleo nominal e o pronome relativo, como no exemplo “*a menina de cabelo louro com lacinho vermelho na cabeça que ela quebrou a perna ontem*”.

Corrêa (1998) realizou um estudo com base em três *corpora*, compostos por dados orais e escritos de alunos de 1º e 2º graus, informantes não escolarizados e informantes de nível universitário, a fim de observar a influência do ensino formal no aprendizado da estratégia padrão. Desse modo, ela verificou o emprego ou a ausência da preposição diante de ORs de posições preposicionadas. Nas narrativas orais, Corrêa identificou que os alunos do 1º grau e os informantes não-escolarizados utilizam apenas relativas sem

preposição. Por outro lado, ao observar os dados dos alunos de 2º grau, constatou um aumento expressivo da relativa preposicionada. Ao comparar a série inicial com a final, houve um avanço da relativa padrão de 7% para 44%, ao passo que a estratégia vernacular reduziu de 93% para 56% nessas séries, respectivamente. Entre os falantes de nível universitário, o uso da preposição não é categórico e as duas estratégias (padrão e cortadora) mostraram-se igualmente aceitas. Para a autora, não é possível, portanto, falar em homogeneidade quando se trata das orações relativas no PB. Segundo Corrêa (1998, p. 151), “existem estratégias vernaculares de relativização para os que não frequentaram a escola e uma estratégia aprendida através da educação formal”.

Aporte teórico-metodológico

A Sociolinguística Variacionista é um ramo da Linguística que surgiu na década de 60 e que se dedica ao estudo da variação e mudança linguística por meio da análise sistemática de fenômenos linguísticos variáveis. Seus princípios teóricos estão sistematizados no ensaio *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, de Weinreich, Labov e Herzog (2006). De acordo com seus postulados, a variação é entendida como algo intrínseco às línguas e pode decorrer de fatores presentes na própria estrutura da língua, bem como de fatores encontrados na estrutura da *comunidade de fala*. Assim, a partir do controle sistemático de condicionadores linguísticos e sociais, seria possível alçar hipóteses sobre o comportamento de fenômenos linguísticos variáveis e dos rumos da mudança linguística.

Com o objetivo de estudar a mudança linguística, Labov (1994) propôs o *estudo em tempo real de curta duração*. Por meio desse método, é possível realizar dois tipos de análise: *painel* e *tendência*. O *estudo de painel* permite a comparação de dados de fala dos mesmos informantes, coletados em dois pontos do tempo, com o intuito de analisar a continuidade ou descontinuidade do

comportamento linguístico do indivíduo. Já o *estudo de tendência* consiste na comparação de amostras aleatórias de uma mesma comunidade de fala, também coletadas em dois pontos do tempo, geralmente com um interstício de 18 anos aproximadamente, a fim de observar a direcionalidade do sistema na comunidade de fala.

Segundo Labov (1994, p. 83), a combinação desses dois estudos produz quatro padrões de mudança no indivíduo e na comunidade:

Quadro 1 - Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

| | Indivíduo | Comunidade |
|------------------------|-----------|------------|
| 1. Estabilidade | estável | estável |
| 2. Gradação etária | instável | estável |
| 3. Mudança geracional | estável | instável |
| 4. Mudança comunitária | instável | instável |

O padrão 1 refere-se a um cenário de estabilidade, ou seja, quando indivíduos e comunidade se mantêm estáveis. O padrão 2 diz respeito à gradação etária, que ocorre quando os indivíduos mudam seu comportamento linguístico ao longo da vida, mas a comunidade se mantém estável. O padrão 3 faz menção à mudança geracional, isto é, os indivíduos se mantêm estáveis, conservando uma variante particular durante toda a vida, e o crescimento desses usos individuais pode suscitar mudança na comunidade. Já o padrão 4 remete à mudança comunitária, que consiste em indivíduos e comunidade mudando seu comportamento linguístico concomitantemente.

Como se pode notar, em uma pesquisa sociolinguística, o interesse do pesquisador não reside apenas no indivíduo, mas, sobretudo, na comunidade de fala. Desse modo, para a realização da pesquisa sociolinguística, os informantes devem estar agrupados pelas mesmas características sociais relacionadas à

análise do fenômeno variável. Nas análises variacionistas, as variáveis sociais mais controladas têm sido faixa etária, escolaridade, sexo, nível socioeconômico, além de outros fatores como região de origem e etnia.

No presente estudo, as variáveis sociais observadas são as utilizadas na constituição do Projeto NURC: faixa etária e sexo. Em relação aos aspectos linguísticos, foram controlados os seguintes fatores: função sintática do pronome relativo; preposição realizada ou não; natureza da oração; tipo da oração; adjacência ao antecedente; posição da oração relativa no período; conectivo que introduz a oração; valor semântico do antecedente e encaixamento da posição de relativização.

No que tange à variável dependente deste estudo, ela é composta pelas diferentes *estratégias de relativização* encontradas no português brasileiro culto: *relativa com lacuna*, *estratégia com pronome lembrete*, *relativa cortadora* e *relativa padrão* ou *pied-piping*, já detalhadas na primeira seção deste capítulo. Para a realização deste estudo de painel, foram utilizadas amostras de fala das décadas de 70 e 90, compostas por 22 inquéritos de Diálogos entre Informante e Documentador (11 inquéritos da amostra de 70 e 11 inquéritos da amostra de recontato de 90), do NURC-RJ. Vale salientar que todos os informantes possuem nível superior completo, pré-requisito para ser considerado um falante culto na perspectiva do Projeto NURC. Com base nesses 22 inquéritos, foram levantadas 1.414 ocorrências de ORs, das quais 270 ocorrências são de relativas extraídas de posições preposicionadas. Neste capítulo, serão apresentados apenas alguns resultados referentes às ORs extraídas de posições preposicionadas (padrão x cortadora). O processamento quantitativo dos dados foi realizado por meio do programa GoldVarb X (GUY; ZILLES, 2007).

Resultados

Conforme detalhado na seção 1 deste capítulo, as orações relativas preposicionadas podem se realizar por meio de duas

estratégias de relativização: a *cortadora* e a *padrão*, exemplificadas respectivamente em (1) e (2). A *padrão* é a variante conservadora, que se apresenta em conformidade com a gramática normativa. A estratégia *cortadora*, por sua vez, é a variante inovadora, que tem se propagado, sobretudo, na linguagem informal, mas também vem avançando em registros mais formais, inclusive na escrita (BAGNO, 2012; AZEREDO, 2014).

1. A casa que eu morei quando eu era menina era uma casa assim bem comprida sabe, aquelas com, bem comprida mesmo né...

2. Minha mulher até hoje fala no dia em que a gente se conheceu, que foi numa festa...

Para focalizar a variação entre essas duas estratégias de relativização, foi montada uma base de dados contendo apenas ORs extraídas de posições preposicionadas, da qual foram levantadas 270 ocorrências (139 na amostra de 70 e 131 na amostra de 90). Nesse contexto, não foram consideradas as orações relativas resumptivas, em razão do reduzido número de ocorrências. Com base na tabela 1, disposta abaixo, é possível observar que as *cortadoras* apresentam, nas duas décadas, uma frequência um pouco maior que as relativas *padrão*, mas as duas estratégias se mantêm estáveis, com percentuais bastante próximos nos dois períodos (57,6% e 56,5% de *cortadora* e 42,4% e 43,5% de *padrão*), o que caracteriza um cenário de variação estável.

Tabela 1 – Estratégias de relativização em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990 (Estudo de painel)

| Estratégia | Década de 70 | | Década de 90 | |
|------------|-----------------|------------|-----------------|------------|
| | Nº de Oc./Total | Frequência | Nº de Oc./Total | Frequência |
| Cortadora | 80/139 | 57,6% | 74/131 | 56,5% |
| Padrão | 59/139 | 42,4% | 57/131 | 43,5% |

Autoria própria

Neste estudo, também foram analisados condicionadores estruturais e sociais a partir dessa base de dados. Em relação à variável estrutural *preposição regente*, os resultados apontam que a preposição *de* é a que mais favorece a estratégia cortadora, com 86,5% de frequência e peso relativo de 0.713. As preposições *por*, *com*, *a/para* e *em* também apareceram nas amostras, todavia, quando essas preposições são requeridas, a estratégia cortadora é desfavorecida, com peso relativo de 0.476 para as ORs que devem ser introduzidas pelas preposições *por*, *com*, *a/para*,² e peso relativo de 0.449 para a preposição *em*. Portanto, nas ORs com verbos que requerem essas preposições, a estratégia padrão é levemente favorecida. Seguem esses resultados na tabela 2.

Tabela 2 – Relativas cortadoras em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, segundo a preposição regente (Estudo de painel)

| Preposição | Décadas de 70 e 90 | | |
|----------------|--------------------|--------------|---------------|
| | Nº de Oc./Total | Frequência | Peso relativo |
| de | 32/37 | 86,5% | 0.713 |
| a/para/por/com | 15/21 | 71,4% | 0.476 |
| em | 107/154 | 69,5% | 0.449 |
| TOTAL | 154/212 | 72,6% | |

Nível de significância: 0.000

Autoria própria

Por meio da tabela 3, que apresenta os resultados referentes à variável *função sintática do pronome relativo*, nota-se que a função de complemento oblíquo é a que mais favorece a estratégia cortadora, com 86,5% de frequência e peso relativo de 0.810. Esse resultado confirma o que se verifica na tabela 2, uma vez que é bastante comum a omissão da preposição no uso de verbos como *gostar*, *precisar*, etc., cuja regência requer a preposição *de*.

² Em função do baixo número de ocorrências, essas preposições foram amalgamadas em um único fator.

Por outro lado, as funções que menos favorecem a estratégia cortadora e, por conseguinte, propiciam a forma padrão são os adjuntos adverbiais de tempo e lugar, com as frequências 56,5% e 35,7% e pesos relativos de 0.451 e 0.298, respectivamente. Esse resultado se deve, possivelmente, à alta produtividade dos pronomes relativos *onde* e *quando*, especialmente o *onde*, que é utilizado, com frequência, sem sequer se referir a lugar.

Para a rodagem dos dados, foram amalgamadas as funções de complemento nominal, genitivo e adjunto adverbial (exceto os situacionais,³ locativos e temporais, que se encontram separados na tabela).

Tabela 3 – Relativas cortadoras em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, segundo a função sintática do pronome relativo (Estudo de painel)

| Função sintática | Décadas de 70 e 90 | | |
|-----------------------|--------------------|------------|---------------|
| | Nº de Oc./Total | Frequência | Peso relativo |
| Complemento oblíquo | 32/37 | 86,5% | 0.810 |
| Complemento nominal | 21/27 | 77,8% | 0.692 |
| Adjunto situacional | 31/46 | 67,4% | 0.610 |
| Adjunto temporal | 35/62 | 56,5% | 0.451 |
| Constituinte locativo | 35/98 | 35,7% | 0.298 |
| TOTAL | 154/270 | 57% | |

Nível de significância: 0.000

Autoria própria

Em relação aos onze informantes envolvidos nesta análise, ao observar o uso da estratégia cortadora nos dois períodos, identificou-se um comportamento flutuante, uma vez que alguns indivíduos elevaram o uso da estratégia cortadora de uma década para outra, alguns reduziram o uso, e outros mantiveram o mesmo

³ Entende-se por adjunto situacional a função sintática que envolve, simultaneamente, as noções de tempo e espaço.

comportamento linguístico, conforme demonstram os resultados da tabela 4.

Tabela 4 – Relativas cortadoras em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, segundo os informantes (Estudo de painel)

| Informante | Década de 70 | | Década de 90 | |
|------------|-----------------|------------|-----------------|------------|
| | Nº de Oc./Total | Frequência | Nº de Oc./Total | Frequência |
| A | 11/13 | 84,6% | 13/19 | 68,4% |
| B | 18/28 | 64,3% | 5/15 | 33,3% |
| C | 7/8 | 87,5% | 5/7 | 71,4% |
| D | 7/14 | 50% | 7/11 | 63,6% |
| E | 2/2 | 100% | 6/8 | 75% |
| F | 3/14 | 21,4% | 6/11 | 54,5% |
| G | 2/5 | 40% | 6/16 | 37,5% |
| H | 11/18 | 61,1% | 8/16 | 50% |
| I | 3/4 | 75% | 2/3 | 66,7% |
| J | 14/22 | 63,6% | 8/13 | 61,5% |
| K | 2/10 | 20% | 8/12 | 66,7% |

Autoria própria

Ao analisar esses informantes considerando o fator faixa etária, é possível notar uma redução no uso da cortadora na passagem da faixa etária 1 para a 2 (68,3% para 57,7%). Entretanto, na passagem da faixa 2 para a 3 (46,2% para 51%), e da faixa 3 para a 4 (52,8% para 64,3%), há uma retomada progressiva do uso dessa estratégia. Diante desses resultados, não se verifica, portanto, mudança em progresso, mas um cenário de *gradação etária*, já que os indivíduos mudam o comportamento linguístico ao longo da vida, mas a comunidade se mantém estável. Essa redução da estratégia cortadora da faixa 1 para a 2 se dá, possivelmente, devido às exigências do mercado de trabalho, que levam os falantes a monitorarem mais suas falas, o que diminui com a chegada da aposentadoria. A tabela 5 apresenta os resultados dessa variável.

Tabela 5 – Relativas cortadoras em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, segundo a faixa etária (Estudo de painel)

| Faixa etária | Década de 70 | | Década de 90 | |
|--------------|-----------------|------------|-----------------|------------|
| | Nº de Oc./Total | Frequência | Nº de Oc./Total | Frequência |
| 1 | 43/63 | 68,3% | - | - |
| 2 | 18/39 | 46,2% | 30/52 | 57,7% |
| 3 | 19/36 | 52,8% | 26/51 | 51% |
| 4 | - | - | 18/28 | 64,3% |

Autoria própria

Considerações finais

O presente capítulo é resultado de um *estudo de painel* (LABOV, 1994) das estratégias de relativização na norma culta da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, foram utilizados 22 inquéritos do tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador) do *corpus* do Projeto NURC-RJ, das décadas de 70 e 90. A partir dessas amostras, foram levantadas 270 ocorrências de orações relativas extraídas de posições preposicionadas. Desse total, houve um ligeiro predomínio da estratégia cortadora em relação à padrão nos dois períodos analisados, mas as duas se mantendo estáveis, com percentuais bastante parecidos nas duas décadas, o que configura um cenário de *variação estável*.

No que tange à variável estrutural *preposição regente*, os resultados apontam que a preposição *de* é a mais propícia ao apagamento (86,5% e PR 0.713), o que vai ao encontro do resultado da variável *função sintática do pronome relativo*, em que a função de complemento oblíquo aparece também favorecendo a estratégia cortadora com frequência de 86,5% e PR 810. Por outro lado, as funções de adjunto adverbial de tempo e lugar são as que mais favorecem a forma padrão.

Em relação ao uso da estratégia cortadora pelos onze informantes, foi identificada uma flutuação, contudo, ao analisar

esses usos considerando o fator faixa etária, ficou constatado que os informantes reduzem o uso dessa estratégia na passagem da faixa 1 para a 2 e elevam novamente nas faixas etárias posteriores, sobretudo na passagem da faixa 3 para a 4. Verifica-se, portanto, um cenário de *gradação etária*, já que os indivíduos mudam o comportamento linguístico ao longo da vida, mas a comunidade se mantém estável.

Os resultados aqui apresentados são parte de uma análise variacionista que se encontra em desenvolvimento. Espera-se obter, ao final deste estudo, uma melhor compreensão do fenômeno das orações relativas na norma culta da cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX.

Referências

- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 5ª reimpr. da 3ª ed. de 2010. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- CORRÊA, V. R. **Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. Parábola. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change – Volume 1: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, M. C. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- _____. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.)

Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.** 1983. Tese (Doutorado) – Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém de d'além-mar no final do século XIX. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian. (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 69-105, 1996 [1993b].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. <http://nurcrj.lettras.ufrj.br/> Acesso em 22/08/2020.

PANORAMA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA

Welton Rodrigues Santos¹

Introdução

O fenômeno variável da concordância verbal (CV) de terceira pessoa do plural, doravante P6, tem sido objeto de estudos em diversas comunidades de fala no Brasil, bem como em outros países de língua portuguesa. Dentre esses estudos, a investigação do referido fenômeno em comunidades tradicionais afro-brasileiras, muitas delas remanescente de antigos quilombos, tem trazido relevantes contribuições para os estudos sociolinguísticos de contato cujas pesquisas buscam, dentre outros aspectos, evidenciar as influências que o contato entre o português europeu e as diversas línguas africanas e indígenas, ocorrido nos primeiros séculos do Brasil, exerceu na formação de variedades do português brasileiro, tais como variedades do português popular e afro-brasileiro, através de um processo de transmissão linguística irregular (LUCCHESI, 2009).

A presente pesquisa consiste em uma análise em tempo real de curta duração (LABOV, 1994) que visa a comparar duas sincronias, isto é, dois *corpora*, sendo o primeiro de 1994, pertencente ao banco de dados do projeto Vertentes (Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia) e, o segundo, constituído pelo próprio pesquisador, no ano de 2016. Os dados apresentados

¹ Professor do Instituto Federal Baiano, atualmente com afastamento integral para fins de qualificação; doutorando do programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sendo orientado pelo professor Dante Lucchesi. E-mail: weltonsantos83@gmail.com

neste capítulo correspondem às análises da primeira sincronia, logo, por se tratar de uma pesquisa em andamento, os resultados aqui discutidos são parciais em relação ao foco da pesquisa, porém conclusivos na perspectiva de uma fotografia sociolinguística do ano de 1994.

A hipótese considerada é a de que a redução do isolamento físico e digital, bem como o aumento da urbanização, observados no intervalo entre as duas sincronias, têm ocasionado um processo de mudança linguística, de fora para dentro, no sentido da recomposição do paradigma flexional da concordância verbal em P6, sendo impulsionado, principalmente, pelos mais jovens.

Este capítulo está dividido em cinco seções. Na seção de introdução, são apresentados o objeto da pesquisa, o objetivo, a hipótese e a organização da escrita do capítulo. Em seguida, na base teórica, são discutidos os pontos concernentes à teoria que substantia as análises realizadas. A terceira seção, por sua vez, tem por finalidade discutir a metodologia adotada na realização da pesquisa empírica. Por fim, as duas últimas seções são destinadas à apresentação e discussão dos resultados das análises e conclusão, respectivamente.

A sociolinguística variacionista e o contato entre línguas

Os estudos em sociolinguística variacionista têm como foco a análise da língua na perspectiva de seu uso real em uma comunidade de fala, tendo, em seu esteio, as relações que envolvem as estruturas linguísticas e os aspectos de caráter social, tais como a cultura local, as relações sociais entre os membros que compõem a comunidade, bem como seus condicionamentos sócio-históricos. Deste modo, esta área da linguística considera a intrínseca relação entre língua e sociedade, tendo em vista que a estrutura social influencia diretamente a estrutura linguística (LABOV, 1972 [2008], p. 140).

A sociolinguística tem a língua como um sistema heterogêneo, porém ordenado, passível a processos de variação e mudança

(WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006], p. 36). Em relação à variação, Labov (1972 [2008], p. 188) afirma que, nas variantes, é possível dizer uma mesma coisa de formas diferentes, tendo em vista que essas formas, sendo variantes de uma mesma variável, possuem o mesmo valor referencial. Já em relação à mudança linguística, considera-se que uma língua muda quando, na concorrência entre duas variantes linguísticas, a variante inovadora apresenta predominância de frequência de uso por parte dos falantes (podendo tornar-se categórica), sendo assim encaixada na estrutura linguística e social.

Com o objetivo de analisar possíveis processos de variação e mudança linguística, a teoria sociolinguística lança mão de dois mecanismos metodológicos denominados de análise de tempo real e análise de tempo aparente (LABOV, 1994).

A análise de tempo real, metodologia adotada nesta pesquisa, consiste na comparação entre duas sincronias, sendo, portanto, um estudo diacrônico, podendo os dois *corpora* serem constituídos com os mesmos informantes (análise tipo painel) ou com informantes distintos (análise tipo tendência). Por sua vez, a análise em tempo aparente se baseia na comparação entre diferentes faixas etárias, tendo em vista que o comportamento linguístico de diferentes gerações pode representar uma fotografia diacrônica da língua. Contudo, vale destacar que os dois tipos de estudos se complementam no sentido de conferir maior confiabilidade no que concerne à verificação de possíveis processos de variação e mudança (LABOV, 1994).

No esteio dos estudos sociolinguísticos, o contato entre línguas é um ponto que merece destaque, principalmente quando se investiga empiricamente o surgimento de variedades de línguas que emergiram do contato abrupto e intenso com outros grupos linguísticos e, em muitos casos, a partir de uma relação assimétrica de poder. Baxter e Lucchesi (2009) chamam a atenção para o profundo processo de erosão e reestruturação gramatical ocorrido no português europeu em terras brasileiras a partir do contato com as diversas línguas africanas e indígenas nos primeiros séculos do

Brasil, contato este que, segundo os autores, caracteriza-se como a gênese das variedades populares do português brasileiro faladas em cidades do interior do país e nas camadas mais pobres dos grandes centros urbanos, bem como de variedades afro-brasileiras faladas em comunidades remanescentes de quilombos.

O processo de erosão e reestruturação gramatical decorre do que Baxter e Lucchesi (2009, p. 101) denominam de transmissão linguística irregular. Esse meio de transmissão linguística geracional denomina-se como irregular porque as crianças que nascem nessas situações de contato massivo não dispõem de dados linguísticos primários plenamente estruturados fornecidos pelos pais, mas sim de dados de uma variedade de língua de superstrato que possuem lacunas e reanálises no que se refere ao aparato gramatical.

Tomam-se, portanto, neste capítulo, as noções de erosão e reestruturação gramatical defendidas por Baxter e Lucchesi (2009), bem como a noção de transmissão linguística irregular para analisar os processos de variação e mudança na comunidade quilombola de Helvécia.

A metodologia

O *corpus* aqui utilizado faz parte do banco de dados do projeto Vertentes, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, coordenado pelo professor Dante Lucchesi. São doze entrevistas sociolinguísticas realizadas na comunidade quilombola de Helvécia no ano de 1994, com informantes que possuíam pouca ou nenhuma escolarização formal. Os informantes foram ainda selecionados conforme o sexo (homens e mulheres), faixa etária (20 a 40 anos; 40 a 60; e mais de 60) e estada fora da comunidade (se ausentou ou nunca se ausentou da comunidade por seis meses ou mais).

A partir da leitura das transcrições das entrevistas sociolinguísticas, foi realizado o levantamento exaustivo de todas as ocorrências de concordância verbal em P6, desconsiderando os

contextos neutros, isto é, aqueles que não são possíveis de identificar a presença/ausência de marcas do paradigma flexional na concordância em P6.

Após o levantamento das ocorrências, procedeu-se à codificação, a fim de que os dados pudessem ser lidos pelo programa de regras variáveis Goldvarb X. Em poder dos resultados obtidos pelo referido programa, passou-se à etapa de apresentação e interpretação dos resultados quantitativos.

Análise dos dados da sincronia de 1994

As análises do fenômeno variável da concordância verbal em P6 aqui realizadas são caracterizadas a partir da presença/ausência de marcas do paradigma flexional do verbo, sendo, portanto, uma análise binária da variável dependente que, atrelada aos grupos de fatores testados, são capazes de evidenciar como o referido fenômeno se encontra encaixado na estrutura linguística e social da comunidade quilombola de Helvécia. Logo, a variável dependente considerada nesta pesquisa segue exemplificada abaixo:

Presença de marcas da CV em P6 [+]

Às vez, as pessoas costumam comprá as coisa na mão da gente, né?
(VGF1F@n)

Ausência de marcas da CV em P6 [-]

Mas depois que os fazendêro foi vendeno [...] (VGF1F@n)

A hipótese concernente à sincronia de 1994 era a de que: (I) devido ao intenso contato linguístico que essa comunidade registra em sua formação sócio-histórica, muito ligada à escravidão; (II) ao isolamento físico que a comunidade ainda vivia na década de 90 devido ao difícil acesso, ocasionando, assim, um restrito contato com o mundo exterior à comunidade; e (III) o isolamento digital devido ao pouco acesso aos meios de comunicação de massa geraram as condições para a manutenção da profunda erosão no paradigma flexional do verbo em P6.

Seguem, na tabela 1, os resultados concernentes à variável dependente no âmbito da sincronia de 1994, seguida da representação gráfica que ilustra os percentuais encontrados.

Tabela 1 – Frequência de aplicação da regra de concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural na variedade do português afro-brasileiro de Helvécia

| Aplicação da regra | Sincronia 1994 | |
|--------------------|----------------|------------|
| | Ocorrências | Frequência |
| com concordância | 88/571 | 15,4% |
| sem concordância | 483/571 | 84,6% |

Fonte: elaboração própria.

Gráfico 1 – Frequência de aplicação da regra de concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural na variedade do português afro-brasileiro de Helvécia



Fonte: elaboração própria.

Os resultados quantitativos apresentados na tabela 1 e gráfico 1 demonstram um caso de baixa frequência quanto à aplicação das regras de concordância verbal em P6, isto é, dentro do universo da amostra em análise, foi encontrado um percentual de 15,4% de uso das marcas de plural do paradigma flexional de P6.

A profunda variação aqui vista confirma a hipótese considerada de que o contato entre línguas nos primeiros séculos do Brasil ocasionou uma profunda erosão no aparato gramatical da língua portuguesa, de forma que as evidências mais fortes, hoje,

podem ser encontradas nas comunidades afro-brasileiras que se mantiveram por mais tempo isoladas física e tecnologicamente dos bens culturais socialmente valorizados, conservando, desta forma, as marcas linguísticas do contato.

Encaixamento estrutural

As variáveis estruturais selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa de regras variáveis Goldvarb X foram: (I) indicação do plural no SN sujeito; (II) saliência fônica; e (III) forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo.

Indicação do plural no SN sujeito

O teste desta variável objetiva aferir se a forma como a ideia de plural é construída no SN sujeito (i.e. o tipo de marcação de plural no SN sujeito) influencia o uso das marcas de plural no verbo. Logo, a hipótese considerada é a de que a tendência favorecedora na marcação de plural está relacionada ao maior esvaziamento semântico da respectiva marcação de plural no SN sujeito.

Os fatores considerados nesta variável seguem exemplificados abaixo, seguidos da tabela 2 onde constam os resultados quantitativos.

Mórfica - os médico já conhece... (DC1M\$n)

Mórfica e lexical - os pessoal sempre usa aqui. (DC1M\$n)

Com quantificador - Todos são experiente. (GJS1M\$v)

Quantificador invariável tudo - os irmão tud' é casado.
(DC1M\$n)

Com numeral - os quatro é... (DS2M@n)

Tabela 2 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável tipo de marcação de plural *no SN Sujeito*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

| Marcação do plural no SN sujeito | Ocorrências | Frequência | Peso Relativo |
|---|--------------------|-------------------|----------------------|
| Mórfica | 76/412 | 18,4% | 0.579 |
| Mórfica e Lexical | 01/25 | 4,0% | 0.372 |
| Com quantificador | 04/24 | 16,7% | 0.332 |
| Quantificador <i>tudo</i> | 02/34 | 5,9% | 0.235 |
| Com numeral | 05/49 | 10,2% | 0.223 |
| TOTAL | 88/544 | 16,2% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

A tabela 2 apresenta dois resultados opostos. O fator correspondente à marcação mórfica tem como peso relativo o valor de 0.579, ou seja, um valor que demonstra favorecimento em relação à aplicação das regras de concordância verbal. Por outro lado, os demais fatores, que possuem uso de léxico em suas estruturas de formação da ideia de plural, apresentam pesos relativos cujos valores indicam o desfavorecimento quanto à aplicação das referidas regras. Logo, é possível concluir que a hipótese aventada para esta variável é confirmada.

Contudo, ainda é possível observar uma progressão em relação à aplicação das marcas de concordância no verbo conforme se tem o esvaziamento semântico da construção da ideia de plural no verbo. O fator *numeral*, por exemplo, sendo o de maior preenchimento semântico na construção da ideia de plural apresenta menores índices de aplicação das regras de concordância verbal e assim por diante na tabela 2. Essa observação confirma a ideia da transparência semântica discutida em Lucchesi (2016).

Saliência fônica

Em relação à variável saliência fônica, o teste desta variável visa a aferir a influência de estruturas morfofonológicas no

aumento ou diminuição da frequência de aplicação das marcas de concordância, tendo, como fatores, estruturas com diferentes níveis de saliência.

Tem-se como hipótese para esta variável que a comunidade de fala em análise corresponderá à hierarquia de saliência fônica proposta, uma vez que, tendo o português afro-brasileiro forte influência do contato entre línguas e considerando que essa variedade de língua tem suas origens no aprendizado a partir da oralidade em situação assimétrica de poder entre as línguas de superstrato e substrato, a percepção apresenta uma relevante contribuição nesse processo de aprendizagem. Logo, cogita-se que estruturas morfofonológicas menos salientes inibem o uso de formas marcadas no verbo, enquanto que estruturas mais saliente impulsionam as marcas no verbo.

Seguem na tabela 3 os resultados para esta variável.

Tabela 3 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *saliência fônica*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

| Grau de Saliência Fônica | Ocorrências | Frequência | Peso Relativo |
|--|--------------------|-------------------|----------------------|
| Nível 1a: <i>sabe/sabem</i> | 1/38 | 2,6% | 0.162 |
| Nível 1b: <i>gosta/gostam</i> | 9/215 | 4,2% | 0.206 |
| Nível 1c: <i>diz/dizem</i> | 2/27 | 7,4% | 0.292 |
| Nível 2a: <i>vai/vão</i> | 22/74 | 29,7% | 0.747 |
| Nível 2b: <i>contou/contaram</i> | 38/143 | 26,6% | 0.783 |
| Nível 2c: <i>veio/vieram, é/são</i> | 17/75 | 22,7% | 0.820 |
| TOTAL | 89/572 | 15,6% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

Os resultados quantitativos presentes na tabela 3 confirmam a hipótese aventada nesta pesquisa, uma vez que as estruturas menos salientes do nível 1 são contextos em que a concordância verbal é desfavorecida e, por outro lado, as estruturas mais

salientes do nível 2 figuram como contextos que favorecem a aplicação das regras de concordância verbal em P6 na comunidade quilombola de Helvécia.

Forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo

Por fim, no âmbito do encaixamento estrutural, esta variável busca medir a influência que o último constituinte que se encontra antes do verbo exerce no uso de formas marcadas da concordância verbal, tendo como hipótese que a marcação de plural no verbo é impulsionada quando o último constituinte do SN sujeito adjacente ao verbo é um léxico com marca de plural.

Seguem os resultados quantitativos em relação à variável.

Tabela 4 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *forma do último constituinte do SN sujeito que está antes do verbo*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

| Forma do último constituinte do SN sujeito | Ocorrências | Frequências | Peso Relativo |
|---|--------------------|--------------------|----------------------|
| Último constituinte com marca de plural | 06/19 | 31,6% | 0.761 |
| Pronome <i>Eles</i> | 35/153 | 22,9% | 0.717 |
| Último constituinte sem marca de plural | 04/108 | 3,7% | 0.174 |
| TOTAL | 46/286 | 16,1% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

Os resultados da tabela 4 apresentam peso relativo de 0.761 e 0.717 para os dois fatores em que o último constituinte possui marcas de plural, isto é, os dois primeiros fatores da tabela 4. Por sua vez, o peso relativo correspondente ao fator *último constituinte sem marca de plural* apresenta acentuada inibição do uso de formas marcadas no verbo. Logo, a hipótese levantada é confirmada.

Encaixamento social

As variáveis estruturais selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa de regras variáveis Goldvarb X foram: (I) faixa etária; (II) sexo/gênero; e (III) Escolaridade.

Faixa etária

O teste desta variável objetiva deslindar possíveis processos de variação e mudança que estejam ocorrendo na comunidade quilombola de Helvécia. Assim sendo, a hipótese aventada é a de que o português afro-brasileiro de Helvécia está passando por um processo de mudança linguística no sentido de aquisição das marcas do paradigma flexional da concordância verbal em P6, influenciado, principalmente, pelos mais jovens.

Os resultados quantitativos referentes à variável faixa etária podem ser vistos na tabela 5 a seguir.

Tabela 5 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *faixa etária*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

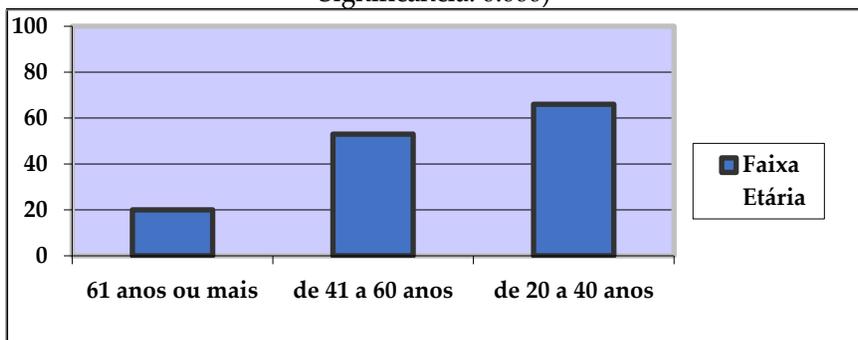
| Faixa Etária | Ocorrências | Frequência | Peso Relativo |
|--|--------------------|-------------------|----------------------|
| Faixa I (20 a 40 anos) | 38/239 | 15,9% | 0.660 |
| Faixa II (40 a 60 anos) | 37/196 | 18,9% | 0.531 |
| Faixa III (a partir de 60 anos) | 13/136 | 9,6% | 0.207 |
| TOTAL | 88/571 | 15,4% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 5, é possível verificar um aumento escalar de uso das marcas de concordância verbal conforme se reduz a faixa etária do informante. Os informantes mais idosos apresentam a maior variação, com peso relativo de 0.207, seguidos dos que correspondem à faixa etária intermediária, com peso relativo de 0.531 e, por fim, os informantes mais jovens que figuram com os

índices mais elevados de uso da concordância verbal. O gráfico 2 ilustra a diferença na distribuição do fenômeno entre as diferentes faixas etárias.

Gráfico 2 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *faixa etária*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)



Fonte: elaboração própria.

A distribuição aqui apresentada confirma a hipótese desta pesquisa em relação à variável, tendo em vista a expansão gradativa do uso da marcação do plural no verbo em P6 na comunidade quilombola de Helvécia, em que os mais jovens lideram o uso da forma inovadora, caracterizando, assim, um perfil que corresponde a um processo de mudança em curso, conforme Labov (1994).

Sexo / gênero

Analisar a variável sexo/gênero em estudos que envolvem comunidades tradicionais pode trazer informações importantes em relação ao papel social entre mulheres e homens. Assim sendo, ao testar essa variável, tem-se como hipótese que, devido à constituição sócio-histórica da comunidade, bem como sua organização social e papéis sociais exercidos por mulheres e homens no recorte concernente à sincronia de 1994, os homens

apresentarão maiores índices de marcação de plural no verbo do que as mulheres.

A tabela 6 a seguir apresenta os resultados quanto ao sexo/gênero.

Tabela 6 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *gênero do informante*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

| Sexo/Gênero | Ocorrências | Frequência | Peso Relativo |
|--------------------|--------------------|-------------------|----------------------|
| masculino | 47/281 | 16,7% | 0.651 |
| feminino | 41/290 | 14,1% | 0.353 |
| TOTAL | 88/571 | 15,4% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

Os resultados da tabela 6 demonstram favorecimento em relação ao fenômeno variável da concordância verbal em P6 para o sexo/gênero masculino, enquanto que as mulheres apresentam tendência ao desfavorecimento, confirmando, deste modo, a hipótese para a presente variável.

Escolaridade

O teste da variável escolaridade tem por objetivo aferir a influência da escolarização formal em relação a aplicação das regras de concordância. Foram considerados dois fatores nesta variável, sendo, o primeiro, informantes analfabetos e, o segundo, falantes semianalfabetos, isto é, aqueles com no máximo quatro anos de escolarização. A hipótese considerada é a de que os informantes com alguma instrução formal por meio da escola apresentarão maiores índices de marcação de plural no verbo.

Os resultados quantitativos são apresentados na tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – A aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável *gênero do informante*, no português afro-brasileiro de Helvécia (Nível de Significância: 0.000)

| Escolaridade | Ocorrências | Frequência | Peso Relativo |
|-----------------------|--------------------|-------------------|----------------------|
| Analfabeto | 54/307 | 17,6% | 0.695 |
| Semianalfabeto | 34/264 | 12,9% | 0.277 |
| Total | 88/571 | 15,4% | ----- |

Fonte: elaboração própria.

Como pode ser verificado na tabela 7, os informantes analfabetos despontaram como o grupo com maiores índices de uso do paradigma flexional da concordância verbal em P6 na comunidade quilombola de Helvécia, não confirmando, assim, a hipótese aventada. Deste modo, pode-se inferir que a escolarização formal (ao menos no referido nível) parece não exercer influência para o fenômeno descrito na comunidade.

Conclusão

A baixa frequência de aplicação das regras de CV em P6 no português afro-brasileiro da comunidade quilombola de Helvécia, 15,4%, permite considerar que o contato entre a língua portuguesa e as diversas línguas africanas e indígenas nos primeiros séculos do Brasil ocasionou um profundo processo de erosão e reestruturação morfológicas no paradigma flexional da concordância verbal cujos efeitos são, acentuadamente, ainda observados nas variedades populares do português e, sobretudo, em comunidades rurais isoladas remanescentes de quilombos, ou seja, nas variedades afro-brasileiras.

Os resultados encontrados no âmbito da estrutura da língua revelam a sistematização da variedade afro-brasileira do português utilizada na comunidade quilombola de Helvécia, o que contribui para a compreensão dos diferentes padrões do português brasileiro, além de evidenciar que a variação não é aleatória, mas

sim regida por um sistema de regras variáveis devidamente encaixado na estrutura linguística.

Por fim, considerando o conjunto das variáveis sociais, nesta pesquisa, a partir da análise em tempo aparente realizada com a distribuição etária dos informantes, têm-se evidências de que a comunidade se encontra em um processo de mudança em curso, de fora para dentro, no sentido de aquisição das marcas flexionais da concordância verbal em P6, influenciado, principalmente, pelos mais jovens.

Referências

- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 101-124.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. Crioulística. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI, Celso (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016. P. 73-85.
- SANTOS, W. R. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do extremo sul baiano: uma análise sociolinguística de duas comunidades do interior do Estado da Bahia*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2017.
- _____. A influência do contato linguístico na formação do português afro-brasileiro. In: SILVA, Jacson; LEMOS, Dayane Moreira (Orgs.). *Estudos linguísticos: novos caminhos*. Tutóia: Editora Diálogos, 2021. p. 12-22.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno, revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

BLOCO 4

SEMÂNTICA FORMAL

AQUISIÇÃO DE ADJETIVOS GRADUÁVEIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANÁLISE EXPERIMENTAL QUALITATIVA

Fernanda Torrão Monteiro¹

Introdução

O intuito deste capítulo é apresentar uma pesquisa sobre a aquisição de adjetivos em português brasileiro. Nessa pesquisa, investigamos se fatores semânticos associados aos adjetivos são considerados no comportamento das crianças. Para tal, utilizamos o método experimental, já que os dados são obtidos em ambiente controlado e se destinam à observação, análise e compreensão do processamento da linguagem.

O desenho experimental conta com duas variáveis independentes: o tipo de adjetivo e a faixa etária dos grupos de crianças testados. A variável tipo de adjetivo se apresenta em duas condições: adjetivo relativo e absoluto. A variável faixa etária se apresenta em três condições: três anos, quatro anos e cinco anos.

O paradigma experimental escolhido foi uma tarefa de seleção entre dois objetos, que será analisada de forma mais detalhada nas próximas seções. A dinâmica da tarefa contou com itens de treinamento (adjetivos não graduáveis) e itens experimentais (adjetivos graduáveis relativos e absolutos) intercalados com itens distratores (adjetivos não graduáveis).

A tarefa experimental buscava aferir se as crianças em processo de aquisição eram capazes de mudar o parâmetro de comparação de acordo com os diferentes tipos de adjetivos. O parâmetro de comparação pode ser definido como uma referência

¹ Mestranda em Estudos em Linguagem na UFF, com bolsa CNPQ, e-mail: fernandatorrao@id.uff.br, orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2463-5701>, sob orientação da professora Luciana Sanchez Mendes.

padrão a partir da qual outras propriedades são comparadas. Sendo assim, para os adjetivos de controle, esperava-se que os participantes respondessem à demanda sem nenhuma dificuldade. Para os adjetivos graduáveis relativos, era esperado que todos os participantes, independentemente da idade, utilizassem o parâmetro de comparação para declarar uma resposta ao pedido do fantoche e que esse parâmetro pudesse ser modificado ao decorrer dos pedidos, o que poderia gerar uma comparação implícita entre os dois objetos apresentados. No entanto, para os pares de adjetivos absolutos, não era esperado que os participantes replicassem a mesma lógica dos adjetivos graduáveis relativos. Isso porque, já que os adjetivos absolutos não dependem do contexto para fixar seu parâmetro máximo ou mínimo, não se esperava que os participantes permitissem uma comparação implícita (e, por esse motivo, dependente do contexto) para analisar a situação.

Este capítulo é formado pela seção 2, que apresenta o panorama teórico, subdivida em 2.1 (A classe dos adjetivos para a Semântica Formal) e 2.2 (Estruturação do léxico e primeiras estruturas sintáticas). A seção 3 apresenta o experimento em português e a subseção 4 analisa os resultados.

Panorama teórico

A classe dos adjetivos para a Semântica Formal

Para a Semântica Formal, há certas divisões entre os adjetivos que explicitam comportamentos diferentes. Esta seção se baseia em Kennedy e McNally (2005) para apresentar uma divisão para os adjetivos em português, relacionados às escalas, de acordo com seu comportamento em diferentes contextos, com o objetivo de explicar alguns fenômenos gramaticais.

A primeira diferenciação que se faz sobre os adjetivos é entre os graduáveis e os não graduáveis. Para descrever essa distinção, são observadas algumas propriedades distribucionais dos adjetivos. Vejamos o exemplo abaixo:

(1) Minha cafeteira é elétrica.

Quando se diz algo como no exemplo (1), aponta-se para uma característica de um objeto. No caso concreto da sentença analisada, *elétrica* é um adjetivo que especifica o substantivo *cafeteira*. Esse adjetivo, no entanto, não traz, por si só, nenhuma noção de gradualidade e não existe a possibilidade de emitirmos um juízo de valor sobre o quanto uma cafeteira pode ser mais ou menos elétrica.

Por outro lado, existem adjetivos que têm um comportamento diferente, ou seja, que pelo seu comportamento semântico, carregam um conceito de gradação, como no exemplo abaixo.

(2) Esse vestido é comprido.

Ao analisar a frase (2) em contraste com a frase (1), percebemos que o adjetivo *elétrica* e o adjetivo *comprido* exercem funções semânticas diferentes, apesar de fazerem parte da mesma classe de palavras. Percebe-se que o adjetivo do exemplo (2) necessita de uma certa determinação contextual para ser completamente entendido.

Uma vez que possuem diferentes comportamentos nas sentenças, esses adjetivos são classificados de formas também distintas. Adjetivos que designam cores, formas geométricas e propriedades categóricas como *elétrica* por exemplo, recebem a denominação de não graduáveis, já que não têm gradação associada. Eles apenas descrevem características que estão completamente presentes ou completamente ausentes nos objetos que estão qualificando. Já adjetivos como *comprido* ou *curto*, são considerados graduáveis, pois descrevem propriedades que estão associadas a uma noção de gradualidade.

Tendo apresentado a primeira divisão entre o grupo de adjetivos, analisa-se, agora, com mais detalhes, o grupo dos adjetivos graduáveis, ou seja, aqueles que possuem a propriedade escalar. Esses são subdivididos em relativos e absolutos. Adjetivos graduáveis relativos são aqueles que dependem de fatores

contextuais para terem seu significado plenamente avaliado, como no exemplo abaixo.

(3) O café em Roma é caro.

(KENNEDY, 2007, p. 2, exemplo adaptado)

Essa afirmação pode ser considerada verdadeira se for afirmada como parte de uma conversa sobre o custo de vida em várias cidades italianas que chega à conclusão de que, por comparação ao custo do café em todas as outras cidades, o café em Roma é caro. No entanto, o exemplo seria falso em uma discussão sobre o custo de vida em Nova York em comparação à Roma. O preço do café em Roma não muda nos dois contextos; o que difere é o parâmetro de comparação, aquilo com o que o preço do café é comparado. O parâmetro de comparação pode ser definido como uma referência padrão a partir da qual outras propriedades são comparadas. No caso tomado como exemplo, o falante faz uma comparação implícita ao utilizar o adjetivo *caro*. Ele compara os diferentes preços de café determinados por um dado contexto e conclui sobre o que é caro ou não. Sendo assim, o adjetivo *caro* é graduável relativo e depende do parâmetro de comparação retirado do contexto para que a sentença seja adequadamente avaliada.

Os adjetivos relativos diferem dos adjetivos absolutos que, embora sejam também graduáveis, não necessitam de um contexto para fornecer seu parâmetro de comparação, eles têm um parâmetro de comparação fixo e utilizam as informações da própria escala para o cálculo semântico.

Ainda, é importante ressaltar que, dentro da classificação dos adjetivos graduáveis absolutos, encontramos uma diferenciação entre os absolutos de parâmetro máximo e os absolutos de parâmetro mínimo, como no exemplo abaixo.

(4) Essa blusa está manchada.

Uma blusa é considerada manchada se possuir uma mancha de qualquer tamanho ou várias manchas de diferentes tamanhos. Basta estar minimamente manchada para que seja tida como tal. Por esse motivo, esse adjetivo é classificado como absoluto de parâmetro mínimo, pois basta que possua um grau “não-zero” da sua propriedade graduável para que a sentença seja verdadeira. Por outro lado, existem adjetivos absolutos como o do exemplo (5):

(5) Essa linha está reta.

Uma linha só é considerada reta se não houver nenhuma parte que esteja torta. *Reto* é um adjetivo absoluto de grau máximo porque precisa atingir o grau máximo de sua propriedade graduável para ter seu sentido completo. Em contrapartida, para que uma linha seja considerada torta, basta ter qualquer grau menor do que nível máximo.

Portanto, até esse momento, mostrou-se que os adjetivos graduáveis podem ser divididos entre aqueles que dependem do contexto para preencher o valor de seu parâmetro de comparação, chamados de relativos e aqueles cujos parâmetros são lexicais, chamados de absolutos. Ainda, dentre os absolutos, existem aqueles de parâmetro mínimo e os de parâmetro máximo.

A próxima subseção apresenta as reflexões da teoria linguística sobre como esse panorama teórico se apresenta na gramática das línguas naturais, desde a primeira infância até a forma como os adultos utilizam a língua. A ideia é analisar como os adjetivos graduáveis se comportam dentro do vasto repertório adquirido pela criança nos seus primeiros anos e, também, como se comportam dentro da significação de mundo que elas começam a construir.

Estruturação do léxico e primeiras estruturas sintáticas

A presente seção tem como objetivo abordar como acontece a aquisição das palavras por uma perspectiva sintática e semântica e faz isso baseado em Kail (2012).

O aprendizado lexical pelas crianças acontece em três etapas. A primeira, entre 18 e 20 meses, é aquela na qual acontece a expansão dos substantivos que constituem, nesse estágio, 60% do seu vocabulário. Logo após, a criança passa por uma etapa de aumento dos predicados (verbos e adjetivos) que cresce junto com o vocabulário. Por fim, aprende as classes gramaticais que estão quase ausentes até o momento, ou seja, artigos, preposições e pronomes.

Essas três ondas de aprendizado, em sequência, demonstram que a criança passa de uma aprendizagem de elementos referenciais para uma prevalência de elementos predicativos, antes de desenvolver termos de ligação. Uma das justificativas para ocorrência de aquisição precoce e mais volumosa dos substantivos é o valor referencial que essa classe de palavras carrega em si. Já os adjetivos e verbos atuam como uma classe secundária para indicar estado, ação ou relações. Dessa forma, sua utilização pressupõe a existência de um argumento nominal e, por esse motivo, sua aquisição necessita de um domínio dos substantivos que são os candidatos à predicação.

Essa ordem na aprendizagem foi considerada universal. No entanto, alguns questionamentos surgiram, já que essa regra não parece ser observada em línguas como o coreano, mas apenas em línguas do tronco indo-europeu. Esse argumento surgiu porque os dados foram coletados em contextos culturais em que as atividades de denominação têm mais destaque. Sendo assim, é importante levar em consideração alguns fatores como as características semânticas e pragmáticas do contexto no qual a criança está inserida e a homofonia entre substantivo e verbo presente naquela determinada língua.

Quanto à aquisição da combinação de palavras, Brown (1976 apud KAIL, 2012) observou que ela se dá entre 41 e 46 meses. Ele chamou essa combinação de gramática pivô porque estabelece regras de ligação entre palavras pivô e palavras de conteúdo. A associação entre duas palavras como o primeiro passo da aquisição é universal, já que crianças nativas da maioria das línguas faladas no mundo fazem essa associação antes de começarem a produzir frases mais complexas. Isso acontece porque essa combinação consegue exprimir noções semânticas que são fundamentais para a frase: o desejo, a posse, a localização, a qualidade. Dessa forma, quando as crianças começam a produzir estruturas sintáticas, elas já aprenderam, em um momento anterior, uma regra muito importante, qual seja, que a ordem das palavras exprime relações fundamentais na frase. Após essa etapa, as crianças acrescentam ao processo de aquisição termos como preposições e pronomes.

Tendo em vista as abordagens da Semântica Formal para os adjetivos absolutos e relativo e as análises sobre as fases de aquisição por uma perspectiva sintática e semântica, a próxima seção descreve um experimento realizado com crianças nativas falantes de português brasileiro.

Experimento em português

O experimento realizado, em português, tem por base o mesmo roteiro daquele realizado por Syrett *et al.* (2005) com crianças nativas falantes da língua inglesa. O objeto deste trabalho foi verificar como as crianças falantes nativas de língua portuguesa interpretam a semântica dos adjetivos graduáveis relativos e absolutos. Ademais, o resultado do experimento realizado com as crianças foi comparado ao resultado obtido das respostas dos adultos ao mesmo experimento para chegar a conclusões que respondem: se as crianças utilizam o parâmetro de comparação para interpretar adjetivos graduáveis relativos, se esse parâmetro variava com o contexto, se elas utilizam a mesma lógica de

comparação para os adjetivos graduáveis absolutos e se há diferença entre as interpretações de crianças e adultos.

O experimento foi realizado com três grupos de dez crianças cada. Os grupos contavam com crianças de três, quatro e cinco anos. Além disso, o experimento também foi realizado com um grupo de dez adultos, sendo cinco homens e cinco mulheres com uma média de idade de quarenta e três anos. A aplicação se deu de forma individual com cada um dos participantes, em locais separados, em que um não podia ter acesso à participação do outro.

Diferentemente do experimento em inglês, na pesquisa que desenvolvemos foi feita uma distribuição entre sujeitos (*between-subjects*) e, sendo assim, cada grupo de dez crianças da mesma faixa etária foi dividido em dois grupos de cinco crianças e cada grupo teve acesso a apenas uma das condições experimentais. Cada um desses grupos de cinco crianças foi testado ora com pares de adjetivos graduáveis relativos, ora com adjetivos graduáveis absolutos. Essa escolha de condução do experimento foi feita para garantir que os testes feitos para os adjetivos relativos não influenciassem a escolha para os adjetivos absolutos, já que os participantes expostos aos adjetivos relativos não foram os mesmos expostos aos absolutos, problema esse enfrentado pelo experimento original em inglês. Ademais, as crianças não se cansariam com a quantidade de demandas e responderiam a elas de forma mais solícita.

Dessa forma, o experimento possui duas variáveis independentes, quais sejam, o tipo de adjetivo, que se apresenta em duas condições: relativo e absoluto, e a idade dos participantes, que se apresenta nas condições 3, 4 e 5 anos. A variável dependente, nesse caso, é a resposta que o participante poderia dar à demanda. Ao se deparar com um par de objetos, o participante poderia apresentar três comportamentos: (i) apresentar apenas um objeto do par como resposta, (ii) apresentar os dois objetos do par como resposta ou (iii) não apresentar nenhum objeto do par como resposta. Essa escolha poderia ser feita tanto para os pares dos itens de controle, quanto para os pares dos itens experimentais.

A pesquisa apresenta uma hipótese nula de que os adjetivos relativos e absolutos são interpretados da mesma forma, apresentando comportamento aleatório. A hipótese de pesquisa, no entanto, é a de que esses adjetivos possuem interpretações distintas, de acordo com o tipo de adjetivo.

O paradigma experimental consistia em uma tarefa de escolha entre dois objetos. Foi pedido ao participante que atendesse ao pedido "Por favor, me dê o X" em que X é o adjetivo que estava sendo testado. A dinâmica da tarefa contou com itens de controle (adjetivos não graduáveis) em um primeiro momento, bem como, com os itens experimentais (adjetivos graduáveis relativos e absolutos) intercalados com distratores (também adjetivos não graduáveis). Abaixo apresenta-se o quadro dos adjetivos testados, já elencados na ordem em que apareceram na sequência:

Quadro 1 – Pares da rodada de treinamento

| Adjetivos de controle para a sessão de treinamento | Estímulo | Status Pragmático do pedido |
|---|---|--|
| Vermelho | Um desenho de flor vermelha e outro de flor azul | Feliz |
| Vermelho | Um desenho de flor vermelha e de flor outro amarela | Feliz |
| Vermelho | 2 desenhos, cada um com uma flor azul | Infeliz (viola pressuposição de existência) |
| Azul | 2 desenhos, cada um com uma flor azul | Infeliz (viola pressuposição de singularidade) |

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2 – Pares da rodada de teste dos adjetivos relativos

| Adjetivos | Estímulo | Status Pragmático do pedido |
|------------------|--|--|
| Grande | 2 dados grandes, um maior que o outro | Feliz |
| Triste | 2 desenhos, cada um com uma carinha triste | Infeliz (viola pressuposição de singularidade) |
| Comprido | 2 lápis compridos, um mais comprido que o outro | Feliz |
| Feliz | 2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha zangada | Feliz |
| Grande | 2 dados pequenos, um maior que o outro | Feliz |
| Feliz | 2 desenhos, cada um com uma carinha triste | Infeliz (viola pressuposição de existência) |
| Comprido | 2 lápis curtos, um mais curto que o outro | Feliz |
| Feliz | 2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha triste | Feliz |

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3 – Pares da rodada de teste dos adjetivos absolutos

| Adjetivos | Estímulo | Status Pragmático do pedido |
|------------------|---|---|
| Cheio | 2 copos, nenhum deles está cheio, um está mais cheio que o outro | Infeliz (viola pressuposição de existência) |
| Feliz | 2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha triste | Feliz |
| Manchado | 2 panos, um com algumas manchas e o outro sem nenhuma | Feliz |

| | | |
|----------|--|--|
| Triste | 2 desenhos, cada um com uma carinha triste | Infeliz (viola pressuposição de singularidade) |
| Cheio | 2 copos, um cheio e outro 2/3 cheio | Feliz |
| Feliz | 2 desenhos, cada um com uma carinha triste | Infeliz (viola pressuposição de existência) |
| Manchado | 2 panos, um com algumas manchas e outro com mais manchas | Infeliz (viola pressuposição de singularidade) |
| Feliz | 2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha zangada | Feliz |

Fonte: elaboração própria.

Por fim, para cada par apresentado no experimento, havia uma previsão comportamental. Primeiramente, para os adjetivos de controle, esperava-se que os participantes respondessem à demanda sem nenhuma dificuldade. Para os adjetivos graduáveis relativos, era esperado que todos os participantes, independentemente da idade, utilizassem o parâmetro de comparação para declarar uma resposta ao pedido do fantoche e que esse parâmetro pudesse ser modificado ao decorrer dos pedidos, o que poderia gerar uma comparação implícita entre os dois objetos apresentados. No entanto, para os pares de adjetivos absolutos, não era esperado que os participantes replicassem a mesma lógica dos adjetivos graduáveis relativos. Isso porque, já que os adjetivos absolutos não dependem do contexto para fixar seu parâmetro máximo ou mínimo, não se esperava que os participantes permitissem uma comparação implícita (e, por esse motivo, dependente do contexto) para analisar a situação.

Análise dos resultados

No que diz respeito aos adjetivos graduáveis relativos, os resultados foram bem próximos daqueles previstos. Isso porque todos os participantes, independentemente da faixa etária, analisaram os pares de objetos aplicando uma lógica de comparação implícita, ou seja, ao ouvir o pedido “Por favor, me dê o grande”, o participante escolhia o maior objeto dentre os dois apresentados naquela situação específica. No momento em que a situação mudava, e os pares apresentados eram formados por objetos diversos, o parâmetro de comparação também se modificava. Para os adjetivos que serviram como distratores, as respostas foram parecidas com aquelas dadas para os adjetivos da rodada de treinamento, não apresentando comportamento contrário ao esperado. Esses resultados ficam claros ao se analisar o quadro abaixo:

Quadro 4 – Resultado para os adjetivos graduáveis relativos

| Idade | 3 anos | | 4 anos | | 5 anos | | Adultos | |
|------------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|
| Status do Pedido | Resp. Adeq. | Resp. Inadeq. |
| Feliz | 20 | 0 | 20 | 0 | 20 | 0 | 40 | 0 |

Fonte: elaboração própria.

Apresentam-se, agora, os resultados dos testes feitos com os adjetivos graduáveis absolutos *cheio* e *manchado*:

Quadro 5 – Resultado para os adjetivos graduáveis absolutos

| Idade | 3 anos | | 4 anos | | 5 anos | | Adultos | |
|--|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|-------------|---------------|
| Status do Pedido | Resp. Adeq. | Resp. Inadeq. |
| Feliz | 10 | 0 | 10 | 0 | 10 | 0 | 20 | 0 |
| Infeliz (Viola pres. de existência) | 0 | 5 | 0 | 5 | 0 | 5 | 6 | 4 |
| Infeliz (Viola pres. de singularidade) | 4 | 1 | 3 | 2 | 5 | 0 | 10 | 0 |

Fonte: elaboração própria.

O quadro abaixo apresenta, por fim, a média de tempo empregado pelo participante entre o momento que ele ouve a demanda e o momento que escolhe o objeto considerando cada uma das condições, quais sejam, para os adjetivos ser ou absoluto e para as idades, as faixas etárias 3, 4 e 5 anos. Opta-se, ainda, por mostrar a diferença de comportamento dentro da condição adjetivo absoluto considerando a subdivisão de acordo com parâmetro (mínimo ou máximo), assim, mostra-se o tempo de resposta por condição da variável tipo de adjetivo.

Quadro 6 – Tempo de resposta por condição da variável tipo de adjetivo

| Tempo de resposta (em milissegundos) | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|-----------|--------|--------|------------------------------|--------|--------|------------------------------|--------|--------|
| Condições | Relativos | | | Absoluto de parâmetro mínimo | | | Absoluto de parâmetro máximo | | |
| | 3 anos | 4 anos | 5 anos | 3 anos | 4 anos | 5 anos | 3 anos | 4 anos | 5 anos |
| Média de tempo Por idade | 670 | 617 | 635 | 937 | 1640 | 1080 | 2120 | 2790 | 3455 |
| Média por tipo de adjetivo | 641 | | | 1219 | | | 2788 | | |

Fonte: elaboração própria.

Por uma perspectiva semântica, ou seja, levando-se em consideração a variável independente dos tipos de adjetivos testados, foi visto que, assim como a hipótese de pesquisa prévia, os adjetivos graduáveis relativos são usados por crianças e adultos por meio de uma comparação implícita, que tem um parâmetro variável de acordo com o contexto. Para o adjetivo graduável absoluto de parâmetro mínimo *manchado*, a hipótese também foi confirmada pelo comportamento dos participantes já que, para esse, os participantes não foram influenciados pelo contexto para escolher o elemento do par. No entanto, quanto ao adjetivo absoluto de parâmetro máximo *cheio*, a hipótese de pesquisa foi refutada, já que os participantes mais novos toleraram uma certa imprecisão ao analisar o uso desses adjetivos e responderam

contrariamente ao previsto, ou seja, escolhendo o objeto que não tinha, por exemplo, seu preenchimento máximo. Sendo assim, pode-se concluir que os adjetivos graduáveis relativos contam com a semântica para direcionar o cálculo da comparação implícita, já que são vagos e devem buscar no contexto o valor de seu parâmetro de comparação. Já os de grau mínimo também contam com avaliação baseada na semântica, mas de outra forma. Nesses, qualquer objeto com valor diferente de zero pôde ser considerado como possuidor da denotação do adjetivo. Já os adjetivos graduáveis absolutos de parâmetro máximo têm um parâmetro de comparação lexical, mas que pode apresentar maior ou menor tolerância, dependendo do contexto.

Ainda, é importante trazer para discussão algumas considerações sobre as fases de aquisição da linguagem para a reflexão da segunda variável independente, a idade das crianças. Todas as crianças que participaram do experimento estavam na faixa etária considerada por Radford (1993 apud CEZARIO, MARTELOTTA, 2018) como a quarta fase da aquisição da linguagem e já teriam adquirido os sistemas lexicais e funcionais. Além disso, os participantes já teriam passado pela etapa de aumento dos predicados (verbos e adjetivos) que cresce junto com o vocabulário. De fato, todas as crianças conheciam os itens lexicais que estavam sendo trabalhados no experimento. No entanto, a partir de uma análise que vai além da puramente lexical e se aproxima da semântica e da pragmática, pode-se dizer que o emprego do adjetivo absoluto *cheio* parece ainda estar em fase de aquisição pelas crianças de 3 a 5 anos, já que a média de tempo para apontar o objeto mais preenchido do par como resposta foi a maior dentre todos os adjetivos testados. A divergência de interpretação para o adjetivo *cheio* entre crianças e adultos parece apontar para uma maior tolerância, mostrada pelas crianças, em admitir uma imprecisão na resposta. Por óbvio, diversos fatores podem influenciar nesse entendimento, mas aquele que tem mais probabilidade de interferir, no caso, é o fato de as crianças participantes do experimento ainda se encontrarem no período

crítico para a aquisição, conforme estipulado por Lenneberg (1967). Sendo assim, experimentos com participantes de diferentes faixas etárias, principalmente aqueles que acabaram de completar esse período crítico para a aquisição poderiam trazer novos resultados para a pesquisa na área.

Referências

- CEZARIO, M. M; MARTELOTTA, M. E. Aquisição da Linguagem. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 205-2016.
- KAIL, M. *Aquisição de Linguagem*, 1.ed. São Paulo: Parábola, 2012.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language* 81, n.2, p. 345-381, 2005.
- (_____.) *Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives*. Chicago, 2007.
- LENNEBERG, E. H. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1967.
- SYRETT, Kristen; BRADLEY, Evan; KENNEDY, Christopher; LIDZ, Jeffrey (2005). Shifting Standards: Children's Understanding of Gradable Adjectives. In: DEEN, Kamil Ud; NOMURA, Jun; SCHULZ, Barbara; SCHWARTZ, Bonnie D. (eds.), *Proceedings of the Inaugural Conference on Generative Approaches to Language Acquisition*. Cambridge, Mass: UConn Occasional Papers in Linguistics 4, 2005, p. 353-364.

ADJETIVOS DE BELEZA COMO MODIFICADORES DE GRAU

William Nascimento Leal¹

Introdução

O presente estudo tem por tema o uso do adjetivo *belo* como modificador de grau no PB e, a partir de sua análise, objetiva fazer uma comparação com adjetivos de beleza que se comportam de maneira similar em outras línguas, tanto latinas (*bello*, em italiano; *beau/belle*, em francês) quanto germânicas (*pretty*, em inglês; *schön*, em alemão), para compreender quais aspectos estão envolvidos nesse fenômeno comum a diversas línguas naturais. Para isso, analisamos e descrevemos a distribuição de *belo* e investigamos seu significado segundo os estudos da Semântica Formal.

A Semântica Formal se interessa em descrever e explicar o significado no nível da sentença por meio de uma abordagem lógica. Kennedy e McNally (2005) propõem adotar graus e escalas (semântica escalar) para analisar modificadores. Portanto, nesta pesquisa é adotado o termo *modificadores de grau* em vez de *modificadores de intensidade* ao se tratar dos adjuntos analisados, pois, segundo a semântica escalar, modificadores de grau atuam sobre predicados graduáveis, que podem ser associados a uma escala, que possui um conjunto de graus ordenados da propriedade do predicado modificado.

Os objetivos específicos desta pesquisa são averiguar: (i) a distribuição do adjetivo *belo* como modificador de grau de substantivos; (ii) a sua contribuição semântica para o significado das sentenças em que é inserido; e (iii) fazer uma comparação do

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFF) - CNPq. Orientadora: Luciana Sanchez Mendes. williamnl@id.uff.br. <https://orcid.org/0000-0003-4506-0018>

modificador com termos de outras línguas. Para isso, analisa-se o comportamento do adjetivo quanto a sua distribuição na sentença, concordância, seleção semântica (s-seleção) e suas diferentes funções e significados em diferentes estruturas.

A metodologia inicial para análise do *belo* em português brasileiro se deu por introspecção. Propomos sentenças a partir das quais analisamos de que forma *belo* projeta uma escala sobre o substantivo que modifica, tomando como base os testes propostos por Kennedy e McNally (2005) para se averiguar os tipos de escalas, e por Morzycki (2009) para se estabelecer um paralelo com escalas não-adjetivais (ou de substantivos graduáveis). Usamos, também, os estudos de Foltran e Nóbrega (2016) para comparar *belo* a outros adjetivos intensificadores do PB. Além de investigar a distribuição e diferentes seleções semânticas e/ou sintáticas feitas pelo modificador *belo* em português brasileiro, em comparação ainda com seus correspondentes em outras línguas, essa pesquisa se interessa, também, pela investigação semântica desse termo. Embora estejam claros seus diferentes usos, o propósito desta pesquisa é averiguar qual é o mecanismo formal envolvido na construção das sentenças em que esse modificador é inserido. O objetivo central é, pois, o de fazer uma análise profunda desse modificador de grau seguindo os estudos de semântica escalar (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005), sobretudo propondo uma semântica unificada para seus usos. Na próxima seção, definimos os conceitos atinentes à Semântica Formal e à Semântica Escalar, que embasam este estudo.

Semântica Formal

O objeto de estudo da Semântica é o significado. A Semântica Formal se dedica a explicar de forma lógica como são produzidas e compreendidas sentenças com significado em línguas naturais, produzindo hipóteses que podem ser verificadas e confirmadas ou falseadas a partir dos dados. A SF entende que saber o significado de uma sentença é saber suas condições de verdade; ou seja, saber

identificar cenários em que a sentença pode ser utilizada (cenários em que a sentença será verdadeira) de cenários em que não pode (portanto, falsa).

Para o lógico, filósofo e matemático Tarski (1944 *apud* QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2018), a verdade de uma sentença é a sua concordância com a realidade. Para se acessar essa verdade, propõe uma divisão da linguagem entre a língua-objeto e a metalinguagem. A língua-objeto é a língua que está sendo analisada, enquanto a metalinguagem é a utilizada para se fazer a análise de suas condições de verdade. O esquema T (de *true*, “verdadeiro”, ou de Tarski) formaliza essa divisão, sendo *x* a sentença na língua-objeto (apresentada entre aspas simples), e *p* suas condições de verdade na metalinguagem:

‘*x*’ é verdadeira se, e somente se, *p*

Portanto, diremos que a sentença (1) possui as seguintes condições de verdade (2). Esse esquema permite analisar qualquer língua-objeto em qualquer metalinguagem. Por exemplo, a sentença (3) analisa o inglês a partir do português.

- (1) Tem um saco de pão no armário.
- (2) ‘Tem um saco de pão no armário’ é verdadeira se, e somente se, tem um saco de pão no armário.
- (3) ‘The sky is blue’ é verdadeira se, e somente se, o céu é azul.

Dessa maneira, é possível analisar uma sentença em qualquer língua-objeto e identificar suas condições de verdade a partir de uma metalinguagem própria da Semântica Formal, que emprega uma forma lógica para analisar fragmentos de línguas.

Outra premissa básica da SF é a composicionalidade, que se configura pelo princípio de que cada componente sentencial contribui para o significado global da sentença. Analisando a sentença (4), podemos dizer que ela possui três elementos distintos: *João*, *bebeu* e *água*. Cada um desses elementos possui seu significado

e, quando combinados, produzem o significado de: um sujeito *João*, cuja ação de *beber* ocorreu no tempo pretérito, e o que se bebeu é explicitado pelo termo *água*.

(4) João bebeu água.

Ao se analisar a sentença (4) de forma composicional, podemos tratar da proposta de Frege (1978 *apud* QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2018) sobre predicados. A noção de predicação se dá a partir de expressões saturadas (argumentos) e insaturadas (predicados); isto é, predicados são componentes de pensamentos incompletos (insaturados) que precisam de argumentos (saturados) para se tornarem saturados. Tomando como exemplo a sentença (4), temos o componente *bebeu* como um predicado que necessita de dois argumentos para se tornar saturado: um argumento interno (aquilo sobre o qual recai a ação), no caso *água*; e um argumento externo (quem pratica essa ação), no caso *João*. Dessa forma, ao se encaixarem esses dois argumentos ao predicado *bebeu*, passa-se a ter a expressão saturada da sentença (4). Podemos ilustrar essa predicação da seguinte maneira:

(5) _____ *bebeu* _____

Todavia, para se saturar um predicado, há de se levar em consideração a correta seleção semântica (s-seleção) de seus argumentos; ou seja, selecionar um argumento que possa funcionar como argumento interno, e um que possa funcionar como argumento externo. Tomando como base o predicado *bebeu*, nota-se que as sentenças (6a-d), mesmo preenchendo os argumentos em suas devidas posições, não são todas adequadas.

- (6) a. Maria bebeu cerveja.
- b. O gato bebeu água.
- c. #Maria bebeu pedra.
- d. #A pedra bebeu água.

O que causa anomalia nas sentenças (6c-d) é a s-seleção inadequada do argumento interno em (6c) e do argumento externo em (6d). Pode-se concluir, portanto, que o predicado *bebeu* faz s-seleção de um argumento interno que seja um líquido e de um argumento externo que seja um ser animado. Qualquer argumento que não condiga com essa s-seleção resultará em uma sentença anômala; isto é, uma sentença gramaticalmente correta mas sem condições de verdade possíveis de serem verificadas em quaisquer contextos ou cenários.

Além de verbos, adjetivos também podem funcionar como predicados. Um adjetivo precisa, portanto, de um argumento adequado para se tornar saturado, e a função semântica que opera sobre seu argumento é a de modificação do substantivo. Na sentença (7), temos que o adjetivo *preto* restringe o significado de *carro*, inserindo-o em um conjunto de coisas pretas; ou melhor, inserindo-o em uma intersecção entre o conjunto de carros e o conjunto de coisas pretas.

(7) O carro é preto.

Essa mesma operação é observada em (8). O predicado verbal seleciona um argumento quebrável, e esse argumento (*carro*) tem seu significado restringido pelo adjetivo: não é qualquer carro, mas o *carro preto*. Podemos dizer, então, que *quebrou* cria um novo conjunto em intersektividade com os outros dois. Logo, o significado de (8) está na intersecção do conjunto de carros, o conjunto de coisas pretas e o conjunto de coisas que quebraram.

(8) O carro preto quebrou.

Entretanto, nem todo adjetivo desempenha essa mesma operação. Alguns adjetivos apresentam restrição quanto à posição em que podem ser inseridos (antes ou depois do substantivo modificado, ou em posição predicativa), e outros terão significados distintos quando em posições diferentes. O adjetivo *futuro*, por

exemplo, só aceita a posição atributiva não-canônica (pré-nominal), e o adjetivo *velho* aceita as três posições, mas apresenta um significado diferente quando antecede o substantivo, como mostram os exemplos em (9) e (10).

- (9) a. O futuro presidente enfrentará muitos desafios.
- b. *O presidente futuro enfrentará muitos desafios.
- c. *O presidente é futuro.

- (10)a. O amigo velho chegará às 10h (= um amigo com idade avançada).
- b. O velho amigo chegará às 10h (= um amigo de longa amizade).
- c. O amigo é velho (= um amigo com idade avançada).

Semântica Escalar

Enquanto alguns tipos de adjetivos operam de forma clara como *preto*, separando as coisas que são pretas das coisas que não são pretas, outros adjetivos funcionam de forma escalar; isto é, suas condições de verdade podem ser analisadas como associadas a uma escala de comparação. A sentença (11), por exemplo, será verdadeira se, dentro de determinado contexto, o indivíduo *João* tiver altura superior a um parâmetro de comparação implícito. Se a altura média de um homem carioca é 1,75m, e João tem 1,80m, a sentença é verdadeira.

- (11) João é alto.

Adjetivos escalares podem ser de escalas abertas, fechadas, ou fechadas em um dos extremos (superior ou inferior) (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005). Adjetivos de escalas abertas não possuem um valor mínimo ou máximo, como o par *baixo/alto*. Adjetivos de escalas fechadas possuem limite mínimo e máximo, não sendo possível nada menor que o mínimo e nada maior que o máximo, como o par *vazio/cheio*. Adjetivos de escalas fechadas no extremo inferior possuem um limite mínimo definido, mas não um limite máximo, como o par *puro/impuro*. Adjetivos de escalas

fechadas no extremo superior possuem um limite máximo definido, mas não um limite mínimo, como o par *torto/reto*.

Além de adjetivos, advérbios de intensidade também operam de forma escalar. Enquanto em (12a) a noção de caro para café está em comparação com outros cafés, sendo este café considerado caro em relação ao parâmetro de comparação de cafés, na sentença (12b) o advérbio muda o parâmetro de comparação para cafés caros, e coloca o café da sentença (12b) acima desse parâmetro.

- (12) a. Este café é caro.
- b. Este café é muito caro.

Todavia, há adjetivos que também operam como modificadores de grau de substantivos graduáveis. Segundo Morzycki (2009), adjetivos de grandeza, como *grande, enorme, gigante*, desempenham tal operação. Enquanto, em (13a), o indivíduo *João* apenas precisa fazer parte do conjunto de colecionadores de selo, em (13b), ele precisa ser “mais colecionador de selos” do que o parâmetro de comparação – outros colecionadores de selo.

- (13) a. João é um colecionador de selos.
- b. João é um grande colecionador de selos.

Essas teorias são cruciais para a realização das análises do modificador *belo* em PB. Na próxima seção, analisamos esse modificador de grau de substantivos graduáveis em comparação com outros adjetivos intensificadores do PB.

Análise preliminar

Primeiramente, Foltran e Nóbrega (2016) analisaram outros modificadores de grau do PB, que servem de base para a análise do adjetivo *belo*. A título de comparação, foram selecionados exemplos com o modificador *baita* (14a-b, 15a-b). Quanto à distribuição, os

autores demonstraram que *baita* apresenta leitura de modificador de grau apenas em posição anterior ao termo modificado e apresenta restrição quanto à posição pós-nominal.

(14) a. Um **baita** homem

b. *Um homem **baita**

(15) a. Uma **baita** chuva

b. *Uma chuva **baita**

(FOLTRAN; NÓBREGA, 2016: 323)

Por outro lado, Basso e Souza (2020) verificaram que o adjetivo *puta* apresenta leitura ora qualitativa ora modificadora de grau, dependendo de sua posição em relação ao substantivo que modifica. Primeiramente, para que isso seja possível, é necessário que o modificador possua função qualitativa, o que não ocorre com *baita*. Sua leitura como modificador de grau se dá apenas em posição atributiva não canônica (pré-nominal) (16a). Em posição atributiva canônica (pós-nominal) (16b) ou predicativa (17a-b), apresenta apenas leitura qualitativa.

(16) a. Maria é uma **puta** mulher.

b. %²Maria é uma mulher **puta**.

(17) a. %Maria está **puta**. b. %Maria é **puta**.

(BASSO; SOUZA, 2020: 529)

De maneira similar a *baita* e *puta*, o adjetivo *belo* depende de sua distribuição na sentença para que funcione como um adjetivo predicativo de beleza (18b) ou como intensificador de grau (18a). Tomando as noções de Semântica Escalar (KENNEDY; MCNALLY, 2005) e de adjetivos que intensificam substantivos graduáveis (MORZYCKI, 2009), vemos que *belo* opera de forma semelhante à *grande*, criando uma escala do substantivo que modifica e o colocando como superior nessa escala. Assim, *belo professor* >

²O símbolo % será utilizado para indicar que não há leitura de modificador de grau.

professor. Cabe ressaltar que a sentença (18b) não é uma sentença natural em PB; isto é, não é comumente ouvida, uma vez que, em posição pós-nominal, é dada a preferência por outros adjetivos de beleza (como *bonito* ou *lindo*). Todavia, uso de *belo* não torna a sentença agramatical ou mesmo anômala, apenas pouco usual.

- (18) a. João é um **belo** professor.
- b. %João é um professor **belo**.
- c. %João é **belo**.

Uma grande diferença entre *puta* e *belo* reside na concordância com o substantivo que modifica. Como apontam Basso e Souza (2020), o intensificador chulo *puta*, enquanto intensificador, não apresenta diferenciação na designação de gênero gramatical, enquanto *belo* necessariamente concorda com o substantivo modificado em gênero e número.

- (19) a. João deu uma **puta** festa (legal).
- b. João tem um **puta** emprego. (Basso e Souza, 2020: 543)

- (20) a. João é um **belo** profissional.
- b. Maria é uma **bela** profissional.
- c. Os dois são **belos** profissionais.
- d. As duas são **belas** profissionais.

Por ser um adjetivo, *belo* modifica apenas substantivos e sintagmas nominais. Há outros adjetivos denominais que podem modificar substantivos modificados por outro adjetivo (21b), todavia, *belo* apresenta restrição quanto a isso (22b).

- (21) a. João é um **puta** professor.
- b. João é um **puta** professor inteligente.

- (22) a. João é um **belo** professor.
- b. *João é um **belo** professor inteligente.

Quanto à estrutura sintática, os adjetivos modificadores de grau do PB parecem seguir uma mesma estrutura: [Modificador (de um) SN]. A única diferença observada é a da possibilidade do SN ser seguido por um SA o modificando, o que não é possível com o modificador de grau *belo*. É curiosa a inserção optativa do partitivo *de um* entre o modificador de grau e o SN modificado, que aparentemente intensifica ainda mais a sentença. Apesar de ser optativo, todavia, sua presença é bastante frequente.

- (23) a. Um **puta** de um problema > Um **puta** problema
- b. Um **baita** de um problema > Um **baita** problema
- c. Um **belo** de um problema > Um **belo** problema

Por ser um adjetivo, *belo* varia não apenas em número e gênero (para concordar com o substantivo), mas varia também em grau. Uma vez que *belo* enquanto modificador de grau apresenta restrição quanto a ser intensificado por outro modificador, seu uso no superlativo é outra forma de se intensificar ainda mais a sentença (24a-b). Nessa questão, *belo* se comporta mais como adjetivo do que os demais analisados por Foltran e Nóbrega (2016), haja vista que não falamos *uma putíssima festa/apresentação*, indicando que o intensificador *puta* não sofre variação de grau.

- (24) a. Uma **belíssima** apresentação
- b. Um **belíssimo** de um filho da puta.

Não apenas no PB

Esse mesmo fenômeno, de um adjetivo predicativo de beleza apresentando leitura de modificação de grau, ocorre também em outras línguas naturais. Observou-se sua ocorrência em línguas germânicas – inglês (25) e alemão (26) – e latinas – francês (27) e italiano (28) –, embora não necessariamente com as mesmas regras do *belo* em PB.

- (25) a. She has a **pretty** face.
- “Ela tem um **belo** rosto”

b. Dinner at Luigi's sounds pretty good to me.
"Jantar no Luigi's me soa **muito** bom (parece uma boa ideia)."
Lit.: "*Jantar no Luigi's me soa **belo** bom."
(Dicionário Online Longman)

(26)a. Sie ist ungewöhnlich **schön** .
"Ela é excepcionalmente **bela** ."
b. Er wird sich schön langweilen mit ihr.
"Ele vai ficar **muito** entediado com ela"
Lit.: "*Ele vai ficar **belo** entediado com ela."
(Dicionário Online Langenscheidt Großwörterbuch)

(27)a. Une **belle** femme.
"Uma mulher **bela** "
b. Nous sommes heureux de ce **beau** résultat.
"Estamos felizes com esse **belo** resultado."
(Dicionário Online Larousse)

(28)a. Una gran **bella** donna
"É uma mulher muito **bela** "
b. Un bel lavoro
"Um **belo** trabalho"
(Dizionario di Italiano il Sabatini Coletti)

Como se pode notar nos exemplos acima, embora o fenômeno em si seja similar, as sentenças (25b) e (26b) traduzidas *ipsis-litteris* formam sentenças agramaticais em PB, enquanto as sentenças (27b) e (28b), não. Isso se dá devido à diferente seleção feita pelo modificador de grau entre as duas famílias linguísticas. Em inglês e em alemão, nota-se que *pretty* e *schön* se comportam tanto como adjetivo (8a, 9a) quanto como advérbio (8b, 9b). Enquanto adjetivo, possuem leitura qualitativa/avaliativa – segundo a definição dada pelo dicionário online do inglês Merriam Webster: "agradável pela delicadeza ou graça; que possui elementos de beleza aceitos convencionalmente" (Tradução Nossa)³ (PRETTY, 2023). Enquanto

³ "pleasing by delicacy or grace; having conventionally accepted elements of beauty"

advérbio, atuam como modificador de grau, “em algum grau, muito, principalmente” (Tradução Nossa)⁴ (PRETTY, 2023), mas registra-se que modifica apenas adjetivos, tendo restrições com verbos e advérbios. Definições similares sobre o *schön* podem ser encontradas no dicionário online de alemão DWDS.⁵

Em francês e em italiano, observa-se que *beau* e *bello* ocorrem apenas como adjetivos, modificando, portanto, apenas substantivos. Assim como em PB, o adjetivo pode apresentar leitura ambígua, de beleza ou de modificador de grau, se o substantivo que está modificando pode receber a característica de *bonito, agradável aos olhos*; caso não possa, o adjetivo apresenta apenas função intensificadora. Segundo o dicionário online do idioma francês Le Robert: “Que faz experimentar uma emoção estética, que causa prazer aos olhos; [...] 3. Que é grande, numeroso ou importante”⁶ (BEAU, 2023). Definições similares sobre o *bello* podem ser encontradas no dicionário online de italiano do site Corriere Della Serra – il Sabatini Colletti (BELLO, 2023). Entretanto, em italiano, registra-se o uso de *bello* como intensificador e, frequentemente, com uso irônico (29).

(29) Bell'aiuto che mi dai!“Bela ajuda que [você] me dá!”

(Dizionario di Italiano il Sabatini Colletti)

Em PB, *belo* aparenta ter leitura similar em relação à intensificação e ironia, conforme se pode notar pela tradução literal da sentença (29) do italiano para o português. As análises pragmáticas, todavia, apenas serão possíveis após a conclusão das análises semânticas.

⁴ “in some degree; quite, mainly”

⁵ <https://www.dwds.de/wb/schön>

⁶ “Qui fait éprouver une émotion esthétique ; qui plaît à l'œil; [...] 3. Qui est grand, nombreux ou important” (Tradução Nossa)

Resultados parciais

Nesta pesquisa, busca-se elucidar o uso do adjetivo *belo* como modificador de grau em PB, e de que forma esse fenômeno também ocorre em outras línguas naturais. Até o presente momento, foi dado maior foco ao *belo* em PB. Assim, observamos que o adjetivo *belo*: (i) opera como intensificador apenas quando antecede um SN; (ii) quando em posição predicativa, apresenta leitura de “aquilo ou aquele que possui beleza”; (iii) não faz s-seleção quanto ao SN que intensifica; (iv) é um termo que apresenta diversidade de leituras, podendo apresentar interpretação tanto de intensidade quanto de beleza quando atribuído a um SN que possa ser adjetivado como “bonito”; (v) por se tratar estritamente de um adjetivo intensificador, não intensifica verbo, advérbio ou outro adjetivo; (vi) diferentemente de outros modificadores nominais do PB, parece não aceitar a presença de outro SA modificando o SN; (vii) quanto à estrutura sintática, observa-se sua possibilidade na estrutura [*belo* (de um) SN] comum a outros intensificadores adnominais; (viii) sempre concorda em número e gênero com o substantivo que modifica; e (ix) utiliza-se da forma superlativa sintética (*belíssimo*) para aumentar ainda mais o grau do termo modificado.

Os próximos passos a serem dados na pesquisa são: (i) fazer testes de elicitación controlada com consultores nativos do inglês, do alemão, do francês e do italiano, e (ii) analisar mais profundamente as ocorrências nas outras línguas mencionadas em que esse fenômeno de um adjetivo qualitativo de beleza sendo utilizado como modificador de grau foi verificado, e, com isso, buscar um possível padrão semântico e/ou sintático entre as línguas, apontando as diferenças entre as regras e restrições que o termo possui em cada idioma, mas principalmente buscando o padrão do *belo* enquanto intensificador.

Referências

- BASSO, R. M.; MENDES DE SOUZA, L. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 528–556, 23 dez. 2020.
- BEAU. In: Dictionnaire, Le Robert. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/beau>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BELLO. In: Dizionario de Italiano, il Sabatini Colletti. Disponível em: https://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/B/bello.shtml. Acesso em: 15 jan. 2023
- FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. Adjetivos intensificadores no Português Brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 319–340, ago. 2016.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p.345-381, 2005
- MORZYCKI, M. Degree modification of gradable nouns: size adjectives and adnominal degree morphemes. *Natural Language Semantics*, n. 17, 175–203, 2009.
- PRETTY. In: Dictionary, Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/pretty>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- _____. In: Dictionary, Longman. Disponível em: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/pretty>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- SCHÖN. In: Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache, DWDS. Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/schön>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- _____. In: Kostenloses Online Wörterbuch, Langenscheidt. Disponível em: <https://de.langenscheidt.com/deutsch-englisch/schoen>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- QUADROS GOMES, A.; SANCHEZ MENDES, L. Para Conhecer Semântica. São Paulo: Contexto, 2018.

O ESTATUTO DA PREDICAÇÃO EM GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E EM UMA ABORDAGEM DESCRITIVA

Tainã Amaro¹

Considerações Iniciais

Este artigo apresenta os estudos iniciais da pesquisa de doutorado, que se iniciou em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo principal da tese é elaborar uma proposta didática para o Ensino Fundamental sobre o tema da predicação fundamentado em uma abordagem sintática e semântica. Para isso, busca-se desenvolver um método em que os estudantes sejam estimulados a uma reflexão linguística, evitando, assim, a forma tradicional de ensino, caracterizada pela exposição do conteúdo e pela prática de exercícios voltados a apenas identificar e classificar os termos da oração. Pretende-se, portanto, verificar se uma abordagem fundamentada na Semântica Formal resultaria no aumento da consciência e da reflexão linguística por parte dos estudantes, em comparação ao desempenho em resposta ao método tradicional do ensino.

Neste trabalho, serão apresentados os estudos feitos sobre o tema da predicação nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009). Como demonstrei em minha dissertação de mestrado (AMARO, 2021), esses dois autores são constantemente citados nos livros didáticos, por isso, constatou-se a necessidade de compreender como o conteúdo da predicação é trabalhado nessas duas gramáticas. Como contraponto, opta-se agora aqui por incluir

¹ Professora concursada da Prefeitura de São Gonçalo (RJ). Doutoranda na Universidade Federal Fluminense sob a orientação da professora Luciana Sanchez Mendes (doutora e mestre pela Universidade de São Paulo). Email: amarotaina@id.uff.br. ORCID: 0000-0002-1491-4087.

Perini (2016) no debate, pois este autor adota uma descrição linguística que privilegia conceitos como sintagma, valência, papéis temáticos, entre outros, que são importantes para uma abordagem sintática e semântica da predicação mais atualizada e coerente com o que vem sendo pesquisado atualmente no campo da Linguística. Antes, porém, será analisado como a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dois documentos oficiais de abrangência nacional, direcionam não somente o ensino de Língua Portuguesa, como também recomendam a nomeação dos termos e a orientação dos currículos, principalmente em relação ao tema da predicação em sala de aula. Em relação específica à BNCC, é importante esclarecer que nos detivemos, por enquanto, apenas à parte dedicada ao Ensino Fundamental - Anos Finais. A análise também do Ensino Médio tornaria este texto mais extenso do que o desejado.

Assim posto, a primeira seção do presente artigo pretende apresentar como a NGB e a BNCC abordam o tema da predicação. Na segunda seção, buscou-se pesquisar o fenômeno da predicação nas gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009). Na terceira seção, apresenta-se a abordagem da gramática descritiva de Perini (2016) a respeito deste mesmo fenômeno linguístico. Por fim, na última seção, são traçadas as últimas considerações a respeito da predicação nas gramáticas e nos documentos oficiais usados neste artigo.

Predicação e ensino: uma passagem pela NGB e BNCC

A Nomenclatura Gramatical Brasileira é um documento breve, de seis páginas, que, na segunda metade do século XX, buscou de forma muito bem-sucedida a uniformização e simplificação da terminologia usada na disciplina, nos livros didáticos e nas gramáticas de Língua Portuguesa. Aprovada pelo então Ministro de Estado da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, a NGB entrou em vigor por meio da portaria nº36, de 28 de janeiro de 1959.

A elaboração da NGB tem sua origem na necessidade de lidar com a existência de diferentes terminologias usadas para nomear um mesmo fenômeno linguístico, o que prejudicava o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa e o acesso dos estudantes a universidades e cargos públicos. A saber: diante da diversidade de termos vigentes, professores e, principalmente, estudantes não sabiam qual terminologia adotar em concursos oficiais e vestibulares. O objetivo principal da NGB era, assim, a padronização dos termos gramaticais.

É importante destacar que, em sua versão final, a NGB não se propõe a conceituar ou analisar a estrutura e a função de seus termos. Ela apenas determina, por exemplo, em relação à análise sintática da oração, que os termos sejam classificados como: (1) Termos essenciais da oração; (2) Termos integrantes da oração; (3) Termos acessórios da oração; e, (4) Vocativo. O fenômeno da predicação consta na área destinada aos estudos dos termos essenciais da oração e sua descrição se restringe à predicação verbal nas classes dos verbos de ligação, verbos transitivos (direto e indireto) e verbos intransitivos. Além disso, o documento classifica o predicado em nominal, verbal e verbo-nominal e determina dois tipos de predicativo: do sujeito e do objeto. Como já vimos (AMARO, 2021), nesse documento não consta qualquer menção direta a outro tipo de predicação que não esteja relacionado ao verbo, mesmo que o predicativo seja uma forma de predicação relacionado aos substantivos e adjetivos, por exemplo.

Em 2018, quase sessenta anos depois da publicação da NGB, foi publicada a versão final da Base Nacional Comum Curricular, em que constam as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica. Assim como a NGB, a BNCC não pretende ser um currículo escolar, mas uma referência para a formulação dos currículos da rede nacional de educação.

A BNCC do Ensino Fundamental - Anos Finais é dividida em cinco áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. O componente

curricular de Língua Portuguesa está inserido na área de Linguagens, assim como Arte, Educação Física e Língua Inglesa. De acordo com o documento, essa proposta pretende ampliar as capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas dos estudantes.

Especificamente em relação ao componente Língua Portuguesa, a BNCC apresenta a proposta da centralidade do texto como centro de ensino-aprendizado da Língua Portuguesa. A abordagem textual segue as perspectivas enunciativo-discursivas, relacionando os textos aos seus contextos de produção. Para isso, a BNCC considera quatro eixos de integração: oralidade, leitura/escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica. O documento frisa ainda que os estudos de natureza teórica e metalinguística, constando no eixo análise linguística/semiótica, não devem ser tomados como um fim em si mesmo, como vem acontecendo ao longo da história do ensino tradicional de língua. O conhecimento sobre a língua deve estar associado às práticas de linguagem, “como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (BRASIL, 2018, p. 139). Dessa forma, de acordo com o documento, deve-se buscar uma aprendizagem inserida em práticas de reflexão e de apropriação do sistema linguístico pelos estudantes, possibilitando o uso da língua/linguagem em situação prática de linguagem, e não somente por uma lista de conteúdo gramatical, como tem sido tradicionalmente feito na educação escolar.

Assim sendo, o estudo dos procedimentos e das estratégias metalinguísticas de análise está presente no eixo de análise linguística/semiótica, que abrange os campos da fonologia-ortografia, da morfossintaxe, da sintaxe, da semântica, entre outros. O estudo do predicado e da predicação está inserido na área de morfossintaxe e de sintaxe e é considerada uma habilidade a ser desenvolvida pelos estudantes dos 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. O quadro a seguir organiza as habilidades, relacionadas à predicação que o estudante precisa desenvolver em cada um desses anos de escolaridade.

Quadro 1 – O desenvolvimento das habilidades em predicação na BNCC

| | |
|----------------------|---|
| <p>7º ano</p> | <p>(EF07LP04) Reconhecer, em textos, o verbo como o núcleo das orações.</p> <p>(EF07LP05) Identificar, em orações de textos lidos ou de produção própria, verbos de predicação completa e incompleta: intransitivos e transitivos.</p> <p>(EF07LP07) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto).</p> <p>(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.</p> |
| <p>8º ano</p> | <p>(EF08LP06) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, os termos constitutivos da oração (sujeito e seus modificadores, verbo e seus complementos e modificadores).</p> <p>(EF08LP07) Diferenciar, em textos lidos ou de produção própria, complementos diretos e indiretos de verbos transitivos, apropriando-se da regência de verbos de uso frequente.</p> |
| <p>9º ano</p> | <p>(EF09LP05) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo.</p> <p>(EF09LP07) Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral.</p> |

Fonte: elaboração própria.

Percebe-se, portanto, que o conteúdo do predicado e da predicação está presente tanto na NGB, um documento com mais de sessenta anos, como na BNCC, homologada em 2017, e sua presença se justifica pela importância que desempenha na construção das orações. Se os falantes sabem construir frases em que esse fenômeno se materializa, defendemos que a escola é o lugar em que o estudante deve transformar o conhecimento implícito dos fenômenos linguísticos em conhecimento explícito no decorrer dos anos da Educação Básica.

Por outro lado, mesmo passado mais de meio século desde a publicação da NGB, a proposta de ensino presente na BNCC ainda propõe que o estudante apenas *reconheça, identifique, diferencie e compare* os termos na oração, seja nos diversos gêneros textuais, centro das aulas de Língua Portuguesa, seja na produção dos próprios textos. Dessa forma, a análise linguística continua sendo limitada ou pela perspectiva da morfossintaxe ou da sintaxe, desconsiderando completamente os avanços das pesquisas na área da semântica no estudo dos termos que compõem a oração, como veremos mais adiante.

Uma passagem pelas gramáticas tradicionais de Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009)

No contexto da Educação Básica, seja no âmbito das redes públicas ou privadas, o livro didático é a base de trabalho de muitos professores. Como já verificamos e analisamos (AMARO, 2021), as obras dos gramáticos Cunha e Cintra e Bechara são um elemento comum nas referências bibliográficas desses materiais. Por isso, para se ter um panorama de como o tema é abordado nas escolas, torna-se necessário mapear como o predicado e a predicação são trabalhados nessas gramáticas.

Cunha e Cintra (2001) não justificam o uso do termo ‘predicado’ e nem explicam de que maneira esse termo essencial da oração funda a construção da sentença tanto da perspectiva sintática quanto semântica. Os autores apenas definem o predicado como “tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 122), que, por sua vez, é definido como “o termo sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 122).

O termo ‘predicado’ é empregado para determinar as classificações tradicionais de predicado nominal, verbal e verbo-nominal. Ao tratar do predicado nominal, Cunha e Cintra (2001) apenas determinam que ele é formado por um verbo de ligação mais um predicativo do sujeito. Nesse predicado, o verbo funciona

como elo entre o sujeito e o predicativo. O predicado verbal, por sua vez, tem como núcleo um verbo significativo, que traz “uma ideia nova ao sujeito” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 135), podendo ser transitivo ou intransitivo. Já o predicado verbo-nominal é um predicado misto composto por dois núcleos significativos, que os autores determinam ser um verbo e um predicado. Mesmo não estando explícito no texto, este predicado ao qual os autores fazem alusão é o chamado predicativo que, a depender da sentença, pode ser do sujeito ou do objeto.

O fenômeno da predicação começa a ser trabalhado quando Cunha e Cintra (2001) tratam da transitividade dos verbos. De acordo com os autores, nos verbos intransitivos, “a ação não vai além do verbo” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 135), estando contida em formas verbais semelhantes àquelas apresentadas pelos autores no exemplo (1), em que os verbos *subir* e *descer* se bastam, não necessitam de complementos. Já nos verbos transitivos, o processo verbal se transmite aos outros termos da sentença, como observa-se nos exemplos (2) e (3), em que os termos *os homens* e *ao pobre tolo* são complementos dos verbos *invejar* e *perdoar*, respectivamente.

(1) *Sobe a névoa... A sombra desce...* (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 135)

(2) *Ela invejava os homens.* (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 136)

(3) *Perdoem ao pobre tolo.* (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 136)

Os complementos dos verbos transitivos são chamados de objeto. Quando este complemento vem ligado ao verbo sem o auxílio de preposição, como observa-se no exemplo (2), o complemento verbal é classificado como objeto direto. Quando se liga por meio de preposição, tal em (3) o complemento é considerado um objeto indireto.

Cunha e Cintra (2001) diferenciam complemento verbal de complemento nominal. Enquanto este se liga a substantivos, adjetivos e advérbios por meio de preposição, limitando ou integrando o sentido, aquele se integra ao sentido do verbo, que,

como já visto, pode ou não vir ligado a ele por meio de preposição. Assim, nas sentenças (4), (5) e (6), os termos em destaque *por ele*, *de lágrimas*, *ao baile da ilha*, respectivamente são complementos nominais, porque complementam o sentido de *interesse* (substantivo), *rasos* (adjetivo) e *relativamente* (advérbio). Já em (7), a expressão *da riqueza da terra* se integra ao verbo *duvidava* por meio da preposição *de*, sendo classificados com um complemento do verbo, mais especificamente, um objeto indireto.

(4) Alguns colegas mostram interesse *por ele*. (CUNHA E CINTRA, 2011, p.138)

(5) Tinha olhos rasos *de lágrimas*. (CUNHA E CINTRA, 2011, p. 138)

(6) Não sei que diga do marido *relativamente ao baile da ilha*. (CUNHA E CINTRA, 2011, p. 138)

(7) Duvidava *da riqueza da terra*. (CUNHA E CINTRA, 2011, p. 143)

Em outra abordagem tradicional, Bechara (2009) determina que a oração, que se fundamenta no verbo, apresenta sujeito e predicado, que estabelecem a relação predicativa. Nos exemplos fornecidos pelo autor, essa relação predicativa pode ser referida ao sujeito, como no exemplo em (8), em que o verbo *estudar* admite o sujeito explícito. Esse verbo também poderia estar flexionado na terceira pessoa, como em (8.1), tornando o sujeito implícito. Outra possibilidade é a de uma relação predicativa não referida, como em (9), pois, mesmo estando flexionado na terceira pessoa, o verbo *chover* não admite sujeito explícito. Dessa forma, o único constituinte indispensável na oração é o verbo.

(8) Eu *estudo*. (BECHARA, 2009, p. 408)

(8.1) *Estudo*.

(9) *Chove*. (BECHARA, 2009, p. 408)

Em relação ao predicado, Bechara (2009) determina que o seu núcleo é constituído por verbos que, pelo seu conteúdo lexical, podem ser de grande extensão semântica, necessitando de argumentos ou complementos, ou por verbos que, ao se referir a

realidades concretas, não precisam de outros termos que delimitem sua significação. É o que fundamenta a diferença entre os verbos transitivos e verbos intransitivos. Enquanto o verbo transitivo *ver*, em (10) necessita do termo *o automóvel* para delimitar seu significado, ou seja, aquilo que foi visto, o verbo intransitivo *trabalhar*, em (11), não exige nenhum outro termo.

(10) O porteiro viu *o automóvel*. (BECHARA, 2009, p. 415)

(11) Ela não trabalha. (BECHARA, 2009, p. 415)

Além disso, a depender do verbo, de acordo com Bechara (2009), o predicado se constitui por diferentes tipos de argumentos ou complementos, podendo ser classificados como: complemento direto, complemento relativo, complemento objeto indireto e complemento predicativo. Em (12), a expressão substantiva *o incêndio*, que delimita o significado do verbo *ver*, não é introduzida por uma preposição e, por isso, exerce a função de complemento direto (ou objeto direto). Diferentemente, em (13), o termo *de cinema* completa o sentido do verbo *gostar* por intermédio da preposição *de*. Para Bechara (2009), o uso de tal preposição, e não de outra, é determinado pela tradição, que classifica esse termo como um objeto indireto, mas o autor nomeia-o de complemento relativo. Bechara (2009) restringe a função de complemento objeto indireto para sentenças como (14), em que o termo *aos pais* também é introduzido por uma preposição, mas, diferente de (13), “denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + complemento)” (BECHARA, 2009, p. 421). Por fim, o complemento predicativo, em (15), aparece nas frases com os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer*, e se diferenciam do complemento direto pela concordância do predicativo com o sujeito. Entretanto, segundo Bechara (2009), os dois termos possuem similaridades, pois delimitam, por exemplo,

a extensão semântica do verbo e aparecem normalmente à direita do verbo sem o emprego da preposição.

(12) Os vizinhos não viram *o incêndio*. (BECHARA, 2009, p. 416)

(13) Todos nós gostamos *de cinema*. (BECHARA, 2009, p. 419)

(14) O diretor escreveu cartas *aos pais*. (BECHARA, 2009, p. 421)

(15) O trabalho é *proveitoso*. (BECHARA, 2009, p. 425)

Como se percebe, ao apresentar sua análise sintática e semântica sobre as relações predicativas, o autor adota uma abordagem centrada no verbo, determinando que “toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo o verbo” (BECHARA 2009, 426). Inclusive, é por conta disso que, para Bechara (2009, p. 426), não há oposição entre predicado nominal e predicado verbal. O autor ainda ressalta que a classe do predicado nominal provém de uma tradição gramatical que determina que o termo que assume a função de predicativo costuma ser um adjetivo ou substantivo, ou seja, um nome, mas que outras classes de palavras, como os advérbios também funcionam como predicativo, como visto em (16).

(16) Os vizinhos estão bem. (BECHARA, 2009, p. 426)

Nota-se que ambos autores tratam a função do predicado e da predicação mais pelo viés sintático, centrando a abordagem mais na função do que nas propriedades semânticas das relações que esses termos exercem na oração.

Uma passagem pela gramática descritiva de Perini (2016)

Perini (2016) propõe uma gramática descritiva do português brasileiro (PB), mais próxima às atualizações das pesquisas que acontecem na área da Linguística, se afastando conceitualmente de abordagens mais tradicionais, como as de Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009). Embora este último não seja tão preso à tradição

gramatical da NGB, ainda está mais próximo das gramáticas normativas. Dessa forma, ao invés de prescrever como a língua deveria ser, Perini (2016) pretende descrever como o PB realmente é. Por isso, pareceu-nos coerente apresentar aqui uma gramática que adota uma descrição linguística diferente daquela observada nas gramáticas tradicionais.

Um dos conceitos-chave apresentado por Perini (2016, p. 75) é o de construção, que se define “por seus constituintes sintáticos e pela relação semântica que cada um deles tem com o verbo da oração”, como pode-se observar nas sentenças a seguir.

(17) A Carlinha beliscou o Pedro. (PERINI, 2016, p. 73)

(18) A professora de matemática reprovou o meu sobrinho. (PERINI, 2016, p. 73)

(19) SN V SN

Observa-se em (17) e (18) que as orações possuem um sintagma nominal (na função de sujeito), um verbo e outro sintagma nominal (agora na função de objeto). Esses são os constituintes sintáticos representados em (19). Há ainda a relação semântica entre os termos que compõem essa oração, exemplificada em (17) e (18). O primeiro SN é o Agente, ou seja, quem pratica a ação, e o segundo SN é o Paciente, ou aquele que recebe a ação praticada pelo SN-Sujeito. Assim sendo, a fórmula indicada em (21) descreve uma das muitas construções existentes na Língua Portuguesa para os verbos *beliscar* e *reprovar*.

(20) SN > Agente V SN > Paciente²

Segundo Perini (2016), a construção exposta em (20) é classificada como transitiva. No entanto, há ainda as construções intransitivas, com um sujeito Agente e um verbo, como representado a seguir.

² De acordo com Perini (2016, 74), “o símbolo ‘>’ serve para ligar um termo sintático ao papel temático que ele exprime”.

(21) Suj > Agente V

(21.1) A menina sorriu. (PERINI, 2016, p. 77)

Perini (2016) lista outros tipos de construções existentes na língua portuguesa, mas, para a finalidade deste artigo, somente as construções transitivas e intransitivas já nos são úteis para compreender o conceito de construção oracional, que é formada por um verbo acompanhado de certo número de sintagmas, que estabelecem uma relação semântica com os constituintes de uma oração. Perini (2016) chama atenção ainda para a ordem que os sintagmas aparecem na frase, já que isso marca a função sintática de sujeito e a relação semântica de Agente.

(22) Seu filho machucou o cachorro. (PERINI, 2016, p. 96)

(23) O cachorro machucou seu filho. (PERINI, 2016, p. 96)

(24) SN > *Agente* machucou SN > *Paciente*

Na frase (22), o SN-Sujeito é *Seu filho* e está estabelecendo relação de Agente com o verbo *machucou*. O SN *o cachorro* assume função de objeto e é quem recebe a ação expressa pelo verbo, sendo assim o Paciente. Caso trocássemos os dois SN de posição, como observa-se em (23), a sentença mudaria de significado: o Agente passou a ser *o cachorro* e o Paciente agora é *seu filho*. Percebe-se com isso que o falante sabe, ao compreender a diferença entre as frases (22) e (23), que a ordem dos sintagmas na oração influencia no significado da frase. Além disso, os falantes têm conhecimento prévio a respeito das valências dos verbos, isso faz parte de seu conhecimento lexical. Assim, o falante do PB sabe que o verbo *machucar* pede dois SN: um Agente e outro Paciente, como representado na construção em (24)

As sentenças (22) e (23) são aceitas como frases possíveis no português, porque tanto *seu filho* como *o cachorro* podem ser Agentes do verbo *machucar*. No entanto, isso não acontece com todos os verbos.

- (25) SN > *Agente* comeu SN > *Paciente*
(25.1) Seu filho comeu o queijo.
(25.2) *O queijo comeu seu filho. (PERINI, 2016, p. 101)

A frase (25.1) é uma bem construída no PB, porque o sintagma seu filho, na função de sujeito, é também o Agente da ação verbal *comer*. Já (25.2) causa estranheza, pois o sintagma *o queijo* não pode semanticamente estabelecer relação de Agente.

Além disso, há construções em que o verbo exige não somente dois SN, mas três.

- (26) SN > *Agente.opinador* V SN > *Coisa.qualificada* SN > *Qualidade*
(26.1) Daniella considera Ronaldo o maior jogador do mundo.
(PERINI, 2016, p. 102)
(26.2) Eu acho esse gato um problema. (PERINI, 2016, p. 102)

As sentenças (26.1) e (26.2) são semelhantes tanto do ponto de vista da estrutura sintática, como do ponto de vista das relações semânticas. Os dois verbos (*considerar* e *achar*): “falam de alguém (sujeito) que tem uma opinião (o segundo objeto) sobre alguma coisa (o primeiro objeto)” (PERINI, 2016, p. 102). De acordo com a construção apresentada em (26), as sentenças (26.1) e (26.2) possuem a mesma grade temática. Assim sendo, “cada verbo pode ocorrer em um conjunto bem definido de construções, e esse conjunto de construções é o que chamamos a valência do verbo” (PERINI, 2016, p. 179).

A valência, entretanto, de acordo com Perini (2016), não é uma característica somente dos verbos. Há complementos também nos nomes e nos advérbios.

- (27) Todo mundo anda com medo *das enchentes*. (PERINI, 2016, p. 191)
(28) O tribunal decidiu favoravelmente *ao marido*. (PERINI, 2016, p. 191)
(29) A demolição *do muro* ficou a cargo da minha empresa.
(30) A decisão *da diretoria* foi muito contestada.

Respectivamente, *das enchentes* (27) e *ao marido* (28) são complementos do substantivo (*medo*) e do advérbio (*favoravelmente*). O conjunto entre o nome (ou o advérbio) com o complemento é o que Perini (2016) chama de valência nominal e adverbial. Essas valências também exercem relações semânticas ou papéis temáticos, tais quais os verbos. Em (29) a construção *do muro* estabelece relação semântica de Paciente com o nominal *a demolição*; e, em (30), a construção *da diretoria* estabelece relação de Agente com *a decisão*.

Percebe-se que a abordagem semântica de Perini (2016) tem muito a contribuir para o ensino de língua portuguesa na Educação Básica, principalmente considerando os conceitos de sintagma, construção, valência e papel temático. Os estudantes não chegam à escola desconhecendo a língua portuguesa: eles já possuem um conhecimento linguístico internalizado. É importante que os estudantes percebam que eles conhecem mais a língua portuguesa do que imaginam – e, para isso, os conhecimentos da abordagem semântica têm muito a contribuir.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos o que consta na NGB e na BNCC sobre o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica e, mais especificamente, sobre o tema da predicação. Vimos que o objetivo da NGB era apenas padronizar os termos a serem usados no ensino. Embora tenha sido adotado na íntegra nos materiais didáticos e no ensino de Português desde sua proposição em 1959, o documento era apenas uma recomendação do Ministério da Educação. Em 2018, esse mesmo órgão elaborou a BNCC, que orienta as habilidades comuns que todos os estudantes devem adquirir até o final da Educação Básica. Embora o documento proponha uma aprendizagem inserida em práticas de reflexão e de apropriação do sistema linguístico pelos estudantes, vimos que os verbos *reconhecer*, *identificar*, *diferenciar* e *comparar* os termos na oração, muito presentes no ensino tradicional, ainda estão marcados

textualmente nas habilidades a serem adquiridas nas análises linguísticas do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009), constatamos que os autores tratam a função do predicado e da predicação numa abordagem mais sintática, desconsiderando propriedades e relações semânticas entre os termos. É Perini (2016), numa abordagem semântica, que trabalha com as relações que os termos exercem na oração por meio da construção oracional, da valência dos verbos e dos papéis temáticos. Esses conceitos podem ser de grande importância no desenvolvimento das habilidades propostas pela BNCC em relação ao estudo do predicado e da predicação nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Conseguimos, por fim, no limite deste artigo, mapear o que as gramáticas tradicionais e descritivas apresentam sobre o tema da predicação. Vale ressaltar que, ao longo dos anos do doutorado, ainda há muito o que ser pesquisado sobre a questão da teoria gramatical no âmbito do ensino-aprendizagem. Este trabalho é só a ponta do *iceberg* do imenso material que existe para ser pesquisado, analisado e aplicado nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica.

Referências

AMARO, T. *As contribuições da semântica formal para o ensino: uma proposta didática para o caso das sentenças de cópula com 'ser'*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Brasileira*. 37ª edição revisada, ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

BRASIL. *Portaria n.º 36, de 28 de janeiro de 1959*. Dispõe sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Rio de Janeiro, 1959.

CUNHA, Celso; CINTRA Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BLOCO 5

ESTUDOS EM LEITURA

DESEMPENHO DE LEITURA EM TELA X LEITURA EM PAPEL: ALGUMAS ANÁLISES PSICOLINGUÍSTICAS

Kelly Cristine Oliveira da Cunha¹

Introdução

O uso de aparelhos eletrônicos durante a pandemia de coronavírus aumentou de forma significativa. Seja para viabilizar o desenvolvimento de algum trabalho, como recurso de aprendizagem, ou para possibilitar o contato pessoal, a sociedade ampliou seu conhecimento sobre tais dispositivos como alternativa ao isolamento social. Ao mesmo passo, a evolução tecnológica se adaptou para oferecer suporte a esta nova demanda que, então, surgia.

Na educação, esta dinâmica talvez possa vir a ser considerada um divisor da cultura escolar em dois momentos muito bem definidos na história recente: o antes e o após a pandemia de coronavírus. Entre estes dois momentos, estiveram dois anos letivos, nos quais a grande maioria da população estudantil mundial esteve presencialmente distante da escola. No Brasil, as escolas fecharam em 13 de março de 2020 e, em sua maioria, reabriram, ainda que parcialmente, em agosto de 2021. Uma reabertura frágil, com escalonamento de alunos e professores sobrecarregados com demandas pedagógicas que visavam dar assistência a grupos de alunos com característica distintas: alunos presenciais, alunos com atendimento remoto (com e sem acesso a videoconferências, com e sem acesso a plataformas de ensino) e alunos que estudavam por apostilamentos impressos.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense sob orientação do Professor Doutor Eduardo Kenedy, Linha de Pesquisa: Teoria e Análise Linguística. E-mail: kellycrisletras.olic@gmail.com.

O retorno dos alunos, em sua totalidade, veio a acontecer apenas em 2022, deflagrando carências pedagógicas e um notável uso exacerbado de dispositivos eletrônicos (principalmente *smartphones*), por parte dos alunos.

Embora as escolas tenham iniciado este ano letivo com o objetivo de normalizar seu funcionamento, grande parte desta evolução tecnológica (ou apenas a implementação nas escolas de tecnologia já existente) provavelmente permanecerá no ambiente escolar, fazendo surgir uma série de questionamentos acerca do impacto da aquisição de conhecimentos através de dispositivos tecnológicos no cérebro e na mente.

É notório que um conjunto de acontecimentos culminou na popularidade da leitura em telas trazendo uma nova complexidade para os estudos de letramento/literacia e colocando em xeque sua eficácia. Estudiosos vêm desenvolvendo pesquisas em busca de compreensão acerca deste novo meio de leitura e seu potencial impacto prejudicial à cognição humana, sobretudo à cognição da leitura.

A Psicolinguística da Leitura tem se debruçado sobre o tema com observância em alguns aspectos da problemática: como a atenção está implicada na aparente influência negativa da era digital sobre o desenvolvimento da compreensão leitora; como se dá o desempenho de leitura em tela quando comparado ao da leitura em papel; qual o efeito do *mindwandering* (divagação mental) na leitura em telas quando comparado à leitura em papel; como notificações automatizadas, *pop-ups* e rolagem de tela atuam sobre os sistemas cognitivos na leitura em tela; e como se dá a metacognição dos leitores acerca do próprio desempenho de leitura.

Este estudo vem, portanto, provocar estes questionamentos ao trazer resultados de algumas pesquisas experimentais recentes e suas meta-análises acerca do papel da atenção na aprendizagem na era digital e de possíveis efeitos da leitura em tela na cognição.

Atenção e aprendizagem digital

Se antes da pandemia, as tecnologias existentes não chegavam à escola de maneira eficaz, durante a quarentena, a era digital invadiu tanto as escolas quanto o cotidiano dos alunos de forma emergencial, com poucos questionamentos e sem planejamento. Assim, ao passo que ofereceu uma nova realidade informacional e instrumental, a chegada da tecnologia também traz preocupações e suscita muitas especulações. No que tange ao papel da atenção e da memória durante a aprendizagem, é comum creditar ao uso do aparato digital uma aparente influência negativa na aprendizagem.

Embora ainda não tenha havido tempo hábil que viabilizasse pesquisas de tais ocorrências após o período de isolamento social, a referência em pesquisas recentes traz dados que podem orientar novos estudos de forma mais sistemática, desfazendo possíveis equívocos provenientes do senso comum.

Lodge e Harrison (2019) analisaram pesquisas sobre o papel da atenção na aprendizagem na era digital com o intuito de compreender a relação entre as tecnologias e a atenção, ou seja, avaliar criticamente a afirmação de que a primeira estivesse causando déficits contínuos na segunda. Na literatura pesquisada pelos autores, os efeitos das tecnologias digitais na aprendizagem, atenção, memória e interações sociais são mais sutis do que julga o senso comum.

Em suas análises, os autores puderam observar que estudos sobre o efeito da multitarefa digital na aprendizagem em ambientes digitais mostraram impacto negativo no desenvolvimento acadêmico. Uma meta-análise em 40 anos de pesquisa sobre o papel da tecnologia de aprendizagem sugeriu influência positiva da tecnologia na aprendizagem nas salas de aula, porém não entre as formas mais eficazes de melhorar a aprendizagem. Uma análise sobre as diferenças no desempenho de memória, durante uma palestra, entre um grupo de alunos com acesso a *laptops* e um grupo sem acesso apresentou um decréscimo substancial no desempenho para o grupo com acesso, sendo o déficit atribuído à divisão de

atenção dos alunos no grupo com acesso. Outro estudo separou atividades fora da tarefa (como o uso de mídia social) e atividades na tarefa (como notações) para determinar quanto do efeito negativo da tecnologia é simplesmente devido à realização de mais de uma atividade: os grupos que permitiram o acesso a mídias sociais, mensagens de texto e e-mail (atividades fora da tarefa) tiveram um desempenho ruim em comparação com aqueles envolvidos em atividades relacionadas à tarefa. Pesquisas em neurociências encontraram uma diminuição no desempenho acompanhada por diferenças correlacionadas à atividade do córtex frontal medial para participantes que realizavam tarefas duplas, em oposição a uma única tarefa.

Lodge e Harrison (2019) também ressaltam que uma das principais maneiras pelas quais os seres humanos mudam seu foco de atenção é fazendo movimentos oculares de aproximadamente duas a quatro sacadas por segundo para mover objetos de interesse para a visão central, resultando em um foco de atenção maior para esses objetos do que para objetos na visão periférica. Desta forma, elementos como notificações automatizadas e *pop-ups* de páginas da *Web* chamariam a atenção involuntariamente, visto que tais tecnologias foram projetadas especificamente para atrair e manter a atenção, ou seja, controlar os sistemas cognitivos. Este tipo de tecnologia foi nomeado de “tecnologia persuasiva”.

Os autores consideram evidente haver mérito no argumento de que a atenção está sendo impactada negativamente pelos usos da tecnologia, principalmente no que diz respeito à distração e à troca de tarefas, e apontam duas fragilidades: a transposição de pesquisas realizadas em ambientes controlados para o mundo real complexo e a evolução da tecnologia que acontece de forma muito mais veloz do que as pesquisas.

Leitura em papel *versus* leitura em tela

Clinton (2019) procedeu a uma revisão sistemática e uma meta-análise sobre os desempenhos de leitura de texto em papel e

em tela no que tange ao tempo de leitura e à metacognição que, por sua vez, também demonstrou a existência de um efeito negativo no desempenho na leitura em tela. Segundo os estudos da autora, o tempo de leitura pode ser usado para comparar a quantidade de processamento ou esforço investido na tarefa e a eficiência desse processamento entre a leitura do texto do papel em comparação com a leitura do texto em tela. Já com relação aos processos metacognitivos, ela utiliza o conceito cunhado por Cross e Paris (1988) e Muijselaar *et al.* (2017), para quem a metacognição (ou calibração) relaciona-se a quão bem os leitores percebem sua própria compreensão de um texto ou a precisão de suas previsões de desempenho em uma avaliação.

Nos estudos revisados com observância no gênero textual, os resultados gerais da meta-análise indicaram um maior benefício no desempenho de leitura em papel, quando em comparação com telas. O benefício se deu principalmente nos textos expositivos. Não houve diferenças confiáveis no desempenho de leitura de textos narrativos. Estas descobertas demonstram-se consistentes com a visão de que ler em tela é mais apropriado para uma leitura leve e de prazer (textos narrativos) do que para textos mais desafiadores (textos expositivos). A autora destaca que estes dados devem ser vistos com cautela, pois os experimentos com textos expositivos foram realizados em maior quantidade que os textos narrativos.

Contrariando expectativas, o efeito negativo do desempenho na leitura em tela não variou para alunos adultos e crianças. No entanto, cabe a observância de que houve mais estudos com participantes adultos do que com crianças. Além disso, em grande parte das pesquisas, os participantes eram estudantes universitários, ou seja, sentiam-se à vontade com a tecnologia.

O estudo que comparou um grupo de idosos com adultos mais jovens também encontrou padrões semelhantes na média de cada faixa etária, ou seja, a visão de que adultos mais velhos têm mais dificuldade em leitura em tela do que adultos mais jovens não foi apoiada pela pesquisa.

No que diz respeito ao tempo de leitura, os resultados analisados por Clinton (2019) trouxeram mais complexidades: o teste que obteve tempos de leitura em papel substancialmente maior considerou que as diferentes demandas psicomotoras do manuseio do papel e marcação de questões possam ter ampliado o tempo. Os resultados de tempo de leitura variaram em três experimentos que usaram os mesmos materiais e medidas. Neste caso, os autores dos experimentos consideraram que a predileção por leitura em papel pode ter influenciado na opção dos participantes em permanecer mais tempo lendo. Alguns estudos apresentaram tempo mais longo de leitura em papel, outros apresentaram tempo mais longo em tela. Experimentos com tamanho de texto semelhante conflitaram resultados, porém, quando havia presença de representações visuais (imagens, gráficos e afins), os tempos de leitura foram maiores em tela.

Clinton (2019) também avaliou vários estudos de calibração nos quais foram calculadas a precisão das previsões de desempenho em relação ao desempenho real dos participantes.

As análises demonstraram que, em geral, os leitores são excessivamente confiantes na precisão de suas previsões. A calibração é calculada subtraindo o desempenho real do desempenho previsto e a heterogeneidade foi baixa, indicando resultados consistentes. Com base no modelo de efeitos aleatórios, a leitura de telas causou previsões de desempenho menos calibradas e mais confiantes do que a leitura de papel. Em geral, os tamanhos de efeito do viés de calibração para cada um indicaram melhor calibração para papel em comparação com telas, exceto para um dos estudos analisados. Neste caso, apesar de não ter sido identificado como um *outlier*, a diferença na direção do tamanho do efeito levantou a questão de qual poderia ter sido a causa da diferença: a possibilidade levantada foi o fato de os participantes da pesquisa terem sido instruídos a rastrear sua leitura com um lápis (condição de papel) ou um cursor ampliado (condição de tela), de forma que ser encorajado a rastrear com os dedos ao ler em tela poderia ter ajudado com o foco e isso teria auxiliado no

monitoramento da compreensão. Porém, a autora observa que esta possibilidade é apenas uma conjectura, não havendo resultados empíricos para apoiá-la. Ademais, as preferências do leitor também foram consideradas preponderantes, visto que a calibração foi igualmente ou mais precisa em uma série de estudos e condições ao ler em papel (com maior predileção) quando em comparação com telas (com menor predileção). A precisão da calibração pareceu ser melhorada ao ler a partir de um meio preferido, ou seja, a calibração não dependeria do meio em si, mas de qual meio se prefere ler.

Leitura em tela, metacognição e *mindwandering*

Delgado e Salmeron (2021) corroboram as conclusões de Clinton (2019) no que diz respeito ao efeito do meio na compreensão leitora, ou seja, as pesquisas realizadas pelos autores também apontam para uma inferioridade da tela em leitura de textos expositivos. Além disso, eles acrescentam haver superficialidade no processamento da informação quando a leitura acontece sob restrição de tempo que, além de impactar na compreensão leitora, também teve efeito sobre a calibração, aumentando a imprecisão metacognitiva, ou seja, a influência dos processos de automonitoramento se torna mais relevante quando a gestão de tempo é crucial.

Em suas análises, os autores utilizam o conceito de *mindwandering*, cunhado por Smallwood (2013), que pode ser definido como atividade mental autogerada e irrestrita caracterizada por pensamentos que surgem independentemente da tarefa que está sendo realizada, os quais têm sido chamados de pensamentos não relacionados à tarefa (TUTs), ou seja, *mindwandering* (traduzido aqui como divagação mental) é parte de um processo geral que implica mudanças de atenção de experiências externas para internas. O estudo se deu através da técnica *probe-caught*, em que os participantes são interrompidos

periodicamente durante a tarefa e solicitados a relatar se estavam divagando mentalmente.

Delgado e Salmeron (2021) testaram 140 estudantes de graduação com o objetivo de medir a compreensão do texto, a leitura desatenta e a calibração metacognitiva.

A primeira hipótese foi de que participantes que lessem na tela divagariam mais do que aqueles que lessem o texto impresso, independentemente da pressão do tempo. Como resultado, os participantes que leram em seu próprio ritmo vagavam pela mente de forma semelhante, independentemente do meio. Porém, quando leram com restrições de tempo, apenas os participantes impressos reduziram a frequência de TUTs.

A segunda hipótese foi de que os participantes lendo na tela sob pressão de tempo mostrariam uma calibração de compreensão mais pobre (ou seja, excesso de confiança em seu desempenho em um teste de compreensão) do que os outros grupos. Inesperadamente, os resultados mostraram que os graduandos conseguiram calibrar com precisão sua compreensão de leitura, independentemente do meio de leitura e do período de tempo, ao contrário dos achados anteriores que produziram melhor calibragem ao ler o texto impresso. Além disso, os participantes estiveram bem calibrados em todas as condições experimentais, apesar das expectativas de excesso de confiança. Com relação a este resultado, os pesquisadores consideraram que o procedimento experimental empregado no estudo pode ter ajudado os participantes a fazer previsões precisas sobre seu nível de desempenho, por dois motivos: o tempo de leitura disponível na condição sob pressão de tempo certamente era escasso, como indicou o fato de que aproximadamente metade dos participantes desses grupos não conseguiu chegar ao final do texto. Ademais, a técnica de sondagem capturada pôde conscientizar os participantes de sua distração durante a leitura. Desta forma, concluiu-se que, embora os resultados indiquem que não ter terminado de ler todo o texto não forneceu suporte adicional para a calibração dos participantes, a pressão do tempo e o rastreamento de sua própria atenção podem ter sido usados pelos participantes como

pistas para identificar até que ponto eles conseguiram concluir a tarefa de leitura.

A terceira hipótese dizia respeito à compreensão dos participantes. Esperava-se que, sob pressão de tempo, ela seria menor, o que se confirmou: os participantes lendo na tela sob pressão do tempo pontuaram significativamente mais baixo no teste de compreensão de leitura. Portanto, os resultados demonstraram que a leitura em tela leva a uma conseqüente leitura desatenta, principalmente, quando a tarefa exige aumento da atenção para atingir um processamento eficiente da informação, o que estaria causando um processamento superficial da informação acompanhado de baixa compreensão.

Conclusão

Se, antes da pandemia de coronavírus, as instituições de ensino eram taxadas de atrasadas e obsoletas, após dois anos de ensino remoto, a era digital teve sua entrada às pressas e sem planejamento no cotidiano da vida das pessoas e da escola.

O uso de dispositivos eletrônicos se estendeu para quase todas as demandas, justificando-se pela aparente praticidade: desde fotos de avisos que circulam em grupos de *whatsapp* em substituição às agendas até a leitores de textos digitais que reduzem peso e ocupação espacial: a leitura em tela é uma realidade. Mas, funciona? Qual é a qualidade da compreensão leitora nestes dispositivos? Qual o impacto de seu uso sobre a cognição leitora?

Esta pesquisa buscou algumas respostas que a Psicolinguística tem trazido para as primeiras perguntas sobre este novo fenômeno da era digital, que apontaram de forma robusta para um efeito de inferioridade da tela. No entanto, ainda há muito a ser compreendido.

Os primeiros estudos objetivaram uma análise sistêmica e empírica, indicando que a atenção para a leitura tem sido impactada negativamente pela tecnologia, principalmente em função da chamada “tecnologia persuasiva” ao produzir distração

e troca de tarefas. Além disso, as pesquisas foram conduzidas em ambientes controlados, onde o contexto direcionava a atenção para a tarefa. Em leituras no cotidiano das pessoas, a distração e dificuldade em focar a atenção podem ser ainda mais graves.

Quanto ao desempenho de leitura em tela e em papel, tanto a compreensão leitora quanto a consciência metacognitiva apresentaram-se melhor na condição em papel, indicando que os leitores podem estar processando a leitura em tela de maneira menos eficiente. Da mesma forma, quando sob efeito de pressão de tempo, o desempenho em telas foi também inferior e a divagação mental ampliada.

Se a leitura em telas dificulta que os leitores se envolvam com o texto, no que se refere à atenção na tarefa ou ao monitoramento da compreensão metacognitiva, além de ser uma realidade cada vez mais ampliada em nossa sociedade, importa observar a influência do meio de leitura sobre a compreensão dos textos, sobretudo em seu impacto na educação e no letramento. As pesquisas psicolinguísticas aqui apresentadas demonstram a necessidade de estudos que objetivem desenvolver estratégias pedagógicas que visem atender a esta nova e emergencial demanda: instrumentalizar os leitores para uma leitura eficaz nesta nova realidade.

Referências

- CLINTON, Virginia. Reading from paper compared to screens: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Research in Reading*. Grand Forks, 42, 2019.
- CROSS, D.; PARIS, S. Developmental and instructional analyses of children's metacognition and reading comprehension. *Journal of Educational Psychology*. Washington, 80(2), 1988.
- DELGADO, Pablo; SALMERON, Ladislau. The inattentive on-screen reading: reading medium affects attention and reading

comprehension under time pressure. *ERI Lectura*. Valência, 71, 2021.

LODGE, Jason M.; HARRISON, William J. The hole attention in learning in the digital age. *Yale Journal of Biology and Medicine*. Brisbane, 92, 2019.

MUIJSELAAR, M. *et al.* Developmental relations between reading comprehension and reading strategies. *Scientific Studies of Reading*. London, 21(3), 2017.

SMALLWOOD, J. Distinguishing how from why the mind wanders: A process–occurrence framework for self-generated mental activity. *Psychological Bulletin*, Washington, 139(3), 2013.

COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DE DISLEXIA

Lienise Lins Silva¹
Eduardo Kenedy

Tipologia

Um dos principais indicadores para o diagnóstico de dislexia é o déficit de habilidades em consciência fonológica (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009; GABRIELI, 2009; MAISOG et al., 2008; SHAYWITZ; SHAYWITZ, 2005; DEHAENE, 2012).

É de comum acordo na literatura que crianças disléxicas sofrem, com base em um nível cognitivo, de um déficit fonológico, que trata da representação e do processamento dos sons da linguagem. Evidências que justificam a falta de habilidade no nível fonológico consistem em: (i) baixo desenvolvimento da consciência fonológica (sintoma principal); (ii) memória verbal de curto prazo deficiente, quando não há manutenção das representações fonológicas ativadas momentaneamente, e (iii) recuperação lexical lenta, uma vez que há desempenho reduzido para recuperar formas fonológicas das palavras e associá-las à articulação da fala (GALABURDA et al., 2006).

Ainda que nos estudos sobre dislexia a teoria de déficit fonológico seja a mais aceita, outras também se destacam, como a hipótese de déficit cerebelar e a de déficit magnocelular (NICOLSON; FAWCETT; DEAN, 2001; STEIN, 2018; STOODLEY; STEIN, 2011; RAMUS et al., 2003).

Segundo Nicolson, Fawcett e Dean (2001), as dificuldades de crianças disléxicas não se concentram apenas na leitura e na

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Kenedy, na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística. E-mail: lieniselins@gmail.com

ortografia; parece haver também prejuízo na capacidade de realizar habilidades automaticamente (que se acredita ser dependente do papel do cerebelo), uma vez que 80% das crianças disléxicas testadas apresentaram função cerebelar anormal.

De acordo com a proposta de déficit cerebelar, o déficit no núcleo fonológico, que é visto como uma estrutura explicativa para muitos aspectos da dislexia, pode ser causado (diretamente ou não) pelo comprometimento cerebelar (NICOLSON; FAWCETT; DEAN, 2001). Para Stoodley e Stein (2011), algumas dificuldades poderiam ser explicadas pela hipótese de disfunção cerebelar, já que, além de disléxicos apresentarem falhas no processamento fonológico, eles podem apresentar também: problemas de coordenação motora e equilíbrio; velocidade de processamento de informação mais lenta; velocidade de processamento motor mais lenta e déficits visuais e auditivos de baixo nível. No entanto, observou-se que nem todos os disléxicos apresentam anormalidades cerebelares (sejam estruturais, funcionais ou comportamentais). Portanto, pensa-se que a hipótese de disfunção cerebelar possa ser um correlato ou consequência da dislexia.

Segundo Stein (2018), toda criança que tem dificuldade com leitura tem dificuldade com decodificação. Nesse sentido, o foco deve ser o porquê de a criança falhar em aprender a transformar letras em sons. De acordo com o autor, o sistema magnocelular desempenha um papel vital no controle da alocação da atenção para a leitura e encontra-se prejudicado na dislexia, em virtude de a fixação ocular estar comprometida. Todavia, alguns pesquisadores sugerem que as anormalidades dos movimentos oculares em disléxicos sejam resultantes de dificuldades com a decodificação, e não a sua causa.

Ramus et al. (2003) analisaram a influência dessas teorias (fonológica, cerebelar e magnocelular) em relação ao transtorno e identificaram a falta de habilidade fonológica ou o déficit no processamento fonológico como um traço específico encontrado

em disléxicos, independentemente de qualquer deficiência sensorial ou motora.²

No sistema linguístico disléxico, severas alterações no nível fonológico são identificadas. Por exemplo, testes que distinguem leitores típicos de leitores disléxicos são os que focam na leitura de pseudopalavras, já que um déficit específico na conversão grafofonêmica é uma característica intrínseca ao transtorno. Estudos longitudinais apontam medidas precoces de competências fonológicas que predizem escores futuros de leitura, sugerindo que há um vínculo, portanto, entre competências fonológicas precoces e sucesso na aprendizagem da leitura (NATION, 2019).

A dislexia é entendida como um distúrbio que afeta a decodificação e a compreensão da leitura, além de a criança apresentar “um rendimento inferior ao esperado para a idade mental, nível sócio-econômico (sic) e instrução escolar [...]” (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009, p. 194). Sendo um transtorno específico na aquisição de leitura, observam-se dificuldades persistentes na criança disléxica para aprender a ler. Assim, a dislexia não representa um “atraso de desenvolvimento transitório”, mas sim uma condição crônica (SHAYWITZ; SHAYWITZ, 2005).

Sublinha-se que não há comprometimento intelectual, nem perda auditiva nos indivíduos identificados como disléxicos. O que acontece, de fato, é uma deficiente habilidade no sistema nervoso central para organizar os grafemas e relacioná-los aos seus fonemas correspondentes (GALABURDA et al., 2006). O transtorno se configura como um exemplo interessante da interseção entre um comportamento evoluído (linguagem) e uma invenção cultural (alfabetização) (PENNINGTON; OLSON, 2005).

O tipo fonológico é muito mais frequente que o lexical/superficial, visto que a maioria dos disléxicos apresenta

² Todavia, os autores dizem que “[...] Nevertheless, a significant proportion of dyslexics suffer from additional auditory, visual or motor disorders” (RAMUS et al., 2003, p. 861).

grandes dificuldades na leitura de pseudopalavras, a que aciona a rota fonológica, que no caso do disléxico está alterada (GALABURDA et al., 2006). Não apenas dificuldades na leitura de tipos de palavras (como irregulares ou pseudopalavras) são comuns na dislexia, mas também nos processamentos fonológicos, auditivos e visuais fundamentais. Ressalta-se que a falta de habilidade de conhecimento consciente dos sons da sua própria língua é o melhor aspecto que caracteriza o transtorno de dislexia (DEHAENE, 2012).

Segundo Mousinho (2003), no processamento da leitura típica, as duas rotas (fonológica/indireta e lexical/direta) são acessadas pelo leitor, uma vez que há o acionamento de cada via, a depender do tipo de palavra (regular ou irregular, por exemplo). Em disléxicos, alterações na rota fonológica sugerem dislexia do tipo “fonológico” e, na rota lexical, dislexia “superficial”. No entanto, ainda que somente uma rota apresente alterações, a leitura não será satisfatória.

Para alguns pesquisadores, não se pode falar em “genes” específicos para o aprendizado da leitura, pois esta é uma invenção cultural recente. Entretanto, no caso da dislexia, verificam-se influências genéticas em traços cognitivos e comportamentais relacionados à habilidade de ler. Logo, considera-se que a dislexia tenha um precursor hereditário (MARTINS, 2021; GABRIELI, 2009; PENNINGTON; OLSON, 2005).

Causas

Galaburda e Cestnick (2003) entendem que não há aspectos “antecipatórios” que indicariam a presença do transtorno na criança. O único indicador possível seria a existência de um membro familiar próximo à criança que seja disléxico, em função do aspecto hereditário da dislexia. A composição genética de uma pessoa influencia sua capacidade de adquirir habilidades de leitura e de ortografia, independentemente do desempenho cognitivo geral. Logo, um histórico familiar de dislexia confere um risco

maior à criança (FISHER; FRANCKS, 2006). Há fortes evidências para a transmissão familiar da dislexia, em virtude do compartilhamento de genes. Portanto, observa-se uma influência genética hereditária no transtorno (PENNINGTON; OLSON, 2005).

Vinculam-se à dislexia, quatro genes (DYX1C1, KIAA0319, DCDC2 e ROBO1) que seriam responsáveis pelo desenvolvimento de malformações cerebrais, de anomalias no processo de migração celular (FISHER; FRANCKS, 2006; GABRIELI, 2009). Estes são analisados como “candidatos” predispostos à dislexia, embora existam controvérsias sobre seu estabelecimento na literatura (GALABURDA *et al.*, 2006).

Esses genes relacionados ao transtorno de dislexia afetariam a estrutura temporoparietal de matéria branca. Nesse sentido, os três genes contêm polimorfismos que foram significativamente associados ao volume de substância branca na região temporoparietal esquerda, influenciando a capacidade de leitura (DARKI *et al.*, 2012).

De acordo com Almeida (2004), a dislexia não deve ser vista como uma doença, logo, também não se pode falar em cura para este distúrbio. Entende-se que sua origem é congênita e hereditária; é constituída por uma “diferença” (e não “comprometimento”), relativa à dominância cerebral.

A dislexia do desenvolvimento se origina de lesões neurológicas durante a vida fetal do indivíduo. Não estaria relacionada a uma origem ambiental, logo, está ligada ao desenvolvimento do cérebro antes do nascimento. Neurônios “aninhados” formariam ectopias em regiões de linguagem, o que pode estar relacionado à migração neuronal perturbada no início da vida (DARKI *et al.*, 2012).

As malformações nos ligamentos cerebrais dos lobos frontal, parietal occipital no córtex, a depender da estrutura lesada, provocariam alterações na linguagem. Essas alterações cerebrais se encontram em áreas que estão vinculadas ao processamento fonológico, incluindo a área temporo-occipital, a conhecida “área visual da forma da palavra”. Ademais, outros fatores, como

psicológicos, pedagógicos, socioeconômicos e culturais, são vistos como agravantes (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009).

Mitos sobre a dislexia

É comum a associação da dislexia a pensamentos errôneos, não confirmados pela ciência, mas amplamente difundidos. Em razão disso, torna-se necessário trazer à tona algumas dessas considerações infundadas, analisadas como “mitos”³ em relação ao transtorno.

- I. “Crianças com dislexia superarão suas dificuldades de leitura naturalmente”.
- II. “Disléticos precisam apenas de mais esforço para ler”.

Por ser um transtorno de origem neurobiológica, a dislexia não requer apenas “esforço” e não pode ser “superada” sem intervenção adequada. Nesse sentido, caso não sejam estabelecidas estratégias focadas nas dificuldades da criança dislética, o quadro se tornará cada vez mais complexo (MOUSINHO, 2015; GABRIELI, 2009; LOPES; CARVALHO, 2022).

- III. “Não é possível intervir precocemente (e de maneira eficaz), ainda que seja possível identificar o transtorno antes da pré-escola”.

A intervenção precoce é sempre aconselhada, de maneira que sejam controladas e amenizadas as dificuldades da criança dislética, sobretudo na criança bem pequena, quando diagnosticada (LOPES; CARVALHO, 2022).

- IV. “Os primeiros sinais de dislexia só podem ser observados após 2-3 anos de instrução de leitura”.

³ As considerações estão baseadas nos achados do Gaab Lab (laboratório de pesquisa da *Harvard Graduate School of Education*). Disponível em: <https://www.gaablalab.com/>.

O estudo de Van Zuijen *et al.* (2013) fez um registro inicial de ERPs de bebês de dois meses (dois grupos com risco de dislexia e um grupo controle), que foram acompanhados até a segunda série. O objetivo era (i) investigar se o sistema auditivo processava /bAk/ e /dAk/ de maneira distinta e (ii) relacionar sua fluência de leitura com seus ERPs infantis para encontrar um precursor neurobiológico muito precoce da fluência em leitura. Os resultados confirmaram que houve diferenças de percepção no processamento neural da fala entre os grupos. Logo, as análises indicaram, precocemente, quais crianças em risco se tornariam leitores fluentes e as que não.

V. “Indivíduos que aprendem a ler em um sistema logográfico não podem desenvolver dislexia”.

Indivíduos que aprendem a ler em sistemas logográficos podem desenvolver dislexia, no entanto serão observadas diferenças nos correlatos neurais que indicam as deficiências de leitura. Dessa forma, observa-se que disléxicos chineses apresentam ativação atípica no córtex pré-frontal esquerdo, mas não nas regiões temporoparietais esquerdas, que são comumente atípicas em disléxicos de línguas alfabéticas (GABRIELI, 2009).

VI. “O esforço para aprender a ler afeta apenas o resultado acadêmico, mas não tem influência na saúde mental”.

Diversas são as dificuldades que o disléxico enfrenta em sua caminhada acadêmica, profissional e pessoal, em razão de as habilidades linguísticas (o aprendizado da leitura e da escrita) impactarem diretamente a sua vida em sociedade (SHAYWITZ, 2006).

VII. “Todas as pessoas com dislexia compartilham um perfil similar de ‘perdas’ e ‘ganhos’”.

VIII. “Indivíduos com dislexia têm QI (quociente de inteligência) médio/acima da média ou muito baixo, isto é, há uma correlação direta entre dislexia e QI”.

Em relação aos mitos VI e VII, diversos estudos sugerem que há perfis muito diferentes entre disléxicos, ainda que todos compartilhem um déficit no processamento fonológico. Como exemplo, há crianças disléxicas que apresentam QI (Quociente de Inteligência) alto, médio ou baixo, não configurando, dessa forma, um perfil único de características associadas à dislexia (PENNINGTON; OLSON, 2005; SHAYWITZ; SHAYWITZ, 2005; TANAKA *et al.*, 2011).

IX. “Indivíduos com dislexia normalmente não têm outros problemas de desenvolvimento”.

A reflexão acerca do mito IX é aprofundada na seção intitulada “Dislexia e comorbidades” no texto da dissertação referente a este trabalho, em que são abordados o Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC) e a Síndrome de Irlen, entendidos como transtornos em comorbidade com a dislexia, tendo como base estudos que investigam a incidência conjunta desses transtornos (PENNINGTON; OLSON, 2005).

X. “A inversão de letras ou números pressupõe que a criança seja disléxica”.

De acordo com Dehaene (2012), leitores disléxicos e não disléxicos passam pela fase de leitura “em espelho” (invertida). Somente com a permanência da criança nesta etapa, pode-se falar em um possível caso de dislexia.

Fatores que influenciam

Discute-se sobre a universalidade e a origem neurobiológica da dislexia. Não se pode negar a possibilidade de uma fração de crianças com predisposição genética e neurobiológica à dislexia

viver em todos os países do mundo, mas não sofrer as mesmas dificuldades. Logo, pensa-se que a manifestação do transtorno seria influenciada pela cultura (DEHAENE, 2012).

Soares (2018) evidencia a influência das características da ortografia de cada língua sobre o processo de sua aprendizagem. Dessa maneira, o princípio alfabético seria comum a toda língua de escrita alfabética, enquanto o código diz respeito à correspondência entre fonemas e grafemas de cada língua. Em razão disso, alguns fatores, como a natureza da estrutura silábica das línguas e as relações (mais diretas ou menos diretas) entre fonemas e grafemas, podem diferenciar as ortografias.

Acerca da relação entre fonemas e grafemas, Soares (2018) argumenta que esse possa ser o fator que mais influencia a aprendizagem da língua escrita. Assim, essa relação diz respeito à profundidade ortográfica, na qual línguas transparentes são as que apresentam uma correspondência mais consistente, direta entre fonemas e grafemas, – como o finlandês, em que cada fonema corresponde a um grafema –, e línguas opacas, as que essas correspondências são inconsistentes, variáveis, – como o inglês, no qual um mesmo grafema representar diferentes fonemas e vice-versa. A partir disso, Seymour, Aro e Erskine (2003, *apud* SOARES, 2018, p. 89) apresentam uma classificação hipotética de ortografias de treze línguas europeias, que vão da transparência à opacidade linguística, organizadas também pelo critério “estrutura silábica”:

Além dessa classificação, Seymour (2005; 2006, *apud* SOARES, 2018, p. 91) apresenta fases comuns a toda língua de escrita alfabética, divididas em quatro etapas. A primeira, “fase 0”, diz respeito ao “conhecimento do alfabeto (letra-som)”. A segunda, “fase 1”, corresponde aos “fundamentos da alfabetização”, nos quais estão presentes os processos logográfico (reconhecimento e memorização de palavras usuais) e alfabético (decodificação sequencial). Na terceira, “fase 2”, há uma “reorganização das estruturas formadas na fase anterior” – das sílabas –. E, por último, a “fase 3”, cujo foco é a “formação de representações de palavras complexas pela coordenação de elementos silábicos e

morfológicos”. Para o pesquisador, a partir da “fase 1”, existiriam diferenças na aprendizagem das línguas em função do nível de profundidade ortográfica de cada língua. Assim, em línguas opacas, em razão da complexidade das sílabas e das inconsistências na relação fonema-grafema, o processo é mais lento. Ainda, propõe-se que a profundidade ortográfica influencie o tempo de aprendizagem para “avançar” em cada fase, as estruturas cognitivas e os elementos linguísticos enfatizados em cada etapa.

De acordo com Sprenger-Charolles (2004, *apud* SOARES, 2018, p. 93), a aprendizagem da escrita “depende parcialmente das características específicas de cada língua, e não apenas de princípios gerais comuns a todas as línguas”. O aprendizado de uma língua com tendência à transparência, como o espanhol, seria mais fácil do que o de uma língua com tendência à opacidade, como o inglês e o francês.

Como uma observação à margem da temática de sua obra, mas não menos importante, Soares (2018) ressalta pesquisas⁴ que evidenciam um comportamento diferente de leitores disléxicos em línguas transparentes e opacas. A conclusão a que se chega é que as dificuldades encontradas por disléxicos podem ser agravadas quando estes são falantes de línguas opacas; em contrapartida, se falantes de línguas transparentes, como o finlandês, as dificuldades podem ser pequenas ou sequer encontradas. Mais uma vez, nota-se a influência da natureza da ortografia das línguas, sendo decisiva, inclusive, no desenvolvimento da escrita e da leitura em leitores atípicos (GABRIELI, 2009).

Na ortografia opaca da língua inglesa, a complexidade da estrutura silábica e a não delimitação das sílabas dificultariam a consciência fonológica das sílabas, necessária para o surgimento de uma “fase silábica” (SOARES, 2018).

As teorias sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita estão alicerçadas em paradigmas distintos – fonológico e

⁴ A autora cita, principalmente, Paulesu *et al.* (2001), Wimmer e Frith (1997), Lyytinen *et al.* (2006) e Pinheiro (2008).

construtivista – que, na verdade, se complementam. O paradigma construtivista, em línguas transparentes, proporciona o entendimento do princípio alfabético à criança; e o fonológico, em línguas transparentes e opacas, “esclarece e direciona o percurso da criança para o domínio das normas ortográficas de sua língua” (SOARES, 2018, p. 121).

Em razão de diferenças quanto ao grau de profundidade ortográfica nas línguas, a incidência do transtorno é mais frequente em crianças falantes do inglês (que faz mais uso do sistema léxico visual), do que em falantes do espanhol ou italiano (que ativa mais o sistema fonológico/auditivo) (SOARES, 2018; DEHAENE, 2012).

Referências

- ALMEIDA, M. S. R. Dislexia. *Rev. Psicologia.pt Publicações em Língua Portuguesa*. 2004.
- DARKI, F.; PEYRARD-JANVID, M.; MATSSON, H.; KERE, J.; KLINGBERG, T. *Three Dyslexia Susceptibility Genes, DYX1C1, DCDC2, and KIAA0319, Affect Temporo-Parietal White Matter Structure*. 72(8). 2012.
- DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura*. Porto Alegre: Penso, 2012.
- DEUSCHLE, V. P.; CECHELLA, C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. *Revista CEFAC*, 11(suppl 2), 194–200. 2009. doi:10.1590/S1516-18462008005000001.
- FISHER, S. E.; FRANCKS, C. *Genes, cognition and dyslexia: learning to read the genome*. 10(6), 0–257. 2006.
- GABRIELI, J. D. E. Dyslexia: A New Synergy Between Education and Cognitive Neuroscience. *Science*, 325(5938), 280–283. 2009. doi:10.1126/science.1171999.
- GALABURDA, A. M. et al. Developmental Dyslexia: Gen, Brain, and Cognition. *Psykhé*, Santiago, v. 15, n. 2, p. 3-11, nov. 2006. doi.org/10.4067/S0718-22282006000200001.

- GALABURDA, A.; CESTNIK L. Dislexia del desarrollo. *Rev Neurol*; 36: S3-9. 2003.
- LOPES, E. da S.; CARVALHO, O. da C. A. de. Dislexia: uma revisão sistemática. *Conjecturas*. Vol. 22, n 2. 2022. p. 1534-1555. doi: 10.53660/CONJ-840-F18.
- MAISOG, J. M.; EINBINDER, E. R.; FLOWERS, D. L.; TURKELTAUB, P. E.; EDEN, G. F. *A Meta-analysis of Functional Neuroimaging Studies of Dyslexia*. 1145, 237–259. 2008. doi:10.1196/annals.1416.024.
- MARTINS, M. As bases neurobiológicas da leitura. In: Alves R. A.; Leite I. (Eds.). *Alfabetização Baseada na Ciência: Manual do Curso ABC*. MEC; CAPES. 2021. ISBN: 978-65-87026-86-2.
- MOUSINHO, R. Conhecendo a dislexia. *Revista Sinpro*. 26-33.2003.
- MOUSINHO, R. Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem?. [S. l.]: Instituto ABCD, 2015. [ONLINE]. 1 vídeo (40 minutos e 56 segundos). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2b2TfmJLWXE>>. Acesso em: 26 de ago. 2022.
- NATION, K. Children’s reading difficulties, language, and reflections on the simple view of reading, *Australian Journal of Learning Difficulties*, 24:1, 47-73. 2019. doi: 10.1080/19404158.2019.1609272.
- NICOLSON, R. I.; FAWCETT, A. J.; DEAN, P. Developmental dyslexia: the cerebellar deficit hypothesis. *Trends in Neurosciences*, 24(9), 508–511. 2001. doi:10.1016/s0166-2236(00)01896-8.
- PENNINGTON, B. F.; OLSON, R. K. Genetics of Dyslexia. In M. J. Snowling; C. Hulme (Eds.), *The science of reading: A handbook* (pp. 453–472). Blackwell Publishing. 2005. <https://doi.org/10.1002/9780470757642.ch24>.
- RAMUS, F. *et al.* Theories of developmental dyslexia: insights from a multiple case study of dyslexic adults. *Brain*, 126(4), 841–865. 2003. doi:10.1093/brain/awg076.
- SHAYWITZ, S. *Entendendo a dislexia: Um novo e completo programa para todos os níveis de dificuldades de leitura* (V. Figueira, trad.). Porto Alegre: Artmed, 2006.

- SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A. *Dyslexia (Specific Reading Disability)*. 57(11), 1301–1309. 2005. doi:10.1016/j.biopsych.2005.01.043.
- SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- STEIN, J. The current status of the magnocellular theory of developmental dyslexia. *Neuropsychologia*. 2018. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2018.03.022.
- STOODLEY, C. J.; STEIN, J. F. The cerebellum and dyslexia. *Cortex*, 47(1), 101–116. 2011. doi:10.1016/j.cortex.2009.10.005.
- TANAKA, H.; BLACK, J. M.; HULME, C.; STANLEY, L. M.; KESLER, S. R.; WHITFIELD-GABRIELI, S.; REISS, A. L.; GABRIELI, J. D. E.; HOEFT, F. The Brain Basis of the Phonological Deficit in Dyslexia Is Independent of IQ. *Psychological Science*, 22(11), 1442–1451. 2011. doi:10.1177/0956797611419521.
- VAN ZUIJEN, T. L.; PLAKAS, A.; MAASSEN, B. A. M.; MAURITS, N. M.; VAN DER LEIJ, A. Infant ERPs separate children at risk of dyslexia who become good readers from those who become poor readers. *Developmental Science*, 16(4), 554–563. 2013. doi:10.1111/desc.12049.



Este livro reúne os trabalhos selecionados entre as apresentações de 2022 dos pesquisadores discentes da Linha 1 “Teoria e Análise Linguística” no Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-graduação (SAPPIL) do Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de uma linha de pesquisa dedicada ao estudo de expressões linguísticas à luz de diversas abordagens teóricas. Nesse sentido, este volume é uma amostra representativa tanto da diversidade quanto da unidade das pesquisas desenvolvidas nessa linha.

